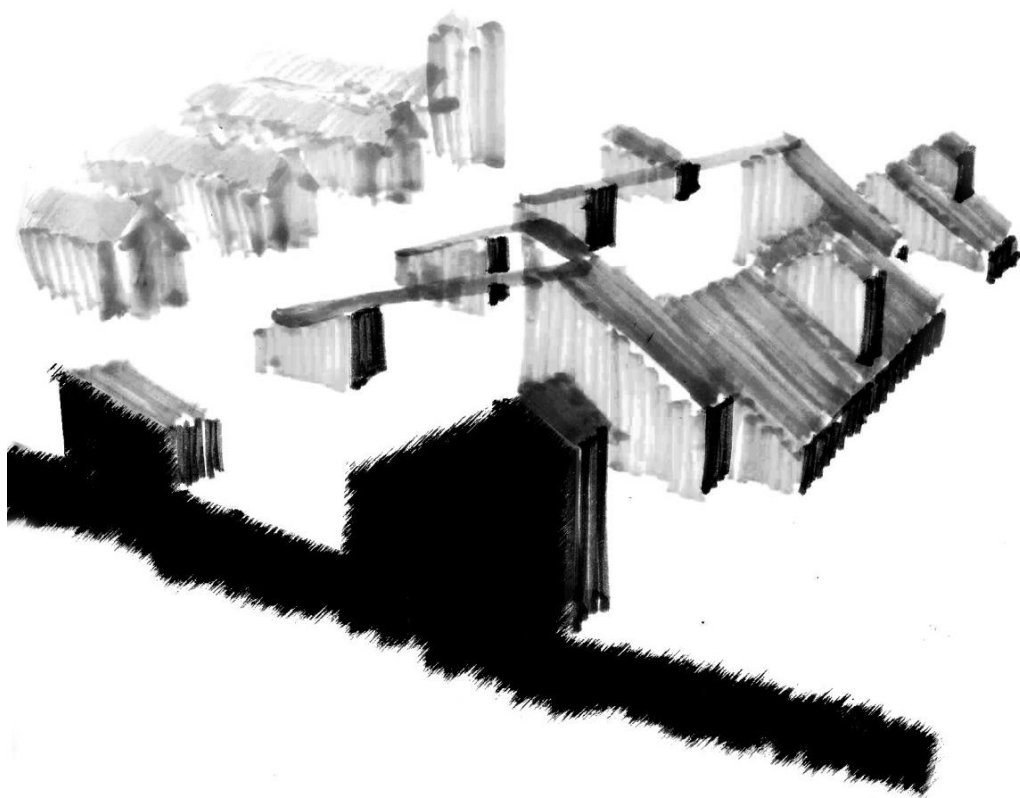




FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ROÇA BOA ENTRADA | ESPAÇO SAGRADO GÉNESE, REABILITAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO



VÂNIA FILIPA FARINHA LUÍS

(Licenciada)

Dissertação/Projecto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura
(Mestrado Integrado em Arquitectura)

Orientador científico: Professor Catedrático João Sousa Morais

Co-Orientador: Assistente Convidada Joana Malheiro

Júri:

Presidente: Ricardo Silva Pinto

Arguente: Luís Afonso

Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa
Lisboa, Outubro 2014



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ROÇA BOA ENTRADA | ESPAÇO SAGRADO

GÉNESE, REABILITAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

VÂNIA FILIPA FARINHA LUÍS

(Licenciada)

Dissertação/Projecto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura
(Mestrado Integrado em Arquitectura)

Orientador científico: Professor Catedrático João Sousa Morais

Co-Orientador: Assistente Convidada Joana Malheiro

Júri:

Presidente: Ricardo Silva Pinto

Arguente: Luís Afonso

Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa
Lisboa, Outubro 2014

Este documento segue a grafia anterior ao acordo ortográfico.

TÍTULO | ROÇA BOA ENTRADA | ESPAÇO SAGRADO

SUB – TÍTULO | Génese, Reabilitação e Transformação

DISCENTE | Vânia Filipa Farinha Luís

ORIENTADOR | Professor Catedrático João Sousa Morais

CO-ORIENTADOR | Assistente Convidada Arq. Joana Malheiro

RESUMO

O território de São Tomé e Príncipe verifica a existência de um património que se encontra actualmente esquecido do mundo. Esta dissertação reconhece o passado, a memória e a identidade das Roças, salvaguardando e preservando o seu património arquitectónico; procurando encontrar a sua reutilização contemporânea.

O estudo do programa base, que teve suporte nos elementos primários e no entendimento dos factos urbanos do território a intervir, assenta na requalificação do sistema urbano da Roça Boa Entrada, considerando o contexto onde esta se insere como uma reutilização que se sustenta nos processos agrícolas contemporâneos recorrendo à população residente.

O redesenho e a respectiva intervenção teve com reflexão analógica alguns sistemas urbano-rurais, como eventualmente, as *villas* renascentistas exclusivamente no que se reporta à “prática do traçado”, ou às pequenas urbes em que o território afecto à agricultura as tornava sustentáveis.

PALAVRAS-CHAVE

São Tomé e Príncipe | Património | Desenho Urbano-Rural | Memória | Arquitectura Religiosa

Mestrado Integrado em Arquitectura

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Lisboa, Setembro 2014

TITLE | ROÇA BOA ENTRADA | SACRED SPACE

SUB – TÍTULO | Genesis, Rehabilitation and Transformation

STUDENT | Vânia Filipa Farinha Luís

MAIN ADVISOR | Professor Catedrático Arq. João Sousa Morais

CO-ADVISOR | Assistente Convidada Arq. Joana Malheiro

ABSTRACT

The territory of Sao Tome and Principe checks for a heritage which is currently forgotten by the world. This dissertation acknowledges the past, the memory and the identity of the "Roças", safeguarding and preserving its architectural heritage; seeking to find their contemporary reuse.

The study of the ground program that supported in the primary elements and the understanding of the urban facts of the territory to intervene builds on the redevelopment of the urban system of the "Roça Boa Entrada", considering the context in which this is included as a reuse that sustains using contemporary agricultural using the resident population.

The redesign and their intervention had as analog reflection some urban-rural sustainable systems, where appropriate, Renaissance *villas* exclusively on the "practice of the layout", or small urban areas in which the territory allocated to agriculture made them sustainable

KEYWORDS

São Tomé e Príncipe | Heritage | Rural-Urban Design | Memory | Religious Architecture

Master in Architecture

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Lisboa, September 2014

AGRADECIMENTOS

Concluir este Projecto Final de Mestrado significa uma nova etapa, a profissional. A minha sincera gratidão a todas as pessoas que, directa ou indirectamente me ajudaram na realização do presente trabalho. Sendo impossível mencionar todos os que apreciaria, gostaria de agradecer com uma maior destaque:

Ao Professor e orientador, João Sousa Morais, pela sua disponibilidade que sempre apresentou, pelos seus conhecimentos transmitidos na minha formação enquanto pessoa e arquitecta e pela sua dedicação, sabedoria e complacência transmitida em todos os momentos de reflexão.

À Professora e co-orientadora, Joana Bastos Malheiro, pelo seu empenho e carinho indescritível que sempre apresentou em qualquer fase do trabalho e pelo seu profissionalismo e reconhecimento humano aplicado em todo o raciocínio projectual.

À minha família, com especial atenção, aos meus pais, pela capacidade de organização, esforço e paciência depositada em mim. Ao Tiago Luís, Tânia Santos e André Santos, pela atenção e apoio prático dado ao longo deste percurso.

Às minhas companheiras de trabalho, Patrícia Matos, Mafalda Rocha, Mariana Santos, Joana Morgado, Filipa Paixão e um agradecimento especial, à Ana Rita Baptista e Suzana Moreno, pela amizade, apoio e partilha de conhecimentos que tornaram estes cinco anos a melhor experiência da minha vida. Ao Francisco Ogando pela sua amabilidade, partilha de conhecimento e boa disposição.

À Marisa Matos, ao José Sousa, à Patrícia Ferreira e com uma especial atenção à Ana Isabel Afonso e Luís Ferreira pelo o apoio e tolerância nos momentos de maior tensão.

Ao Arquitecto João Carrola, à Arquitecta Marta Loureiro e Arquitecto Rui Santos, por toda uma partilha gratificante dos seus saberes e suas significantes contribuições para a realização deste trabalho.

Agradeço ainda a generosidade dos comentários da Professora Filipa Roseta, João Pernão e Paulo Almeida.

\

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| ESTADO DA ARTE | 7 |
| | |
| I ANÁLISE DO TERRITÓRIO | 15 |
| | |
| 1.1 ÁREA DE INTERVENÇÃO | 16 |
| 1.1.1 CONTEXTO HISTÓRICO, APONTAMENTOS SOBRE A CIDADE..... | 16 |
| 1.1.2 A CULTURA E ESPAÇOS PÚBLICOS, O REDESENHO | 24 |
| 1.1.3 AS ROÇAS COMO NOVOS CENTROS URBANOS..... | 29 |
| | |
| 1.2 ROÇA ENQUANTO CONJUNTO ARQUITECTÓNICO | 31 |
| 1.2.1 CONCEITO ROÇA | 31 |
| 1.2.2 PROCESSO DE ASSENTAMENTO DAS ROÇAS | 37 |
| 1.2.3 TIPOLOGIAS/MORFOLOGIAS..... | 38 |

| | |
|----------------------------------|----|
| II O LUGAR BOA ENTRADA | 45 |
| 2.1 A ROÇA E SUA GENESI | 46 |
| 2.2 O QUADRO INSTRUMENTAL..... | 50 |
| 2.2.1 SUPER-ESTRUTURAS..... | 50 |
| 2.2.2 INFRA-ESTRUTURAS..... | 56 |

| | |
|---|----|
| III O PROJECTO | 59 |
| 3.1 A CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA..... | 60 |
| 3.1.1 A IMPORTÂNCIA DO TURISMO EM STP | 60 |
| 3.1.2 O TURISMO RURAL / ECO-TURISMO..... | 62 |
| 3.1.3 PRESSUPOSTOS DE INTERVENÇÃO | 64 |
| 3.2 O PROJECTO URBANO..... | 65 |
| 3.2.1 PRESSUPOSTOS PROGRAMÁTICOS..... | 65 |
| 3.2.2 ELEMENTOS PRIMÁRIOS _ ELEMENTOS ESTRUTURANTES..... | 66 |
| 3.2.3 O DESENHO URBANO; A ESTRUTURA PORTANTE..... | 68 |
| 3.3 A PROPOSTA EDIFICADA | 75 |
| 3.3.1 (RE)DESENHO DO EDIFICADO | 75 |
| 3.3.2 PAPEL ESTRUTURANTE DAS IGREJAS EM TERRITÓRIO SANTOMENSE | 82 |
| 3.3.3 CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DA IGREJA | 86 |
| 3.3.4 O NOVO FACTO URBANO; O EDIFICADO DE EXCEPÇÃO: A IGREJA..... | 89 |

| | |
|--------------------------------|----|
| IV CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 99 |
|--------------------------------|----|

| | |
|-----------------------|-----|
| V BIBLIOGRAFIA..... | 101 |
|-----------------------|-----|

| | |
|-------------------|-----|
| VI ANEXOS | 107 |
|-------------------|-----|

ANEXO I – O LUGAR

ANEXO II – O PROCESSO DE TRABALHO

ANEXO III – O PROJECTO /PEÇAS DESENHADAS

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 VISTA AÉREA DA ILHA DE SÃO TOMÉ | 14 |
| FIGURA 2 VIVÊNCIAS SANTOMENSES | 16 |
| FIGURA 3 PERCURSO BAÍA, S.TOMÉ | 17 |
| FIGURA 4 CAPELA S. PEDRO, S.TOMÉ | 17 |
| FIGURA 5 IGREJA Nª Sª DAS NEVES, S.TOMÉ | 18 |
| FIGURA 6 RUÍNAS DO PONTÃO,S.TOMÉ | 18 |
| FIGURA 7 SÉ DE SÃO TOMÉ | 18 |
| FIGURA 8 IGREJA DA Nª Sª DA CONCEIÇÃO, S.TOMÉ | 19 |
| FIGURA 9 BAIRRO RIBOQUE, S.TOMÉ | 19 |
| FIGURA 10 FORTALEZA S. SEBASTIÃO, S. TOMÉ | 20 |
| FIGURA 11 RUÍNA DE ENGENHO DE CANA-DE-AÇUCAR, S. TOMÉ | 20 |
| FIGURA 12 ILHA DO PRÍNCIPE | 21 |
| FIGURA 13 HABITAÇÃO SANTOMENSE, S. TOMÉ | 21 |
| FIGURA 14 ACTUAL PALÁCIO DO GOVERNO, ANTIGO PALÁCIO DO GOVERNADOR, S. TOMÉ | 22 |
| FIGURA 15 ACTUAL BAIRRO 3 FEVEREIRO, ANTIGO BAIRRO OLIVEIRA SALAZAR, S. TOMÉ | 23 |
| FIGURA 16 LICEU NACIONAL | 23 |
| FIGURA 17 PRAÇA DO CAPITÓLIO, ROMA | 24 |
| FIGURA 18 PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA, S. TOMÉ | 24 |
| FIGURA 19 ESQUEMA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS, S. TOMÉ | 25 |
| FIGURA 20 O SOCIAL NO ESPAÇO PÚBLICO | 25 |
| FIGURA 21 COMÉRCIO DE RUA, S.TOMÉ | 26 |
| FIGURA 22 ESPAÇO COMUM, S. TOMÉ | 27 |
| FIGURA 23 RUAS ESTREITAS_ A CUBATA, S.TOMÉ | 27 |
| FIGURA 24 POSTOS COMERCIAIS_ HÁBITOS TRADICIONAIS, S.TOMÉ | 27 |
| FIGURA 25 BAIRRO_O RIBOQUE, S. TOMÉ | 28 |
| FIGURA 26 EDIFÍCIO DA ADMINISTRAÇÃO_ROÇA BOA ENTRADA, S. TOMÉ | 29 |
| FIGURA 27 HOSPITAL_ROÇA ÁGUA IZÉ, S. TOMÉ | 29 |
| FIGURA 28 EDIFÍCIO_ROÇA AGOSTINHO NETO, S. TOMÉ | 29 |
| FIGURA 29 VISTA DO TERREIRO ROÇA S. JOÃO DOS ANGOLARES | 32 |
| FIGURA 30 RELAÇÃO COM A PAISAGEM, S.TOMÉ | 32 |
| FIGURA 31 ROÇA S. JOÃO DOS ANGOLARES, S.TOMÉ | 32 |
| FIGURA 32 ROÇA ÁGUA IZÉ | 34 |
| FIGURA 33 ROÇA ÁGUA IZÉ | 35 |
| FIGURA 34 MAPA DAS ROÇAS NA ILHA DE SÃO TOMÉ – LOCALIZAÇÃO DA ROÇA BOA ENTRADA .. | 36 |
| FIGURA 35 O TERRITÓRIO, S.TOMÉ | 37 |
| FIGURA 36 CAMINHOS DE FERRO_ ROÇA SUNDY_ IDENTIDADE E MEMÓRIA, PRÍNCIPE | 38 |
| FIGURA 37 RECUPERAÇÃO ROÇA BELO MONTE, PRÍNCIPE | 39 |
| Figura 38 TERREIRO ROÇA SÃO JOÃO DOS ANGOLARES, S.TOMÉ | 39 |

| | |
|---|----|
| FIGURA 39 ROÇA AGOSTINHO NETO, S. TOMÉ..... | 40 |
| FIGURA 40 CAPELA_ ROÇA AGOSTINHO NETO, S.TOMÉ | 40 |
| FIGURA 41 TIPOLOGIA TERREIRO_ BOA ENTRADA..... | 41 |
| FIGURA 42 TIPOLOGIA..... | 41 |
| FIGURA 43 TIPOLOGIA CIDADE , S.TOMÉ..... | 42 |
| FIGURA 44 TOPOGRAFIA – EDIFICADO – RELAÇÃO ENTRE TIPOLOGIAS DE ROÇAS..... | 43 |
| FIGURA 45 VISTA GERAL DA ROÇA BOA ENTRADA_ÁREA DE INTERVENÇÃO | 44 |
| FIGURA 46 CARACTERÍSTICAS DO LUGAR – PROJECTO | 47 |
| FIGURA 47 PLANTA DE LOCALIZAÇÃO - ROÇA BOA ENTRADA EM TERRITÓRIO SANTOMENSE..... | 48 |
| FIGURA 48 CONJUNTO DE CONSTRUÇÕES _ ROÇA BOA ENTRADA _ 1905 | 49 |
| FIGURA 49 ANTIGA COZINHA COMUNITÁRIA, ABEGOARIA (CAPELA) E ARMAZÉNS | 49 |
| FIGURA 50 CONJUNTO HABITACIONAL _ SANZALAS | 49 |
| FIGURA 51 HIDROGRAFIA..... | 51 |
| FIGURA 52 CARACTERIZAÇÃO DO SOLO | 51 |
| FIGURA 53 TOPOGRAFIA | 51 |
| FIGURA 54 PRINCIPAIS ACESSOS | 52 |
| FIGURA 55 ORIENTAÇÃO DA ROÇA..... | 52 |
| FIGURA 56 TRAÇADO | 52 |
| FIGURA 57 TOPOGRAFIA | 52 |
| FIGURA 58 EDIFÍCIO SINGULAR _ SANZALA | 55 |
| FIGURA 59 EDIFÍCIO SINGULAR _ A CASA DOS SERVIÇOS | 55 |
| FIGURA 60 EDIFÍCIO SINGULAR _ A CASA DA ADMINISTRAÇÃO..... | 55 |
| FIGURA 61 INFRAESTRUTURAS, ROÇA BOA ENTRADA | 57 |
| FIGURA 62 PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO - ROÇA BOA ENTRADA | 58 |
| FIGURA 63 A PAISAGEM | 62 |
| FIGURA 64 ELEMENTOS PRIMÁRIOS_ ROÇA BOA ENTRADA | 67 |
| FIGURA 65 PRESSUPOSTOS PROGRAMÁTICOS..... | 69 |
| FIGURA 66 PROPOSTA TERREIRO | 70 |
| FIGURA 67 CONTINUIDADE – ESTRUTURA ARBÓREA..... | 71 |
| FIGURA 68 HIERARQUIZAÇÃO DE VIAS – PONTOS DE CONFLUÊNCIA | 71 |
| FIGURA 69 MAQUETE DE ESTUDO URBANO – EIXOS CULTURAIS – 1 / 2000 | 72 |
| FIGURA 70 MAQUETE DE ESTUDO URBANO – ELEMENTOS ESTRUTURANTES – 1/2000 | 73 |
| FIGURA 69 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO – FABRICA DE CACAU E CAFÉ | 74 |
| FIGURA 71 PROPOSTA PARA OS SECADORES DA ROÇA..... | 76 |
| FIGURA 70 PROPOSTA - POSTO DE SAUDE | 76 |
| FIGURA 72 DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL SEGUNDO UMA MATRIZ PRE-EXISTENTE – HABITAÇÃO ECOTURISMO | 76 |
| FIGURA 73 ÁREA COMUM ADJACENTE A ÁREA DE ESTACIONAMENTO | 78 |
| FIGURA 74 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO “ROÇA-MUSEU” – ANTIGA CASA DA ADMINISTRAÇÃO .. | 78 |
| FIGURA 75 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NAS SANZALAS –ALÇADO NORDESTE; ALÇADO SUDESTE | 80 |
| FIGURA 76 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - CORTES TRANSVERSAIS | 80 |

| | |
|--|----|
| FIGURA 77 MODELOS TRIDIMENSIONAIS - ARTICULAÇÃO ENTRE ESPAÇOS | 80 |
| FIGURA 78 PORPOSTA DE INTERVENÇÃO..... | 81 |
| FIGURA 79 INTERVENÇÃO NAS SANZALAS –PROPOSTA HABITACIONAL E ESPAÇO PÚBLICO | 81 |
| FIGURA 80 PARÓQUIAS NA ILHA DE SÃO TOMÉ | 83 |
| FIGURA 81 A SÉ COMO ESTRUTURA SOCIAL À SUA IMPLANTAÇÃO – ILHA DO PRÍNCIPE | 84 |
| FIGURA 82 CAPELAS E IGREJAS EXISTENTES NA ILHA DO PRÍNCIPE - 1757/1900..... | 85 |
| FIGURA 83 CAPELAS EXISTENTES NAS ROÇAS DA ILHA DO PRÍNCIPE – 1974 | 85 |
| FIGURA 84 CAPELA DA ROÇA AGOSTINHO NETO | 85 |
| FIGURA 85 A SÉ – ILHA S.TOMÉ – 1939 | 85 |
| FIGURA 86 ÁREA DE INTERVENÇÃO | 88 |
| FIGURA 87 ELEMENTOS PRIMÁRIOS | 88 |
| FIGURA 88 ALINHAMENTO NA COMPOSIÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS..... | 88 |
| FIGURA 89 ANALOGIAS PROJECTUAIS; O GESTO RELIGIOSO..... | 90 |
| FIGURA 90 RELAÇÃO ENTRE DIVINO E HUMANO; IGREJA DE MARCO DE CANAVESES. | 91 |
| FIGURA 91 APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO. CAPELA AGUSTINHO NEVES; ROÇA RIO DOURO | 91 |
| FIGURA 92 PLANTA ESQUEMÁTICA DO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DA IGREJA PROPOSTA. | |
| CONCEITO DA DESFRAGMENTAÇÃO DOS ESPAÇOS..... | 92 |
| FIGURA 93 MAQUETES DE ESTUDO; O CONTEXTO; ALINHAMENTOS E ESPAÇOS POR SI GERADOS | 93 |
| FIGURA 94 AMBIÊNCIAS INTERIORES | 94 |
| FIGURA 95 ESQUEMA: IGREJA TRADICIONAL + IGREJA BOA NOVA = PROPOSTA (EIXOS) | 95 |
| FIGURA 96 VOLUMETRIA DOS CORPOS – LIGAÇÃO ENTRE ELEMENTOS..... | 95 |
| FIGURA 97 AMBIÊNCIAS NO INTERIOR DA IGREJA – BAPTISTÉRIO, CONFESSIONÁRIO E SACRESTIA | 96 |
| FIGURA 98 ARTICULAÇÃO ENTRE ESPAÇOS – LINGUAGEM FORMAL E CONCEPTUAL | 96 |

INTRODUÇÃO

" A história e a memória são a herança mais profunda de uma sociedade. São Tomé e Príncipe convive diariamente com esta herança, como se da realidade se tratasse. Um país quase parado há mais de trinta anos, em que o abandono, a desilusão e o esquecimento são sentimentos reais de um povo que vive "preso" a duas pequenas ilhas no equador africano."

(ANDRADE, 2008:4)

A Roça Boa Entrada: Génese, Reabilitação e Transformação, como tema de estudo e áreas de intervenção, ganha importância e pertinência na minimização das diversidades sociais e numa maior estabilidade social e económica deste espaço. Justifica-se assim, a necessidade de estudar o potencial de desenvolvimento e auto-sustentabilidade desta estrutura através de um novo projecto agrícola cuja estratégia implica iniciativas de formação à população preexistente. Neste sentido, o redesenho do complexo agrícola procurará proporcionar um desenvolvimento das potencialidades arquitectónicas da roça Boa Entrada, procurando estabelecer-la, simultaneamente, com o espaço de interesse turístico.

A admiração por este território surgiu após a visita de estudo a estas ilhas, em 2013, integrada na disciplina de Laboratório de Projecto V e na participação da turma na VI Bienal de Artes de São Tomé e Príncipe, cujo projecto tinha como objectivo o (re)desenho de São Tomé e o (re)desenho do seu espaço público. Ao longo da viagem, fora proporcionado o encontro com a realidade das Roças cujo fascínio estabeleceu-se pela relação de simbiose entre a homogeneidade formal do edificado das ex-colónias portuguesas e as apropriações contemporâneas estabelecidas a estas pré-existências. Na presença das mesmas, tornou-se pertinente evidenciar a particularidade desta cultura arquitectónica que, embora

esquecida após o período colonial, poderá estabelecer-se como futuro suporte basilar da economia do país.

A potencialidade destes lugares incide para o elevado valor histórico e patrimonial que nos remetem à sua memória colectiva. Trata-se de algo que nos remete para uma curiosidade imensa na procura da identidade e consequente reflexão de uma história lusófona em que Portugal nunca deverá ser alheio.

O desafio do projecto final de mestrado, que se materializa nesta dissertação, reside em parte, na interpretação do desenho das Roças de São Tomé e Príncipe, onde estão potencialmente subjacentes os conceitos de *memória*, *património* e *sustentabilidade* e que prendem, cada vez mais, a uma realidade presente. A sua contínua degradação e ocupação por uma população sem recursos financeiros, convida a intervenções de emergência em todo o seu património.

A construção de um programa que introduza novos objectivos agrícolas, bem como outros usos e ocupações num processo multifuncional que ira conferir a este espaço urbano-rural novas dinâmicas, tornou-se um dos objectivos do projecto. Neste sentido, seleccionou-se a Roça Boa Entrada como base para o desenvolvimento desse mesmo projecto, tendo por base quatro premissas inter-actantes:

- sua estrutura organizacional, espacial e formal, como também, pela sua composição nas diferentes escalas;
- sua proximidade com a cidade e fácil acesso;
- sua potencialidade arquitectónica pré-existente;
- sua qualidade formal e do Desenho Urbano;

Tendo como suporte a História Urbana das ex-colónias portuguesas, a qual irá sustentar a intervenção, estabeleceu-se como principais objectivos de intervenção:

- a requalificação de um sistema urbano sustentável que, teve como suporte as práticas sociais, tanto em contexto agrícola como turístico, uma vez que estes *complexos* têm sido lidas, cada vez mais, como potenciais pontos atractivos e culturais para o País;
- a construção de um programa para o uso e ocupação da roça Boa Entrada, assentando nas novas realidades agrícolas, sociais e turísticas inerentes ao potencial do lugar;
- a proposta de novos equipamentos públicos cuja expressão física terá uma articulação com estes espaços de grande valor paisagístico e arquitectónico;
- à escala do edifício, o redesenho e a requalificação de duas estruturas preexistentes que assumem como elementos “primários” da proposta. As antigas sanzalas assumem-se agora como espaços habitacionais conferindo uma nova dinâmica e escala do habitar e a Igreja, que se assume como novo *facto urbano*, gerador de novas dinâmicas e articulador dos diferentes espaços envolventes. Este monumento, numa lógica rossiana corresponde ao projecto desenvolvido às diferentes escalas evidenciando o nível da tectónica como a geomorfologia da Roça, com uma opção clara de materialização nos denominados materiais ditos tradicionais em S. Tomé: madeira e alvenaria de tijolo.

Devido à escassa informação tanto gráfica como escrita relativa à Roça Boa Entrada, todo o desenvolvimento da investigação teve como principal suporte a documentação preservada no Arquivo Histórico do Ultramarino (AHU). Irão ser apresentados, ao longo da dissertação, um conjunto de desenhos e imagens obtidas na viagem, supra referida, a fim de melhor explicitar o conhecimento destas *realidades*.

O presente trabalho encontra-se estruturado, de acordo com o desenvolvimento do projecto, em três capítulos:

Numa primeira fase, em “Análise do Território”, ir-se-á estabelecer questões direccionadas com o lugar e com os hábitos locais tradicionais com o intuito de definir uma linha de pensamento e de trabalho que aqui se define. Este incide sobre as questões relativas ao mesmo, analisando o seu contexto histórico e geográfico de modo a justificar a leitura e entendimento particular das roças no território santomense, tendo como fundamentos, a compreensão da sua cultura e o modo de habitar o espaço público. É entendido a potencialidade das roças como novos centros urbanos e o papel das mesmas enquanto conjunto gerador do território;

Na fase seguinte, em "Análise do lugar", é compreendido a leitura da roça Boa Entrada, através de um quadro instrumental inerente à compreensão e entendimento do território e contexto social.

Por último, em "O Projecto", como resposta, é elaborado um programa cujo desenho urbano e edificado, materializado em projecto, é caracterizado, maioritariamente, pelas suas pré-existências. Este aborda a componente projectual de intervenção, desenvolvendo questões indissociáveis às premissas urbanas, bem como a forma da materialização do mesmo.

ESTADO DA ARTE

Torna-se imprescindível no reconhecimento da vasta panóplia de realidades existentes sobre os temas rural e urbano, as diversas investigações e projectos realizados no âmbito deste tema, de modo a analisar as suas premissas juntamente com as suas inter-relações, com o intuito de uma melhor compreensão sobre o mesmo.

Para o desenvolvimento e conceptualização do conceito *rural* e *urbano* é necessário reflectir sobre o espaço e *território* e qual a sua fronteira. Revela-se essencial questionar a existência do conceito de *limite* enquanto divisão espacial destes dois elementos pertencentes à imagem da cidade e ao espaço a si inerente. Mas, haverá mesmo este *limite*? Haverá diferença entre *Rural* e *Urbano*? São estes conceitos, contraditórios ou complementares? Será que estes conceitos são apenas o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio, onde todas as partes constituintes da cidade estão interligadas fisicamente, não havendo assim qualquer tipo de fronteira entre domínios distintos, tal como Lynch (1960) nos sugere? Ou será ainda, que a conceptualização do espaço ou território inerente ao rural e ao urbano existe no sentido em que este se relaciona com a dimensão e a definição do espaço físico do lugar? Para o autor este espaço físico, cujo ambiente poderá definir-se através da componente natural, cujo território não sofreu qualquer tipo de alterações do Homem, ou pela componente artificial, que ao contrário do natural, abrange elementos construídos, está relacionado com o domínio da Arquitectura.

Sendo assim, esta componente artificial poderá então estar relacionada com os ditos espaços *urbanos* e/ou espaços *rurais*, quando estas "... *pequenas estruturas urbanas acabam por ser resultado e reflexo das actividades produtivas em particular do sector primário*" (Morais,1992:27).

Desta forma, quando se refere que, "*a Arquitectura integra o ambiente*", quer dizer que esta intervenção contribui assim para a estruturação desse ambiente, pois deve-se ao facto, das intervenções poderem ocupar diversas escalas, desde do desenho da habitação até ao desenho do território. "*A tarefa da Arquitectura, enquanto responsável pela alteração do suporte físico do*

território, consiste na identificação dos lugares e seus elementos primários, emergente na própria estrutura rural. Todo o conjunto de elementos constituintes do ambiente representa a identidade e expressão física do território" (Morais,1992:52).

Vimos anteriormente que, "*as imagens do meio ambiente são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio*" (Lynch,1960:16), e neste sentido, cada observador poderá ter uma imagem do ambiente diferente do outro, o que, para este significa que a própria imagem de uma realidade "*pode variar significativamente entre diferentes observadores*". No entanto, para o mesmo " (...) *é possível reforçar a imagem quer através de projectos simbólicos, quer através do exercício contínuo do receptor, quer através da remodelação do ambiente de cada um*" (Lynch,1960:21) Isto é, cada observador poderá ser induzido a visualizar uma nova imagem, que não a sua. Kilpatrick, através de Lynch, descreve um processo de aprendizagem da percepção, que por sua vez, é referente a esta nova forma de visualização da imagem "*(...) forçando um observador através de estímulos novos que deixaram de estar adaptados às imagens prévias*" (idem:21).

Então poderá alguém questionar a relação entre a imagem da paisagem e o meio ambiente para a conceptualização urbano e rural? De facto, é a partir destas vertentes que podemos compreender e desenvolver, tal como Lynch enuncia, a "*nossa imagem do meio ambiente operando sobre a forma física externa, através de um processo de aprendizagem interno*". Isto poderá significar, uma elevada importância na tomada de consciência interna, por parte do arquitecto, em distinguir a essência presente num determinado *lugar*, visto que "*(...) a caracterização do lugar relaciona-se com a vivência do homem, com a relação que um experimenta com o outro, transformando-o, adaptando-o e absorvendo as regras pré-estabelecidas pela própria natureza*" (Morais,1992:31).

Numa definição mais concreta e fundamentada, Jacques Jung começa por explicitar o conceito de espaço como uma "*... noción abstracta de la extensión, sin límite y sin cualidad propia. Puede ser también extensión superficial, es decir, territorio. Esta definición más concreta y material parece preferible.*" (Jung,1972:25). Para a definição da palavra rural pormenoriza e caracteriza o

mesmo, referindo que "*... la definición del término rural ... es lo que pertenece a los campos, a la campiña*" (Jung,1972:25).

Ou seja, para Jung, o termo *rural* não é apenas classificado como território agrícola mas também como território não urbano. "*Es decir, que rural quiere decir tanto agrícola como no urbano, lo que explica las incesantes confusiones entre las palabras rural e agrícola. En el primer sentido. La reestructuración rural persigue generalmente objetivos estrictamente agrícolas. En un plan de urbanismo, cuando se habla de zona rural, se hace referencia a la parte del territorio a ordenar dedicada preferentemente a la explotación agrícola. En el segundo sentido, en la actualidad parece esbozarse cierta tendencia a diferenciar rural de agrícola, atribuyendo a rural el último de los sentidos que hemos señalado, es decir, el de campo por oposicion a ciudad. Así, se habla ya normalmente de lo rural no agrícola*" (Jung,1972:26).

Já Rossi (1966) leva-nos a considerar que no desenvolvimento de uma ligação entre os principais eixos rurais existentes e os novos pressupostos urbanos a principal preocupação deve ser manter o *locus*, a alma do *lugar*. Neste sentido, podemos então compreender que, para qualquer definição e significado do espaço ou território é necessário apreender a experiência que cada sujeito faz do *lugar* e a interpretação que retira do mesmo.

Uma acção, um acto, uma intervenção, seja ela o nível arquitectónico quer seja o nível da cidade, independentemente da sua dimensão, tanto no restauro, como na reabilitação, na recuperação ou até mesmo na renovação urbana, torna-se essencial na procura à priori da identidade do *lugar* onde essa mesma intervenção irá ser concretizada ou até mesmo analisada. Esta acção consiste em "*... estabelecer o necessário controlo dessas transformações*", de modo a que o sujeito tenha a capacidade de "*... dominar o território e os seus mecanismos de transformação: construir, adaptar ou conservar o espaço*." Este terá que, ter em conta todo um "*conjunto de operações que envolvem a concepção da forma urbana e as acções da sua concretização*", a fim de estabelecer todo um só *contexto*" (Lamas,2000:12).

| Identidade

O mesmo leva-nos a considerar que, caso não haja um entendimento e percepção deste mesmo contexto, "*as transformações e permanências das mesmas formas urbanas*" tendem a decompor-se, acabando mesmo, por vezes,

por dissipar-se. Existem "*elementos em contínua transformação e elementos que não se modificam totalmente e persistem*" (Lamas,2000:18), dando como exemplo, os monumentos. A sua permanência justifica-se pela "*carga cultural e significativa, o valor histórico*" e "*memória colectiva*" que estes suportam (Lamas,2000:19).

A *memória colectiva* "(...) é um processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém" (Halbwachs,1950:67).

De acordo com a Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas (2009), esta *memória colectiva* pode subdividir-se em dois marcos, um temporal e outro espacial, ou seja, por marcos temporais entende-se por algo *socialmente significativo*, cuja recordação poderá ser *reconstruída*. Por outro lado, os marcos espaciais estão assumidos como *lembrança ou recordação a partir de lugares*, podendo ser assim, um edifício ou um lugar específico, cuja presença, no presente, implica recordações e memórias de um passado. "A *memória colectiva* é retratada como a própria cidade, pois tal "*como a memória está ligada a factos e a lugares, a cidade é o locus da memória colectiva.*" O mesmo refere *locus* como "*princípio característico dos factos urbanos*" que "*assume a forma da própria transformação do espaço por obra da colectividade*" (Rossi,1966:124).

Genius Loci |

Há que citar também, no âmbito da compreensão particular de um *lugar*, da *memória* e da *identidade*, o conceito de *Genius Loci*¹. Torna-se relevante para a sua reflexão e caracterização, no sentido em que, se trata da interacção entre o *lugar* e sua *identidade*. Esta *Identidade*, ao contrário de outros casos com a mesma função, resume ao *sentido deste lugar*.

Através das considerações de Abreu sobre o conceito *Genius Loci*, na arquitectura, podemos entendê-lo como "(...) *carácter segundo o qual se determina a individualidade do lugar; processo pelo qual se pode compreender a*

¹ SCHULZ, Christian Norberg – *Genius Loci: Paesaggio, Ambiente, Architettura*. Milano, Electa, 1998.

Arquitectura" a qual "(...) coincide substancialmente com o modo da relação através do qual nos parece que a arquitectura se comunica" (2007:167).

Para Rossi, o conceito de *Locus* é essencial na compreensão do território e do ambiente quando são pretendidas futuras construções, isto é, *acaba por evidenciar, no espaço indiferenciado, condições, qualidades que nos são necessárias para a compreensão de um facto urbano determinado" (1966:87).* Numa cultura ou até mesmo num território, que não o nosso, torna-se bastante relevante os aspectos supra referidos. Pois, quando se intervêm num lugar que se encontra fora da nossa área de conforto, é necessário intervir sem destruir a sua essência.

Lugar de recordações, memórias passadas e vivências esquecidas. Assim se retrata a potencialidade da ilha São Tomé que, mais uma vez, serve de caso de estudo para um projecto de intervenção projectual e social. Trata-se de um território cuja *ocupação* e *apropriação* têm-se sentido de diversas formas e realidades, cujo património apresenta um papel fulcral neste processo. Nesta linha de pensamento, a importância deste, afirma-se como potencial para o desenvolvimento socioeconómico e territorial de São Tomé e Príncipe.

Com uma investigação a decorrer, Ana Fernandes Silva refere as roças como *"(...) empresas agrícolas criadas essencialmente para culturas extensivas como o café e o cacau, que constituem relevantes assentamentos e elementos estruturantes do território" (2011:1).*

O termo Roça, é retratado como uma *"(...) arquitectura de incontestável valor construtivo, e que para além disso, está inserida numa paisagem exuberante. Apresenta uma pluralidade incontestável, quer na traça dos edifícios, quer na organização funcional dos complexos agrícolas" (Andrade,2008:19).*

Para Silva e Fernandes, estas estruturas consistem *"(...) num sistema agrícola baseado na monocultura de exportação, recorrendo a latifúndios e a numerosa mão-de-obra escrava" (2012:141).* Estes autores caracterizam as roças como algo de grande importância, quando referem este espaço não sendo *"(...) apenas o centro da função habitacional destas estruturas" mas "também o centro de sistema de produção; local de instrução dos trabalhadores e de secagem dos produtos... o desbaste de terras para dar lugar a culturas" (2012:147).*

Por outro lado, este conceito é apresentado como um centro culminador estruturante do território, tratando-se como “(...) *autênticas micro cidades*”, constituídas como um conjunto de equipamentos urbanos, de infraestruturas e uma comunidade auto sustentável (Fernandes, 2005). Numa sequência de *apropriação* e desenvolvimento do país, o *turismo rural* tem servido como objecto de estudo, visto que se trata de um *lugar* cuja identidade cultural é potencialmente reveladora tanto ao nível cultural como social.

Esta taxa de ocupação, promovidas em meio rural, é nos reportada por Brito, através de diversos estudos cujos critérios são determinados face à “*preservação ambiental e de protecção de espécies*” (2006).

Considerando todos estes elementos, esta dissertação irá compreender e sistematizar todo este conhecimento num projecto de empreendedorismo social e cultural na Roça Boa Entrada.

Em suma, para a compreensão e a análise da Roça é necessário o entendimento das especificidades e limites do seu território para que nos seja permitido estabelecer analogias e comparações entre o *território* e a arquitectura. Para tal, a percepção do espaço é compreendida através dos seus elementos arquitectónicos e seus elementos estruturantes bem como a importância do homem e consciencialização que este tem sobre o mesmo, pois dever-se-á ter em consideração a *genesi e identidade* do *locus* a intervir.

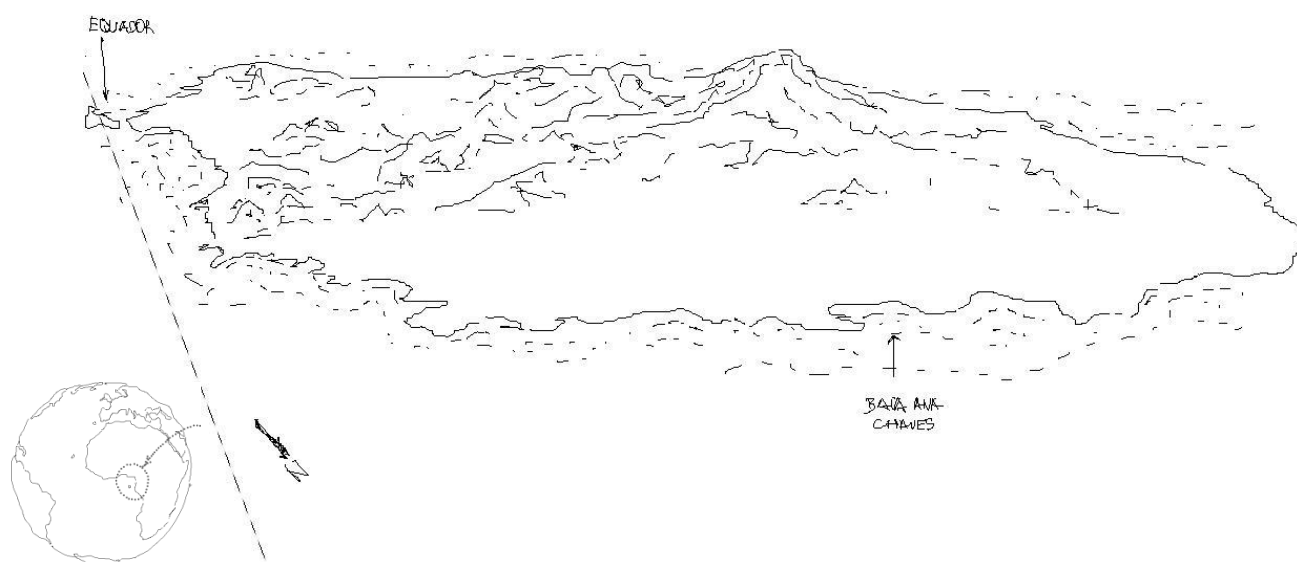


FIGURA 1 | VISTA AÉREA DA ILHA DE SÃO TOMÉ
IMAGEM: Esquissos da autora

I | ANÁLISE DO TERRITÓRIO

*"(...)julguei do meu dever consagrar-lhe este pequeno trabalho, que visa a tornar conhecido alguma cousa do que a iniciativa e o esforço portuguez tem feito para desenvolver a exploração agricola n`aquella rica e prometedora ilha de S. Thomé (...) a perola das colonias e o paraíso dos negros."*²

Mendonça, Henrique J. M. 1906

Torna-se indissociável da leitura e compreensão do território a intervir, o papel fulcral da linha de acontecimentos históricos e temporais assentes na transformação da paisagem do território Santomense. O tema que se segue relata, de forma sucinta, esse esforço, supra referido, que fora feito em diversos períodos da história ultramarina para desenvolver e explorar a *"rica e prometedora"* ilha de S. Tomé. Este capítulo ir-se-á estruturar seguindo os diferentes tempos de construção e evolução deste território, tendo em simultâneo, como suporte as diversas abordagens que foram feitas à sua História.

² **MENDONÇA, Henrique J. M.**, *A Roça "Boa Entrada" : La perle des colonies portugaises. ed. Typographia. Lisboa.1906.p.18.* - Testemunho escrito para a Sociedade de Geografia de Lisboa. Actualmente, esta monografia do ex-patrono da Roça Boa Entrada, encontra-se preservada no Arquivo Histórico de São Tomé e Príncipe ou na Sociedade Geográfica de Lisboa.

1.1| ÁREA DE INTERVENÇÃO

1.1.1| CONTEXTO HISTÓRICO, APONTAMENTOS SOBRE A CIDADE

*"O método histórico parece ser capaz de nos oferecer a verificação de qualquer hipótese sobre a cidade; a cidade é de per si depositária da história."*³

Esta dissertação, tal como a proposta a si anexa, procura não só demonstrar a particularidade destes lugares como também divulgar a sua capacidade de transmitir a memória e identidade cultural do *lugar*, através da vivência profundamente marcada nesta realidade. Este capítulo terá como objectivo demonstrar e relatar a consonância entre o percurso histórico da cidade de São Tomé e as Roças, através de um registo escrito e gráfico realizado nos percursos feitos pela mesma. É certo que, esta deambulação não presenciou o período colonial, mas a partir da *Cidade*, da sua matriz, da sua organização espacial e dos marcos arquitectónicos, não esquecendo toda a documentação relativa a este tema, irá servir como referenciais para a sua análise e compreensão. Uma das mais autênticas estratégias para a análise desta evolução urbana foi, sem dúvida, o contacto directo com os próprios habitantes locais e com toda a prática vivencial do seu quotidiano.

Quer isto dizer, que a possibilidade de presenciar *in locu*, todas as histórias e acontecimentos relatados sobre a história destas ilhas possibilita em nós, o renascer dessas mesmas épocas. Segundo este ponto de vista, a história da Cidade torna-se "... como o estudo do próprio fundamento dos factos urbanos e da sua estrutura"⁴.

Neste sentido, pretende-se validar uma dicotomia neste percurso histórico, através do registo dos momentos que potenciaram todo o processo urbano da ilha de São Tomé, ancorado nos períodos históricos estabelecidos na obra de João Sousa Morais e Joana Bastos Malheiro em *São Tomé e Príncipe – Património Arquitectónico: As Cidades*.



FIGURA 2 | VIVÊNCIAS SANTOMENSES
IMAGEM: Esquissos da autora

³ **ROSSI, Aldo** – *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos. 2011. p.187

⁴ **Idem.**

Esta abordagem centra-se, para todos os efeitos, na compreensão das Roças como elementos indissociáveis à visão global do território. Perante *"um facto pouco comum ao nível da ocupação dos territórios: as roças, com o seu carácter autónomo funcional e espacial, remetem as cidades para um plano de dependência. Estrategicamente posicionada... são articuladas por espaços-canaís que se assumem como elementos determinantes na organização do território ... é prioritário registar o significado de todo o seu conjunto, para o contributo da estrutura de traçados e ocupação das ilhas."*⁵

| Capitania de Álvaro de Caminha (1493 - 1499)

*"O processo de ocupação e governação de muitas colónias portuguesas no século XV passou pelo denominado regime de capitanias, funcionando como delegações régias de grande espectro de poder administrativo e económico, reflectindo-se na ocupação do território a aplicação do corpus teórico da engenharia militar."*⁶

O percurso vivido do aeroporto da cidade de São Tomé e Príncipe ao primeiro ponto de encontro, tornou-se fascinante, pois todo o caminho da baía de Ana Chaves, aquela que, em contexto da expansão marítima, remonta à sua povoação após a descoberta da baía Ana Ambó, em 1470, por João de Santarém e Pedro Escobar, a cargo de Fernão Gomes que, pela falta de condições de salubridade, não permitiu lá a sua permanência. Fixaram-se posteriormente na baía supra referida pois apresentava todas as condições propícias à criação de um porto natural de comércio e fácil acesso ao interior da ilha.

Na sequência de um discurso temporal coerente, torna-se relevante iniciar a descrição histórica da cidade com um edifício cuja função retrata a relevância do mar para aquela povoação, uma vez que fora através deste que toda a história de produção e exportação fora realizada. A actual Capela de S. Pedro, embora construída no período do Estado Novo, representa, segundo alguns moradores, uma capela que outrora suportava essa função.



FIGURA 3 | PERCURSO BAÍA, S.TOMÉ
FONTE: <http://cssgrelo.blogspot.pt/>

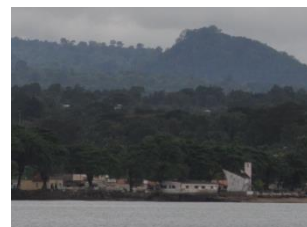


FIGURA 4 | CAPELA S. PEDRO,
S..TOMÉ
IMAGEM: Fotografia da autora

⁵ **MORAIS, João; MALHEIRO, Joana;** - *São Tomé e Príncipe – As Cidades*, 2013, p.46

⁶ **idem**, p.64



FIGURA 5 | IGREJA Nª Sª DAS NEVES, S.TOMÉ
IMAGEM:Fotografia: Joana Malheiro

Outro marco notável para a análise histórica da cidade, apesar de não se incluir no presente itinerário, é a actual igreja de Nossa Senhora das Neves que representa a primeira povoação na ilha São Tomé, cuja localização actual ocupa a memória de uma pequena capela rústica de madeira construída em 1485 e que durante o regime de João Pereira lá persistiu.

Na cidade, ao percorrer a rua adjacente à ruína do pontão, foi-nos lembrado alguns dos edifícios importantes para a história urbana da cidade pela capacidade que estes *elementos primários*⁷ tiveram e como interferiram no traçado urbano do território. A proximidade às duas ribeiras possibilitava o fornecimento da água aos terrenos produtivos a si adjacentes. A primeira estrutura urbana consistia numa rua, próxima da baía e paralela à costa, onde a partir desta se iriam estruturar os edifícios mais significativos da época. Destes, destacam-se as igrejas e os edifícios de apoio à produção daquele período, o açúcar.

A construção da Alfandega e dos armazéns justifica-se pela necessidade de armazenamento do açúcar e toda a exportação feita no interior da ilha que, juntamente com a igreja, estes *elementos* tiveram um papel determinante nos primeiros períodos de assentamento urbano, uma vez que "*reconhecemos (...) aos elementos primários um carácter decisivo na formação e na constituição da cidade.*"⁸

Tal como as construções anteriormente referidas, o primeiro edifício a ser construído para desempenhar a função de Sé Catedral desta cidade, apresentou-se igualmente com um significado perante o resto da estrutura urbana de São Tomé.



FIGURA 6 | RUÍNAS DO PONTÃO, S.TOMÉ
IMAGEM:Fotografia da autora



FIGURA 7 | SÉ DE SÃO TOMÉ
IMAGEM:Fotografia: Eduardo

⁷Definição de elementos primários definidos por Rossi: " (...) conjunto de elementos determinados que funcionaram como núcleos de agregação. (...) indicámo-los como elementos primários, visto que participaram da evolução da cidade no tempo de modo permanente, identificando-se frequentemente com os factos constituintes da cidade. " - **ROSSI, Aldo**: - *A Architectura da Cidade*. ed. Cosmos, Lisboa, 1977, p.109

⁸**ROSSI, Aldo**; - *A Architectura da Cidade*. ed. Cosmos, Lisboa, 1977, p.68

| Capitania Fernão Melo (1499 - 1522)

Neste período, a economia do país assentava na exportação de açúcar e de escravos, pelos quais, os armazéns apresentam um papel fulcral neste assentamento.

De volta ao trajecto que nos levava pela baía, sobressaiu a orientação e a localização dos espaços públicos, que nos pareceu apresentarem um papel relevante na organização espacial de São Tomé. Como exemplo, o espaço adjacente à Igreja da Nossa Sr^a da Conceição, que confere ao lugar um significado especial, certificado pela sua vivência a que não é alheira à proximidade com o maior bairro *informal* de São Tomé, o *Riboque* ancorado aos dois mercados da cidade. Trata-se de um *elemento* cuja matriz urbana fora delimitada por dois traçados principais, a Avenida da Conceição e a Avenida 12 de Julho cujo território se assume como um gerador urbano e social, uma vez que se trata de um *lugar* complexo de relações espaciais e sociais.

Mais do que analisar o edifício em si, interessa perceber cada momento e acontecimento urbano a que este sucede. Isto é, qual a razão para tal acontecer. Com base em Tricart, Rossi relembra que “*a base da leitura da cidade é o conteúdo social*”⁹, acentuando assim, a importância de analisar e explorar a força que o contexto social exercido sobre a Arquitectura, tem sobre a Cidade.



FIGURA 8 | IGREJA DA N^{ra} S^a DA CONCEIÇÃO, S.TOMÉ
IMAGEM:Fotografia Tiago Beato



FIGURA 9 | BAIRRO RIBOQUE, S.TOMÉ
IMAGEM:Fotografia da autora

| Capitania Sem Doação (1522 - 1580)

Esta época, assinalada pelos sucessivos conflitos internos e fugas regulares de alguns escravos das fazendas é acompanhada pela significativa distribuição estratégica de diversas igrejas, anteriores a 1560, pelo centro da cidade e pela periferia, o que explica e justifica as direcções que o crescimento urbano tomou e que tendia para ligar em rede os diferentes complexos religiosos.

Assim as igrejas de São João Baptista, Santo António e Madre Deus, concentradas a Oeste e Sul, acabam por estruturar o crescimento da cidade, delimitando “*um novo limite urbano*”¹⁰. A importância das vias e relações por

⁹ ROSSI, Aldo; - *A Arquitectura da Cidade*. ed. Cosmos, Lisboa, 1977, p.50

¹⁰ MORAIS, João; MALHEIRO, Joana; - *São Tomé e Príncipe – As Cidades*, 2013, p.99



FIGURA 10 | FORTALEZA S. SEBASTIÃO, S. TOMÉ.
IMAGEM: Fotografia: Eduardo

estas estabelecidas no desenvolvimento da cidade é mencionada por Marcel Poète quando retrata a importância das mesmas na reestruturação da urbe.

No extremo oposto da baía, encontramos a Fortaleza de S. Sebastião, estrutura militar basilar à defesa do território contra os ataques franceses e holandeses. É ainda de salientar que esta estrutura foi o 2º edifício Português a ser classificado por Luís Benavente como Património Nacional Ultramarino. Actualmente, após algumas remodelações foi conservada como Museu Nacional de São Tomé e Príncipe.

| Do apogeu do Ciclo do Açúcar à Ocupação Holandesa (1580 - 1650)

Esta fase caracteriza-se pela invasão holandesa e pela construção de novas igrejas. Ainda hoje é possível percorrer as quatro ruas que, outrora eram identificadas como as principais da cidade. Persistentes aos diversos incêndios flagrados e consequentes invasões, estas são: a rua Direita; a rua de Sto. António; a Rua das Flores; e a Rua Soares.

Com um papel fulcral na história da cidade, não podemos deixar de mencionar a Igreja da Misericórdia que suportou, durante a invasão holandesa, em 1641, a função de Sé. Após o abandono destes, em 1601, iniciou-se então a construção de novos edifícios, entre os quais, as igrejas de Santiago, Nª Srª do Rosário e Nª Srª do Bom Despacho.

| Ciclo do Comércio de Escravos (1650 - 1753)



FIGURA 11 | RUÍNA DE ENGENHO DE CANA-DE-AÇÚCAR, S. TOMÉ
FONTE: Fotografia de joana bastos malheiro

Este período identifica-se, essencialmente, pelo ciclo de produção de Cana-de-Açúcar marcado pela presença dos chamados "engenhos". Trata-se de pequenas construções cuja organização espacial interior apenas se destinava à produção deste produto. A decadência económica, demográfica e política que se fizera notar nesta época, levou ao abandono destas, por partes dos habitantes, preferindo estes o comércio de escravos, visto que era um bem necessário noutras colónias.

A acrescentar a estes, o facto do país ser tão húmido, também não facilitava o desenvolvimento desta produção, uma vez que carecia de elevados custos de manutenção.

| Da Génese Urbana à Capital de Santo António (1500 - 1852)

Relativamente a este capítulo dever-se-á mencioná-lo, embora o seu conteúdo não seja abrangido no nosso itinerário, uma vez que esta época é marcada, sobretudo, pela transição da capital para a cidade de Santo António na ilha do Príncipe, após sucessivos conflitos sociais e trocas de governos que se fizeram notar na ilha de São Tomé. Esta alteração não fora muito significativa para a ilha do Príncipe, uma vez que esta não apresentava as condições de salubridade necessárias para o seu desenvolvimento urbano. A nova capital viu apenas surgirem algumas novas construções, entre elas, igrejas. Nesta situação, o retorno a São Tomé, deu-se em 1852.



FIGURA 12 | ILHA DO PRÍNCIPE
IMAGEM: Fotografia: Diego Yagüe

| Ciclo do Café e do Cacau (1852 - 1950)

Ao analisar esta evolução e divisão histórica descrita pela mesma fonte, torna-se óbvio salientar e evidenciar este capítulo, uma vez que se trata de perceber a importância das roças no desenvolvimento da cidade. Após a retoma deste cargo na ilha de São Tomé e a perda de contacto com a metrópole em 1910, a cidade começa por sofrer um aumento demográfico significativo, provocando graves problemas a nível administrativos e de ordenamento do território. O facto da cidade se localizar numa baía, encontrando todas as condições para as trocas e exportações comerciais, torna-se desfavorável no sentido em que, a baixa altitude, a densa vegetação e a proximidade com o local de desabamento dos rios provocam uma maior acumulação de águas estagnadas e consequente acumulação de resíduos. Acrescentando a estas condições de insalubridade é ainda visível, ao percorrer os subúrbios da cidade, embora em menor número, a decadência ainda presente nas habitações existentes, dado as condições económicas desfavoráveis e despreocupação relativamente aos resíduos por eles despejados.

Contudo este fora dos períodos mais destacado na reconstrução de edifícios notáveis, construção de novos equipamentos e infraestruturas à cidade pela força do Café e do Cacau que se fez notar em 1899, quando "*(...)o ministro da Marinha e Ultramar, António Eduardo Vilaça, apresentou às Cortes uma proposta que ... deveria, com urgência, encomendar um estudo para um plano geral de*



FIGURA 13 | HABITAÇÃO
SANTOMENSE, S. TOMÉ.
IMAGEM: Fotografia: Tiago Beato

viação que desse resposta à necessidade de ligar a cidade aos principais centros produtores. A preocupação principal era a redução dos custos das mercadorias, agravados pelas dificuldades de transporte."¹¹

O crescimento das roças e o consequente impacto na organização da cidade fez com que todo o movimento de exportação passa-se a acontecer directamente a partir destas, de forma a evitar o contacto com o porto de S. Tomé. Este facto, fora mencionado por Ezequiel de Campos¹² quando refere que *"Houve, pois, um crescimento da actividade urbana paralelo à criação da riqueza agrícola insular"*.¹³ Embora a constante degradação da cidade, a prosperidade das roças fez-se sentir em toda a ilha, tendo algumas, ocupado as fazendas dos antigos engenhos de açúcar. Estas estruturas funcionavam normalmente em rede, entre a sede e as suas dependências, o que levou à construção de uma rede de caminhos de ferro, cujo primeiro projecto foi protagonizado por Francisco Mantero em 1890.

O actual teatro cultural e a Biblioteca Nacional de São Tomé e Príncipe localizados a Este da ilha, representam algumas das principais construções realizadas nas décadas de 40 e 50, após o plano de remodelação para a Cidade. Neste contexto, acrescentamos a zona portuária, a reparação ao Hospital Central, o restauro da Igreja da Conceição e a reabilitação no Palácio do Governo.

| Do início do Estado Novo aos anos setenta



Enuncia-se agora a época, talvez a mais significativa, na construção e evolução urbanística da cidade. Numa situação económica mais estável, fora em 1975 que o Governador Sousa Gorgulho permite o avanço do plano de urbanização, proposto para a Cidade, bem como a construção de novos equipamentos e urbanizações. Sendo este período o mais próximo da actualidade,

FIGURA 14 | ACTUAL PALÁCIO DO GOVERNO, ANTIGO PALÁCIO DO GOVERNADOR, S. TOMÉ.

FONTE: Fotografia: Joana Bastos Malheiro

¹¹ **MORAIS, João; MALHEIRO, Joana;** - *São Tomé e Príncipe – As Cidades*, 2013, p.171

¹² Ezequiel de Campos - Fora atribuído a este, engenheiro civil, estudos e projectos solicitados sobre a Cidade S. Tomé e Príncipe, a 29 de Dezembro de 1899 pelo *Boletim Oficial*. O mesmo, no ano seguinte, redigiu "um relatório do «Saneamento da Cidade de S. Thomé», do qual consta uma descrição da cidade, bem como das condições de habitabilidade das casas...é apontado o efeito nocivo dos pântanos que rodeiam a cidade...sugerido que a cidade fosse deslocada mais para o interior ... embora reconhecendo de imediato que isso era tarefa impossível, devido aos interesses individuais ... a finalizar o relatório...propõe uma ordem de trabalhos que inclui algumas das medidas apresentadas em décadas anteriores..."idem, p.173

¹³ idem, p.140

é claramente visível a linguagem arquitectónica ainda presente em algumas construções ao estilo do Estado Novo, como é o caso do actual bairro 3 de Fevereiro, antigo bairro de Salazar pela sua organização espacial e matriz urbana. Trata-se de uma arquitectura moderna marcada pela implantação de novas técnicas de construção e materiais.

Contudo, a cidade de São Tomé foi, mais tarde, redesenhada urbanisticamente pelo Gabinete de Urbanização Colonial¹⁴, numa primeira fase por João Aguiar e numa segunda fase por Mário Oliveira. Junto à baía, ao longo da Av. marginal 12 de Julho, encontra-se a antiga Escola Técnica Silva Cunha, actual Liceu Nacional cujas linhas de intervenção apontam para uma continuidade urbana bem estruturada.

É através de Ezequiel de Campos e suas estratégias de intervenção que as roças ganham um maior valor, numa visão mais geral do território, no sentido em que, as propostas deste incidem na ligação entre estas através da implantação de novos caminhos de ferro. Esta tinha como princípios possibilitar a transição entre as mesmas, caracterizando o desenvolvimento destes núcleos como uma "charneira" para as Roças.



FIGURA 15 | ACTUAL BAIRRO 3
FEVEREIRO, ANTIGO BAIRRO
OLIVEIRA SALAZAR, S. TOMÉ.

FONTE: Fotografia: Joana bastos
malheiro



FIGURA 16 | LICEU NACIONAL
FONTE: SIPA – Cláudia Morgado -
2012

¹⁴ Gabinete criado por Marcelo Caetano, o último presidente do Conselho do Estado Novo. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki>, consultado em Junho de 2014, às 16:40.

1.1.2 | A CULTURA E ESPAÇOS PÚBLICOS, O REDESENHO

*"(...) Da mesma maneira que os primeiros homens formaram para si um clima, também formaram um lugar, fixando-lhe a individualidade."*¹⁵

*"(...) O espaço público que é objecto de identificação das comunidades. Que é o local de encontro, recreio e contemplação. Que é o suporte da circulação de pessoas e veículos. Que é um espaço complementar das actividades económicas. Que pode ser um instrumento de um desenvolvimento sustentável. (...)"*¹⁶

Quando retratamos o conceito de espaço público, independentemente da sua escala, é indissociável do pensamento, as grandes transformações e intervenções da História da cidade, desde o início da Cidade Grega. Esta contribuição para o significado da estrutura urbana é revelado pelo exemplo notável da *Piazza del Campidoglio* (Praça do Capitólio), 1546-1547 em Roma, de Miguel Ângelo, pela sua dimensão, prestígio e singularidade da atitude de Redesenho. Porém, a análise e intervenção urbana não depende apenas de uma profunda compreensão da história urbana dos seus marcos históricos, implica também a análise de todo um reportório de referências cujas intervenções tiveram um papel condicionante no contexto cultural e social da cidade a intervir.

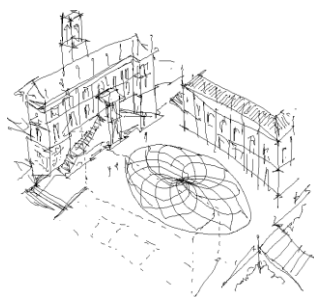


FIGURA 17 | PRAÇA DO
CAPITÓLIO, ROMA
IMAGEM: Esqueto da autora

No entanto, não excluindo a relevância destas conceituadas obras de estruturação e revitalização urbanas, outrora analisadas, o capítulo que se segue, retrata o conceito de espaço público onde, de uma forma menos complexa, pretende-se clarificar este tema, uma vez que se trata de um assunto bastante debatido. Desta forma, ter-se-á a preocupação de alcançar o cerne da questão, tendo sempre em conta, o contexto desta investigação.

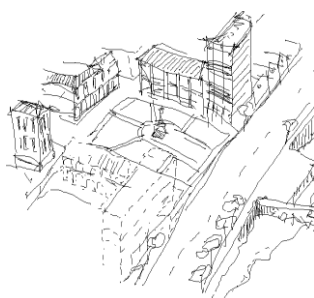


FIGURA 18 | PRAÇA DA
INDEPENDÊNCIA, S. TOMÉ
IMAGEM: Esqueto da autora

Na cidade de São Tomé e Príncipe é notório a presença dos elementos primários que originaram alguns espaços públicos não articulados entre si. No entanto, sabe-se que a cultura local e o seu contexto social apresentam um papel predominante nesta identificação. Antes de caracterizar a cultura santomense e o

¹⁵ROSSI, Aldo; - *A Architectura da Cidade*. ed. Cosmos, Lisboa, 1977, p.141

¹⁶LOURENÇO, Nuno. Apresentação de projectos finais através da conferência relatada no livro de Pedro Brandão e Antoni Remesar - Espaço Público e a Interdisciplinaridade. p.286

modo como ocupam e se relacionam no espaço público, iremos analisar, sucintamente, a conceptualização de espaço público.

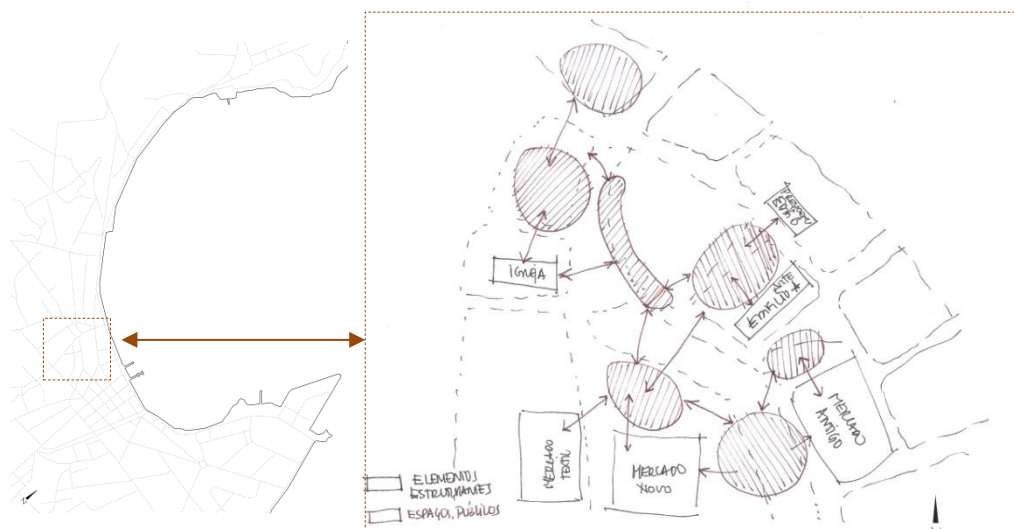


FIGURA 19 | ESQUEMA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS, S. TOMÉ
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

Através de Malcolm Miles constatamos a relevância que os espaços públicos têm na individualidade de cada ser quando H. Arendt refere a *"necessidade que os espaços públicos tem de mistura social para que os cidadãos se possam conhecer melhor a si próprios através da percepção dos outros"*¹⁷ isto é, na intervenção ou concepção de um espaço público devemos ter em conta a capacidade que este deverá abranger relativamente à diversidade cultural e social de cada sociedade. Ora, se o aspecto social é relevante no espaço e se o espaço público é, ou poderá ser, considerado como obra arquitectónica, poderemos afirmar o papel fulcral do Homem na Arquitectura, referido por Bruno Zevi, quando este relata que *" (...) o carácter essencial da arquitectura - o que faz distingui-la das outras actividades artísticas - está no facto de agir com um vocabulário tridimensional que inclui o homem."*¹⁸



FIGURA 20 | O SOCIAL NO
ESPAÇO PÚBLICO
FONTE: Desenho de Siza Vieira

¹⁷ MILES, Malcolm. Conferência relatada através do livro - *Espaço Público e a Interdisciplinaridade*. - ed. Centro Português de Design. Lisboa. 2000. p.99-105

¹⁸ ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitectura*, Lisboa. ed. Editorial Minerva, 1966.p.17



FIGURA 21 | COMÉRCIO DE RUA, S.TOMÉ
IMAGEM: Esquisso da autora

Da mesma forma, Pedro Brandão retoma essa preocupação quando nos apresenta três elementos¹⁹ para uma estratégia do espaço público, onde nos esclarece o conhecimento interdisciplinar que deveremos aplicar em determinado lugar. Já Lamas, apresenta a construção do espaço público, de acordo com a posição, orientação e articulação dada entre os *elementos morfológicos*", uma vez que, *"a forma terá de se relacionar com a função de modo a permitir o desenvolvimento eficaz das actividades que nela se processam."*²⁰ Porém, segundo Arendt, a preocupação da multifuncionalidade e diversidade social implantada num espaço público é também assumida por Lamas quando este refere os problemas causados pela delimitação das premissas programáticas num determinado espaço, tornando o mesmo pouco versátil na sua utilização. Esta situação acontece, igualmente, nos centros urbanos, pois quanto mais eclético for, maior a sua complexidade formal e social se torna.

Assim, esta preocupação faz sentido se todo o processo incluir, no seu desenvolvimento, a construção e percepção da identidade de cada cultura. Para tal, torna-se pertinente mencionar Enric Pol, dado a sua estratégia para tal identificação. Trata-se da definição de dois modelos, cujo objectivo retrata a adopção dos valores de sustentabilidade. Isto é, segundo este *"(...) Sustentabilidade requer diversidade biológica. Sem diversidade social, não é possível a diversidade biológica. Cada comunidade tem tendência para negociar de modo específico, peculiar e equilibrado o seu ecossistema."*²¹ Os modelos são: *"a) a construção de identidade social é o resultado da colaboração e da coesão social - modelo tradicional; b) a identidade social constrói-se a partir da adopção*

¹⁹ Estes são: "1 - Considerar as diferentes actividades que se exercem no espaço exterior, visto que a qualidade deste, promove a diversificação das actividades realizadas no exterior; 2 - Considerar o espaço público como forma construída, e que por isso tem que ser desenhada. Ora, sendo o desenho um método para a resolução de problemas - problemas bem formulados farão bom desenho; (Entende-se importante destacar esta estratégia, uma vez que nos é esclarecido o papel da cultura e suas necessidades - os problemas - nas respostas adequadas aos espaços a intervir) 3 - Aplicar um conceito mais vasto de espaço público integrando nele os valores ... do ambiente, da colectividade, do estado, da cultura, uma vez que este poderá transmitir muito mais valor do que aquilo que nos apresenta.: **BRANDÃO, Pedro.** Conferência relatada através do livro - *Espaço Público e a Interdisciplinaridade*. - ed. Centro Português de Design. Lisboa. 2000. p.57

²⁰ **LAMAS, José.** Morfologia Urbana e Desenho da Cidade, Lisboa. ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª ed. 2000.p.48 - (...) *Elementos morfológicos são semelhantes: rua e praça, edifícios, fachadas e planos marginais, monumentos isolados (...)*

²¹ **POL, Enric.** *Fazer cidade: Planos, Estratégias e Desígnios* - conferência relatada no livro de Pedro Brandão e Antoni Remesar - *Espaço Público e a Interdisciplinaridade*. p.125

dos padrões de conduta do grupo com o qual a pessoa se identifica e quer que seja identificada - modelo de identificação categorial."

Após identificar as particularidades e premissas culturais e sociais de uma sociedade é no redesenho urbano que denotamos a função basilar de uma sociedade em futuras intervenções. A caracterização da cultura santomense e do modo como esta sociedade ocupa e se relaciona nestes espaços, permitirá assim estabelecer uma ligação coesa com a proposta que ir-se-á enunciar mais à frente.

Torna-se, por vezes, indissociável da reflexão sobre uma cultura, a caracterização dos hábitos, costumes e modos de vida da população. Começamos por caracterizar a tipologia e os modelos habitacionais, diferenciados da realidade Portuguesa e Europeia, representativos de atitudes e opções físicas depositadas no *objecto*, a casa, através da análise da tipologia e *tipo* das denominadas habitações tradicionais santomenses.

Ao deambular pelas estreitas e insalubres ruas da periferia informal, foi nos transmitido todo um sentido de vizinhança e de cumplicidade vivida em cada conjunto habitacional encontrado. Este conjunto caracteriza-se, na maioria das casas (comumente denominadas por cubatas), por serem organizadas em torno de um espaço "público", normalmente habitado como uma extensão dessas habitações, que acabam por adquirir um novo espaço social, lugar de convívio e ponto de encontro. Este gesto demonstra a necessidade por uma vivência exterior, talvez também influenciada pela falta de condições de salubridade que as habitações apresentam, ou de outra forma, pelas práticas sociais dedicadas ao comércio local, dado as baixas condições económicas. A necessidade comercial é visível, na maioria dos casos, por pequenas construções adjacentes, ou próximas, das próprias habitações onde se vende um pouco de tudo.

Relativamente ao desenho da *casa* foi perceptível que este é um resultado da intersecção entre a "casa africana" e a "casa portuguesa ultramarina", de onde sobressai o uso da madeira, que nos lembra a primeira, e as coberturas de duas águas elevadas, que nos relembram a segunda. Grande parte da construção consiste na utilização da madeira tanto na componente estruturante da habitação como na componente de revestimento da mesma.



FIGURA 23 | RUAS ESTREITAS _ A CUBATA, S.TOMÉ

IMAGEM: Esquissa da autora



FIGURA 22 | ESPAÇO COMUM, S. TOMÉ

IMAGEM: Esquissa da autora

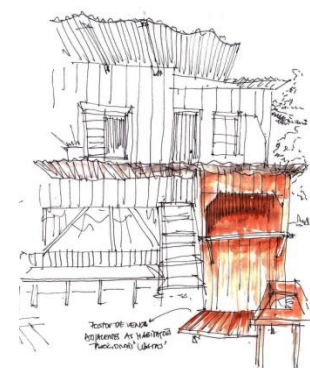


FIGURA 24 | POSTOS COMERCIAIS _ HÁBITOS TRADICIONAIS, S.TOMÉ

IMAGEM: Esquissa da autora



FIGURA 25 | | BAIRRO_O
RIBOQUE, S. TOMÉ
IMAGEM: Esquisso da autora

Estas apresentam-se sob estacas, a qual origina uma varanda sobrelevada que estabelece a ligação do exterior com o espaço interior, neste caso, a sala de estar. As restantes divisões apresentam-se, de forma flexível, de acordo com cada situação de agregado familiar.

Outra particularidade das habitações santomenses é o espaço de confecção de alimentos situar-se fora da habitação, para que esta possa servir tanto os seus proprietários como para venda local.

Relativamente às coberturas e vedações, sendo que estas últimas só se encontram em algumas situações, são utilizadas, normalmente, chapas metálicas sem qualquer tipo de tratamento, tratando-se apenas de materiais encontrados ao abandono e aproveitados para esse, ou qualquer outro fim. Estas são compostas por duas águas, uma vez que se trata de um clima tropical, tornando necessário garantir o fácil escoamento das águas e a consequente ventilação transversal.

A identificação cultural e social revela-se assim importante num território a intervir, tanto ao nível público como ao nível privado, dado a sua diversidade e complexidade crítica. A cultura santomense, neste caso, apresenta um papel primordial na redesenho da matriz urbana que, organizada de forma orgânica, pelos seus habitantes, manifesta a diversidade funcional, cultural e social anteriormente analisadas.

Completando, é de salientar, a relevância estabelecida entre a Arquitectura e a diversidade cultural e social supra referida, considerando assim a questão colocado por Malcom Miles numa situação de intervenção do espaço público onde, *"(...) não é negar a necessidade da intervenção, é antes perguntar como, por quem e para quem, e considerar a intervenção como um processo contínuo que irá sempre gerar mudança (...)"*²², como também a descrição colocada por Roca quando este refere que o espaço público serve *"(...) o prolongamento do espaço definido pelos espaços privados(...)"*²³.

²² **MILES, Malcolm.** *Depois do domínio público: espaços de representação, transição e pluralidade* - conferência relatada no livro de Pedro Brandão e Antoni Remesar - Espaço Público e a Interdisciplinaridade. p.104

²³ **ROCA, Miguel Angel.** *Os símbolos na metrópole* - conferência relatada no livro de Pedro Brandão e Antoni Remesar - Espaço Público e a Interdisciplinaridade. p.108

1.1.3 | AS ROÇAS COMO NOVOS CENTROS URBANOS

" (...) Os centros urbanos são os lugares que convêm uma pluralidade de significados por excelência: atractivos para o exterior, integrantes para o interior, multifuncionais e simbólicos, são a «diferença» mais relevantes de cada cidade (...)"²⁴

Segundo Borja "(...) cada uma das partes ou zonas da cidade tem um património de conjuntos e edifícios, de vazios e percursos, de monumentos e de símbolos, que são referências da sua identidade que devem, em parte, ser conservados e reconvertidos, para contribuir tanto para se guardar a memória como se dar um impulso para a evolução da cidade". Então, se na cultura santomense a identidade e memória encontram-se em parte, ou melhor dizendo, em grande parte nas roças de São Tomé, porque não haveremos de considerar estes complexos agrícolas como centros urbanos?

As roças fazendo parte integrante de uma estrutura territorial de S. Tomé, da história do País, tanto ao nível cultural como ao nível económico, têm uma relação directa no crescimento da cidade. Ora, se uma das principais premissas dos centros urbanos é garantir a acessibilidade, a mobilidade e a interacção social, através da regeneração ou construção de novos tecidos urbanos multifuncionais e culturais, onde o espaço público se torna o elemento articulador de todo o desenho urbano ir-se-á, colocar a possibilidade de apresentar as Roças como 'novos' centros urbanos. Analisemos então, com uma maior preocupação, a definição concreta de centros urbanos.

Segundo Borja, os centros urbanos caracterizam-se pela pluralidade de significados multifuncionais e simbólicos, considerando estes como a "*diferença mais relevante de cada cidade*". Isto é, não pretendem que se focem apenas numa função, nem pelo contrário, que abranja tudo, mas que suportem as questões essenciais de acessibilidades, por exemplo, relativamente aos transportes e ao estacionamento estratégico.



FIGURA 26 | EDIFÍCIO DA ADMINISTRAÇÃO_ROÇA BOA ENTRADA, S. TOMÉ
IMAGEM: Esquissa da autora

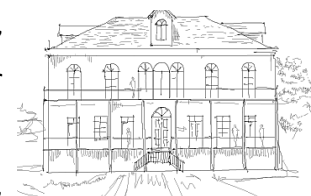


FIGURA 28 | EDIFÍCIO_ROÇA AGOSTINHO NETO, S. TOMÉ
IMAGEM: Esquissa da autora



FIGURA 27 | HOSPITAL_ROÇA ÁGUA IZÉ, S. TOMÉ
IMAGEM: Esquissa da autora

²⁴ **BORJA, Jordi** - Conferencia relatada através do livro - *Espaço Público e a Interdisciplinaridade*. - ed. Centro Português de Design. Lisboa. 2000. p.79

A finalidade destes centros não serão apenas com o intuito de conservar o seu património histórico, cultural e sua memória colectiva mas permitir também a possibilidade de desenvolvimento de novas funções na estruturação da cidade. Esta multiplicidade de funções a ponderar na matriz urbana é considerada como um aspecto basilar no zoneamento da mesma, pois descreve que *"(...) a trama urbana há-de poder adaptar-se a usos diversos e favorecer a multi-funcionalidade. A cidade não suporta bem o zoneamento rígido... uma área urbana que permite uma flexibilidade de usos é a que melhor se adapta à sua evolução e pode manter-se em devido estado durante muito tempo"* (Borja,2000:82).

Quando se fala em centros urbanos, referimo-nos a um conjunto de regenerações e articulações de tecidos que, embora permaneçam em constantes alterações, presenciam um estatuto grandioso de grandes representações e mutações da imagem urbana. Consequentemente, podemos assim afirmar que as competências e potencialidades incutidas ao território das Roças as tornam protagonistas de um papel estruturante urbano, sendo portanto pertinente o entendimento do seu discurso urbano perante o todo o edificado. Mais uma vez, a grande diferença que S. Tomé apresenta é a estrutura urbano-rural, onde a intervenção nas roças significa otimizar a estrutura de todo o território.

1.2 | ROÇA ENQUANTO CONJUNTO ARQUITECTÓNICO

1.2.1 | CONCEITO ROÇA

" (...) Além da cidade e de algumas vilas nativas do nordeste, a base do povoamento para toda a ilha é a roça, que congrega nas suas instalações numerosos trabalhadores rurais negros e o pequeno número de europeus que exercem cargos de mando ou de administração. A casa da administração, a sanzala dos trabalhadores, os armazéns, os fermentadores e secadores, o hospital privativo em algumas delas, e demais instalações, tornavam as roças autênticas povoações. (...)”²⁵

As roças de São Tomé e Príncipe, comportam uma potencialidade tanto arquitectónica como social, indescritível. Trata-se de um conjunto que, entre os séc. XIX e XX, revolucionou e despertou uma potencialidade económica de elevada influência no país, pela qualidade fértil das terras pertencentes às pequenas ilhas situadas no meio do oceano atlântico.

A diversidade evidente, quer no discurso edificado, quer no discurso urbano, constituem actualmente um modelo de sucessivas alterações incondicionais à imagem do território, as quais serviram de pretexto para a compreensão do seu valor cultural e histórico na definição de património. Este carácter é suportado pelo amplo repertório de épocas de elevado valor, reconhecíveis em toda a compreensão do local.

Este modelo é nos descrito por Hugo Silva como *"(...) redes hierarquizadas e infra-estruturadas, em que os elementos são pensados e desenhados para desempenhar uma função específica e onde cada elemento ou edifício constitui uma peça chave num conjunto"*²⁶. Isto é, cada construção, cada atitude terá sido previamente pensada com um objectivo, neste caso, agrícola, onde a função é privilegiada em relação à forma²⁷. Já Andrade (2005) descreve estas estruturas

²⁵ **TENREIRO, Francisco.** obra citada por João Loureiro, *A mão de obra em S. Tomé e Príncipe*, Lisboa, 1954, p. 75.

²⁶ **SILVA, Hugo.** "A roça de São Tomé e Príncipe : Desígnio e Projecto.2012. p. 138

²⁷ Segundo Manuela Raposo, durante o séc. XIX, o modernismo implica que " a forma foi bastante condicionada pela função" P.45. Também Hugo Machado da Silva reflecte " A sua constituição e organização perfeitamente adequada à sua função." P. 145



FIGURA 31 | ROÇA S. JOÃO DOS ANGOLARES, S.TOMÉ
IMAGEM:Esquisso da autora



FIGURA 29 | VISTA DO TERREIRO ROÇA S. JOÃO DOS ANGOLARES
IMAGEM:Esquisso da autora

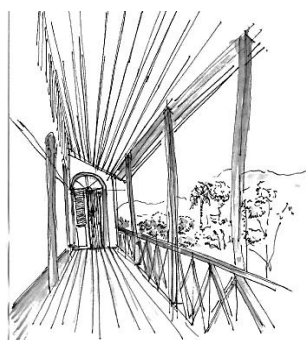


FIGURA 30 | RELAÇÃO COM A PAISAGEM, S.TOMÉ
IMAGEM:Esquisso da autora

através da descrição de diversas tipologias de roças existentes em São Tomé e Príncipe, cujos equipamentos e elementos constituintes são planeados de acordo com as suas funções.

Actualmente, as roças outrora exploradas com um pressuposto agrícola e de uma extensa produção, encontram-se ao abandono, tendo em muitos casos sido apropriadas por parte dos habitantes que lá permaneceram mas que as têm em total estado de degradação. No entanto, existem excepções onde estas estruturas foram reabilitadas, tais como: a Roça Diogo Vaz em S. Tomé onde, salvo alguns dois edifícios, a estrutura está toda conservada e ainda vive da agricultura; a Roça São João dos Angolares que foi adaptada para o turismo; A roça Paciência (no Príncipe) que funciona como centro educativo; a roça Belmonte (no Príncipe) que foi transformada num hotel e o Ilhéu das Rolas onde toda a ilha foi adaptada para se tornar uma estrutura hoteleira.

Este comportamento tem sido, igualmente tratado como fundamento ao estudo das apropriações das roças por Fernandes analisada quando esta nos explicita que, presentemente, "*(...) as Roças constituem a materialização de uma extensa memória, que abarca não só o projecto colonizador, mas principalmente todos os meios e relações mobilizados na concretização e na subsequente apropriação e re-adaptação: o contributo dos trabalhadores, a busca de estratégias de optimização para os problemas encontrados, as opções de configuração e desenho do espaço, ou os mecanismos da sua transformação no contexto de autonomia pós-colonial, configuram um extenso património físico e humano.*"²⁸

Neste sentido, torna-se igualmente imprescindível descrever a importância das roças a nível cultural e territorial, uma vez que toda a *estruturação do território* e sua evolução urbana foi vinculada pelo desenvolvimento económico do país. Ora, se a economia destas ilhas teve como base, a produção e exportação realizadas por estas *empresas agrícolas*, estas

²⁸ FERNANDES, Ana Silva; SÁ, Manuel Fernandes; PÓVOAS, Rui Fernandes. *Regeneração das roças de São Tomé e Príncipe: herança e apropriação, desafios e potencial para o desenvolvimento*. - Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica (2012), 157-176. Lisboa, 2012. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Estudos Africanos (CEA-IUL), Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT).

encontram-se claramente relacionadas com esta compreensão urbana. Mais, estas desempenharam um papel fulcral na estruturação do território, através da implantação de redes ferroviárias, viárias e portuárias, concretizando assim um significativo crescimento territorial.

Para Fernandes, estas apresentam-se como *"... um valor dotado de forte especificidade positiva, tanto no plano material (territorial/urbano, espacial/arquitectónico, infraestrutural/construtivo) como funcional (aspectos utilitários)"*.

Simultaneamente, compreende-se a partir destas, um paralelismo com as *Villas* italianas, uma vez que ambas são portadoras de um discurso arquitectónico único. As *villas* representam um traçado regulador, gerador de forma urbana, onde a casa se apresenta como elemento estruturante de toda a composição. A sua estrutura, tal como as roças, suporta um desenho notável no uso múltiplo do jardim em conformidade com a métrica da casa, constituindo o conjunto no seu todo. Pouco se sabe sobre os seus autores, no entanto poder-se-á estabelecer esta analogia com a roça Agostinho Neto ou a roça Boa Entrada, entre outras.



FIGURA 32 | ROÇA ÁGUA IZÉ
IMAGEM: Fotografia de Jandira Silva

“(…) O conjunto edificado é dos mais vastos. Servido directamente pela estrada nacional que liga a cidade de São Tomé a Angolares, esta atravessa a roça como se de uma povoação portuguesa se tratasse. Água-Izé destaca-se por não ter entradas nem limites definidos. A sua organização “roça-cidade” tem a forma de uma malha quadriculada que permite criar ruas, bairros, jardins e praças (…)”

(**ANDRADE, Rodrigo Rebelo.** Roças STP - Prova Final para licenciatura em Arquitectura. FA-UP 2007-2008:p.28)



"FIGURA 33 | ROÇA ÁGUA IZÉ
IMAGEM: Fotografia da autora

"(...) Desta forma, os edifícios, com excepção do hospital, misturam-se sem aparente hierarquia nos espaços. Os dois hospitais são os edifícios mais interessantes e adoptaram a mesma configuração. Desenvolvem-se numa planta segundo um esquema radial, permitindo assim um controlo simultâneo de todos os blocos a partir do centro. Tal como em outros hospitais da ilha, o edifício é vazado sobre uma arcada ao nível térreo, em toda a sua implantação. Têm dois pisos e cinco alas distintas (...)"

(ANDRADE, **Rodrigo Rebelo**. Roças STP - Prova Final para licenciatura em Arquitectura. FA-UP 2007-2008:p.28)

INVENTÁRIO DAS ROÇAS ILHA DE SÃO TOMÉ

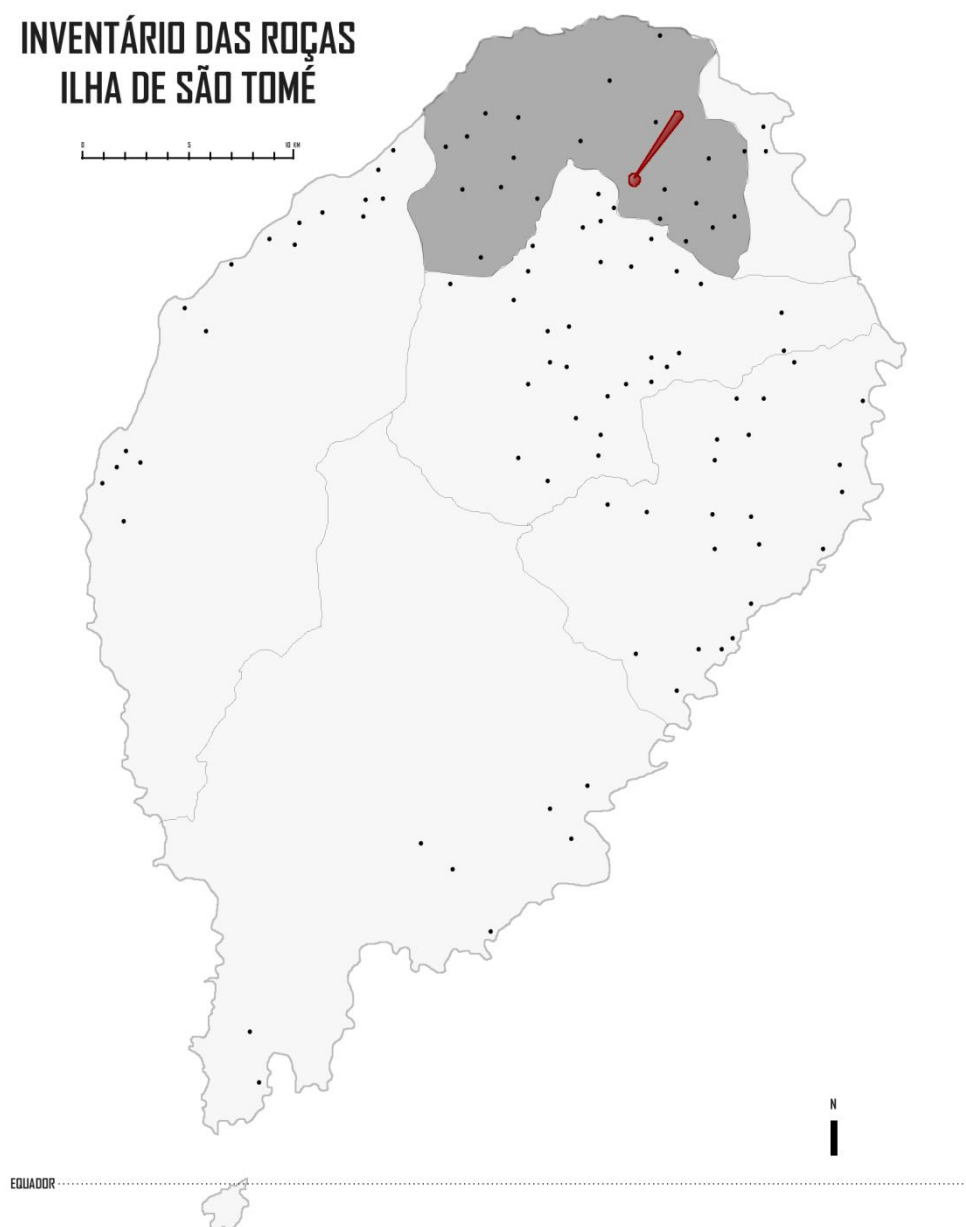


FIGURA 34 | MAPA DAS ROÇAS NA ILHA DE SÃO TOMÉ – LOCALIZAÇÃO DA ROÇA BOA ENTRADA
FONTE: Esquema elaborado pela autora com base em Dissertação de Rodrigo Rebelo de Andrade

gramática ... onde face à noção de traçado regulador, constitui em simultâneo uma abordagem obrigatória integrando-se na gramática persistente, num quadro de interpretação e de reutilização do mesmo, estando dependente do nível de intervenção".³⁰ Estes elementos, dada a sua importância, caracterizam-se como marcos notáveis do território, uma vez que possibilitam um rápido crescimento na sua composição urbana.

Posto isto, já nos encontramos em condições de descrever o processo de assentamento das Roças enquanto conjunto arquitectónico. Após a análise histórica e geográfica da ilha é nos permitido afirmar que os primeiros povos destas ilhas fixaram-se, inicialmente, no seu litoral, tendo mais tarde ocupado o interior destas. As primeiras ocupações portuguesas fizeram-se sentir através da implantação de pequenos núcleos urbanos estruturados com malhas ortogonais com a linha de costa e hierarquizadas de acordo com as condições naturais do terreno.

O crescimento destes núcleos para o interior da ilha, apresenta-se pela adaptação dos seus traçados à topografia e morfologia adequada, cuja matriz, analisada mais a frente, organiza-se segundo uma matriz urbano| rural bem estruturada.

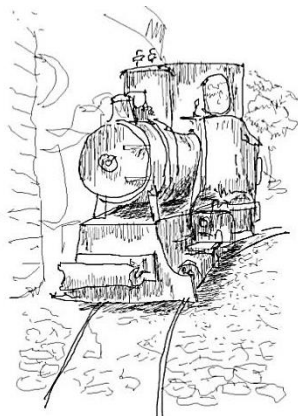


Figura 36 | CAMINHOS DE FERRO_ ROÇA SUNDY_ IDENTIDADE E MEMÓRIA, PRÍNCIPE
IMAGEM:Esquisso da autora

1.2.3 | TIPOLOGIAS/MORFOLOGIAS

A análise do traçado das roças santomenses traduz, no geral, uma considerável diversidade morfológica do seu território. De acordo com esta investigação, Fernandes após uma análise à componente viária "(...) *em articulação com os elementos viários complementares (estradas, caminhos)- como factor de alteração e de modernização das comunicações terrestres de suporte...*"³¹, sugere uma possível utilização destes para um futuro próximo de desenvolvimento ao nível habitacional, turístico e público, classificando-as em várias dimensões.

³⁰ **MORAIS, João.** *(Re)Construção de uma disciplina no território da arquitectura.* ed. Livros Horizonte, 2007. p.69

³¹ **FERNANDES, José .** *Temas de Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa.* ed. Caleidoscópio, Colecção: Pensar Arquitectura. p.40

Num primeiro momento, destaca-se a *"dimensão como agente de estruturação do território"*, onde descreve a sua importância no papel estruturante no desenho urbano, através da implantação e desenvolvimento das suas estruturas ferroviárias. Por outro lado, revela a *"(...) dimensão das Roças como criadoras de espaço urbanizado, edificado e arquitectónico"*, onde especifica os equipamentos primordiais que tornaram este conjunto possível de apropriações face às infraestruturais, habitação e equipamentos inerentes às condições do habitar.

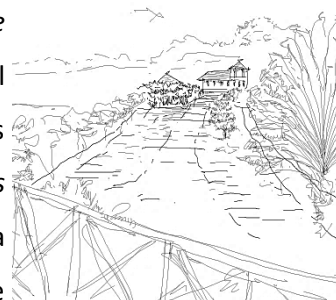


Figura 38 | TERREIRO ROÇA SÃO JOÃO DOS ANGOLES, S.TOMÉ
IMAGEM:Esquisso da autora

O espaço dominante, em grande parte das roças, é *"o terreiro"*, cujas dimensões podem variar de acordo com a estrutura e organização de cada território. Este, normalmente centraliza as estruturas construídas de maior relevância patrimonial, do conjunto em si, como de uma praça se tratasse.



FIGURA 37 | RECUPERAÇÃO ROÇA BELO MONTE, PRÍNCIPE
IMAGEM:Esquisso da autora

A última dimensão potencia as qualidades pela roça estabelecidas, uma vez que os equipamentos que hoje persistem, têm capacidade de abarcar novas funções, de modo, a permitir estabelecer um progressivo desenvolvimento e conservação das mesmas face à nova actualidade. Como exemplos actuais, são nos apresentado a proposta de reabilitação do hospital da Roça Porto Real, na ilha do Príncipe; o Turismo de habitação que hoje é permitido, com as devidas condições, na Roça São João dos Angolares; e a regeneração da Roça de Belo-Monte, também localizada na ilha do Príncipe.

Por outro lado, a abordagem tipológica das roças permitirá um melhor entendimento das mesmas. Morais alerta-nos para a necessidade de analisar o conjunto, obstinadamente de acordo com o seu contexto, visto que uma *"... obra de Arquitectura, não podendo ser considerada como um projecto isolado, não repetível e fora do contexto da historia"* torna-se *"necessário hoje observar os mecanismos e as necessárias relações para efectuar uma interpretação tipológica."*

Todas as roças apresentam diferentes dimensões, em diversos contextos territoriais, porém, todas parecem acompanhar uma linguagem e uma regra onde todas são compostas pelos mesmos elementos primários.

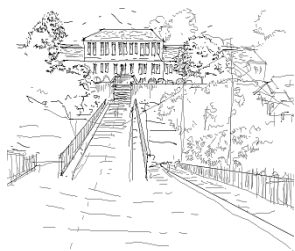


FIGURA 39 | ROÇA AGOSTINHO NETO, S. TOMÉ
IMAGEM: Esquisso da autora



FIGURA 40 | CAPELA_ROÇA AGOSTINHO NETO, S.TOMÉ
IMAGEM: Esquisso da autora

A fim de contextualizar a nossa intervenção, ir-se-á explorar três tipologias dominantes de roças reconhecidas *in locu*, que são suportas pelo tema deste trabalho.

Das 122 roças existentes³², iremos estudar, apenas a Roça Agostinho Neto, pela sua dimensão e expressão axial; a roça Água Izé, pela sua organização e complexidade espacial; e por fim, a Roça São João dos Angolares e a roça Boa Entrada, pelas suas notáveis características e potencialidades de desenvolvimento.

Apesar dos diferentes contextos sociais e territoriais das roças santomenses, e mesmo apresentando escalas e dimensões diferentes, ainda "(...)existe uma linha orientadora na edificação destes complexos agrícolas" onde "podemos ainda assim analisar a roça como uma estrutura constante"³³.

Estas estruturas, embora apresentem estratégias urbanas, o contexto em que estas se inserem, devido à sua reduzida escala, apresentam-se através da sua morfologia e traçado de carácter rural. Contudo, apesar das suas diversidades territoriais e organizacionais, a estrutura funcional da roça organiza-se segundo uma "linha orientadora" constituída por alguns elementos estruturantes, entre os quais:

- a casa da administração, a qual albergava o responsável da roça, ou o chamado, capataz;
- a casa dos empregados cujo função era servir a casa de administração;
- as sanzalas onde os contratados viviam em fracas condições de salubridade (espaços reduzidos, iluminação insuficiente, ausência de canalizações de água e esgotos, entre outros problemas);
- os equipamentos propícios à produção e exportação: os armazéns, os secadores e caso se justificasse, incluíam fábricas, oficinas ou carpintarias.
- nas grandes roças, excepcionalmente, estas constituíam de equipamentos privados relacionados com a saúde e educação, uma vez que estes, devido aos seus elevados custos, apenas eram utilizados em casos de

³² Número de Roças apresentadas por Rodrigo Rebelo de Andrade em *Roças STP*. - Prova Final para licenciatura em Arquitectura. FA-UP 2007-2008.

³³ **ANDRADE, Rodrigo Rebelo.** *Roças STP*. - Prova Final para licenciatura em Arquitectura. FA-UP 2007-2008. p.20

grande relevância. Destes, destacam-se o hospital, a capela religiosa e sua capela mortuária e as escolas.

— por fim, toda a estrutura agrícola e consequentes infraestruturas.

Estes elementos variam de acordo com a organização espacial e territorial de cada roça, porém alguns deles são apresentados, pelo mesmo autor, como predominantes em todas as roças analisadas: o terreiro, a casa principal, as sanzalas, as linhas de caminho de ferro e o hospital. Servindo-se do *terreiro* como fundamento basilar na sua caracterização, este elemento, pela sua diversidade e "*multiplicidade tipológica*"³⁴, diferencia três tipos de tipologias de roça:

— Roça Terreiro | Roça S. João dos Angolares e Roça Boa Entrada

Esta tipologia consiste em centralizar grande parte das suas funções num só centro, interligando e estruturando todo o edificado de acordo com este. Devido à sua organização espacial, esta enquadra-se, normalmente, em roças de pequenas dimensões onde, num contexto mais alargado. Este modelo apresentaria, igualmente um carácter rural mesmo que a sua decomposição do tecido apresente características urbanas.

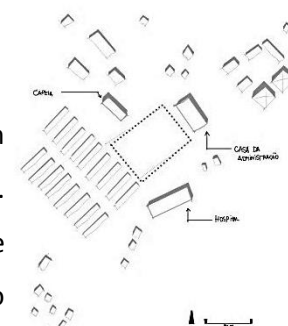


FIGURA 41 | TIPOLOGIA
TERREIRO_BOA ENTRADA
IMAGEM:Esquema da autora

— Roça Avenida | Roça Agostinho Neto

O elemento estruturante desta tipologia assume-se como um eixo longitudinal, o qual confere ao território uma lógica de sucessivos espaços públicos articulados entre si, cujos extremos são pontuados por equipamentos de grande relevância. A sua dimensão, permite conferir ao espaço uma escala urbana, embora se trate de um contexto rural, uma vez que esta, pressupõe uma estrutura de pequenas praças e ruas, cujas características são identificáveis como um traçado urbano. O terreiro, neste caso, não tendo um papel central, a sua "centralidade" poder-se-á apresentar tanto nos seus extremos, como no centro da sua avenida.

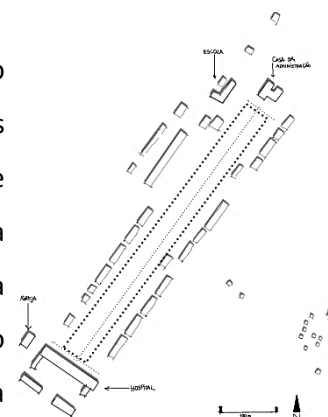


FIGURA 42 | TIPOLOGIA
AVENIDA, S.TOMÉ
IMAGEM:Esquema da autora

³⁴ ANDRADE, Rodrigo Rebelo. *Roças STP*. - Prova Final para licenciatura em Arquitectura. FA-UP 2007-2008. p.20



— Roça Cidade | Roça Água Izé

A complexidade formal, funcional e morfológica do tecido rural que a Roça Cidade apresenta, permite, de certa forma, constituir um compreensível contexto urbano, onde revela como principal elemento representante do tecido urbano, a Rua.

FIGURA 43 | TIPOLOGIA CIDADE ,
S.TOMÉ
IMAGEM:Esquema da autora

A diversidade e multiplicidade de espaços, por lá deambulado, reflectem em nós, um itinerário orgânico mas estruturado, o qual aborda diversas relações morfológicas existentes na matriz urbana: as ruas, praças e largos. Assim, esta tipologia de roça, não apresentando qualquer tipo de centralidade, toda a sua estrutura funcional e morfológica organiza-se de acordo com a morfogénese dos seus elementos.

É neste contexto urbano-rural que as roças santomenses vão se desenvolvendo e estabelecendo uma complexa e enigmática articulação entre ambas as realidades. A cumplicidade entre o território e os seus habitantes, através das apropriações por estes realizados, tem resultando numa série de características específicas e determinantes das roças em particular.

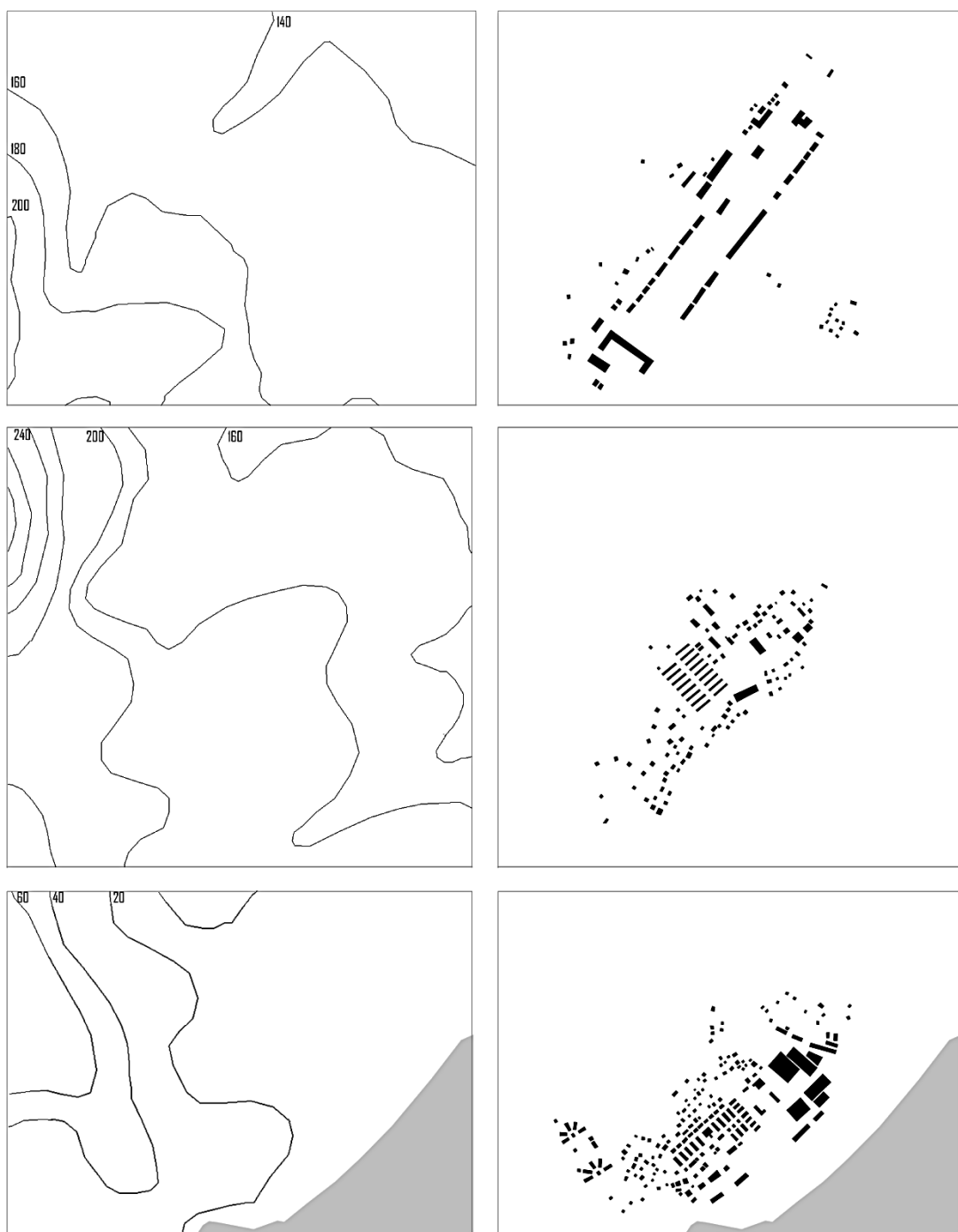


FIGURA 44 | TOPOGRAFIA – EDIFICADO – RELAÇÃO ENTRE TIPOLOGIAS DE ROÇAS
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora com base em Levantamento Aerofotogramétrico de 1958: Folhas Nº2/Nº4
realizado pela Missão Hidrográfica de Angola e S. Tomé e em Google Earth



FIGURA 45 | VISTA GERAL DA ROÇA BOA ENTRADA_ÁREA DE INTERVENÇÃO

FONTE: Mendonça, henrique "s. thomé - a roça `boa entrada"-lisboa. 1906 – Esquisso da autora

II | O LUGAR | BOA ENTRADA

"(...) M.Montet que visitou e estacionou na Roça Boa Entrada em 1904 e que se póde resumir nas suas expressivas afirmações: - «E`aqui que se manifesta de uma maneira bastante sensível o espírito humanitário, providente, largamente aberto ás causas justas e salutaras; - a Boa Entrada é uma pequena cidade, onde se acham realizadas todas as ideias do progresso quer científicas quer humanitárias.»" ³⁵

Mendonça, Henrique J. M. 1906

Todos os momentos e valores incutidos pela cidade, outrora analisada, relativos à materialização e crescimento do seu tecido urbano, consequente percurso histórico da ilha de São Tomé, através da compreensão e análise dos seus elementos estruturantes e sua integração na composição da matriz urbana, constituíram exemplos de referências à criação de um modelo contínuo de toda a cultura, património, identidade e memória da cidade em questão.

³⁵ **MENDONÇA, Henrique J. M.**, *A Roça "Boa Entrada" : La perle des colonies portugaises. ed. Typographia. Lisboa.1906.p.18.* - Testemunho escrito para a Sociedade de Geografia de Lisboa. Actualmente, esta monografia do ex-patrono da Roça Boa Entrada, encontra-se preservada no Arquivo Histórico de São Tomé e Príncipe ou na Sociedade Geográfica de Lisboa.

2.1| A ROÇA E SUA GENESI

Trata-se de uma roça que teve um processo de assentamento complexo, uma vez que Mendonça tinha como principal preocupação o bom funcionamento da mesma. José Monteiro de Mendonça fora um proprietário importante neste processo, uma vez que delimitou e estruturou todo o seu terreno com base em estudos e ensaios sobre as publicações coloniais enquanto residente em Lisboa.

Após sucessivos ensaios de novos sistemas de produção e colheita de cacau, esta roça fora uma das mais dispendiosas na aquisição de equipamentos e ensinamento técnico dos administradores. A sua preocupação na exploração e expansão agrícola, fez com que as condições de trabalho desta, fosse mencionada por Dr. Schulte³⁶ como "*verdadeiramente modelares*"³⁷.

Trata-se de uma roça cujas instalações e serviços são considerados verdadeiros modelos a seguir, visto que, para este, uma "*roça modelar*" caracteriza-se pela sua complexidade funcional, organizacional e estrutural onde "*ali só ha que aprender*". Por outro lado, fora igualmente mencionada por M. Monet, em 1904, após o estudo geológico e agrónomo à roça a pedido de Mendonça, como um "*bello guia de cultura tropical*" e uma "*magnífica propriedade dedicada, amavelmente tratada*".³⁸

Toda esta organização, tanto social como espacial, leva Mendonça a denominar a sua propriedade como uma "*roça modelar*" constituindo-se como uma "*exploração colonial modelo*" (Mendonça,1906:16). Esta *exploração* abrange uma superfície de 17.000 m² dos quais 10.000 m² representam área de plantações e exploração plena.

Constitui-se como uma instalação completa, pela sua complexidade funcional e formal, cujas instalações, nomeadamente as redes de caminho de

³⁶ Dr. Schulte, professor alemão contratado por Mendonça para fazer na "estação de seis mezes em S. Thomé afim de fazer ali o ensino pratico de preparação do cacau visando principalmente corrigir-lhe a acentuada accidez." p.14 - Mendonça

³⁷ idem, p.15

³⁸ idem. p.15-16: "*Por ellas se avaliará o conjuncto dos edificios, as condições das installações destinadas aos trabalhadores indigenas, do hospital, da enfermaria, do pequeno hospital destinado ás molestias inficiosas, da casa principal e além disso se conhecerá os diversos aspectos da vasta propriedade, processos de trabalho, installações do caminho de ferro e obras d'artes respectivas, plantações, exemplares em diversas phases da sua evolução, ponto este incontestavelmente instructivo, porque demonstra clara e evidentemente não haver exagero nas descrições feitas...*"

ferro, apresentam-se como elementos estruturantes primordiais a toda a organização da mesma, inclusive todo o seu conjunto arquitectónico.

A sua estrutura edificada era, inicialmente composta por: "... 18 edifícios *symetricamente dispostos, separados por largas ruas, iluminadas a luz eléctrica*"³⁹, um hospital, a casa da administração, diversos armazéns e fábricas relativos à produção e exportação, uma capela, adjacente ao terreiro, uma creche, embora tenha sido construído mais tarde, equipamentos de apoio à educação, e instalações para albergar os seus animais. Tratava-se de uma roça bastante desenvolvida pois "*descrevendo a roça, nota que a sua instalação é inteiramente feita á moderna, com installações electricas, servindo como gerador do dynamo a agua que alimento as piscinas destinadas ao uso dos trabalhadores. De dia é applicada ao movimento das machinas, de noite á iluminação.*"⁴⁰

Actualmente, toda esta estrutura sofreu diversas apropriações, por parte dos habitantes, levando ao total abandono de alguns edifícios e alteração da organização funcional dos restantes. A roça passa então de um complexo agrícola para uma zona, maioritariamente habitacional.



FIGURA 46 | CARACTERÍSTICAS DO LUGAR – PROJECTO
IMAGEM: Esquema elaborado por vânia farinha

³⁹ MENDONÇA, Henrique J. M., *A Roça "Boa Entrada" : La perle des colonies portugaises. ed. Typographia. Lisboa.1906.p.19.*

⁴⁰ *idem.p.17*



FIGURA 48 | CONJUNTO DE CONSTRUÇÕES _ ROÇA BOA ENTRADA _ 1905
FONTE: MENDONÇA, Henrique J. M., *A Roça "Boa Entrada" : La perle des colonies portugaises.* ed. Typographia. Lisboa.1906.

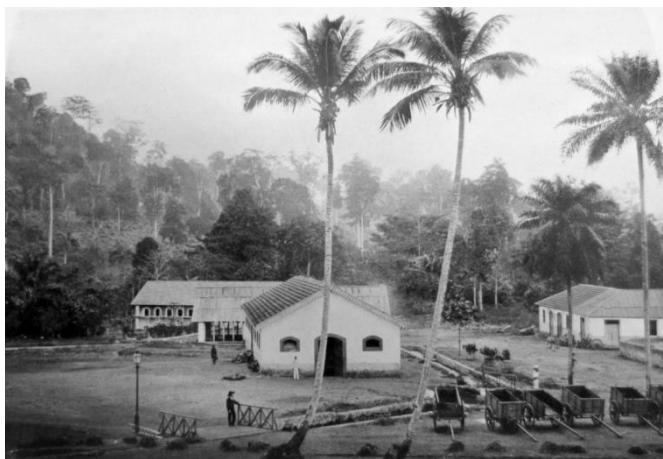


FIGURA 49 | ANTIGA COZINHA COMUNITÁRIA, ABEGOARIA (CAPELA) E
ARMAZÉNS
FONTE: MENDONÇA, Henrique J. M., *A Roça "Boa Entrada" : La perle des colonies portugaises.* ed. Typographia. Lisboa.1906.



FIGURA 50 | CONJUNTO HABITACIONAL _ SANZALAS
FONTE: MENDONÇA, Henrique J. M., *A Roça "Boa Entrada" : La perle des colonies portugaises.* ed. Typographia. Lisboa.1906.

2.2| O QUADRO INSTRUMENTAL

2.2.1| SUPER-ESTRUTURAS

| O TERRITÓRIO E SEUS ELEMENTOS ESTRUTURANTES

*" A expressão «território» designa (...) o espaço construído pelo homem, em oposição ao que poderíamos designar por «espaço natural» e que não terá sido humanizado. É o espaço onde o homem exerce a sua acção, transformando-lhe as condições físicas, impondo-lhe a «sua ordem»."*⁴¹

O simples gesto de desbastar a terra e plantar algo, permitindo a este realizar a sua acção, faz com que este *espaço natural* seja transformado e humanizado num território do homem em si. Porém, há que perceber as razões que levaram aquele homem a escolher o determinado *lugar* como resposta ao seu problema, ou seja, quais os elementos estruturantes que o levaram a optar e intervir naquele espaço.

Para a compreensão e concepção de uma forma urbana num determinado *lugar*, é necessário primordialmente estabelecer funções e respostas a solucionar, *in locu*, de modo a que esta se desenvolva e se enquadre de forma coerente no território. Para tal, torna-se necessário perceber se o terreno em questão é apresentado no seu estado natural, sem qualquer tipo de intervenção do homem, ou pelo contrário, já sofreu algum tipo de alteração.

Como qualquer outra roça, parte-se do pressuposto que a sua implantação tirou partido de território "virgem", dada à sua vasta extensão territorial, no entanto, este, apesar de assumir este carácter, poder-se-á justificar a sua implantação, pelo facto de constituir previamente um patrono. Sendo assim, poderemos afirmar que a composição urbana consiste no entendimento da sua paisagem e respectivas potencialidades face aos pressupostos pela roça estabelecidos.

Os elementos a considerar, enquanto instrumentos basilares, na concepção formal e na prática inicial do traçado deste complexo encontram-se, de

⁴¹LAMAS, José. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa. ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª ed. 2000.p.63.

certa forma, interligadas à necessidade de dar resposta aos objectivos meramente agrícolas por estes estabelecidos. Esta abordagem é referida por Lamas, quando retoma Christopher Alexander na sua citação:

*"A «forma» surge como resposta a um problema espacial «(...) é a solução do problema posto pelo contexto.» ou seja, a forma física torna-se o produto de uma acção e a solução de um problema."*⁴²

Dada esta situação, após uma profunda análise à área em questão, os elementos estruturantes, contidos na paisagem natural do território santomense a considerar na estruturação da roça, apresentam um pouco à semelhança dos romanos, onde a escolha do *locus* acontece segundo estratégias funcionais e não tanto conceptuais - *Genius Loci*. No entanto, é nas *villas* romanas que o *Genius Loci* se encontra profundamente relacionado com a sua estrutura, através da ligação entre a água e a paisagem.

Posto isto, os elementos em destaque da paisagem natural da roça são:

- a **hidrografia**, onde através do levantamento aerofotogramétrico, representado na carta de S. Tomé de 1958, é notório a sua proximidade com duas linhas de água, onde o rio Água Sebastião se apresenta como um limite a oeste, e a ribeira água Mussungu constitui como uma fonte de água, sendo este um elemento imprescindível na produção agrícola;
- os **solos/pedologia** são também, por sua vez, um factor bastante importante na constituição e regeneração da plantação, uma vez que estes desempenham um papel essencial na produção agrícola pretendida. Com base na Carta de solos de São Tomé e Príncipe de Cardoso e Garcia, 1962, este caracteriza-se por solo fertilizante, sendo, no entanto, classificado como solo fersialítico. Este tipo de solo tem como principal constituinte a argila fersialítica, cuja fertilidade apresenta-se superior a outros tipos de solos, entre os quais, os barros pretos, e derivados de arenitos, talvez daí a potencialidade como solo de produção;
- a **morfologia**, consistindo em demonstrar os principais relevos da superfície do terreno em análise e consequentes causas, poder-se-á justificar a implantação da roça adjacente à montanha Lobata orientada a



FIGURA 51 | HIDROGRAFIA
IMAGEM: Esquemas elaborados pela autora

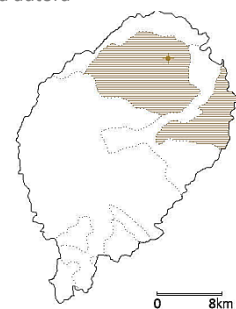


FIGURA 52 | CARACTERIZAÇÃO DO SOLO

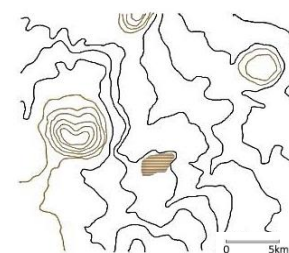


FIGURA 53 | TOPOGRAFIA

⁴² LAMAS, José. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa. ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª ed. 2000.p.44.

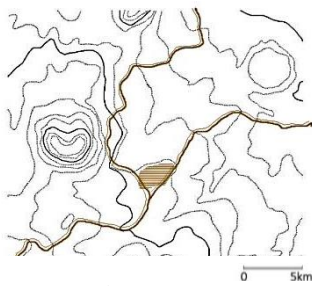


FIGURA 54 | PRINCIPAIS ACESSOS
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

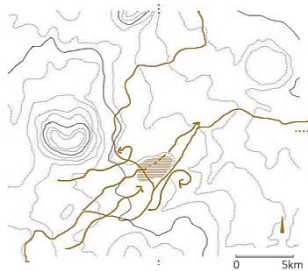


FIGURA 55 | ORIENTAÇÃO DA ROÇA
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

Noroeste, dada a sua capacidade de absorção da intensa pluviosidade, visto que se trata de um clima tropical húmido, não permitindo assim, que a água derrube em grandes quantidades para a zona construída;

- a **acessibilidade**, sendo um elemento muito importante a considerar em qualquer intervenção e sucessivo crescimento, torna-se imprescindível a sua proximidade face ao assentamento da mesma. Neste caso, a adjacência às redes viárias e às vias férreas, outrora construídas, garantiram assim uma opção de escolha mais credível e fundamentada;
- Por último, a **orientação**, embora se apresente como a menos relevante, a sua estratégica de implantação face ao vento dominante oriundo de Sudoeste, garante uma melhor ventilação e consequente condições de salubridade em todo o complexo.

| O TRAÇADO

*"(...) diria que o traçado, a rua, existem como elementos morfológicos nos vários níveis ou escalas da forma urbana. Desde a rua de peões à travessa, à avenida, ou à via rápida, encontra-se uma correspondência entre a hierarquia dos traçados e a hierarquia das escalas da forma urbana."*⁴³



FIGURA 57 | TOPOGRAFIA
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora



FIGURA 56 | TRAÇADO
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

A forma urbana constitui-se como o elemento basilar no entendimento e compreensão do traçado urbano. A sua concepção considera, inevitavelmente, o sítio, o *locus*, em particular, o seu relevo e topografia, uma vez que o traçado é estruturado a partir da forma do território. Tal como Poète nos diz, na *"teoria das permanências"*, torna-se como a consequência da metamorfose entre o *"(...) desígnio da vontade humana com o lugar e com as suas especificidades"*⁴⁴. Isto é, independentemente da escala de intervenção, ter-se-á que considerar a análise do território e a sua influência na concepção do seu traçado, uma vez que é a partir deste que nos é permitido a identificação dos elementos estruturantes que constituem a sua forma urbana.

⁴³ LAMAS, José. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa. ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª ed. 2000.p.100.

⁴⁴ *Cadernos Morfologia Urbana: Os Elementos Urbanos 1*, Lisboa. ed. Argumentum. 1ª ed. 2013.p.56

O processo em causa verifica também a capacidade de adaptação que o traçado exerce sobre as condições e características morfológicas do terreno, cuja relação entre o relevo e a matriz do traçado poderá produzir diversas formações, dada as descontinuidades por si germinadas.

Posto isto, prosseguiremos à análise morfológica e condicionantes da roça, supra referidos, justificando assim o traçado por estes estabelecido.

Em 1875, o traçado inicialmente estabelecida, em contexto rural, tinha como princípios, um traçado regular, de carácter geométrico, cuja centralidade tinha por base a casa do administrador e os terreiros a si adjacentes. A partir desta, conciliadas com a topografia e paisagem natural da roça, as infraestruturas por si geradas garantiam assim uma coerente relação entre o traçado e a forma urbana.

Conceptualmente, o traçado no seu sentido lato abarca a estrutura agrícola onde consiste em marcar o centro (assentamento como elemento estruturante, o terreiro), diversas infraestruturas, de forma ortogonal, pelas quais direccionava aos equipamentos públicos e habitacionais. Este traçado é transportado para a forma orgânica ao intersectar a *paisagem natural* da roça, desfragmentando-se de acordo com a topografia do terreno.

O traçado das *villas* renascentistas italianas, embora constituem uma função meramente lúdica e pessoal, revelam-se, por sua vez, como exemplos notáveis desta inserção, pois apresentam-se pela sua organização e racionalidade extrema, de modo a projectar o poder do Homem perante a natureza. Estes consistam numa simetria de arruamentos lógicos cujos alinhamentos arbóreos e complexos percursos de água serviam como elementos estruturantes do traçado.

Caso a gramática da topografia do terreno se apresentasse de forma menos acentuado em toda a sua área produtiva, o traçado poderia permanecer numa lógica de vias transversais e ortogonais articuladas entre si, tal como acontece na cidade de S. Tomé, onde a sua matriz é apresentada de forma regular e estruturada segundo a sua planície onde esta se insere.

O conceito de *limite* e sua delimitação no território, deve ser explicitado pois encontra-se relacionado com o assentamento do mesmo. Para Lynch a ideia de limites estanques e impenetráveis são impensáveis, pois para este autor, *"todas as partes da cidade são contínuas, física e visualmente, devendo estabelecer «costuras» na criação de pontes entre domínios distintos."*⁴⁵

O presente caso de estudo, embora se trate de uma roça, a percepção e delimitação do seu território, torna-se inerente ao reconhecimento do mesmo por parte do observador, pois ser-lhe-á permitido orientar e estabelecer o seu percurso de forma contínua e coerente. Isto é, mesmo apresentado, de forma clara e nítida, o *limite* da roça, é necessário que o habitante constitua *"poderosas impressões visuais ... salvaguardando-se o avistar nítido do seu limite comum."*⁴⁶

Posto isto, optou-se por tomar como *limites* da roça, os caminhos e estradas viárias que, de forma contínua e linear, delimitam o seu território. Por outro lado, a composição arbórea a si envolvente, não sendo um limite físico contínuo, uma vez que é intersectado pela própria roça, compreende-se apenas como um *limite* visual.

*"Quando a natureza de duas regiões fronteiras não é contrastante, torna-se particularmente útil diferenciar ambas os lados de um limite orientando o observador no sentido «exterior - interior» ... O limite também pode ser delineado de modo a facilitar a orientação ao longo do seu percurso, apresentando... alguns pontos identificáveis em determinados intervalos, ou individualizando um dos extremos em relação ao outro ... Quando o limite não é contínuo ou circular, é importante que os seus extremos tenham fins definidos, pontos de apoio reconhecíveis que completem e localizem a linha divisória."*⁴⁷

Relativamente ao *limite* entre o urbano e rural, este apresenta-se como estrutura urbana, pois constitui todos os elementos e estrutura de uma pequena *urbe*.

⁴⁵ ALMEIDA, Rita .*Habitar o Limite: a Cidade e a Floresta*, Lisboa, 2013 p .13

⁴⁶ LYNCH, Kevin. *The Image Of the City*, p.112

⁴⁷ Idem

| O EDIFICADO SINGULAR_COMUM

Para a compreensão e entendimento das tipologias do edificado, ter-se-á que definir primeiramente "... o mínimo elemento morfológico identificável na cidade"⁴⁸, mas para isso, ter-se-á que "... estabelecer uma hierarquia de valores e fazer uma selecção entre as colecções de objectos qu e povoam o espaço urbano".⁴⁹ Para tal, é necessário excluir da nossa análise todos os *elementos móveis*⁵⁰, pois é apenas através do edificado que se constitui o espaço urbano e espaços a si inerentes.

Neste sentido, é essencial o reconhecimento dos *traçados essenciais* do objecto, de modo a que nos seja permitido, estabelecer a comparação entre os edifícios singulares e os edifícios comuns. Os estudos de Rossi e Aymonino que dizem respeito às relações entre a «*morfologia urbana e tipologia edificada*» ganham relevância nesta análise, visto que, "o espaço urbano depende dos dois tipos edificados e o modo como estes se agrupam ... o «tipo» é um esquema que respeita as necessidades funcionais e permite elaborar um projecto, distinguindo-se do «modelo» que será a representação de uma outra realidade."⁵¹

Neste caso de estudo, a identificação destes torna-se um caso particular pois, na roça, todos os seus edifícios constituintes apresentam características e funcionalidades excepcionais. A *singularidade, distribuição e presença* de cada edifício, é por si só, distinguível dos outros. A "*individualidade e expressão no seu posicionamento urbano*" é tal forma reveladora que, os próprios edifícios habitacionais apresentam a sua própria posição, querendo com isto dizer que estes, pelas suas características estruturantes "*torna-se peça do sistema urbano e autonomiza-se até ser ele próprio gerador da forma urbana*" (Lamas,2000:184).

A casa da administração, juntamente com o antigo hospital, as sanzalas, a pequena capela, os armazéns e até com as próprias habitações dos serviços revelam um "*carácter*" predominante em toda a sua conjugação arquitectónica.

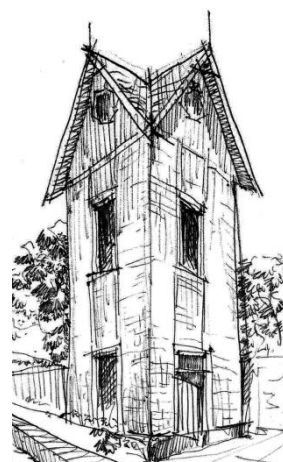


FIGURA 58 | EDIFÍCIO SINGULAR _ SANZALA
IMAGEM: Esqueto da autora



FIGURA 60 | EDIFÍCIO SINGULAR _ A CASA DA ADMINISTRAÇÃO
IMAGEM: Esqueto da autora

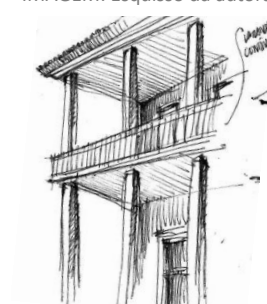


FIGURA 59 | EDIFÍCIO SINGULAR _ A CASA DOS SERVIÇOS
IMAGEM: Esqueto da autora

⁴⁸ LAMAS, José. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa. ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª ed. 2000.p.84.

⁴⁹ *idem*

⁵⁰ LAMAS, José. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa. ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª ed. 2000.p.84. - "colecções de objectos que afectam «diferentemente a forma da cidade».- Por estes compreende-se os «objectos parasitários» (anúncios, montras, etc...) e o mobiliário urbano (banco, bica, quiosque, árvore, entre outros...)"

⁵¹ *idem*.p.86

Por outro lado, por edifício comum, compreende-se aquele "*... que mais se repete, o que é mais comum, isto é, aquilo que é mais difícil distinguir quando fazemos parte integrante do que observamos*" (Monteys, 2013:189). Apresentam-se pela sua relação integrante com o tecido urbano da cidade que, analisados em conjunto, são como o resultado da própria cidade.

Desta forma, poder-se-á afirmar que, a tipologia do edifício comum surge a partir de 1975, após a independência das ilhas. Tanto na cidade como no interior destas, as apropriações, desde então visualizadas, face ao crescimento demográfico do país e consequente situação económica, apresentam uma certa autonomia e características tipológicas próprias.

Destas características destacam-se: o compartimento adjacente às habitações com uma função comercial; a elevação das mesmas, devido ao seu clima tropical húmido; a varanda como espaço de transição e convívio; E por último, a utilização da cobertura de duas águas. O tamanho regular dos compartimentos e similaridade entre tipologias justificam-se pelas questões técnicas utilizadas referentes ao sistema estrutural utilizado - estrutura em madeira - e consequentes necessidades dos seus habitantes...

2.2.2 | INFRA-ESTRUTURAS

Por infraestruturas entende-se o conjunto de sistemas técnicos necessários ao desenvolvimento das funções urbanas.

Tratando-se de um país em desenvolvimento, as questões relativas às infra estruturas ainda não se encontram bem estabilizadas e definidas, tanto na cidade como no seu interior. Embora alvo de grandes preocupações, as soluções adequadas à renovação e reestruturação das infraestruturas das ilhas São Tomé e Príncipe depender de elevados valores, levando estes a recuar no seu avanço.

Por este motivo, a precariedade das infraestruturas de São Tomé e Príncipe são ainda, em grande parte, um resultado de uma herança colonial, onde a baixa capacidade financeira não contribuí para o seu melhoramento. Grande parte dos equipamentos e infraestruturas, até agora adquiridas, foram o seguimento de sucessivas parcerias financeiras com outros países, como é o exemplo do Instituto Português Marques de Valle Flôr.

Actualmente, as infraestruturas de maior fragilidade, embora todas necessitem de grandes requalificações, são as energéticas, as tecnológicas e as de saneamento básico. Segundo a Associação Industrial Portuguesa⁵² as principais causas para o deficiente saneamento básico são:

- Fraca sensibilização das comunidades e insuficiente campanhas de informação;
- Ausência e insuficiência de infraestruturas de saneamento;
- Fracos recursos financeiros;
- Pouca disponibilidade de água;
- Estruturas de casas que dificultam a instalação das infraestruturas necessárias.

Relativamente à Roça Boa Entrada, fazendo esta, parte integrante do território, e contendo uma profunda herança das estruturas e mecanismos outrora desenvolvidos nos períodos coloniais, constitui por si só, para um complexo sistema infraestrutural de exploração autónoma, uma vez que, funcionava de forma emancipada. Trata-se de um complexo que, embora apresente um considerável nível de infraestruturas, ainda se encontra susceptível a grandes transformações. A necessidade de desenvolvimento do sector financeiro do país, torna-se assim um ponto relevante a ponderar no melhoramento das estruturas herdadas e nos serviços mínimos da população.



FIGURA 61 | INFRAESTRUTURAS,
ROÇA BOA ENTRADA
IMAGEM: Fotografias de Mariana Santos

⁵² AIP Projecto - Estudo realizado no âmbito do projecto nº 30030, apoiado pelo QREN, através do SIAC do Programa Operacional Fatores de Competitividade : “*SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE: Integração regional na CEEAC e relacionamento com os países da CPLP*” . Disponível em: <https://www.cgd.pt/Empresas/Negocio-Internacional/Apoios-Caixa-Empresas-no-Mundo/Estudos/Documents/Conferencia-AIP-Mercados-Lusofonia-MAI2014/8-SAO-TOME-GABAO-CEEAC-CPLP.pdf> - Consultado em Agosto de 2014



FIGURA 62 | PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO - ROÇA BOA ENTRADA
IMAGEM: Montagem elaborada pela autora. Imagem: Mariana Santos

III | O PROJECTO

*"(...) redesenhar uma roça é uma grande provocação, restaurar sim, sem descaracterizar, mas também incorporar outras coisas. Redesenhar para não estragar, redesenhar para preservar, mas redesenhar para casar tradição com a modernidade, com a contemporaneidade ... ver a relação e a hierarquia entre os vários edifícios ... tão a ver? E agora? As respostas?... é um projecto de salvaguarda de São Tomé e Príncipe ..."*⁵³

Silva, João Carlos. 2013

⁵³ Filme realizado pela Arquitecta Joana Bastos Malheiro, em contexto académico, onde João Carlos Silva, proprietário actual da Roça São João dos Angolares, nos descreve o que é intervir numa roça, quais as suas preocupações e premissas. Breve discurso de incentivo, ao projecto realizado para a Bienal de Artes STP de 2013/2014.

3.1| A CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA

A nova visão das roças insere-se nas presentes sinais da nova economia do país, e de alguns exemplos de sucesso, como é o caso da Roça S. João dos Angolares. A ideia motora de multifuncionalidade tem como objectivo o repensar da roça a partir do binómio agrícola-turismo numa vertente que alguns denominam Ecoturismo.

3.1.1| A IMPORTÂNCIA DO TURISMO EM STP

"(...) entendido como um principal meio de dinamizar a economia, de modernizar as infraestruturas, de criar novos postos de trabalho e de requalificar a mão-de-obra... pode contribuir para uma múltipla valorização, de âmbito sociocultural, económico e ambiental" e "promover a divulgação da cultura popular, das práticas tradicionais"⁵⁴

São Tomé e Príncipe tem conquistado, progressivamente, uma maior visibilidade pelo seu valor patrimonial tanto pelas suas mais valias naturais, como também pelas valias culturais.

Sendo este um país considerado em 2014, pelo fundo monetário Internacional's World Economic Outlook Report, um país emergente de economia em desenvolvimento, importa retratar as suas competências face às possibilidades de crescimento e expansão.

O Turismo apresenta-se, actualmente, como o principal instrumento passível de desenvolvimento e crescimento das ilhas, uma vez que este sector é considerado, pelos seus habitantes, uma das soluções para o país. Dada as suas particularidades, enquanto país, os pressupostos a prevalecer devem de conter como fundamento basilar, o desenvolvimento sustentável, visto a sua instabilidade e escassez de recursos financeiros.

⁵⁴ BRITO, Brígida Rocha. *Turismo em espaço Rural, a experiência de São Tomé e Príncipe*. Mneme - Revista de Humanidades. v.7.n.19, dez. 2005/jan.2006. p.22. Bimestral. ISSN: 1518-3394. Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme>.

Ora, se o turismo em São Tomé e Príncipe é apresentado como motor de desenvolvimento económico, social e político do país, e analisando numa sequência lógica os seus resultados, este iria proporcionar um melhoramento progressivo das suas fragilidades, garantindo assim, desta forma, a melhoria significativa das suas condições de vida.

Destas vulnerabilidades a solucionar, destacamos: a necessidade de reestruturação das infraestruturas por toda a cidade e sucessivas articulações ao interior da ilha, de modo a prevenir descontinuidades no território e consequentes doenças endémicas que se fazem notar com muita frequência no mesmo; a carência de emprego, dada a falta de postos de trabalho especializado assim como ensino qualificado; e a insuficiência de equipamentos de apoio à comunidade e seus visitantes.

Por outro lado, e predominando sobre estas, importa referir o que leva estas ilhas a classificarem-se como grandes alavancas face o turismo. Estas caracterizam-se, não só pelo vasto reportório de acontecimentos e memórias históricas, como apresentam uma enorme potencialidade natural, através da sua Paisagem e seus constituintes, a fauna e a flora. A estas, acrescentam-se, de igual forma, do ponto vista arquitectónico e urbanístico, as capacidades inovadoras e particulares utilizadas tanto na organização e estruturação espacial do território como nas tipologias de edificação e respectivos sistemas construtivos adaptados à cultura, paisagem e processos de assentamento.

3.1.2 | O TURISMO RURAL / ECO-TURISMO

Após uma compreensão e entendimento particular de um alargado conjunto de capacidades e potencialidades de São Tomé face ao turismo, torna-se inevitável analisar a modalidade do turismo rural⁵⁵ que mais se adapta ao país. Dado que nos últimos tempos, o ecoturismo tem-se desenvolvido progressivamente em São Tomé e Príncipe cujas riquezas tanto naturais como culturais apresentam-se como principais focos de interesse aos seus visitantes, uma vez que um dos princípios deste tipo de turismo⁵⁶ é valorizar o seu património e identidade, de modo a prevalecer a conservação ambiental.

O desafio assumido, por alguns habitantes locais, ao apostar no Ecoturismo, tem sido uma das melhores estratégias, até aos dias de hoje, para a divulgação e crescimento do país, pois torna-se um progresso facilitado pela abundância de recursos naturais e culturais que as ilhas fornecem.

O ecoturismo, neste caso, é aplicado adequadamente às roças santomenses que, ainda hoje, embora em permanente estado de degradação, persistem numa preocupação enorme na sua conservação e permanência. Trata-se de estratégias sustentáveis em que a preocupação fulcral consiste em garantir o menor impacto ambiental possível e desenvolver, com base nos seus recursos naturais, uma ligação próxima entre os visitantes e a sua paisagem. Segundo a EMBRATUR, apresenta-se como um *"segmento de actividade turística que utiliza, de forma sustentável, o património natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas"*.

A diversidade paisagística, a densidade arbórea, a relação entre as espécies de fauna e flora, a variedade de praias desertas, o traçado irregular da paisagem pontuada pelo surgimento de cursos de água, a qualidade do ecossistema marinho das águas territoriais santomenses e o assentamento de



FIGURA 63 | A PAISAGEM
FONTE: Vânia Farinha

⁵⁵ Definição de Zonas Rurais apresentada pela DGT (Direcção Geral do Turismo), que se encontra no Decreto-Lei 54/2002: "as áreas com ligação tradicional e significativa à agricultura ou ambiente e paisagem de carácter vincadamente rural" (art. 3.º, Decreto-Lei n.º 55/2002, de 2 de Abril)."

⁵⁶ Definição de Turismo Rural apresentada pela DGT (Direcção Geral do Turismo), que se encontra no Decreto-Lei 54/2002: "Consiste no conjunto de actividades, serviços de alojamento e animação a turistas, em empreendimentos de natureza familiar, realizados e prestados mediante remuneração, em zonas rurais." (art. 1.º, Decreto-Lei n.º 55/2002, de 2 de Abril). (14/2014)

todo um património cultural recôndito na paisagem, apresentam-se como fortes potencialidades turísticas do país. O entendimento e a preservação destas são bem definidos e valorizados pelas comunidades locais que, ao estabelecerem contacto com os seus visitantes, revelam uma curiosidade e respeito pela sua identidade.

A roça São João dos Angolares, na ilha de S. Tomé, a Roça Paciência e a Roça do Chamiço, na ilha do Príncipe, apresentam-se como exemplos notáveis de actividades ecoturísticas em território rural.

O primeiro exemplo, destaca-se pelo seu mérito, sendo este considerado como um dos principais pontos turísticos em meio rural, pois segue um passado histórico, reflexo da sua própria identidade e memória onde a natureza ganha relevância pelas suas particularidades climáticas. Trata-se de um projecto de reabilitação arquitectónica, reorganização produtiva e de criação artística sustentável pelo seu planeamento a longo prazo. A sua estrutura organizacional revela uma singularidade arquitectónica e urbanística, dada pela sua composição e relação simbiótica estabelecida entre o homem e a natureza. Apesar dos novos pressupostos dependerem do "novo ciclo do turismo"⁵⁷ incrementado talvez, pelo "novo ciclo do petróleo", este não deixa de ter bem presente a herança deixada pelos ciclos outrora vividos.

⁵⁷ **PAPE, Duarte; ANDRADE, Rodrigo.** Texto publicado na Revista *Monumentos*. nº32, 2011 (Consultado em 16/07/2014)

3.1.3 | PRESSUPOSTOS DE INTERVENÇÃO

O desafio do projecto final de mestrado, que suporta esta dissertação, reside em parte, na leitura e compreensão do desenho notável das Roças de São Tomé e Príncipe e sua articulação com a Paisagem. Nesse sentido, seleccionou-se a Roça Boa Entrada como base para o desenvolvimento desse mesmo projecto, não só pela sua estrutura organizacional, espacial e formal, como também, pela sua composição às diferentes escalas.

Trata-se de um Projecto Urbano| Rural cuja proposta teve como suporte os princípios e premissas da História Urbana e Social do período das ex-colónias portuguesas, à qual irá servir como papel primordial na sua intervenção. Após a análise e compreensão do território outrora descrita, estabeleceu-se como principais pressupostos de intervenção:

- a requalificação de um sistema urbano sustentável que, teve como suporte as suas práticas sociais, tanto em contexto agrícola como turístico;
- uma nova lógica de espaços públicos e de equipamentos sociais de apoio às necessidades da população que, de forma faseada, permite garantir uma estratégia contínua e prolongada. Este plano apresenta, como principais fundamentos, os conceitos de turismo rural, ecoturismo e sustentabilidade, no sentido em que, primordialmente ter-se-á que garantir o retorno do sistema produtivo, associado às actividades agrícolas tradicionais (cacau e café), através da reorganização de novas áreas de cultivo;
- a reabilitação e conservação tanto do edificado singular colonial pré-existente como o edificado comum tradicional, permitindo a preservação da identidade e memória do *lugar*;
- a Reutilização da estrutura agrícola preexistente com técnicas actuais, mantendo apenas conservada uma amostragem do processo artesanal para a divulgação turística;
- Processos formativos para a população local sobre os temas agrícola e turismo;
- Por fim, a instalação de um modelo turístico, de modo a proporcionar novas experiências agrícolas (Estação agronómica de Oeiras).

3.2| O PROJECTO URBANO

3.2.1 PRESSUPOSTOS PROGRAMÁTICOS

A Roça Boa Entrada, com aproximadamente 20 hectares, é portadora de uma composição urbano-rural que vai do traçado à escala do edifício. O projecto insere-se no pressuposto da reorganização urbana do território, tendo como principais fundamentos: o território, a paisagem enquanto preexistência formal e geomorfológica e todo um quadro instrumental supra referido. O projecto aborda por conseguinte diferentes escalas, terminando com a escolha particular da materialidade do edificado.

O Programa proposto, responde ao planeamento de novos usos e consequentemente uma nova ocupação para a roça, suportado pelos 'novos' paradigmas agrícolas e sociais do *lugar* ancorados na cultura patrimonial Santomense. Foram pressupostos basilares a retoma à produção de cacau e café que, embora os conceitos "*tradição*", "*história*" e "*monumento*" se encontrem sempre presentes, conferem um novo significado ao território existente, através do melhoramento de infraestruturas e de uma nova articulação de espaços públicos, cuja memória e significado cultural se mantêm enquanto estrutura de Roça, nomeadamente, a tipologia "Roça-Terreiro" (Andrade,2005).

Neste sentido, consideram-se como pressupostos estruturais:

- a retoma da produção do cacau e café com tecnologia contemporânea;
- o sentido patrimonial desta cultura;
- a existência de turismo adequado;
- a requalificação da habitação;
- as questões formativas para a população local;
- dar expressão a um dos desígnios da população: a Igreja.

3.2.2 ELEMENTOS PRIMÁRIOS _ ELEMENTOS ESTRUTURANTES

A nível conceptual, a complexidade das diferentes escalas e a apropriação do espaço, por parte dos habitantes, confere um carácter dinâmico e interactivo ao território da roça como um todo. Relativamente ao entendimento da forma e do desenho urbano da mesma, após a análise da história urbana do *lugar*, o processo projectual incide inicialmente sobre a eleição dos *elementos primários* que farão parte integrante do “*sistema portante*”.

Na apreensão do processo de assentamento e estruturação do território, encontramos, de certa forma, a sua formação e evolução urbana enquanto núcleos urbanos. Porém, é a partir deste processo que nos é revelado o papel actuante destes elementos geradores de toda a sua evolução, dado o seu papel basilar na organização da mesma.

Dada a sua importância, estes permanecem ao longo do tempo, sendo assim assumidos como principais factos urbanos a considerar na leitura da cidade. No entendimento destes, é notório a sua relação com o contexto em que se insere, pois mesmo que estes não apresentem a função inicialmente estabelecida, a sua função enquanto elemento estruturante, ainda persiste.

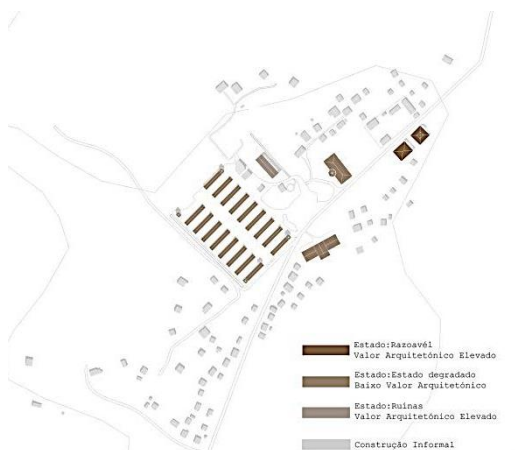
Este reconhecimento é plausível através da sua inserção no território e das suas particularidades formais e singulares enquanto estrutura, tratando-se assim, de “*todo o conjunto de elementos constituintes do ambiente representa a identidade e expressão física do território*”⁵⁸, cuja permanência enquanto gerador do traçado não se justifica pelo período de tempo, mas sim pela sua individualidade.

Desta forma, após a análise da área de intervenção, destacamos como elementos primários: as linhas de caminho-de-ferro pela sua importância cultural; a estrutura arbórea pela sua identidade; a casa da administração pela sua imponente localização central; o antigo Hospital; as ruínas da antiga abegoaria que mais tarde ocupou o lugar de capela da roça; as casas dos serviços da casa da administração pela sua composição formal e características coloniais; as casas orientadas a noroeste que, embora tenham uma função habitacional apresentam

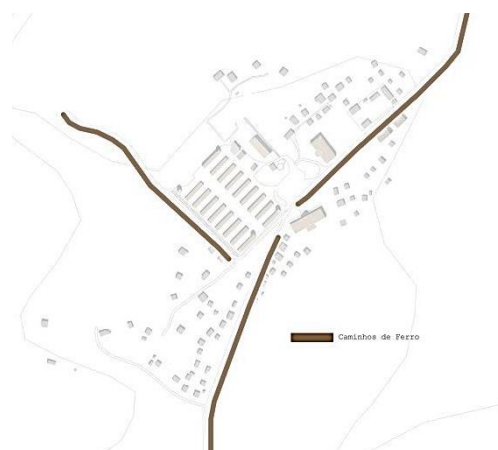
⁵⁸ **MORAIS, João Sousa.** “*O Território do Projecto, Registos Conceptuais em Arquitectura*”, Lisboa: CEFA e CIAUD-UTL, 2008. ISBN: 978-972-9346-05-7.

um papel importante na estrutura da mesma e as sanzalas pela sua particularidade formal e tectónica.

Estes elementos, embora tenham sofrido alterações funcionais na sua ocupação, os seus valores patrimoniais e culturais são necessários preservar e conservar, uma vez que estes, ao permitir uma continuidade urbana, fazem parte integrante do projecto.



ESTADO DE DEGRADAÇÃO DO EDIFICADO



CAMINHOS DE FERRO



ESTRUTURA ARBÓREA

FIGURA 64 | ELEMENTOS PRIMÁRIOS_ROÇA BOA ENTRADA
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

3.2.3 O DESENHO URBANO; A ESTRUTURA PORTANTE

Da estrutura preexistente registada e a indispensável compreensão da morfologia urbana das roças, torna-se relevante proceder à explicação do "*modelo*" de roça proposto.

"*La Tendenza*"⁵⁹ tinha como base o estudo das tipologias da cidade tradicional bem como a relação entre a tipologia arquitectónica e a forma urbana. A concepção do projecto como expressão da cidade e a correlação entre a tradição e a inovação, fora, sem dúvida, uma notável referência ao projecto urbano proposto.

O reconhecimento da cidade existente através da memória, tem como conceitos basilares a preservar, a "*tradição*", a "*memória*" e o "*monumento*" que, banidos da linguagem moderna, ainda apresentam um papel essencial em qualquer intervenção arquitectónica. Neste sentido, houve uma preocupação no entendimento e identificação dos "*elementos fixos*" das formas permanentes da cidade a intervir, de forma a proporcionar um rigoroso desenho contínuo destes elementos. Desta forma, ir-se-á garantir a correlação supra referida com o *Locus* a que devem pertencer, cujas *permanências* preservadas pelo projecto urbano apresentado, tornam-se bastante relevantes perante toda a memória presente nos seus habitantes.

A obra de Adriana Carnemolla⁶⁰ retoma o discurso da *Tendenza*, em que reconhece a "*beleza natural*" como um fenómeno estético, recorrendo em permanência à analogia entre o jardim e o edificado. Esta relação acaba por ter expressão no próprio jardim português que é entendido como um jardim de produção. É exemplo deste, a Quinta da Bacalhoa⁶¹, localizada em Azeitão, a qual é composta por três elementos cruciais a esta análise: a casa, o jardim e a

⁵⁹ *Tendenza: "O movimento arquitectónico neo-rationalista que surgiu em Itália nos anos sessenta. Constituiu uma das correntes que procuraram rever as premissas do movimento moderno, cruzando-as com referências culturais de sentido regional numa tentativa de fugir ao universalismo nivelador determinado pelo sistema económico social, pela força do desenvolvimento tecnológico, funcionalista e pelo consumismo superficial e básico"* : In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2014.

Consultado a 2014-07-29 - Disponível em <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/tendenza>.

⁶⁰ **CARNEMOLLA, Adriana**, "Il giardino analogo : considerazioni sull'architettura dei giardini", Editora: Officina Ed., 1989, Roma.

⁶¹ **CARITA, Helder**, "*Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal*", Editor: Quetzal, Lisboa, 1998,p.63

produção de vinho envolvente que, de acordo com os conceitos espaciais da época, cada jardim era murado em toda a sua volta, estabelecendo níveis de privacidade e ritualidade a cada espaço.

Ora, sendo esta uma descrição de algo antes observado, poderemos afirmar que numa intervenção, as analogias, consideradas por Jung, revelam-se como essenciais em qualquer intervenção do território. As analogias presentes na proposta urbana têm por base as tipologias de roças outrora analisadas, juntamente com todos as suas componentes sociais e formais, entre a qual se destaca a relação estabelecida entre os espaços públicos e a sua paisagem.

A estrutura urbana tem por base a ligação com a estrutura existe, tendo como referência notável, o sistema de organização das *Villas* das cidades Renascentistas, como é o exemplo da *Villa Lante*, atribuída a Vignola, cuja imagem das praças públicas são determinadas conforme o tipo de edificado envolvente e sua relação com os mesmos.

O traçado urbano proposto para a reorganização desta estrutura é nos configurado e gerado pelos seus elementos constituintes, suas axialidades e simetrias pré-existentes, bem como, a sua topografia e paisagem a si inerentes. O traçado regulador e estruturante dos *Jardins*, tanto Renascentistas como Barrocos, serviram também de referenciais para todo este processo, uma vez que a regeneração do espaço abrange, igualmente, as mesmas escalas em contextos de intervenção idênticos.

A interligação desenvolvida entre os novos espaços públicos e os terrenos agrícolas propostos e existentes, encontram-se em concordância com o traçado viário existente.

A estrutura Radial implementada na proposta urbana da Roça Boa Entrada permitirá um melhoramento da estrutura viária e das acessibilidades à mesma, facilitando assim as actividades agrícolas e comerciais que, este *complexo agrícola* passa a necessitar. Este esquema confere à mesma, novas centralidades e pontos atractivos ao espaço, não interferindo na identidade particular desta Roça, o Terreiro.

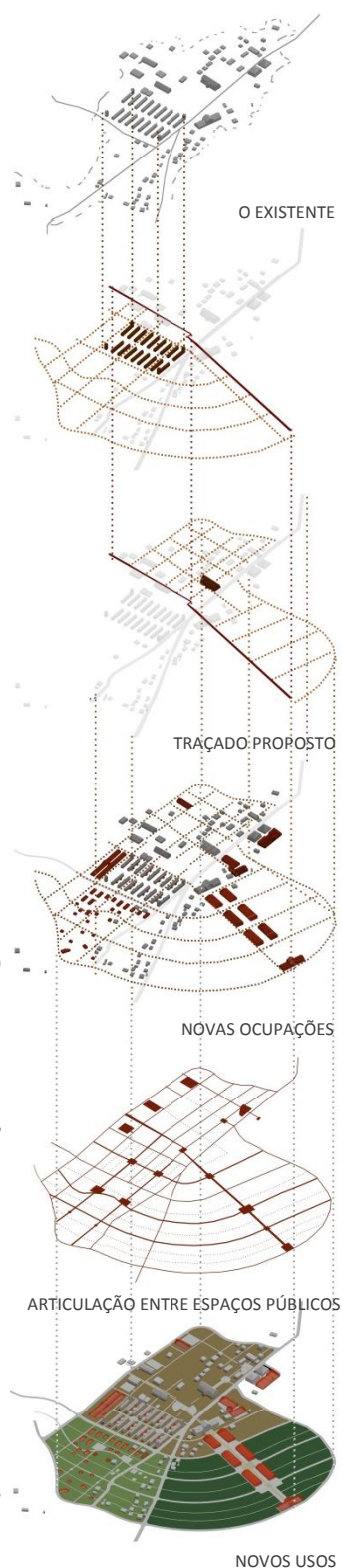


FIGURA 65 | PRESSUPOSTOS PROGRAMÁTICOS
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

O traçado fora concebido sobretudo em função do seu valor funcional e simbólico, pelo que lhes são atribuídos diversas escalas de legibilidade, isto é, segundo Lynch, o conceito de *Legibilidade* é entendido como a "*facilidade com que cada uma das partes pode ser reconhecida e organizada em um padrão coerente*" (Lynch,1960:2), é algo que, segundo o mesmo, se encontra relacionado com as componentes: "*estrutura*", "*identidade*" e "*significado*".

O Desenho dos caminhos agrícolas com o plano marginal das palmeiras, acaba por ser análogo à colunata estabelecida pelas cidades coloniais romanas, em que a expressão e o sentido de celebração, já registadas por Vitruvius, serviam de homenagem às vitórias de Augusto.

Os pressupostos agroturísticos a garantir, são dados pela criação de contínuos corredores verdes, os quais estabelecem uma ligação entre a principal centralidade da roça aos espaços agrícolas a si adjacentes.

Estes contínuos percursos são considerados por Lynch como elementos da composição da imagem da cidade em que a ligação entre estes, deve de seguir uma hierarquia e uma rede continuada através da repetição de elementos, cujos extremos, de carácter significativo, poderão estabelecer uma simples e clara orientação aos seus habitantes.

A partir do traçado existente, gera-se um eixo principal estruturante de todo o desenho urbano que, ao intersectar com o terreiro central da Roça secciona o território em diversas secções, culminando assim, nos seus extremos, alguns elementos singulares do seu contexto. Cada secção representa um marco histórico e cultural, tal como nos remonta as praças públicas desenvolvidas no cruzamento do *Cardus Maximus* e o *Decúmano Máximo* Romano. Os quatro eixos principais definidos na proposta urbana representam os marcos referentes à Cultura e Educação, à Habitação, à Saúde e por fim ao Culto e Religião.

Os percursos desenvolvidos, segundo a morfologia urbana do território, consistem numa organização estratégica e concisa, de modo a que os pontos de confluência, por estes gerados, permitam estabelecer determinadas funções de acordo com cada percurso.

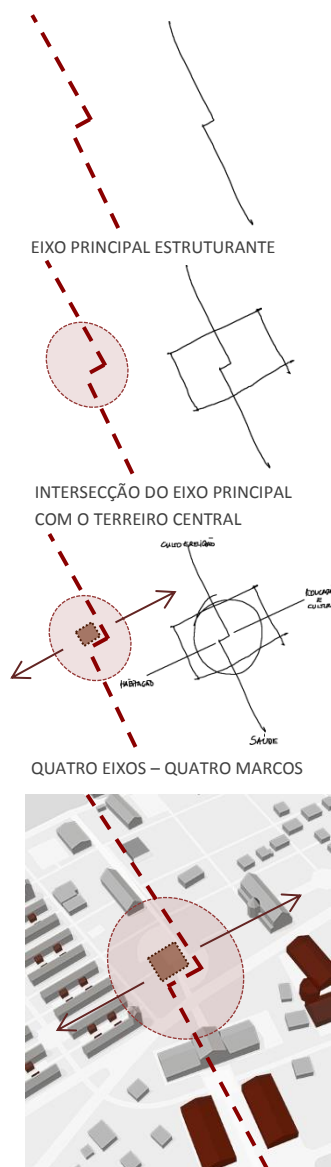


FIGURA 66 | PROPOSTA TERREIRO
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

Relativamente aos limites da roça, o projecto tende a delimitar estes como elementos de ligação e não tanto como barreiras visuais ou físicas, como acontece em algumas roças. Esta continuidade consiste no prolongamento da estrutura arbórea mais densa da paisagem para o interior da roça em si, articulando assim as mesmas.

Poder-se-á realizar as analogias no território a partir da clarificação das zonas homogéneas de determinadas características, dando como exemplo, a zona habitacional a qual é reconhecida pelas ruas ocupadas pelas apropriações feitas pelos habitantes locais e pela sua total construção em tijolos à vista. Desta forma, o reconhecimento da cidade, através de todos estes elementos, oferece orientação, *identidade* e significado ao observador lá presente.

A roça passa assim a ter um estatuto de facto urbano, o mesmo facto cultural como refere Carnemolla, assegurado por uma composição do traçado que levou Benévolo a relacionar Versalhes com Brasília pela respectiva composição que ambos os casos recorre à simetria.⁶²

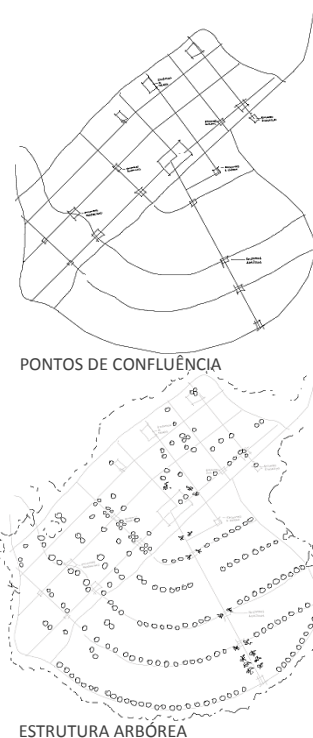


FIGURA 68 | HIERARQUIZAÇÃO DE VIAS – PONTOS DE CONFLUÊNCIA
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora



FIGURA 67 | CONTINUIDADE – ESTRUTURA ARBÓREA
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

⁶² BENEVOLO, L., "La cattura dell'infinito", Editora: Laterza, 1991

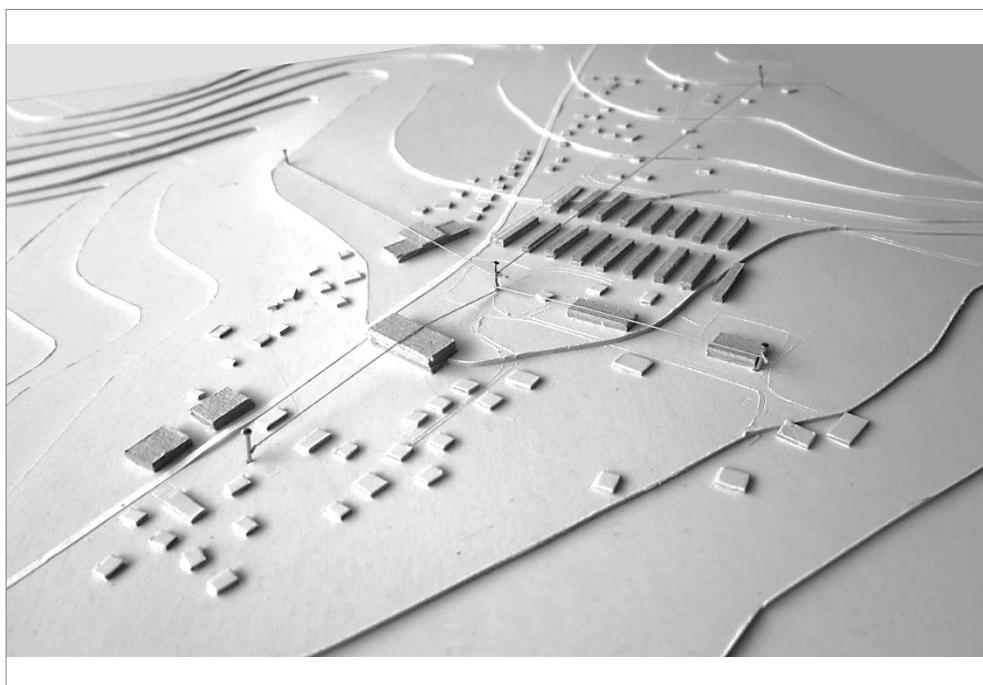
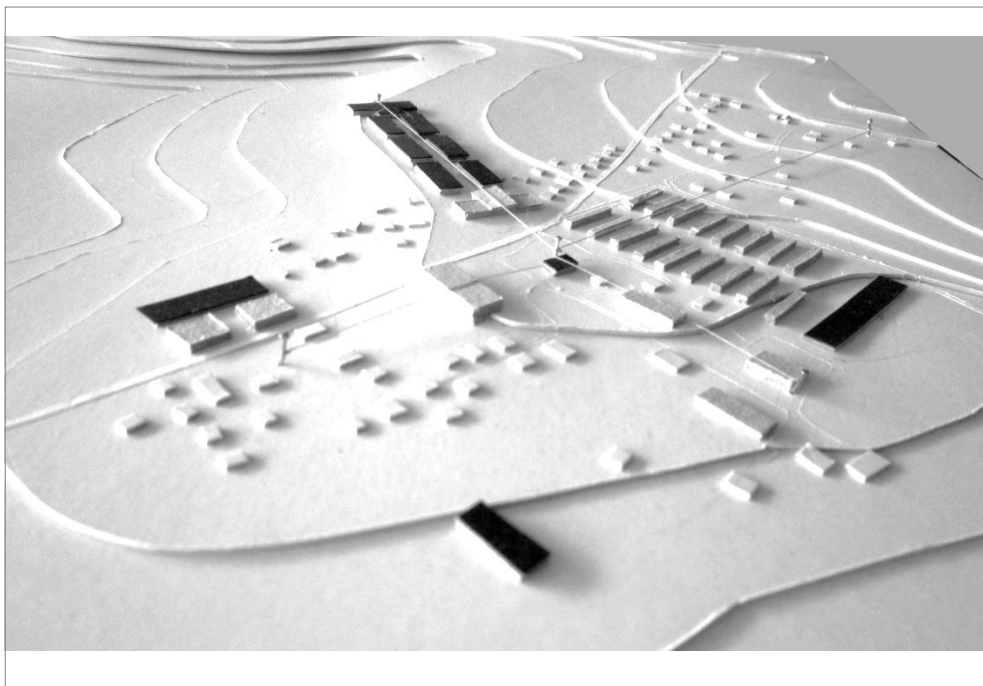


FIGURA 69 | MAQUETE DE ESTUDO URBANO – EIXOS CULTURAIS – 1 / 2000 – PROPOSTA DO EDIFICADO
FONTE: Fotografia da autora

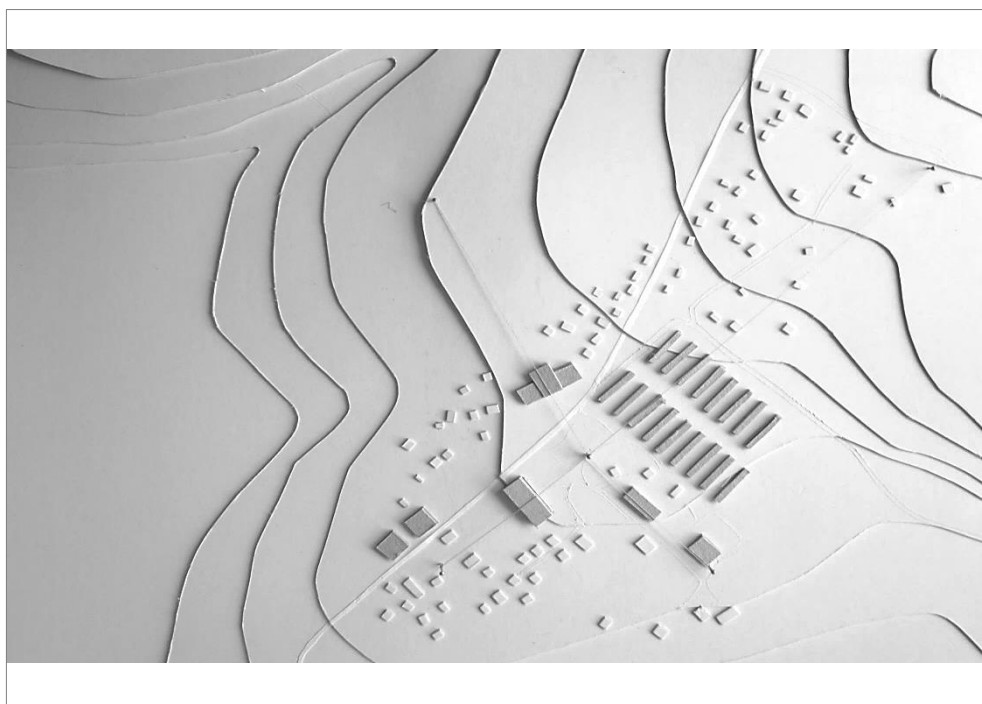
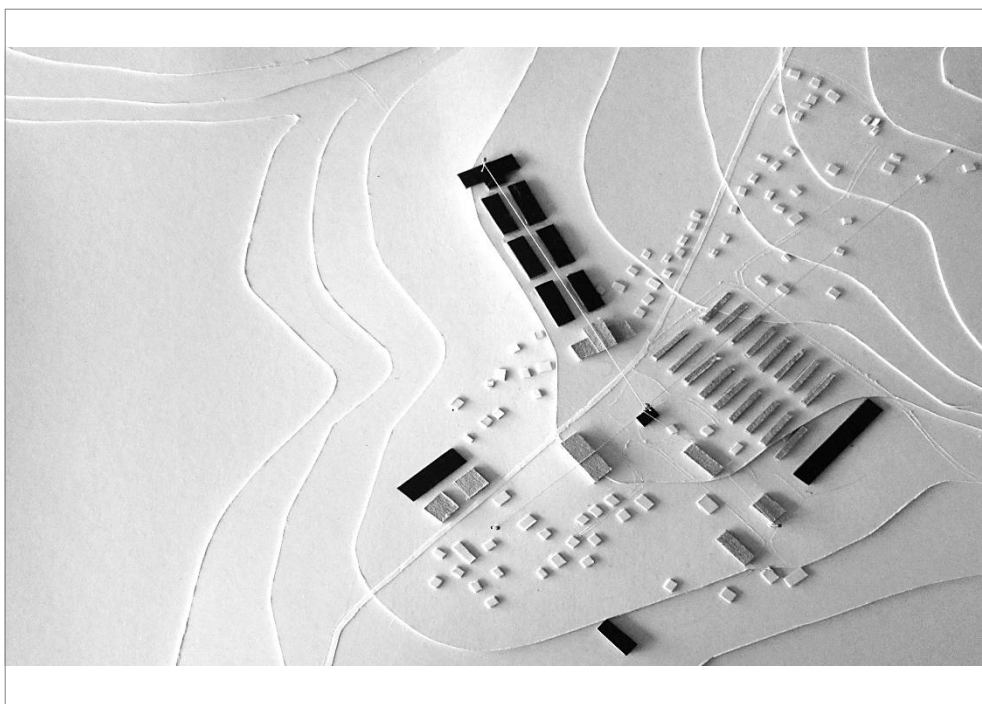


FIGURA 70 | MAQUETE DE ESTUDO URBANO – ELEMENTOS ESTRUTURANTES AO PROJECTO – 1/2000 –
PROPOSTA DO EDIFICADO

FONTE: Fotografia da autora



FIGURA 71 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO – FABRICA DE CACAU E CAFÉ
IMAGEM: Esquissos elaborados pela autora

3.3 | A PROPOSTA EDIFICADA

3.3.1 (RE)DESENHO DO EDIFICADO

À escala do edifício, foram redesenhadas e requalificadas diversas estruturas, as quais apresentam um papel fundamental na reconstituição do sistema urbano sustentável proposto. A competência de intervir num edifício cuja história e *memória* representam um elevado valor simbólico e cultural, torna-se de facto, bastante complexo garantir a preservação da sua *identidade*.

Após forma sucinta, ir-se-á apresentar as premissas projectuais de diversos edifícios, através de breves apontamentos gráficos e esquemáticos da ideia pretendida. Destas, desenvolver-se-á com uma maior definição duas estruturas que pretendem funcionar como elementos aglutinadores de toda a proposta que são, as antigas sanzalas e a Igreja. Este último, sendo desenvolvido como projecto final de mestrado, assume-se como novo *facto urbano*, gerador de novas dinâmicas e articulador dos diferentes espaços envolventes.

Deste modo, a reabilitação dos edifícios pré-existentes tem como objectivo humanizar o território, dinamizando assim alguns conflitos sociais bem como melhorar a salubridade e qualidade de vida dos seus habitantes.

I - Antigo hospital | Actual edifício habitacional | Fabrica de cacau café

Trata-se de um edifício, localizado a Sul da Roça, cuja função primordial era Hospitalar. A proposta de reabilitação para o mesmo consiste em assumir o seu valor arquitectónico preexistente alterando apenas alguns dos aspectos relativos aos pressupostos programáticos, uma vez que esta necessita de dar respostas aos níveis de produção de cacau e café pretendidos; aos aspectos relacionados com técnicas construtivas, entre as quais questões relacionadas com a ventilação, salubridade, materialidade; e ao nível de acessibilidade. Este, devido às suas dimensões, não será necessário acrescentar a sua área bruta de construção, caracterizando-se assim como uma intervenção pouco intrusiva. A ideia principal consiste em marcar todos os vãos existentes com uma segunda fachada ventilada constituída por ripados de madeira.

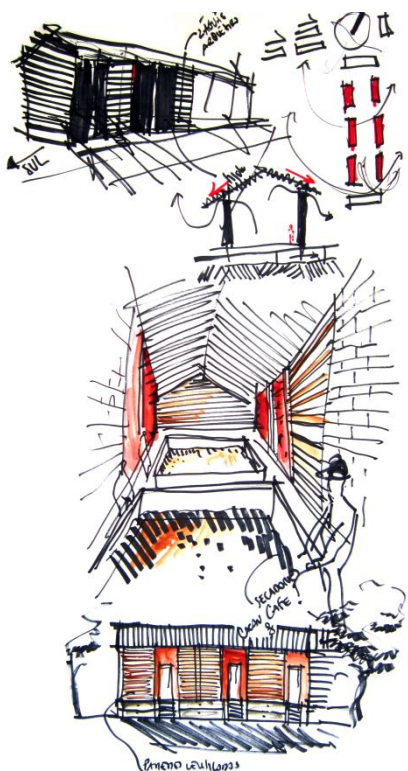


FIGURA 72 | PROPOSTA PARA OS SECADORES DA ROÇA
 IMAGEM: Esquissos elaborados pela autora

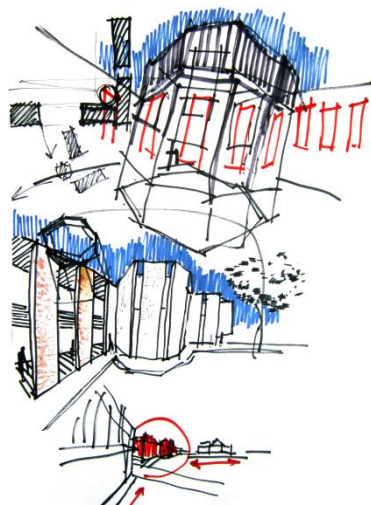


FIGURA 73 | PROPOSTA - POSTO DE SAUDE
 IMAGEM: Esquissos elaborados pela autora

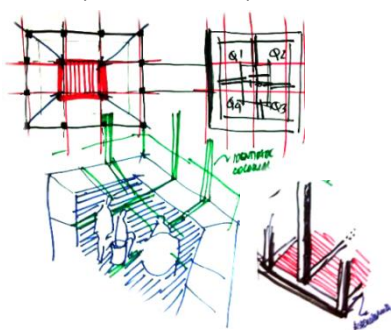


FIGURA 74 | DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL SEGUNDO UMA
 MATRIZ PRE-EXISTENTE – HABITAÇÃO ECOTURISMO
 IMAGEM: Esquissos elaborados pela autora

II – Forno e Secadores do Cacau e Café

Orientados a sudeste, encontram-se os secadores e o forno de cacau e café cuja organização funcional do seu interior nos remete à organização tradicional dos secadores de cacau em São Tomé e Príncipe. Relacionam-se com a sua envolvente, enquadrando-se de forma coerente no traçado e na linguagem formal da Roça. Sendo a ventilação um dos factores mais importantes a considerar nesta cultura, a utilização do ripado de madeira torna-se assim uma das estratégias principais das suas fachadas, uma vez que estas garantem, em simultâneo, o sombreamento e a circulação do ar no seu interior. Retomando a métrica e a dimensão dos tabuleiros é proposta uma lógica ritmada entre os principais materiais característicos da Roça, o tijolo à vista e a madeira.

III - Novo posto de Saúde

O novo edifício funciona como uma rótula entre os eixos oriundos da Casa da Administração e do antigo Hospital, o qual acentua a articulação urbana entre os edifícios adjacentes. Trata-se de uma construção cuja principal preocupação é garantir a circulação constante do ar e a articulação entre espaços públicos exteriores. O corpo central apresenta-se sob a forma de um octógono, figura apresentada na “Bow-window” da Casa da Administração, e corresponde à entrada e distribuição dos restantes espaços.

IV - Antigas casas serviçais | actuais blocos habitacionais | Casas Ecoturismo

A partir da apreensão e interpretação destas estruturas coloniais preexistentes, a proposta de intervenção consiste em (re)desenhar a linguagem formal do edifício, (re)ajustando a *identidade do lugar* às novas premissas projectuais. O ritmo apresentado pelos pilares já existentes, visíveis a partir do exterior, foram o ponto de partida para o desenvolvimento desta proposta. É através destes que a organização funcional interior se organiza, pois o cruzamento destes eixos, através da sua estereotomia dos materiais, tanto do pavimento como da cobertura, resulta num espaço central da habitação, o qual irá interligar-se com todas as restantes divisões.

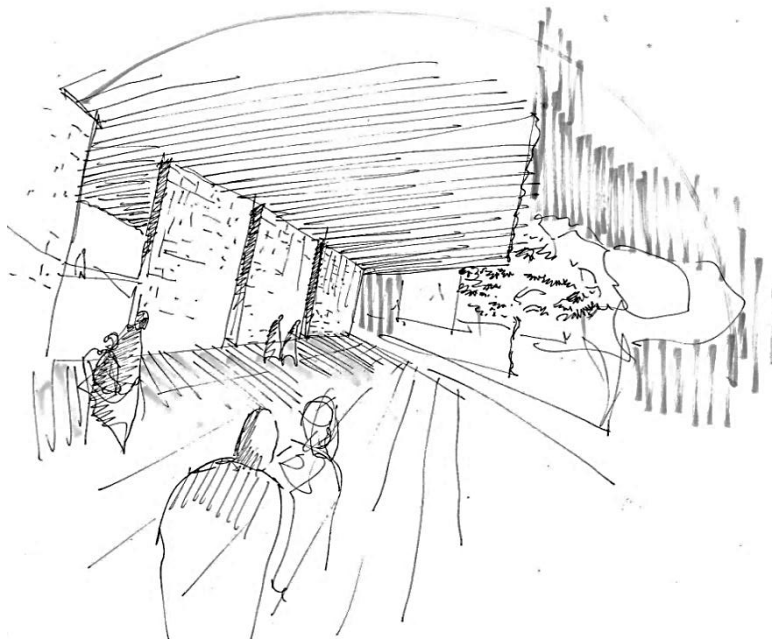


FIGURA 75 | ÁREA COMUM ADJACENTE A ÁREA DE ESTACIONAMENTO
 IMAGEM: Esquisso elaborado por Vânia Farinha



FIGURA 76 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO “ROÇA-MUSEU” – ANTIGA CASA DA ADMINISTRAÇÃO
 IMAGEM: Esquissos elaborados pela autora

V - Estruturas para o estacionamento e convívio

A lógica do estacionamento, neste contexto, constitui um elemento essencial tanto na organização urbana como na construção social, isto é, consiste em dar resposta as novas necessidades tanto viárias, comerciais, turísticas como habitacionais, e a integração de espaços comuns e de convívio a todas as áreas a si adjacentes. Dadas as condicionantes do local, nomeadamente a proximidade aos espaços públicos e às estruturas viárias principais houve, do ponto de vista funcional, a necessidade de albergar não só os lugares de estacionamento como espaços comuns cobertos. No interior, o espaço é dividido em ambas as áreas, organizada s segundo as suas principais preocupações. O piso superior contém os espaços mais privados permitindo o acesso à cobertura, uma vez que esta possibilita estabelecer um contacto visual com toda a paisagem da roça.

VI - Antiga Casa da Administração | actual edifício habitacional | Roça-Museu

A Proposta de intervenção na antiga Casa da Administração consiste em considerar todas as potencialidades arquitectónicas do edifício, reabilitando-o numa “Roça-Museu”. A localização, a construção tipológica e seu aspecto formal faz com que este seja considerado um dos principais objectos arquitectónicos de todo o conjunto edificado. O projecto assume assim o valor arquitectónico preexistente alterando apenas a função do edifício de forma a manter a *identidade* do mesmo. Relativamente ao conteúdo programático, o projecto compreende no piso térreo: o átrio, zona de exposição temporária, um pequeno espaço de projecção, um espaço de estudo e armazéns a si associados. No piso superior é proposto uma sala multifuncional, uma sala de exposição permanente, uma pequena sala de reuniões e um acesso à cobertura, onde a partir de um amplo espaço se organizam as funções administrativas. Este projecto de recuperação não deixa de salientar a importância da estrutura colonial, a “bow-window”, atribuindo-lhe um valor monumental através do seu destaque enquanto átrio principal do museu.

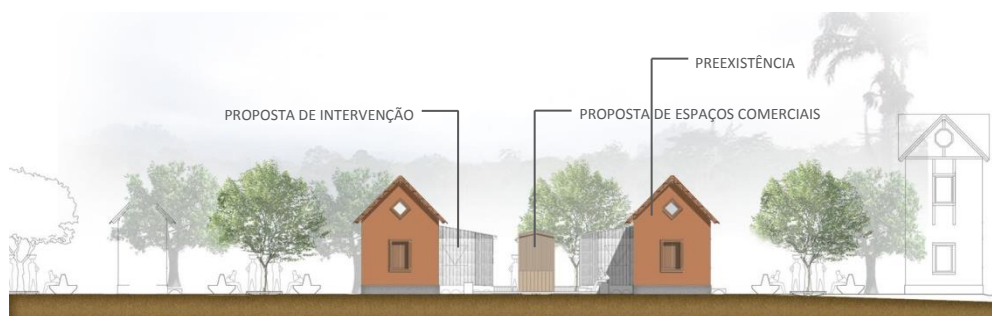


FIGURA 77 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NAS SANZALAS – ALÇADO NORDESTE ; ALÇADO SUDESTE
 IMAGEM: Elaborado pela autora

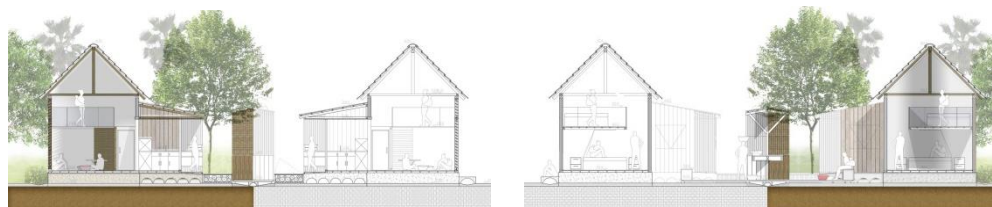


FIGURA 78 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - CORTES TRANSVERSAIS
 IMAGEM: Elaborado pela autora

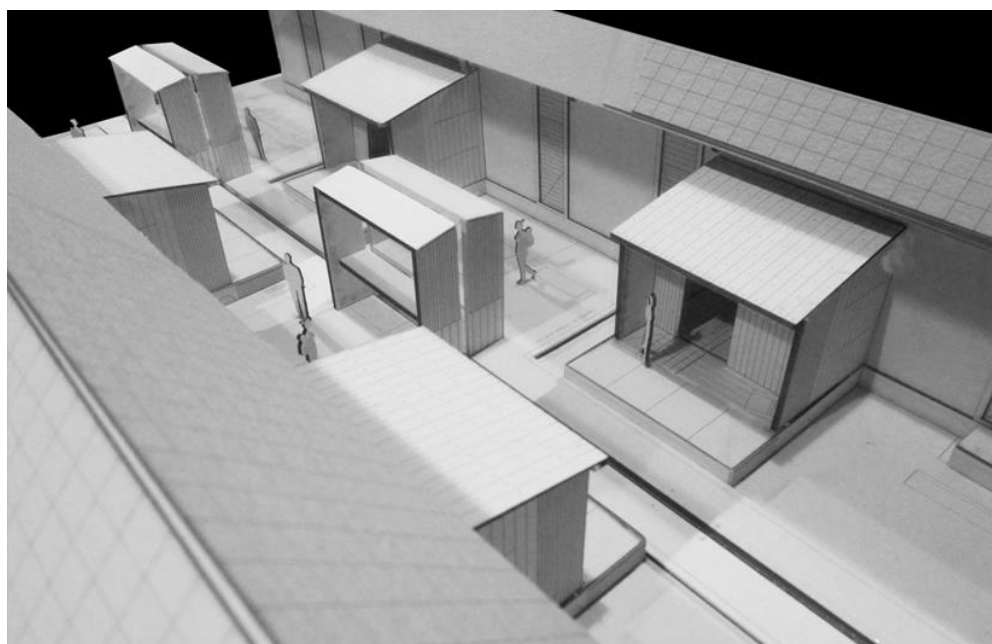


FIGURA 79 | MODELOS TRIDIMENSIONAIS - ARTICULAÇÃO ENTRE ESPAÇOS
 IMAGEM: Elaborados pela autora

VII - Antigas Sanzalas | Actuais blocos habitacionais | Novos espaços habitacionais

Apresentadas como uma estrutura fundamental na reconstituição do sistema urbano proposto, estas ir-se-ão desenvolver segundo uma lógica de espaços públicos. Trata-se de uma estrutura cujas características constituem como suporte ao reconhecimento da roça, sendo necessário que esta requalificação pretenda assegurar novos usos e novas condições de habitabilidade local. Neste sentido, após uma análise ao tipo de habitação tradicional Santomense, designadamente a cubata e a sanzala, a proposta de intervenção consiste em articular ambos os tipos, reajustando a realidade às premissas projectuais pretendidas. O interior passa a constituir de: um espaço comum, uma instalação sanitária, quartos flexíveis e uma cozinha que, embora seja adição proposta, faz parte integrante da habitação. O comércio continua a ser no exterior passando apenas a ser estruturado segundo uma malha articulada de espaços comerciais. É proposto duas tipologias de habitação, entre as quais, habitação temporária e habitação permanente. A ventilação no interior é garantida através do redimensionamento dos vãos preexistentes e da alteração dos seus materiais.



FIGURA 80 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
IMAGEM: Esquissos da autora



FIGURA 81 | INTERVENÇÃO NAS SANZALAS –PROPOSTA HABITACIONAL E ESPAÇO PÚBLICO
IMAGEM: Esquissos elaborados pela autora

VIII – Ruína de Antiga capela | Novo espaço sagrado

A última proposta de intervenção terá uma maior relevância na requalificação urbana, pois ir-se-á denominar de *facto urbano* da roça Boa Entrada. A Igreja tendo um papel estruturador da cidade, fora de igual forma fundamental no redesenho e reestruturação desta roça.

3.3.2 PAPEL ESTRUTURANTE DAS IGREJAS EM TERRITÓRIO SANTOMENSE

"A coroa e a Igreja apostavam em criar uma sociedade viva, um povo fisicamente, numericamente diminuto, mas com poder e capacidade de se tornar em modelo do mundo africano e sul-americano."⁶³

Com base em Pe. Francisco Vaz *"San Men Dêçu: A senhora Mãe de Deus em S. Tomé e Príncipe"* ir-se-á descrever e relatar todos os acontecimentos referentes à religião santomense, bem como a sua importância em S. Tomé e Príncipe, ilustrando, de forma sucinta, o poder vital da mesma na composição e estruturação das ilhas.

Para Ribas (1898:8) a *"devoção cristã em São Tomé e Príncipe trata-se de como o ser desta Nação"*, ou seja, é a partir da sua descoberta que a imagem das ilhas começa a surgir. A sua capacidade social, política e cultural permitiu com que esta influencia-se toda a sua estrutura e modo de pensar, tornando-se assim *"protagonista dos maiores valores do povo e da sua história"*.⁶⁴

A primeira acção a relatar, tal relevância, fora a implantação do primeiro templo da Senhora das Neves, nas primeiras terras povoadas pelos portugueses, em "Abó" de Ponta-Figo que, embora dez anos mais tarde, tenha sido enunciada por Pe. João de Freitas Alves, quando definia S. Tomé como um *"eixo de dois mundos"*.⁶⁵ Esta definição consistia na caracterização do país num Eixo Vital, pela sua capacidade de se tornar o centro de todas as actividades marítimas e em S. Tomé Roma do Ocidente Africano, pela sua *"nobre intenção da Epopeia dos Mares: A expansão da Fé."*

Durante o período de Álvaro de Caminha, a formação das Igrejas foram tão significantes que começaram, mais tarde, a servir como estruturas sociais à sua implantação. Estas começaram por ter um papel estruturante das próprias vilas, onde o povo era obrigado, pelo governador, a organizarem-se a partir destas.

Os primeiros séculos de colonização foram marcados por um completo processo de construção de lugares de culto, de igrejas paroquiais e várias capelas,

⁶³ VAZ, Francisco. *"San Men Dêçu: A Senhora Mãe de Deus - Em São Tomé e Príncipe"*. Ed. Província Portuguesa da Congregação dos Missionários do Coração de Maria. Lisboa, 1989. p.144

⁶⁴ *idem*.p.11

⁶⁵ *idem*.p.23

os quais, permitiram, em meados do séc. XX, uma rápida prosperidade na religião. *"... sobre a igreja ... colhemos a impressão de um edifício vivo sempre a crescer até chegar a Catedral, símbolo da alma de um povo que se afirma e sobe na escala dos valores humanos, sociais e cristãos."*⁶⁶

Estes valores revelaram-se fulcrais, em período de crescimento demográfico, onde a igreja suportou um papel essencial neste processo, visto que *"... as missões naquela época, não dispunham de edifícios escolares adequados para as necessidades crescentes da população"*⁶⁷ transformando, de imediato, a capela numa escola. Por outro lado, esta força estruturante é também demonstrada pelos topónimos das ruas, como por exemplo, a "rua do Rosário" que é referente à devoção da N. Sr.^a do Rosário.

Nas roças, o aparecimento das capelas surge pela necessidade do contacto entre os trabalhadores e os lugares de culto, uma vez que, a distância entre estes não permitia o deslocamento à cidade. Dos exemplos existentes, destacamos a capela da roça Rio do Ouro que *"... providenciou em oferecer aos seus trabalhadores a possibilidade de viverem a sua fé, no mesmo ritmo do país de origem"*⁶⁸ e a capela da roça Boa Entrada que, segundo o Pe. Francisco Vaz *"...embora dedicada a S. Benedito, nela se venera uma preciosa imagem da N. Sr.^a do Amparo."* Contudo, apesar de não haver muita informação sobre esta capela, foi-nos possível constatar que a mesma fora erigida com a finalidade de centro de culto e catequese para os seus trabalhadores.

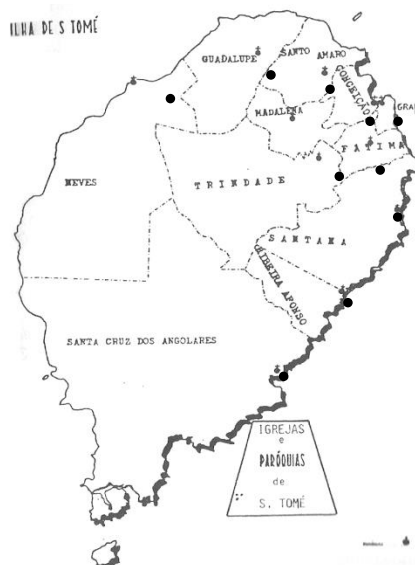


FIGURA 82 | PARÓQUIAS NA ILHA DE SÃO TOMÉ
IMAGEM: VAZ, Francisco. "San Men Dêçu: A Senhora Mãe de Deus - Em São Tomé e Príncipe". Ed. Província Portuguesa da Congregação dos Missionários do Coração de Maria. Lisboa, 1989. P.59

⁶⁶ *idem*.p.58

⁶⁷ *idem*.p.90

⁶⁸ *idem*.p.206



FIGURA 83 | A SÉ COMO ESTRUTURA SOCIAL À SUA IMPLANTAÇÃO – ILHA DO PRÍNCIPE

IMAGEM: VAZ, Francisco. "San Men Dêçu: A Senhora Mãe de Deus - Em São Tomé e Príncipe". Ed. Província Portuguesa da Congregação dos Missionários do Coração de Maria. Lisboa, 1989.P.217

“É Cunha Matos quem nela nos introduz:

« A Principal igreja da ilha do Príncipe é a matriz, dedicada a Nossa Senhora da Conceição ... Edifício que outrora foi Igreja paroquial da única freguesia da Nossa Senhora da Conceição, edifício que abandonado pelo fiéis (?) não obstante a liberdade do saudoso Governador da Província, cidadão Pedro do Amaral Boto Machado – heroico precursor da República – renovando e prolongando por largo tempo a concessão para que fosse estatuida uma cultural, foi adaptado à Instalação da Escola Primária Mista, resultando assim, dessa adaptação, um Templo de Luz e Verdade, onde as crianças possam aprender a ler e para que no futuro cérebros iluminados, possam seguir e amar a religião que mais lhes proouver ...)»”

TEXTO: VAZ, Francisco. "San Men Dêçu: A Senhora Mãe de Deus - Em São Tomé e Príncipe". Ed. Província Portuguesa da Congregação dos Missionários do Coração de Maria. Lisboa, 1989. P. 216-217

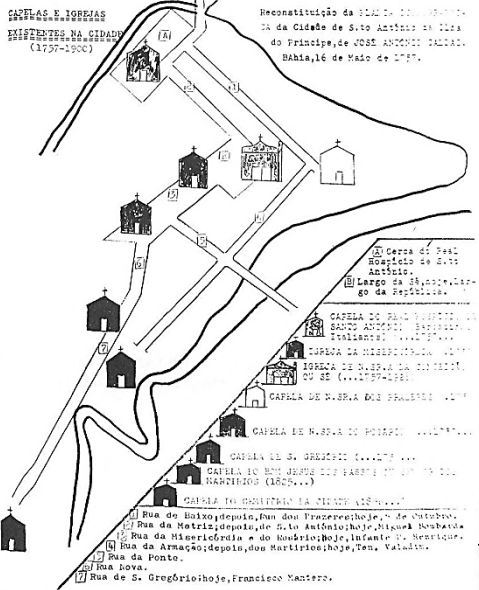


FIGURA 85 | CAPELAS EXISTENTES NAS ROÇAS DA ILHA DO PRÍNCIPE – 1974

IMAGEM: VAZ, Francisco. "San Men Dêçu: A Senhora Mãe de Deus - Em São Tomé e Príncipe". Ed. Província Portuguesa da Congregação dos Missionários do Coração de Maria. Lisboa, 1989.P.236

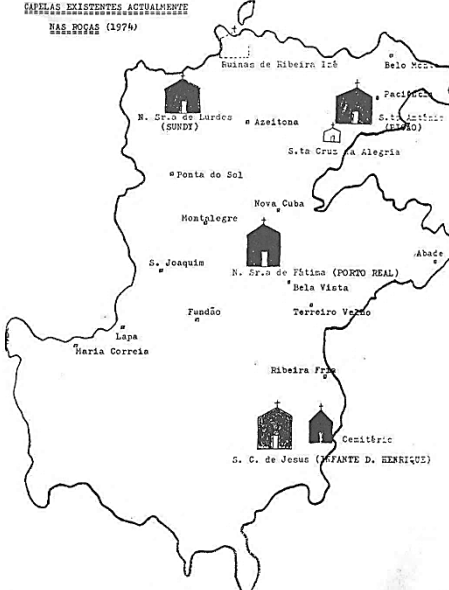


FIGURA 84 | CAPELAS E IGREJAS EXISTENTES NA ILHA DO PRÍNCIPE - 1757/1900

IMAGEM: VAZ, Francisco. "San Men Dêçu: A Senhora Mãe de Deus - Em São Tomé e Príncipe". Ed. Província Portuguesa da Congregação dos Missionários do Coração de Maria. Lisboa, 1989.P.214



FIGURA 87 | A SÉ – ILHA S.TOMÉ – 1939

IMAGEM: VAZ, Francisco. "San Men Dêçu: A Senhora Mãe de Deus - Em São Tomé e Príncipe". Ed. Província Portuguesa da Congregação dos Missionários do Coração de Maria. Lisboa, 1989.P.69



FIGURA 86 | CAPELA DA ROCA AGOSTINHO NETO

IMAGEM: VAZ, Francisco. "San Men Dêçu: A Senhora Mãe de Deus - Em São Tomé e Príncipe". Ed. Província Portuguesa da Congregação dos Missionários do Coração de Maria. Lisboa, 1989.P.208

3.3.3 CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DA IGREJA

O programa a considerar na construção de igrejas encontra-se em vigor no Patriarcado de Lisboa, cujos documentos "Bases para programação de igrejas e centros paroquiais" e "Elucidário para a concepção de projectos de igrejas e centros paroquiais" foram realizados pelo secretariado das Novas Igrejas deste órgão oficial.

De acordo com as suas exigências e princípios, o programa pretende atender não só as exigências pastorais de cada paróquia como também responder aos requisitos com maior qualidade litúrgica e artística. A igreja é assumida como equipamento urbano, dado o valor simbólico da sua imagem e presença em contexto urbano. Deste modo, ter-se-á que adequar à *urbe*, não como um simples ordenamento mas como um elemento integrante da própria cidade, caracterizando-se pela qualidade da sua forma arquitectónica e sua expressividade própria.

De acordo com cada caso, cada região, cada cultura, o programa para as instalações de culto devem de constituir: a igreja com os respectivos anexos directos e capela(s) mortuária(s), sendo relevante mencionar que, em ambos os documentos, ir-se-á destacar apenas as considerações relativas às construções da igreja.

O dimensionamento destas é analisado de acordo com cada circunstância, onde o programa preliminar deverá ter em conta as características da própria população e a cultura a servir, sendo a caracterização do meio, o grau de estabilidade demográfica do território, a densidade populacional, o número de habitantes, os índices da prática religiosa e a distribuição etária, as mais vulgares a ponderar.

De acordo com o contexto a intervir e com base no gráfico apresentado pelo Patriarcado de Lisboa⁶⁹, verificamos que a área estipulada para a construção da Igreja será 350m² dada a população da Roça Boa Entrada ser inferior a 5000 habitantes. Este programa tem como estruturas constituintes: uma sacristia (20m²), um cartório (16m²), uma zona de arrumos (10m²), uma zona para arranjo de flores (10m²), duas instalações sanitárias (8m²) e uma capela mortuária com

⁶⁹ Patriarcado de Lisboa: "*Novas Igrejas de vários tempos: Actas do Colóquio sobre Arquitectura e Arte Sacra*", 2ª Série, Publicação Quadrimestral, Setembro-Dezembro, nº9, Lisboa, 1998.p.431

todas as suas áreas constituintes (105m²). O contexto cultural e social apresentado torna dispensável a construção de um centro paroquial, embora as funções de acolhimento, encontro e convívio permaneçam sempre presentes.

Relativamente ao segundo documento do Patriarcado de Lisboa "Elucidário para a concepção de projectos de igrejas e centros paroquiais" é relevante mencionar a constituição dos espaços interiores de uma igreja e espaços a si associados.

Em relação à organização interna do espaço, trata-se de um conjunto de instalações estabelecidas segundo as relações e actividades características de cada comunidade de determinado território. Este constitui de: um espaço de celebração eucarística e de admiração dos sacramentos, onde permanece o corpo da assembleia; Um lugar dos fiéis que, sendo a unidade de assembleia reunida em torno do altar, esta deve atender às condições de visibilidade e audibilidade. Esta subdivide-se em nave e lugares do coro, os quais deverão conter um espaço próprio integrado na assembleia, evitando a interposição entre estes; "Pólos" de acção litúrgica, que deverão usufruir de lugares de relevo, o lugar de presidência, o altar e o ambão; Um sacrário, o qual representa grande importância, pois é o local do próprio corpo de Cristo e adoração ao mesmo. Este deverá ter um espaço próprio e próximo altar; Um espaço para a celebração dos outros sacramentos: o baptistério, os confessionários, entre outros; E o culto dos santos, cuja representação deverá obedecer a um curioso plano iconográfico não devendo ter um carácter meramente decorativo.

Os anexos directos da igreja são o cartório e a sacristia que, embora se apresente como anexos, deveram fazer parte integrante da igreja, permitindo o fácil acesso à zona do altar. No que respeita às capelas mortuárias, estas deverão ser constituídas por um vestíbulo comum; uma câmara ardente de 35m², no mínimo; uma sala de estar de 30m² em contacto com a câmara ardente, embora separadas; uma instalação sanitária; e uma pequena bancada.

O programa supra referido, embora se encontre no Patriarcado de Lisboa, poderá ser reajustado à cultura de São Tomé e Príncipe, desde o momento que este seja adaptado ao seu contexto e realidade.



FIGURA 88 | ÁREA DE INTERVENÇÃO
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

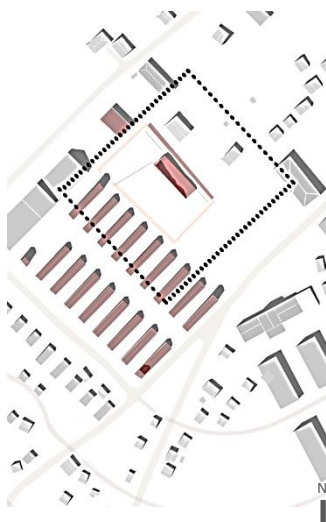


FIGURA 89 | ELEMENTOS PRIMÁRIOS
IMAGEM: Esquismo elaborado pela autora

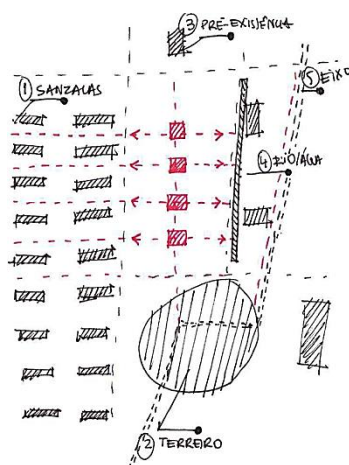


FIGURA 90 | ALINHAMENTO NA
COMPOSIÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS
IMAGEM: Esquismo elaborado pela autora

3.3.4 O NOVO FACTO URBANO; O EDIFICADO DE EXCEPÇÃO: A IGREJA

Como elemento determinante do projecto seleccionou-se a Igreja como equipamento a desenvolver às diferentes escalas, visto que todas elas, de algum modo, explicitam a relação com todo o edificado, tanto ao nível da tectónica como da morfologia da Roça Boa Entrada.

A importância da religião na cultura santomense foi um facto relevante e substancial na história do país, uma vez que esta suportou um papel fulcral na reestruturação e organização do território das ilhas São Tomé e Príncipe. O comportamento fundamental da igreja face ao processo de assentamento nas ilhas, tornou-se basilar na escolha do projecto a desenvolver, uma vez que esta irá servir, igualmente, como elemento estruturante tanto à escala urbana como à escala do edificado. Assim, ir-se-á reportar, através da implantação, tectónica e materialidade, toda uma *memória e identidade* cultural do país.

Parte desta, é nos demonstrada através dos espaços públicos adjacentes às zonas religiosas e de culto pois remetem-nos a toda uma prática social e cultural Santomense, onde o convívio e trocas sociais acontecem no exterior do edificado. A orientação do edifício proposto, já predefinida através de alguns *elementos primários*, garante o seu desempenho como pólo de reestruturação urbana e factor actuante na organização dos seus espaços públicos. Contudo, apesar da sua localização orientar o altar para Noroeste, devido à sua preexistência, todos os espaços propostos e sua hierarquização organizam-se segundo a matriz espacial das igrejas católicas, apresentada por Maria Antonieta Crippa, em 1996⁷⁰.

Composto por diferentes espaços, alguns exteriores outros interiores, este equipamento foi projectado para comportar não só um programa que correspondesse a todas as necessidades da população como também aos seus hábitos vivenciais. Toda esta estrutura teve como génese o traçado ortogonal oriundo da estrutura morfológica preexistente, das antigas sanzalas, do eixo e terreiro central, na base dos prolongamentos e alinhamentos dos espaços públicos.

⁷⁰ Patriarcado de Lisboa: “*Novas Igrejas de vários tempos: Actas do Colóquio sobre Arquitectura e Arte Sacra*”, 2ª Série, Publicação Quadrimestral, Setembro-Dezembro, nº9, Lisboa, 1998.

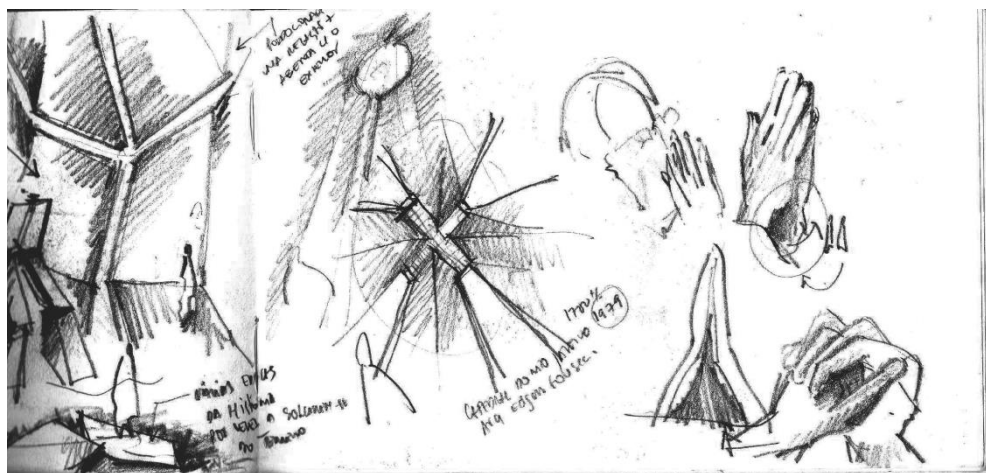


FIGURA 91 | ANALOGIAS PROJECTUAIS; O GESTO RELIGIOSO

"O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta..."

"Comprazemo-nos nessa claridade ténue, feita de luz exterior de aparência incerta, retida na superfície das paredes de cor crepuscular ... Para nós, essa claridade numa parede, ou antes essa penumbra, vale por todos os ornamentos do mundo..."

IMAGEM: Esquissos elaborados pela autora

TEXTO: ELIADE, Mircea. "O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões". Ed. Livros do Brasil. Lisboa, 2006. P. 25
TANIZAKI, Junichiro. "Elogio da Sombra". Ed. Relógio D'Água Editores. Lisboa, 1999, P.32

Este traçado ao sobrepor-se à preexistência das ruínas da antiga capela, pretende salvaguardar a *memória colectiva* da Roça, conferindo-lhe um outro traçado que, relacionado com a envolvente, regem o equipamento agora definido morfologicamente.

A segunda premissa corresponde ao entendimento dos espaços públicos numa relação que se pretende, interior/exterior, pautada pela concepção de uma estrutura formal que organiza o espaço exterior/interior. O sentido da luz interior assegura a celebração do sagrado através de aberturas pontuais em cada acontecimento religioso.

Como elemento formal, este resultou no desfasamento dos corpos a partir do simples gesto religioso do cruzar das mãos, tendo como referências para este processo a *Grundtvig's Church*, em Copenhaga, do arquitecto Michael Squire, pela sua relação com a pré-existência e a célebre *Villa Lante*, em Bagnaia, atribuída a Giacomo Barozzi da Vignola, pela sua configuração geométrica do espaço, o seu ritmo regular, relação com a vegetação e a utilização da água como elemento regulador do sistema.

Para a construção do programa foi analisada a capela da Roça Agostinho Neto, com o objectivo de entender a apropriação das igrejas pela população santomense. Definiu-se como áreas programáticas de apoio ao corpo principal da igreja, exteriores à mesma, seguindo o conceito da desfragmentação do espaço, a torre sineira juntamente com a secretaria da paróquia, o adro, a zona de arranjo de flores, a capela mortuária, o cartório, as salas de catequese e instalações sanitárias de apoio às mesmas.

Relativamente ao seu interior, o conteúdo programático é composto por: nártex, baptistério, coro, oratórios, confessionário, altar-mor, altar do santíssimo e sacristia, onde cada um destes espaços procuram estabelecer uma relação singular com a luz, visto que a relação divina e humana é determinante na sua projecção. Esta premissa tem como caso de estudo a igreja de Marco de Canavezes de Siza Vieira, quando subtilmente estabelece esta relação através de um grande vão superior que articula a ligação com o céu, em contraposto com uma linha horizontal ténue e plena onde nos transporta à realidade humana.

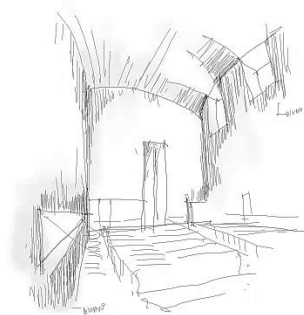


FIGURA 92 | RELAÇÃO ENTRE DIVINO E HUMANO; IGREJA DE MARCO DE CANAVESES.

SIZA VIEIRA

IMAGEM: Esquizzo elaborado pela autora

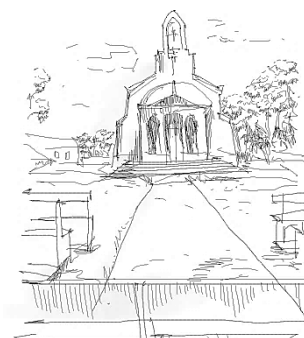


FIGURA 93 | APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO. CAPELA AGOSTINHO NEVES; ROÇA RIO DOURO

IMAGEM: Esquizzo elaborado pela autora com base na Fotografia de Joana Bastos Malheiro

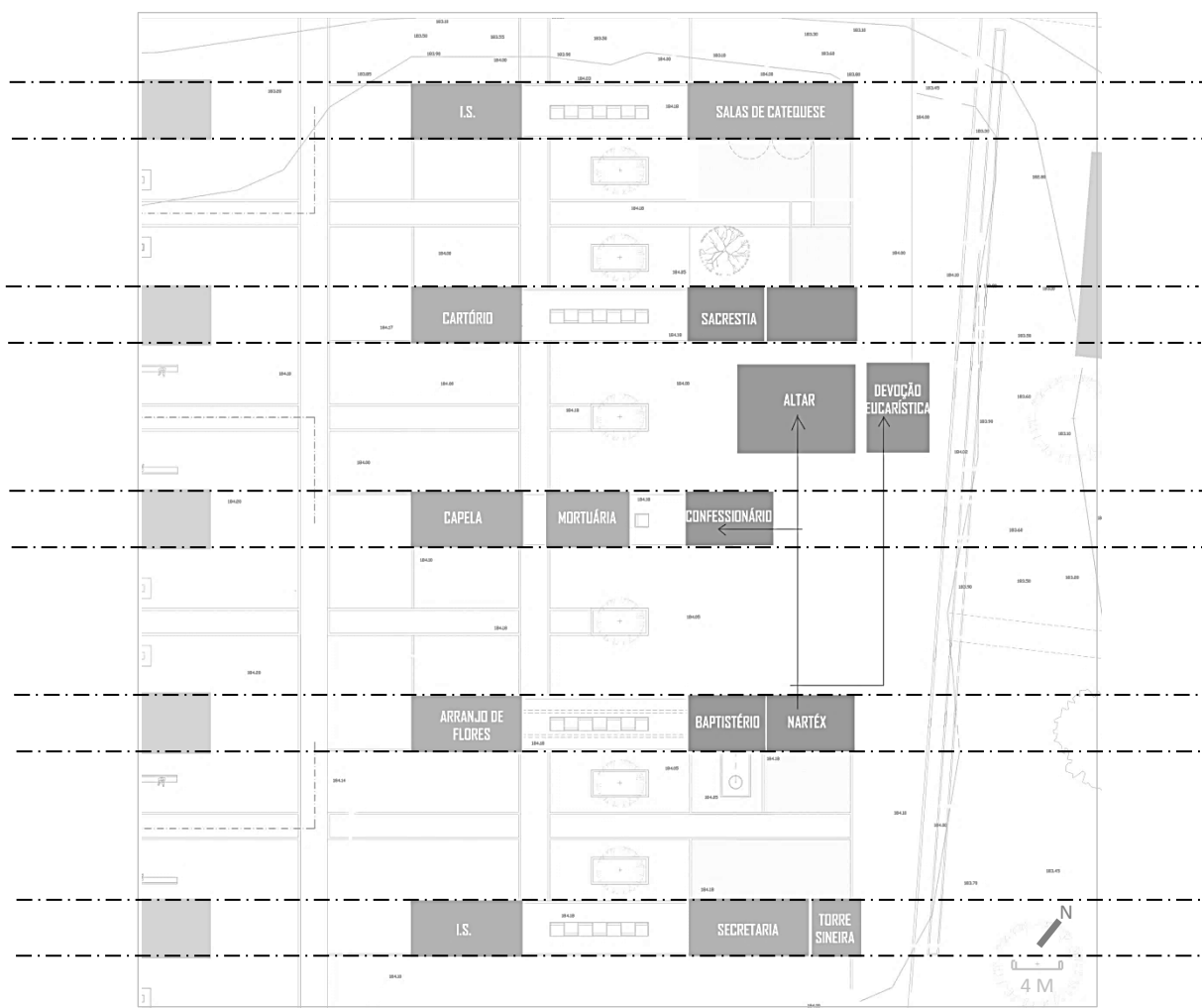


FIGURA 94 | PLANTA ESQUEMÁTICA DO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DA IGREJA PROPOSTA. CONCEITO DA DESFRAGMENTAÇÃO DOS ESPAÇOS.

IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

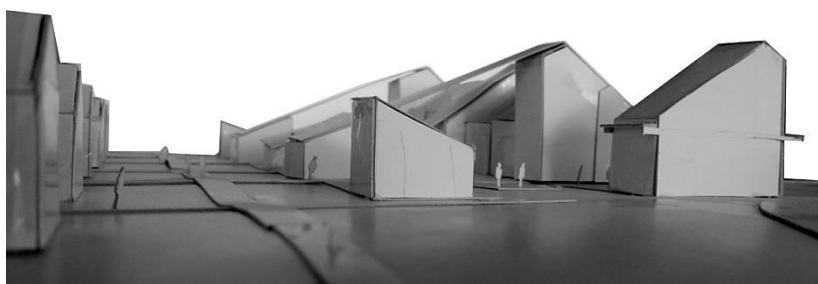
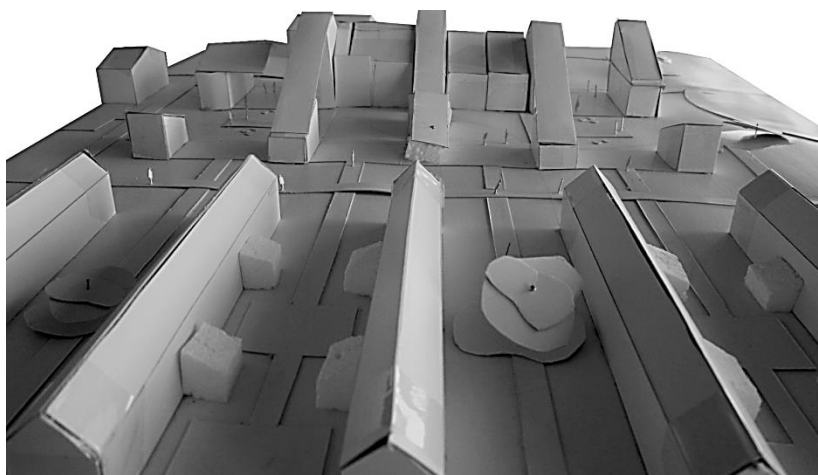
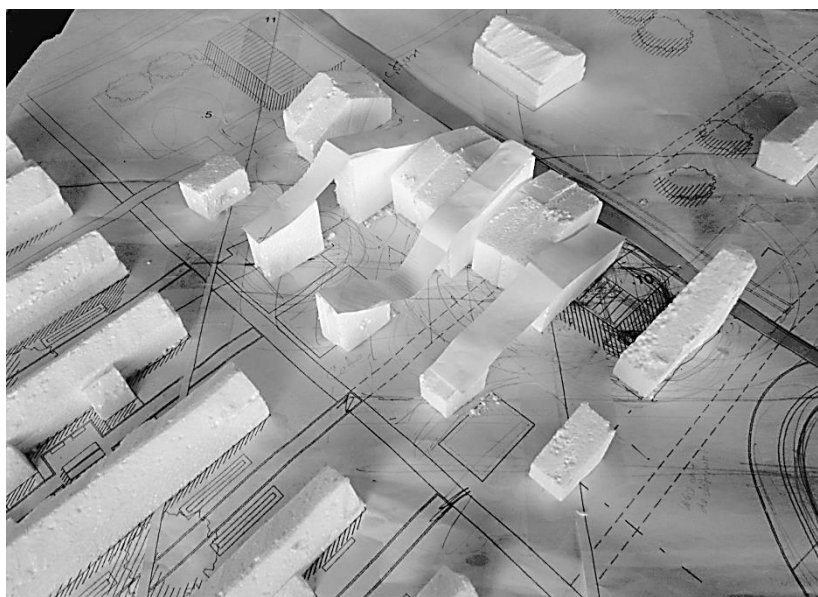
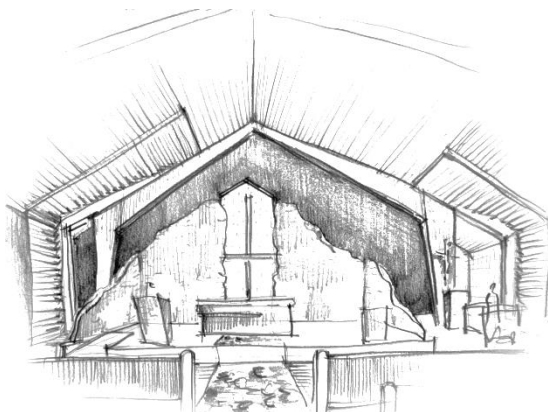


FIGURA 95 | MAQUETES DE ESTUDO; O CONTEXTO; ALINHAMENTOS E ESPAÇOS POR SI
GERADOS

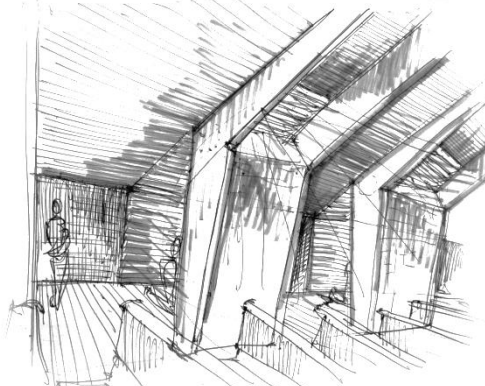
IMAGEM: Fotografias de Vânia Farinha



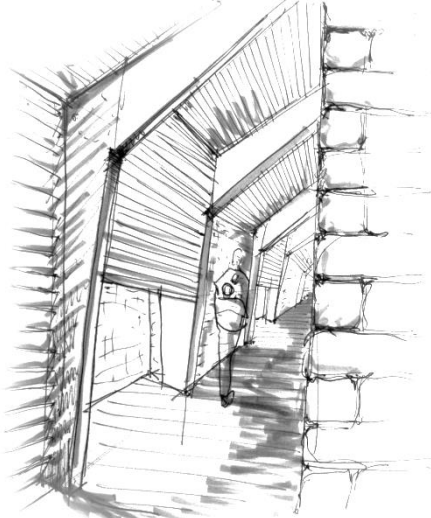
IDENTIDADE E MEMÓRIA – RUÍNAS DA ANTIGA CAPELA - ALTAR



DEVOÇÃO EUCARÍSTICA – LOCAL DE ORAÇÃO



PEQUENOS ORATÓRIOS – RELAÇÃO LUZ/SOMBRA



PERCURSO LATERAL – VISTA DO BAPTISTÉRIO

FIGURA 96 | AMBIÊNCIAS INTERIORES

IMAGEM: Esquissos elaborados pela autora

Esta analogia é retida no projecto através das diferentes escalas utilizadas no redimensionamento, tanto dos seus vãos como na própria volumetria dos corpos, onde cinco volumes, de forma alternada, representam através de diferentes alturas e inclinações cada acontecimento religioso.

Desta forma, os três volumes de maior destaque (o baptistério, o confessionário e o plano do altar) estabelecem uma ligação com os elementos a si adjacentes através de coberturas contínuas e inclinadas, as quais gerem uma dinâmica entre planos e espaços exteriores cobertos. A organização espacial da igreja remete-nos para um espaço tradicional, uma vez que esta garante como eixo principal, o eixo perpendicular ao altar.

Porém, contrapondo, o eixo mais longo direcciona-nos para o altar do santíssimo, contornando todo um percurso lateral recôndito acompanhado por um sistema de aberturas de luz ritmadas que, ao longo do percurso, invoca cada momento religioso: a oração, a devoção eucarística, a celebração e a introspecção. É marcado por nichos oratórios que, pela sua orientação face ao *lugar* da celebração, tornam este espaço mais intimista. Foram referências para este processo conceptual a *Igreja Boa Nova*, dos arquitectos Filipa Roseta e Francisco Monteiro, pelo seu gesto e organização espacial e a *Cathedral of our Lady of the Angels*, em Los Angeles, de Rafael Moneo, pela sua composição projectual e coerente relação entre a luz e ambiências pretendidas.

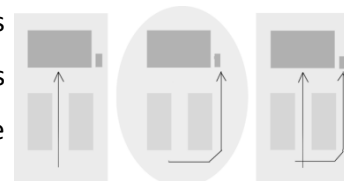


FIGURA 97 | ESQUEMA: IGREJA TRADICIONAL + IGREJA BOA NOVA = PROPOSTA (EIXOS)
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

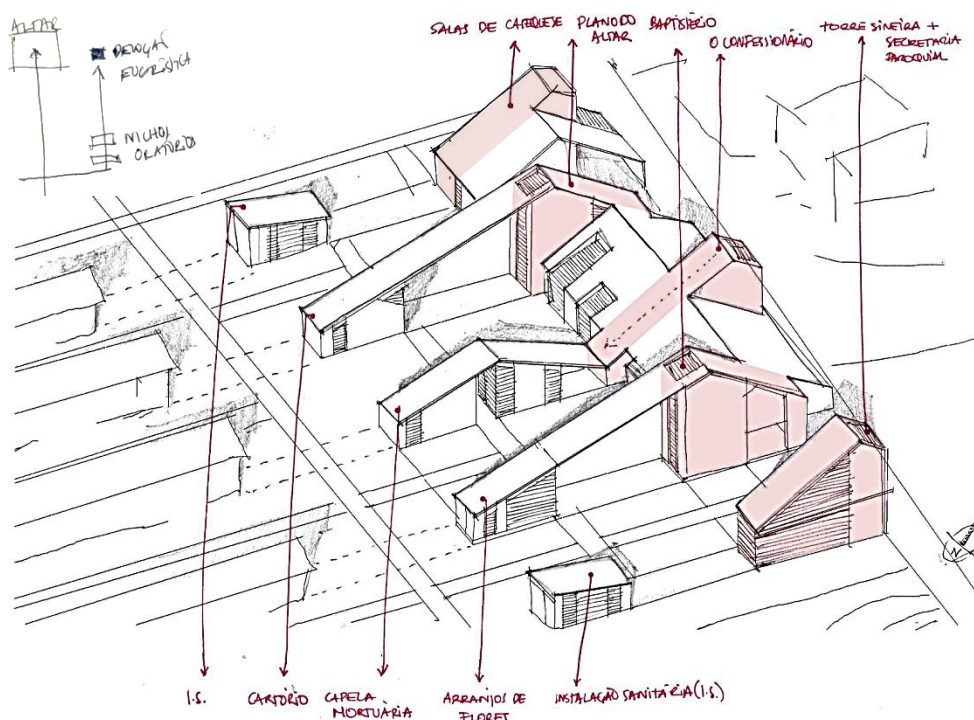


FIGURA 98 | VOLUMETRIA DOS CORPOS – LIGAÇÃO ENTRE ELEMENTOS
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

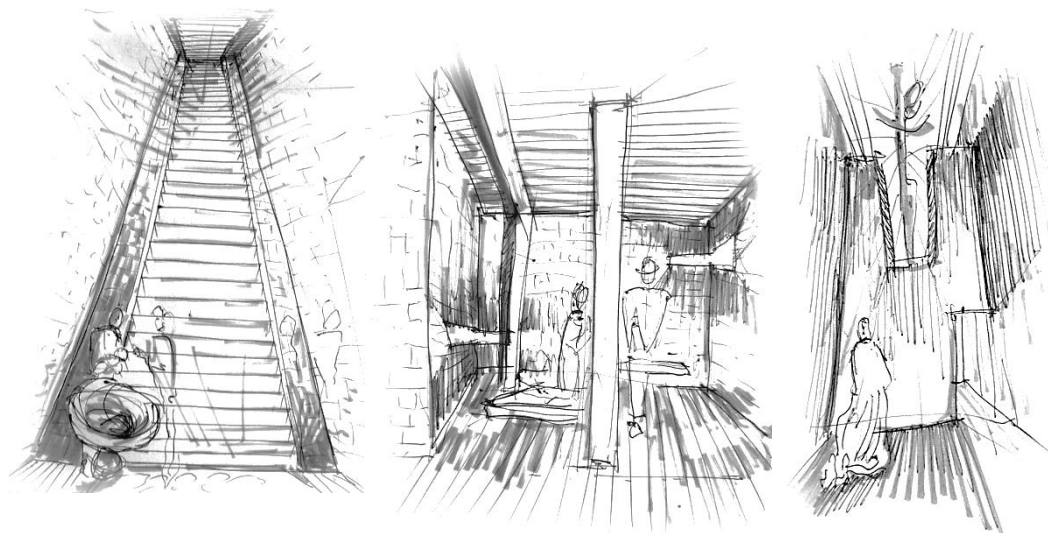


FIGURA 99 | AMBIÊNCIAS NO INTERIOR DA IGREJA – BAPTISTÉRIO, CONFESSIONÁRIO E SACRESTIA

IMAGEM: Esquissos elaborados pela autora

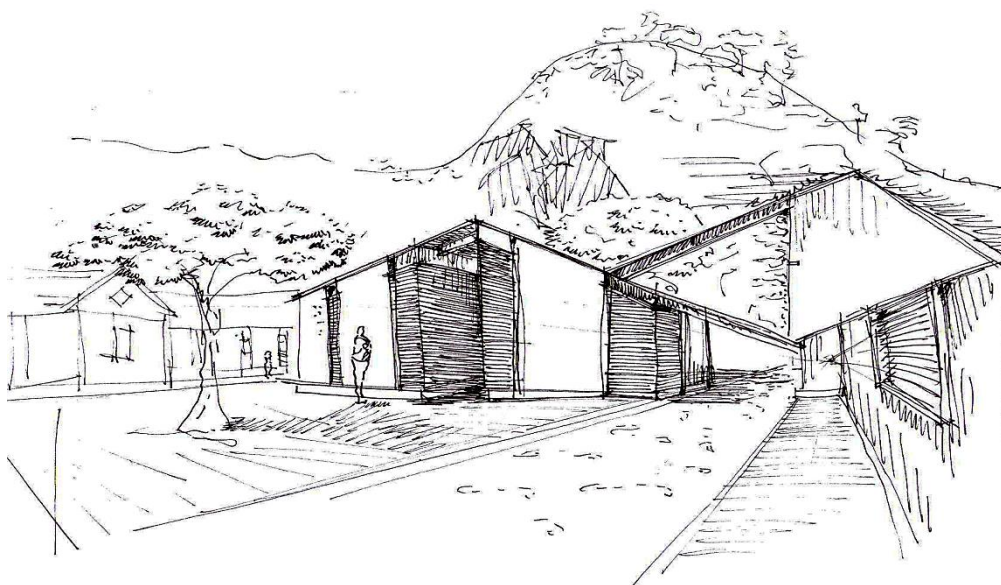


FIGURA 100 | ARTICULAÇÃO ENTRE ESPAÇOS – LINGUAGEM FORMAL E CONCEPTUAL

IMAGEM: Esquisso elaborado pela autora

Como premissa elementar do projecto, e visto que se trata de um clima tropical, todas as entradas de luz garantem a ausência de vidro, atribuindo assim uma iluminação indirecta e a ventilação dos diferentes espaços. Relativamente à materialização, o projecto tem como princípios uma continuidade da uma linguagem formal e conceptual procedente das antigas sanzalas, uma vez que estas constituem como papel determinante na sua concepção.

A utilização dos materiais pré-existentis incide sobretudo em toda a estrutura do edificado proposto, como é o exemplo da madeira e do tijolo de burro, cuja ambiência transmitida através deste sistema construtivo, pretende despertar a espiritualidade do indivíduo que habite o espaço, reportando-nos para uma sensação de acolhimento e introspecção. Como casos de estudo para tal reconhecimento, é primordial mencionar a *MIT Chapel*, em Cambridge, do arquitecto Eero Saarinen, pela vivência e emoção causada no interior do espaço a partir da sua materialidade, entre outros e a *Igreja Paroquial de São Miguel*, em Queijas, de Costa Pecegueiro e Coimbra Neves, pela sua relação Luz-Forma.

Relativamente à estrutura, trata-se de um sistema de pórticos cujo material supra referido, pela sua capacidade de suporte e resistência permitem garantir um amplo vão no interior da Igreja, podendo, através destes, possibilitar o prolongamento dos mesmos aos elementos edificados exteriores ao corpo principal desta. De modo a garantir uma maior durabilidade e menor manutenção da estrutura, os pórticos encontram-se ligeiramente afastados das paredes portantes de tijolo de burro visto que se trata de materiais bastantes permeáveis. A ligação entre estes é feita através de cabos de aço que serão pontualmente marcados por pequenos rasgos nas paredes de tijolo, de forma a evidenciar o ritmo gerado pelos sucessivos pórticos. O revestimento proposto para a cobertura é em madeira uma vez que nos reporta à identidade e cultura do *lugar*. Não esquecendo o clima em questão, toda a proposta consiste numa preocupação determinante nas soluções projectuais e construtivas do projecto.

“Estes métodos têm como denominação comum, um esforço para que o desenho resultasse de um processo de natureza consequente.”⁷¹

⁷¹ **MORAIS, João Sousa.** "O Território do Projecto, Registos Conceptuais em Arquitectura", Lisboa: CEFA e CIAUD-UTL, 2008. ISBN: 978-972-9346-05-7. p.65

IV | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As roças são entendidas nesta dissertação como uma visão global do território Santomense, sendo a cidade re-infraestruturada em função disso. A intervenção na Roça Boa Entrada procurou desenvolver um programa que resultou do repensar no funcionamento e actual redimensionamento da mesma face a sua vocação actual. Esta abordagem projectual tem o desenho urbano como quadro instrumental privilegiado no pressuposto do redesenho deste facto urbano.

Esta dissertação procurou demonstrar a capacidade de expressão arquitectónica no território através do redesenho, da implantação de um modelo urbano resultante da interpretação das tipologias preexistentes e particularmente do entendimento do “*tipo*”, aqui neste território urbano-rural com carácter mais abrangente e consequentes requalificações. Apartir de uma pesquisa *in locu* foi-nos possível refletir e intervir na *memória* e *identidade* do *lugar*, propor a requalificação de um sistema urbano sustentável fundamentado nas suas práticas sociais, um novo uso e ocupação da roça, tendo em conta os novos paradigmas sociais, bem como o sistema agrícola e consequente redesenho à escala do edifício, onde o estudo dos elementos estruturantes do território levou-nos a enquadrar a importância do papel religioso, tanto nas roças como na organização da cidade. Admite-se assim, a Igreja enquanto elemento de reorganização do território à semelhança do que aconteceu na cidade de São Tomé durante o seu processo de assentamento.

O projecto teve também como intenção relacionar o sentido do *lugar* com a paisagem afecta ao património cultural do país, conferindo um sentido metodológico projectual que se poderá transpor para outras intervenções em Roças. O nível da linguagem arquitectónica, assegurada pela materialização proposta, remete para o preferencial uso de materiais tradicionais (como é o exemplo da madeira e do tijolo à vista) utilizado numa linguagem contemporânea, e respeitando as exigências funcionais do clima equatorial.

Este documento contém 19.734 Palavras

V | BIBLIOGRAFIA

1. HISTÓRIA DO URBANISMO E DA ARQUITECTURA

BENEVOLO, Leonardo, *Historia de la Arquitectura Modernna*, Biblioteca de Arquitectura, 3ª edición, Editorial GG, Barcelona, 1979.

BENEVOLO, Leonardo, *Diseño de la ciudad*, vols. I, II, III, IV e V, Editorial GG, Barcelona, 1978.

LAVEDAN, Pierre, *Histoire de l'urbanisme, Renaissance et Temps Moderns*, 2ème Edition, Paris, 1959.

MUMFORD, Lewis, *The Culture of the Cities*, Harcourt, Brace & Co., New York, 1938.

POETE, M. *Introduzione all'urbanistica*, La città antica, Torino, 1958.

ZEVI, Bruno, *História da Arquitectura Moderna*, Vols. I e II, Editora Arcádia, Lisboa, 1970.

2. TEORIA DO URBANISMO E DA ARQUITECTURA

ABREU, Pedro Marques de – *Palácios da Memória II* – Tese de Doutoramento, Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2007 (Documento policopiado)

ALEXANDER, Christopher e outros, *A Pattern Language - Towns. Buildings Construction.*, Oxford University Press, New York, 1977

ANDRADE, Rodrigo Rebelo de - *As Roças de São Tomé e Príncipe*, Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2007.

ARGAN, Giulio Carlo, *História da Arte como História da Cidade*, Edição brasileira, Livraria Martins Fontes Editora Presença, Lisboa, 1984.

AYMONINO, Carlo, *O Significado das Cidades*, Editorial Presença, Lisboa, 1984.

BENEVOLO, Leonardo, *A Cidade e o Arquitecto*, Colecção Arte & Comunicação, Edições 70, Lisboa, 1984.

BENEVOLO, Leonardo, *As Origens da Urbanística Moderna*, Colecção Dimensões, Editorial Presença, Lisboa, 1981.

- BRANDÃO, Pedro - *O Sentido da Cidade*, Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 2011
- CAMINOS, Horacio; GOETHERT, Reinhard, *Elementos de Urbanización*, Editorial GG, México, 1984.
- CHING, Francis D.K., *Architecture: Form, Space & Order*, Library of Congress cataloging in Publication Data, USA, 1979.
- CHOAY, Françoise, *El urbanismo - utopías y realidades*, Palabra en el tiempo, Editorial Lumen, Barcelona, 1970.
- CHOAY, Françoise, *A Alegoria do Património*, Edições 70, Lisboa, 2000.
- CULLEN, Gordon, *A Paisagem Urbana*, Edições 70, Lisboa, 2010.
- HALBWACHS, Maurice, *A memória colectiva*, Paris, 1950
- JUNG, Carl Gustave - *O Homem e os seus símbolos*, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1977
- JUNG, Janques, *La ordenacion des espacio rural, una ilusión economica*, Instituto de Estudos de Administração Local, Madrid, 1972.
- KRIER, Rob, *Stuttgart - teoria y practica de los espacios urbanos*, Editorial GG, Barcelona, 1976.
- LAMAS, José Manuel, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 5ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010
- LYNCH, Kevin, *La Buena Forma de la Ciudad*, Editorial GG, Barcelona, 1985.
- LYNCH, Kevin, *The Image of the City*, The MIT Press, USA, 1977.
- MORAIS, João Sousa - *Metodologia de Projecto em Arquitectura*, Lisboa: Ed. Estampa, 1995.
- MORAIS, João Sousa - *Notas sobre a (Re)construção de uma Disciplina no Território da Arquitectura*, Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 2007
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci - Paysage, Ambiance, Architecture, Deuxième Edition*, Pierre Mardaga Editeur, Liège, Bruxelles, 1981.
- ROSSI, Aldo, *La Arquitectura de la Ciudad*, 8ª edição, Barcelona, 1992
- ZEVI, Bruno, *Uma definição de Arquitectura*, Coleção Arquitectura & Urbanismo, Edições 70, Lisboa, 1986.
- ZUMTHOR, Peter - *Atmosferas*, Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, SL, 2006

2. HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITECTURA DE JARDINS

MAGALHÃES, Manuela Raposo, - *A Arquitectura Paisagista: Morfologia e complexidade*, Lisboa: Editorial Estampa, 2011

3. ARQUITECTURA DE IGREJAS

ELIADE, Mircea - *O Sagrado e o Profano: A essência das Religiões*, Lisboa : Edição Livros Brasil, 2006

TANIZAKI, Junichiro - *Elogio da Sombra*, Lisboa: Ed. Antropos, 1999 (?)

VAZ, Francisco - *San Men Dêçu : A Senhora Mãe de Deus em S. Tomé e Príncipe*, Lisboa: Edição Província Portuguesa da Congregação dos Missionários do Coração de Maria, 1989

RIBEIRO, João; FERNANDES, José – *Igreja do Bairro da Tabaqueira: uma obra de Jorge Viana*.Ed. Adictologia Unipessoal LDA. Maio 2012

4. CONSTRUÇÃO

APPLETON, João – *Reabilitação de Edifícios Antigos. Patologias e Tecnologias de Intervenção*. 2ª Ed. Lisboa: Edições Orion. 2011.

BEINHAEUER, Peter – *Atlas de detalhes construtivos*, Editorial GG, Barcelona, 2009.

DEPLAZES, Andrea – *Constructing Architecture: Materials processes structures*, 2ª edição, Ed.Darch ETH, Berlin, 2010.

LENGEN, Johan – *Manual do Arquitecto Descaço*, ed.Livraria do Arquitecto, Curitiba, 2004.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: II – Paredes: Paredes exteriores (1ª parte)*, 5ª edição, Ed. Livros Horizonte, 2007.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: III – Paredes (2ª parte) e Materiais Básicos (1ª parte)*, 45ª edição, Ed. Livros Horizonte, 2006.

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de Construção: IX – Contributos para o Cumprimento do RCCTE, Detalhes Construtivos sem Pontes Térmicas. Materiais Básicos (6ª parte)*, Ed. Livros Horizonte, 2007.

MCLEOD, Virginia – *Detail in Contemporary Residential Architecture*, London, 2007

5. HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL

CARVALHO, Ana Margarida. *São Tomé e Príncipe -África: 30 anos depois*, edição temática da revista Visão, Cascais, 2006

FERNANDES, Ana Silva, *Património Luso-Afro-Tropical: O Exemplo das Roças de São Tomé e Príncipe. Desafios para a sua conservação e reabilitação, e o seu potencial para o desenvolvimento*, Porto, 2011

FERNANDES, José Manuel, *Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*, Casal de Cambra, ed. Caleidoscópio, 2005

FERNANDES, José Manuel. *Arquitectura Religiosa*, in *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2001

FERNANDES, José Manuel, *As Roças de São Tomé e Príncipe. Valor Urbanístico e Arquitectónico*, ed. Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2005

MANTERO, Francisco, *A mão de obra em S. Thomé e Príncipe*, ed. do autor, Lisboa, 1910

MENDONÇA, Henrique José Monteiro de, *A Roça Boa Entrada*, ed. Typographia Editora, 1907

MORAIS, João Sousa; MALHEIRO, Joana Bastos, - *São Tomé e Príncipe - As Cidades Património Arquitectónico /Architectural Heritage*, Casal de Cambra: Ed. Caleidoscópio, 2013

NASCIMENTO, Augusto, *Poderes e Quotidianos das Roças de S. Tomé e Príncipe de finais de Oitocentos a meados de Novecentos*, Lousã, 2002

6. PERIÓDICOS

Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.

Arquivo Histórico de São Tomé e Príncipe, Documentação, álbuns e cartografia, São Tomé (recolha em 2013)

FORMA URBIS Lab. - *Cadernos de Morfologia Urbana: Os elementos*, Lisboa: Ed. Argumentum, 2013

Patriarcado de Lisboa (FALTA)

UR Cadernos FA / UTL / Cidades Africanas. Nº5. maio 2005

7. DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

Arquivo Nacional Torre do Tombo | <http://antt.dglab.gov.pt/>

Arquivo Histórico de São Tomé e Príncipe | <http://antt.dglab.gov.pt/>

Arquivo Histórico e Ultramarino | <http://www2.iict.pt/?idc=100>

IICT – Instituto de Investigação Científica Tropical | <http://www2.iict.pt/>

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico |
<http://www.monumentos.pt/>

VI | ANEXOS

ANEXO I - O LUGAR

Documentação sobre a área de intervenção que não constam no texto.
Imagens, Cartografias, Fotografias e Esquissos.

ANEXO II – O PROCESSO DE TRABALHO

Processo de trabalho. Fases de trabalho estruturadas segundo a ordem de
pensamento. Esquissos e Maquetes de Estudo

ANEXO III – O PROJECTO/PEÇAS DESENHADAS

Peças desenhadas. Plantas, Cortes, Alçados e Modelos Tridimensionais.

ANEXO IV – A MAQUETE

Fotografias das Maquetes Finais. Maquete do Território Geral 1/20 000;
Maquete da Roça 1/ 2 000; Maquete de Implantação da Igreja e Sanzalas
1/200;Maquete do Espaço Sagrado 1/100.

ANEXO I - O LUGAR

O LUGAR ; A ROÇA BOA ENTRADA



FIGURA 1 | O TERREIRO - ROÇA BOA ENTRADA - 2014

FONTE: Fotografia de Mariana Santos



FIGURA 2 | CASA DA ADMINISTRAÇÃO – 2014

FONTE: Fotografia de Mariana Santos

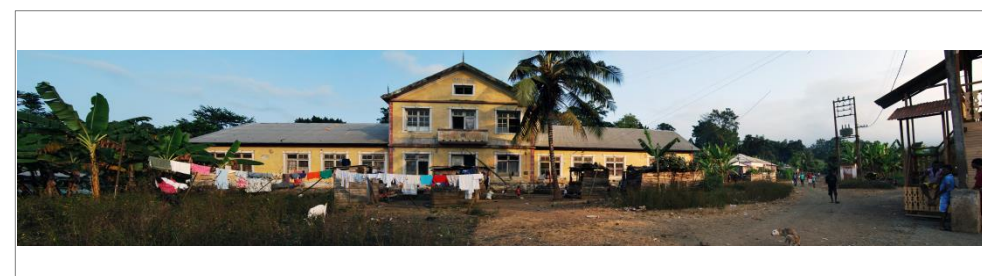


FIGURA 3 | ANTIGO HOSPITAL – 2014

FONTE: Fotografia de Mariana Santos



FIGURA 4 | VISTA LATERAL - CASA DA ADMINISTRAÇÃO - 2014

FONTE: Fotografia de Mariana Santos



FIGURA 5 | VISTA TARDOZ - CASA DA ADMINISTRAÇÃO - 2014

FONTE: Fotografia de Mariana Santos



FIGURA 6 | ANTIGAS CASAS DOS SERVIÇOS DA CASA DA ADMINISTRAÇÃO - 2014

FONTE: Fotografia de Mariana Santos

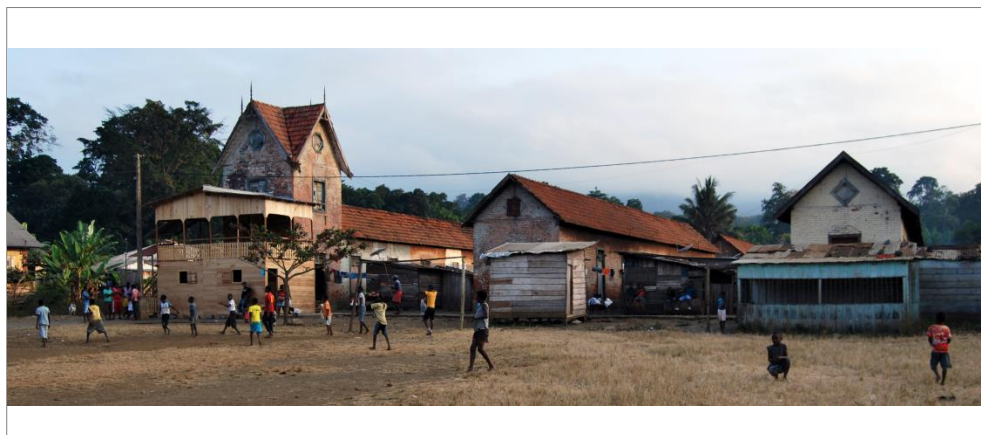


FIGURA 7 | SANZALAS – NOVAS APROPRIAÇÕES - 2014

FONTE: Fotografia de Mariana Santos



FIGURA 8 | SANZALAS - USOS E OCUPAÇÕES - 2014

FONTE: Fotografia de Mariana Santos



FIGURA 9 | ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO PAVIMENTO - 2014

FONTE: Fotografia de Mariana Santos



FIGURA 10 | VISTA GERAL DA ROÇA – 2010

FONTE: Fotografia de Ana Silva Fernandes

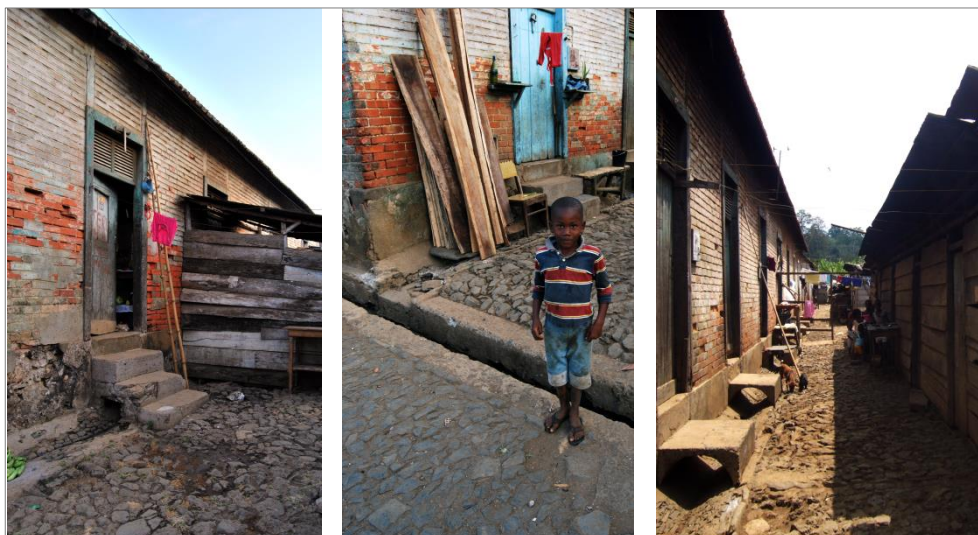


FIGURA 11 | PORMENORES CONSTRUTIVOS - ESCOAMENTO DAS ÁGUAS – USOS E OCUPAÇÕES – 2014 / 2010

FONTE: Fotografias de Mariana Santos (1ª e 2ª) e Ana Silva Fernandes (3ª)



FIGURA 12 | ADAPTAÇÃO – APROPRIAÇÕES

FONTE: Fotografia de Mariana Santos



FIGURA 13 | RUÍNAS DA ANTIGA ABEGOARIA E CAPELA - 2014

FONTE: Fotografia de Mariana Santos



FIGURA 14 | NOVA CONSTRUÇÃO – CAPELA – JUNTO AS RUÍNAS DA MESMA

FONTE: Fotografia de Mariana Santos



FIGURA 15 | INTERIOR DA NOVA CONSTRUÇÃO – CAPELA

FONTE: Fotografia de Mariana Santos

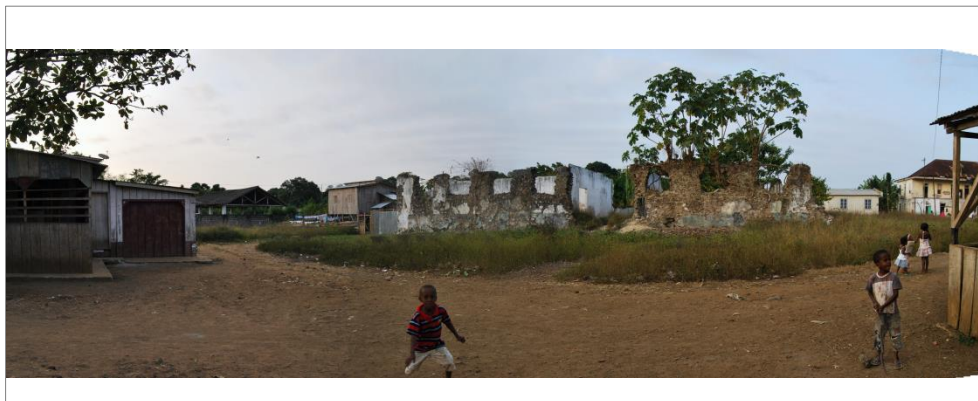


FIGURA 16 | RUÍNAS CAPELA

FONTE: Fotografia de Mariana Santos



FIGURA 17 | EIXOS VISUAIS – PERCURSOS ADJACENTES À RUÍNA

FONTE: Fotografia de Mariana Santos

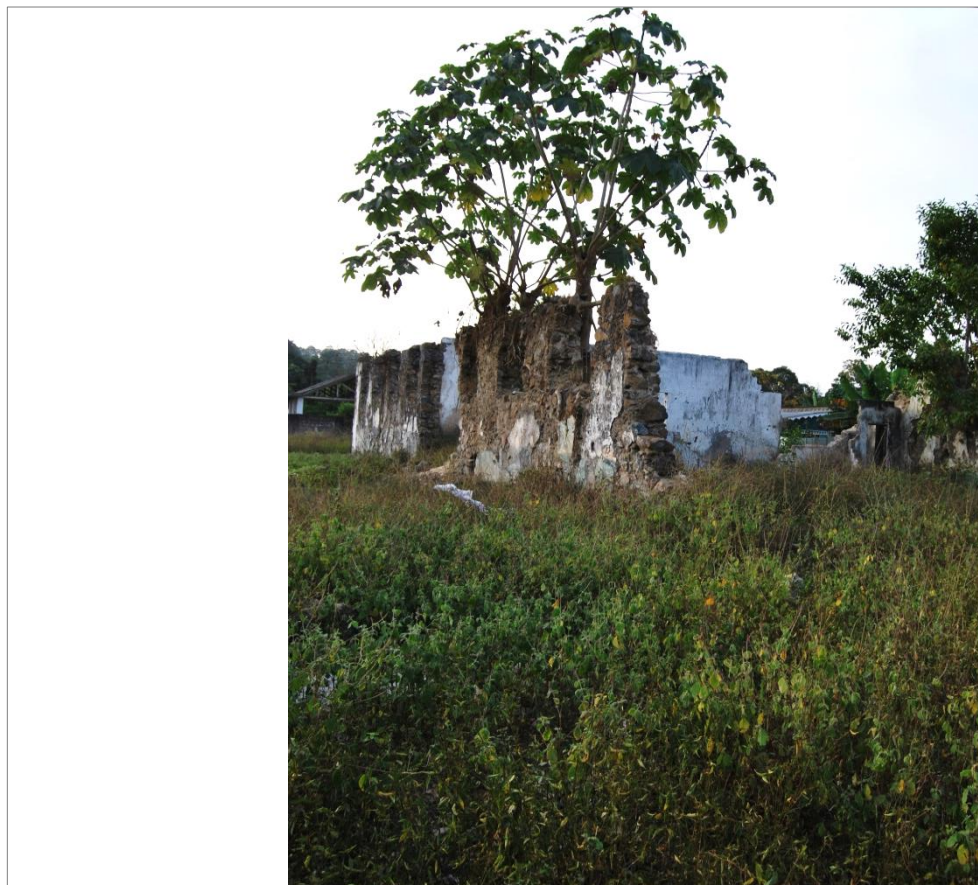


FIGURA 18 | MEMÓRIA E IDENTIDADE – CAPELA

FONTE: Fotografia de Mariana Santos

O PASSADO – MEMÓRIA (DA ROÇA)



FIGURA 19 | POSTAL 1914 - HOSPITAL DA ROÇA BOA ENTRADA

FONTE: <https://arquivohistorico.marinha.pt/viewer?id=9865> - 24/07/2014 _ Ed. M. Lopes _ 1914



FIGURA 20 | POSTAL 1907 – HOSPITAL BOA ENTRADA

FONTE: <http://actd.iict.pt/view/actd:AHUD7871>



FIGURA 21 | CAMINHOS DE FERRO 1919 - ACTIVIDADES AGRÍCOLAS

FONTE: <http://casacomum.org>

A CIDADE

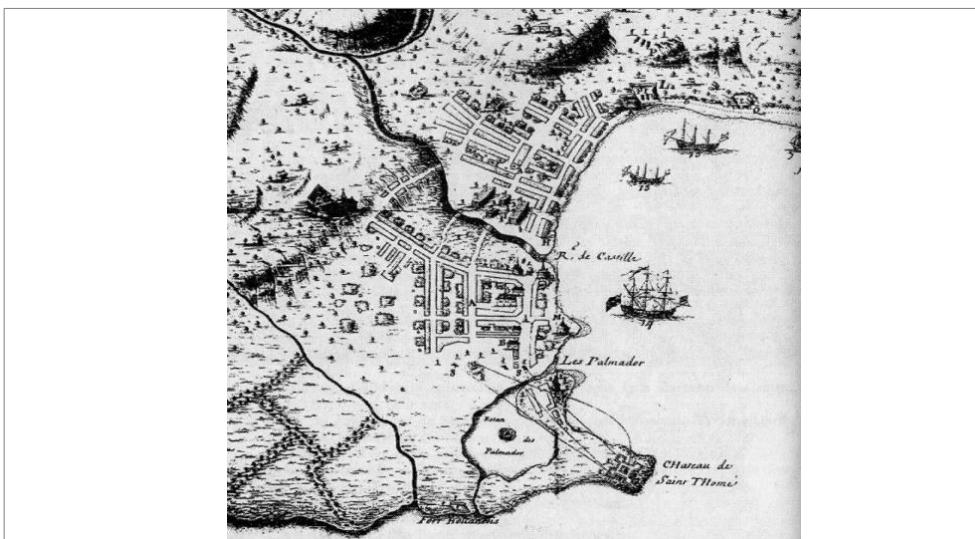


FIGURA 22 | BAÍA ANA CHAVES - 1709

FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu

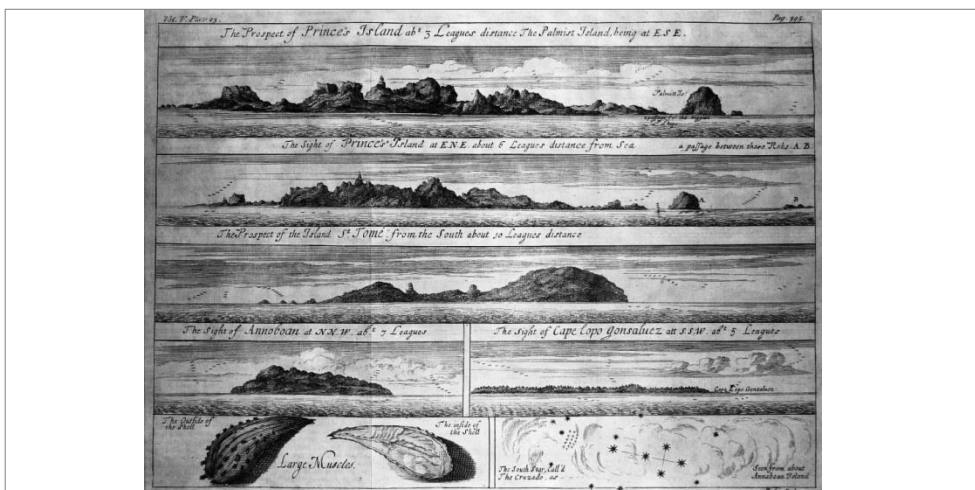


FIGURA 23 | PERFIS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE - 1732

FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu



FIGURA 24 | CIDADE DE S. TOMÉ - 1889

FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu

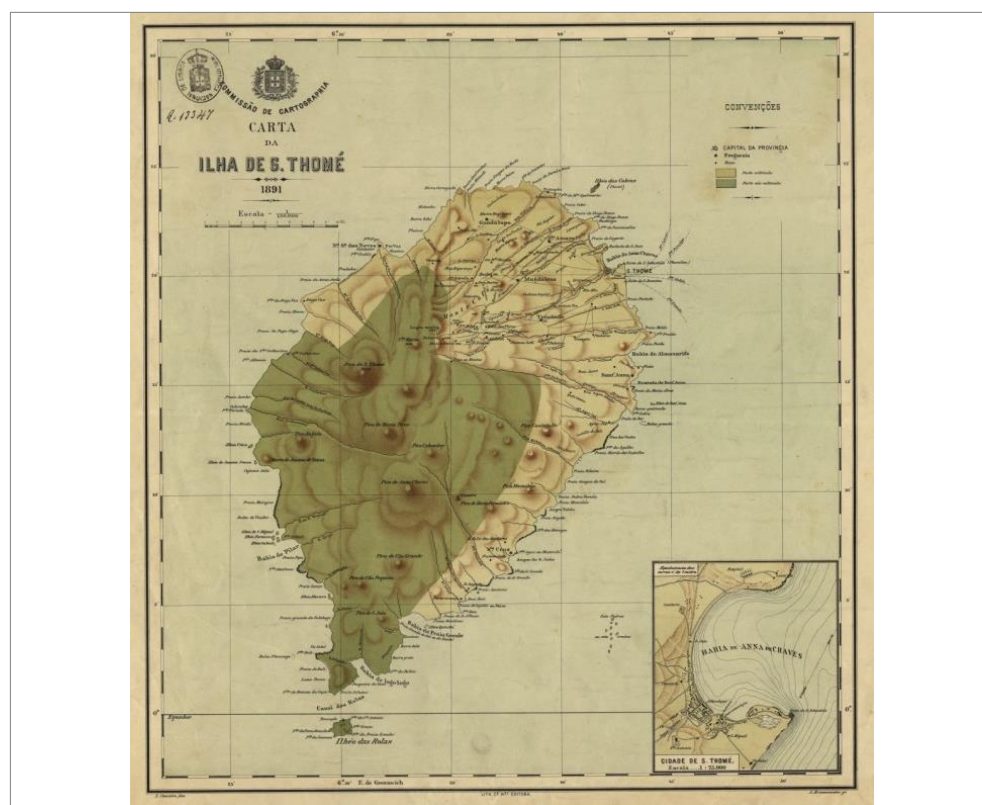


FIGURA 25 | CARTA DA ILHA DE SÃO TOMÉ – FREGUESIAS E ROÇAS – 1891
 FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu

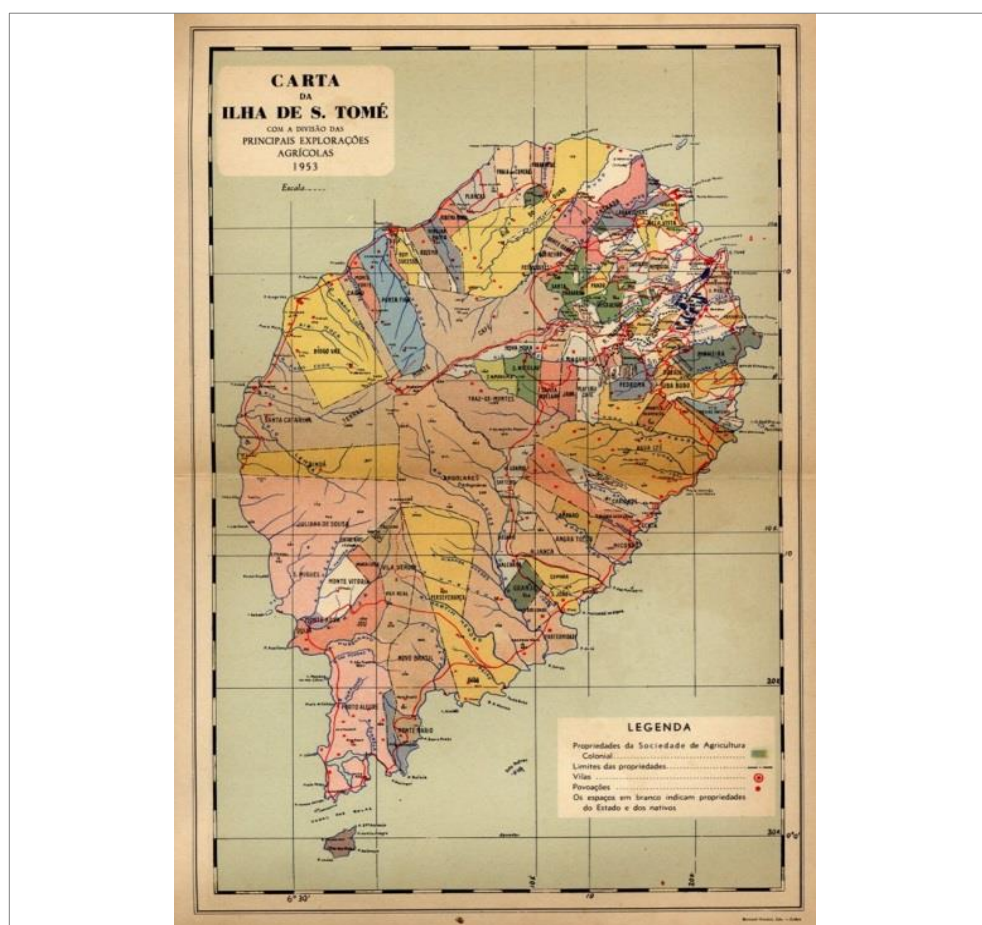


FIGURA 26 | PRÍNCIPAIS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS – 1953
 FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu

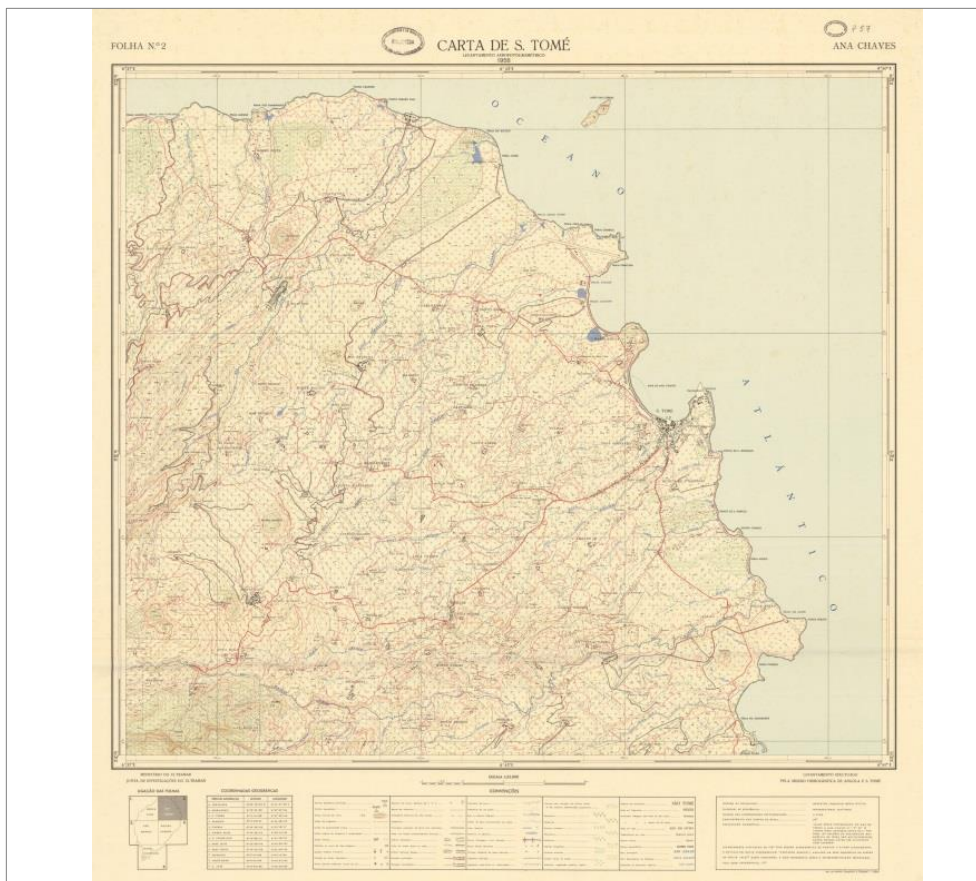


FIGURA 27 | CARTA DE S. TOMÉ - FOLHA Nº2 – 1958

FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu



FIGURA 28 | CARTA DA ILHA DE S. TOMÉ – 1961

FONTE: MARQUÊS, João, Carta da Ilha de São Tomé, topográfico 175000, Projeção Mercator (UTM), Elipsóide internacional Hayford, Lisboa, Centro de Geografia do Ultramar.

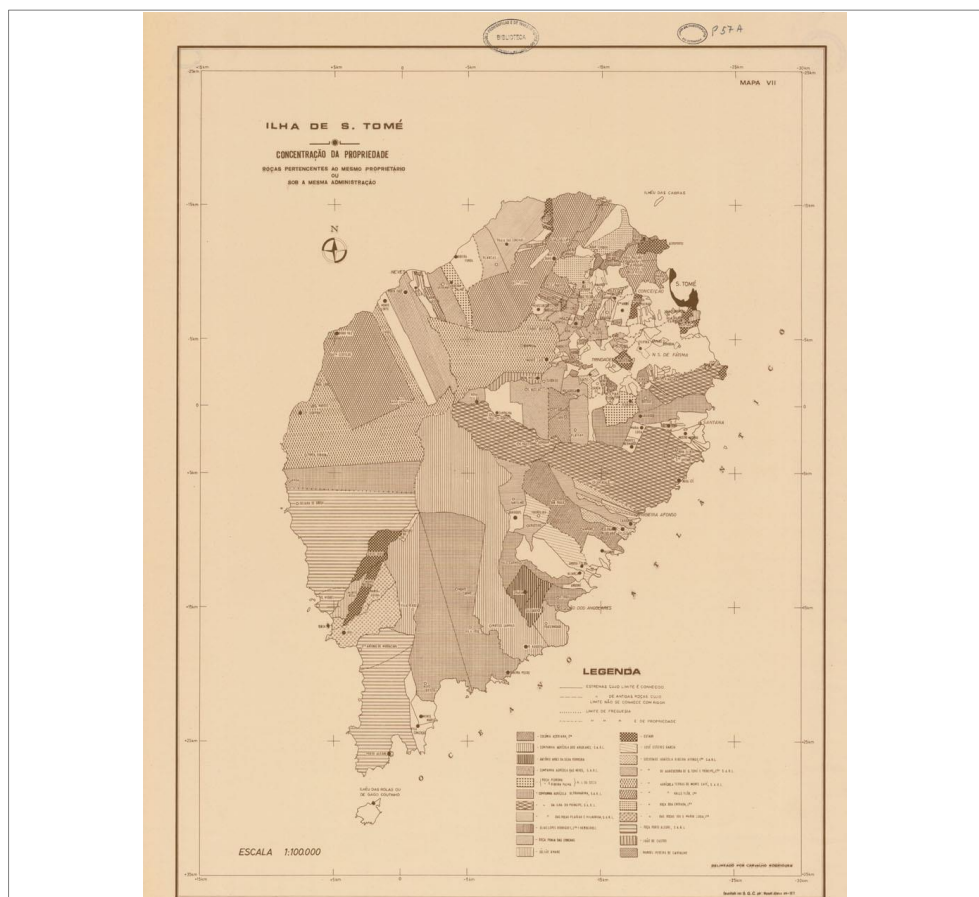


FIGURA 29 | CARTA DA ILHA DE SÃO TOMÉ - ROÇAS E ADMINITRAÇÕES - 1971
 FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu

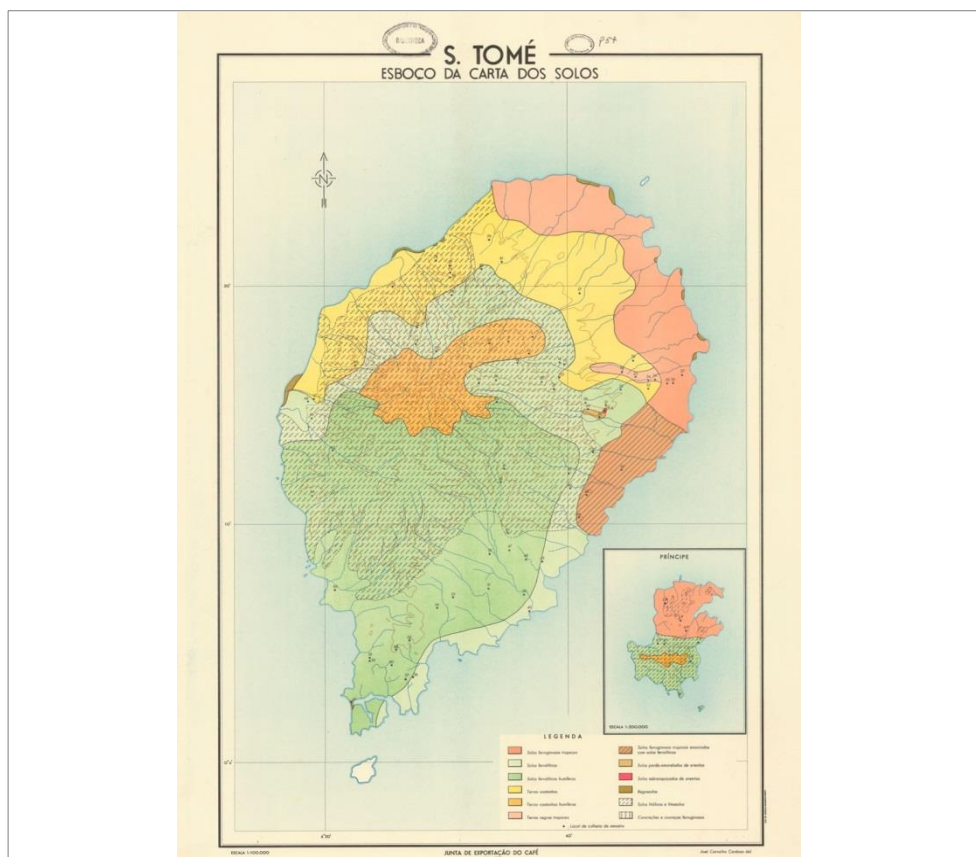


FIGURA 30 | CARTA DE SOLOS – 1957
 FONTE: LAINS E SILVA, Hélder, S. Tomé. Esboço da Carta dos Solos, 1100.000, Porto, Junta de Exportação do Café, 1957

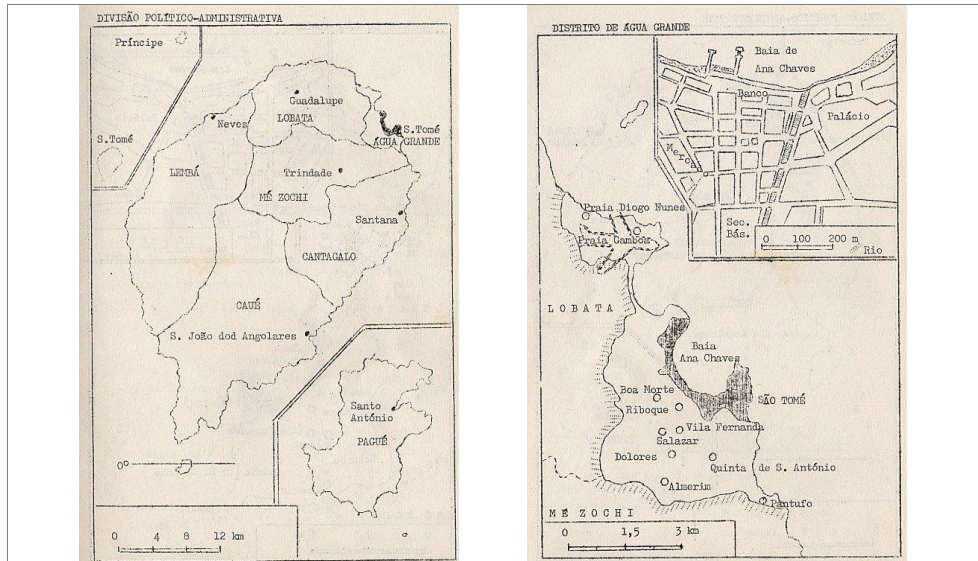


FIGURA 31 | CARTAS DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA; DISTRITO DE ÁGUA DE ÁGUA
FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu

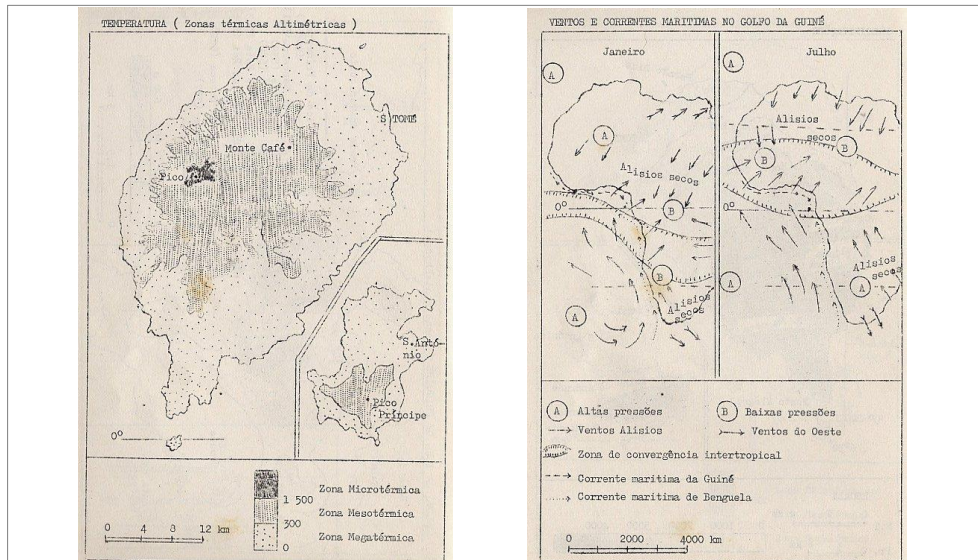


FIGURA 32 | CARTAS TEMPERATURAS; VENTOS E CORRENTES MARÍTIMAS
FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu

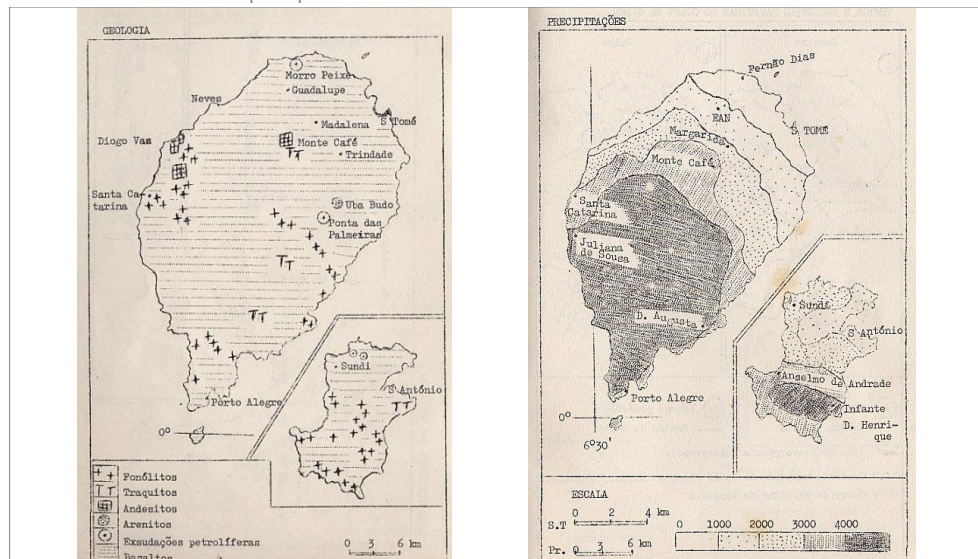


FIGURA 33 | CARTAS GEOLOGIA; PRECIPITAÇÕES
FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu

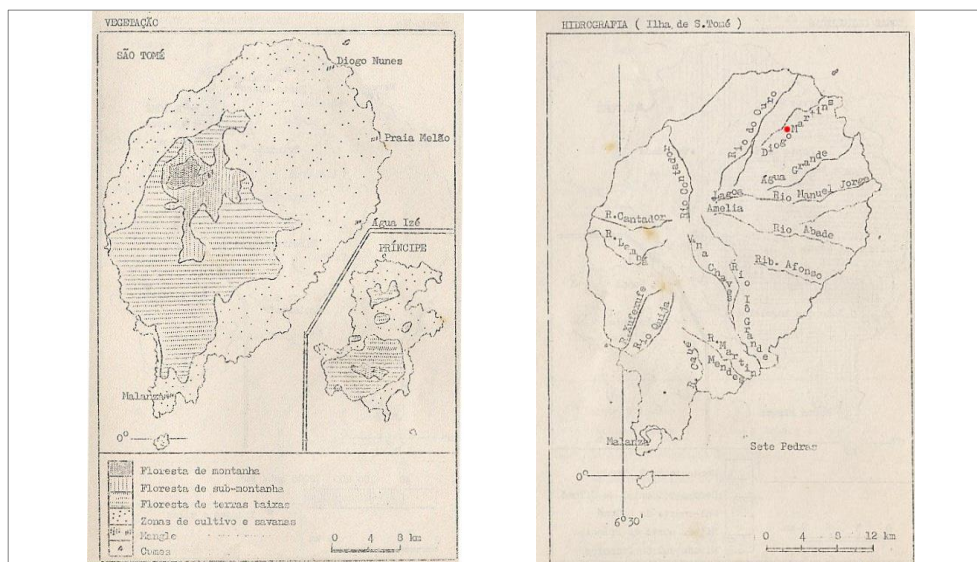


FIGURA 34 | CARTAS VEGETAÇÃO; HIDROGRAFIA
 FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu

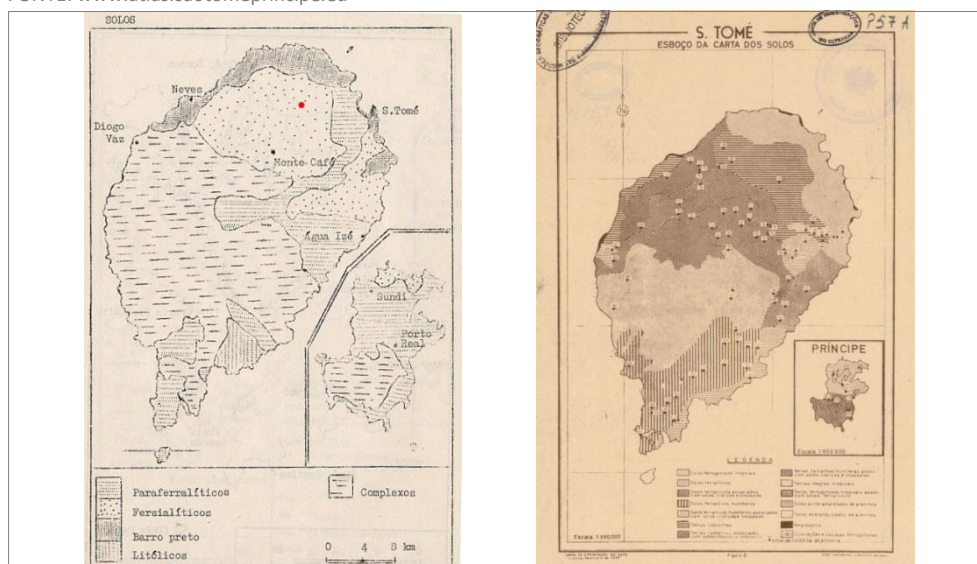


FIGURA 35| CARTAS DE SOLOS
 FONTE: www.atlas.saotomeprincipe.eu - CARDOSO, J. Carvalho, Esboço da carta dos solos de São Tomé, Junta de Exportação do Café, 1957

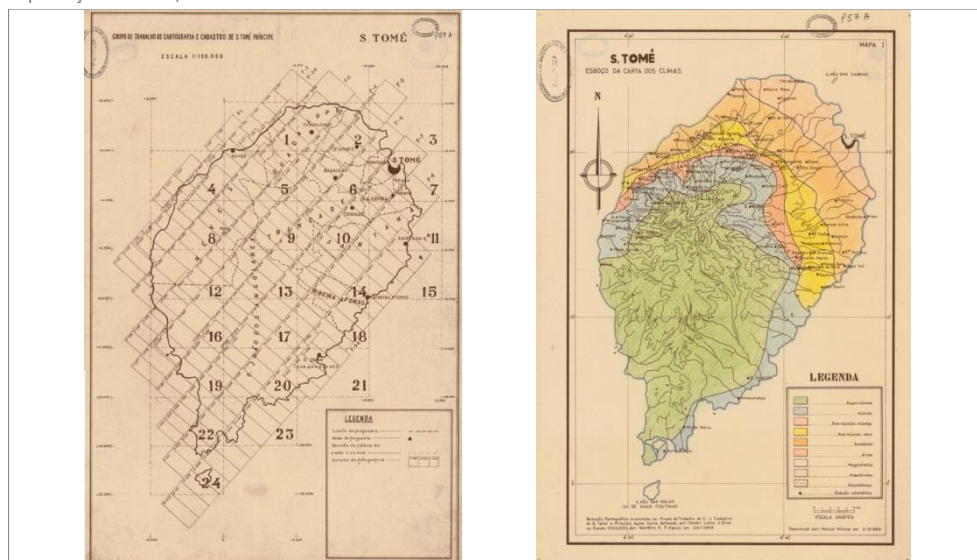


FIGURA 36| CARTAS DA ILHA S. TOMÉ - LIMITES DE FREGUESIAS; CLIMAS
 FONTE: GRUPO DE TRABALHO DE CARTOGRAFIA E CADASTRO, S. Tomé, 1150.000, 1967. Inclui divisões das antigas freguesias coloniais ; AFONSO, Manuel, S. Tomé. Esboço da carta dos climas, 1969.

A RELIGIÃO EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

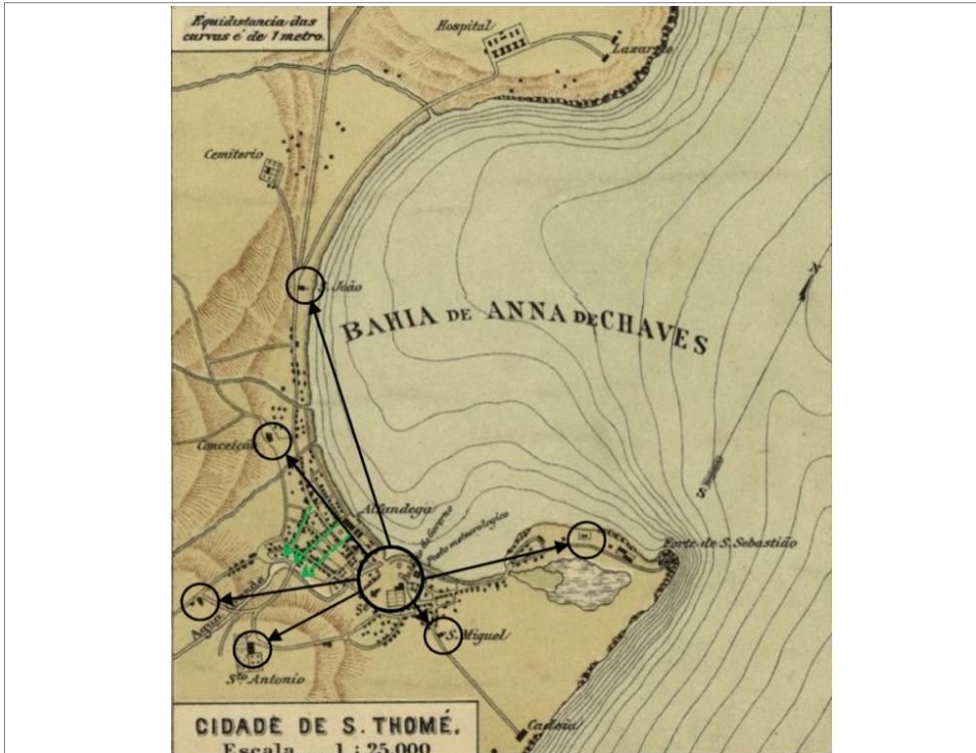


FIGURA 37 | CRESCIMENTO DA CIDADE S. TOMÉ DE ACORDO COM A IMPLANTAÇÃO DAS IGREJAS



FIGURA 38 | IGREJA DA NOSSA SRª DO ROSÁRIO – PROLONGAMENTO VISUAL

FONTE: SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico | <http://www.monumentos.pt/>



FIGURA 39 | IGREJA DA NOSSA SRª DO ROSÁRIO – ESPAÇOS ADJACENTES

FONTE: SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico | <http://www.monumentos.pt/>



FIGURA 40 | IGREJA SÃO JOÃO DOS ANGOLARES – COBERTURAS TRADICIONAIS; REPETIÇÃO DE ELEMENTOS

FONTE: SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico | <http://www.monumentos.pt/>



FIGURA 41 | IGREJA BOM BOM – COMPOSIÇÃO FORMAL; TORRE SINEIRA

FONTE: Fotografia de Joana Bastos Malheiro



FIGURA 42 | IGREJA BOM JESUS
FONTE: Fotografia de Joana Bastos Mallheiro



FIGURA 43 | IGREJA S. JOÃO
FONTE: Fotografia de Joana Bastos Malheiro



FIGURA 44 | CAPELA S. PEDRO
FONTE: Fotografia de Joana Bastos Malheiro

ANEXO II – O PROCESSO DE TRABALHO

O URBANO

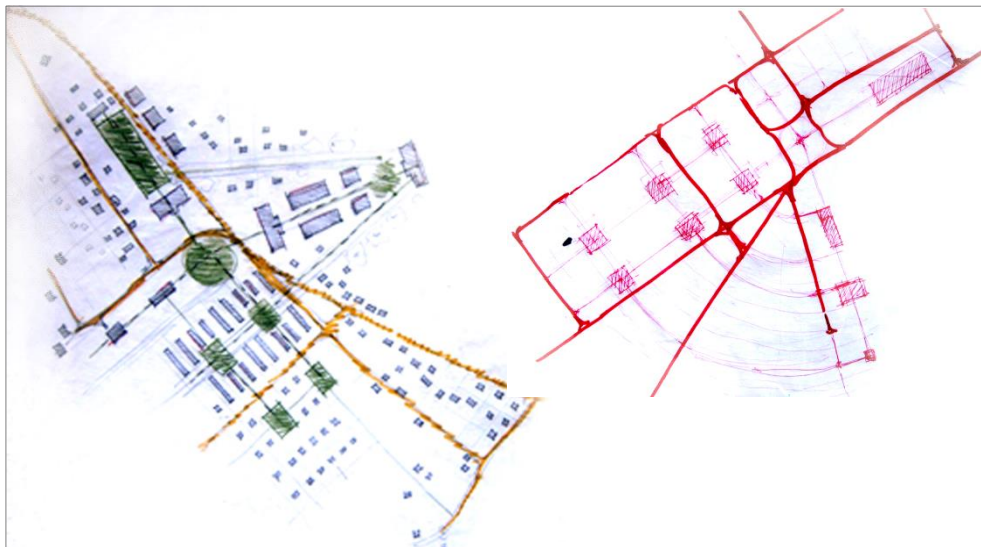


FIGURA 45 | PRÁTICA DO TRAÇADO – PROPOSTA URBANA

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha

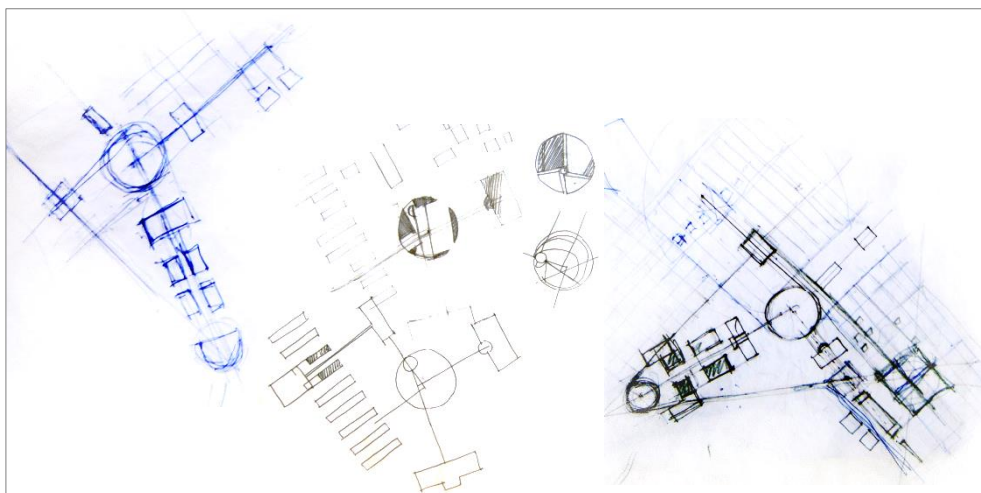


FIGURA 46 | ELEMENTOS ESTRUTURANTES

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha

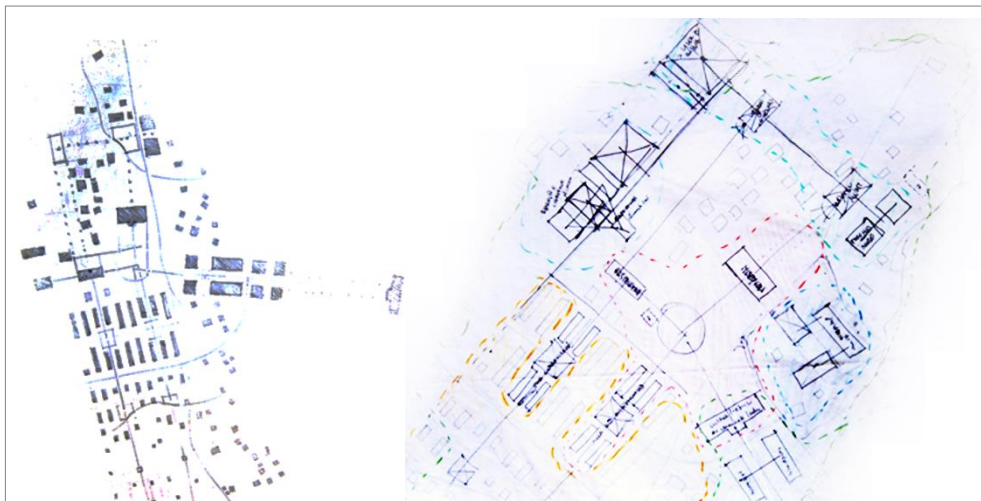


FIGURA 47 | ARTICULAÇÃO ENTRE ESPAÇOS

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha

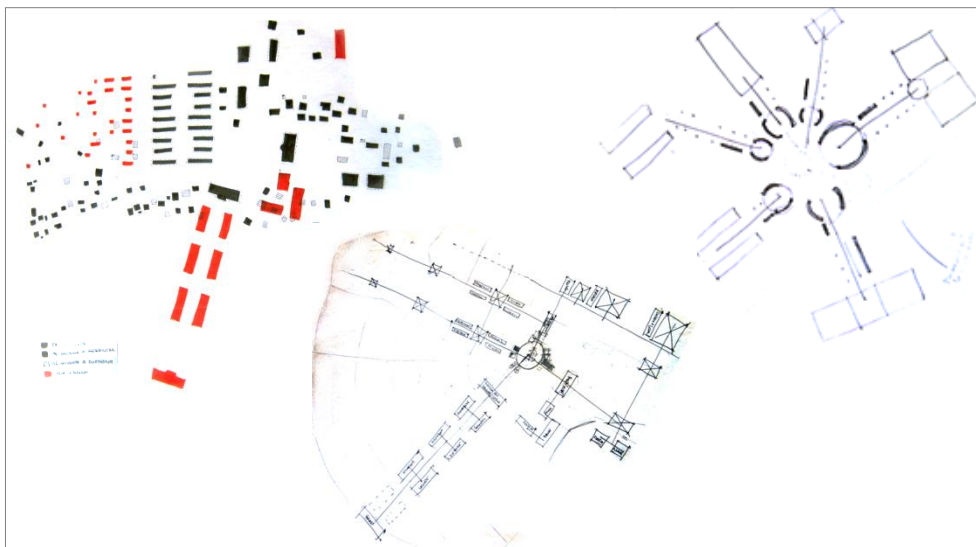


FIGURA 48 | ESTRATÉGIA URBANA

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha

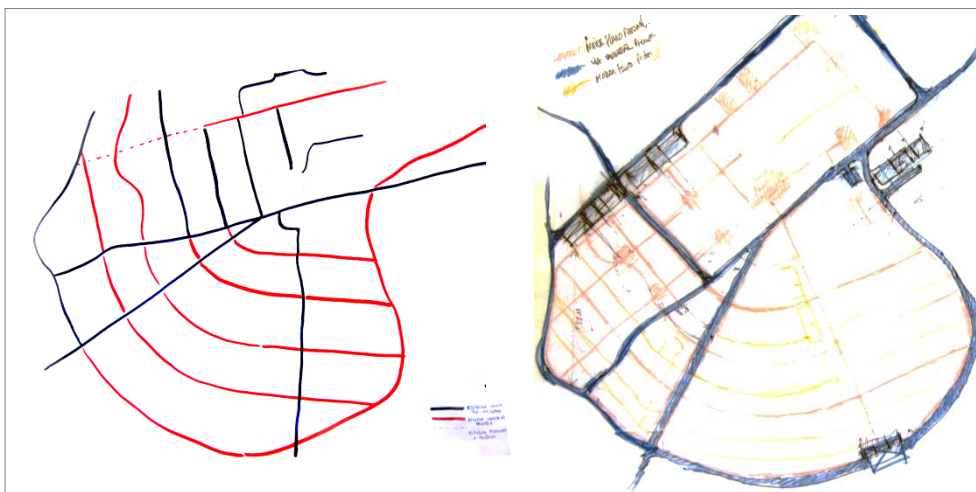


FIGURA 49 | ESTRUTURAS VIÁRIAS PRÉ-EXISTENTES E PROPOSTAS – ACESSIBILIDADE E ESTACIONAMENTO

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha

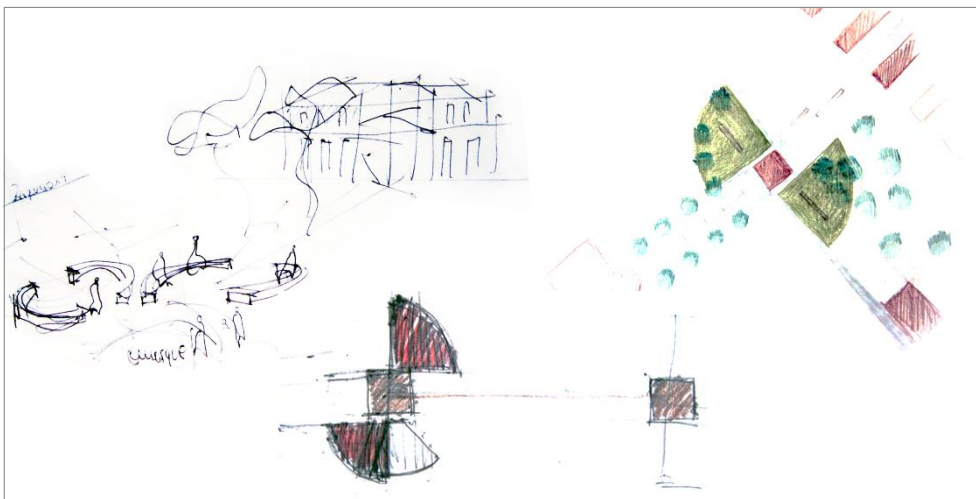


FIGURA 50 | PROPOSTA PARA A PRAÇA CENTRAL – TERREIRO

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha

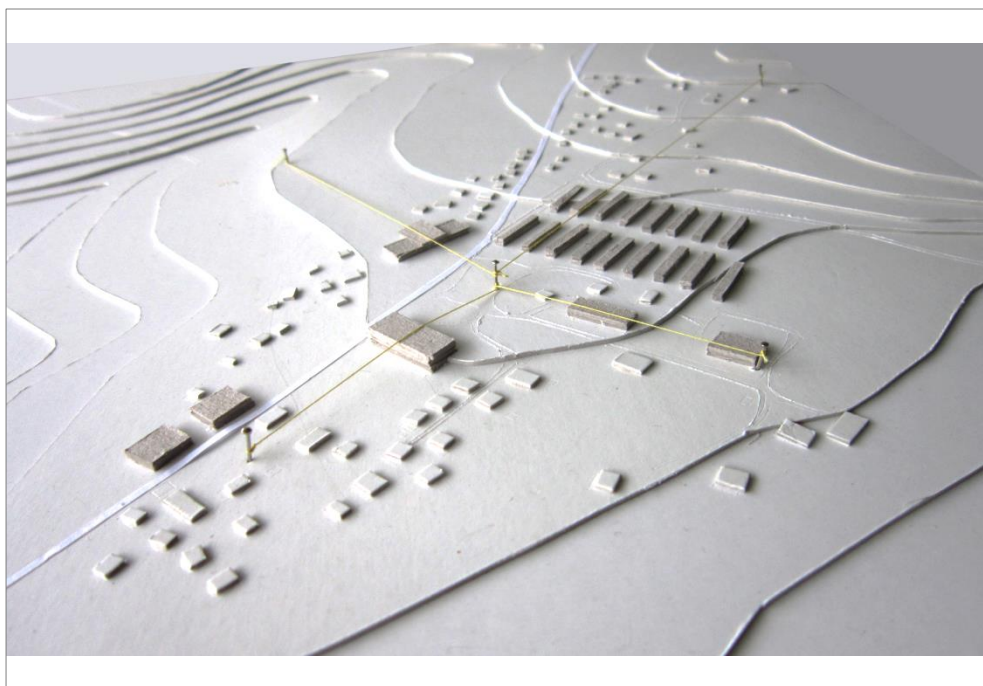


FIGURA 51 | MAQUETE DE ESTUDO URBANO – EIXOS CULTURAIS – 1 / 2000
FONTE: Fotografia da autora

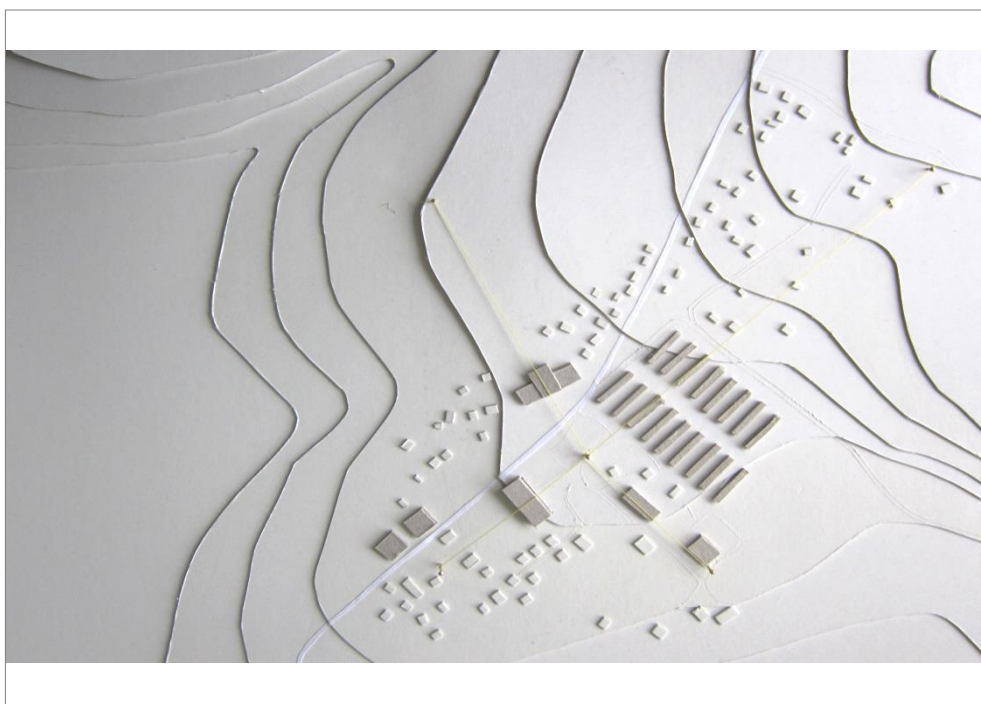


FIGURA 52 | MAQUETE DE ESTUDO URBANO – ELEMENTOS ESTRUTURANTES AO PROJECTO – 1/2000
FONTE: Fotografia da autora

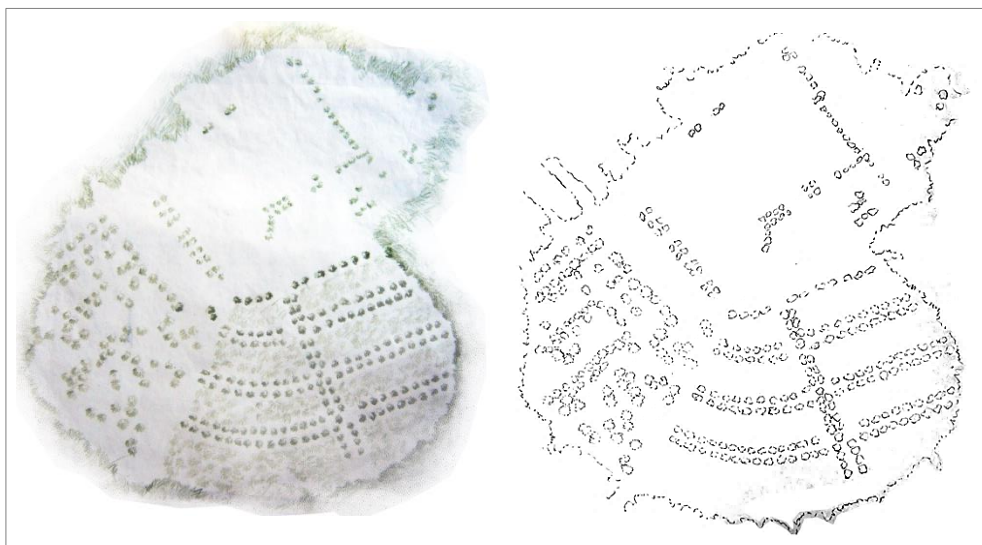


FIGURA 53 | ESTRUTURA ARBÓREA

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha

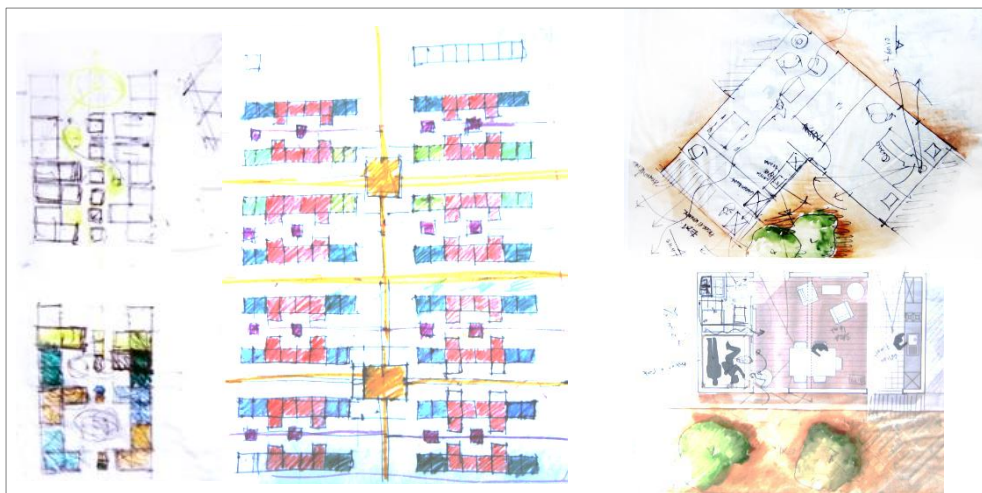


FIGURA 54 | PROPOSTA HABITACIONAL - SANZALAS

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha



FIGURA 55 | PROPOSTA DE ESPAÇOS INTERIORES – AMBIÊNCIAS PRETENDIDAS

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha

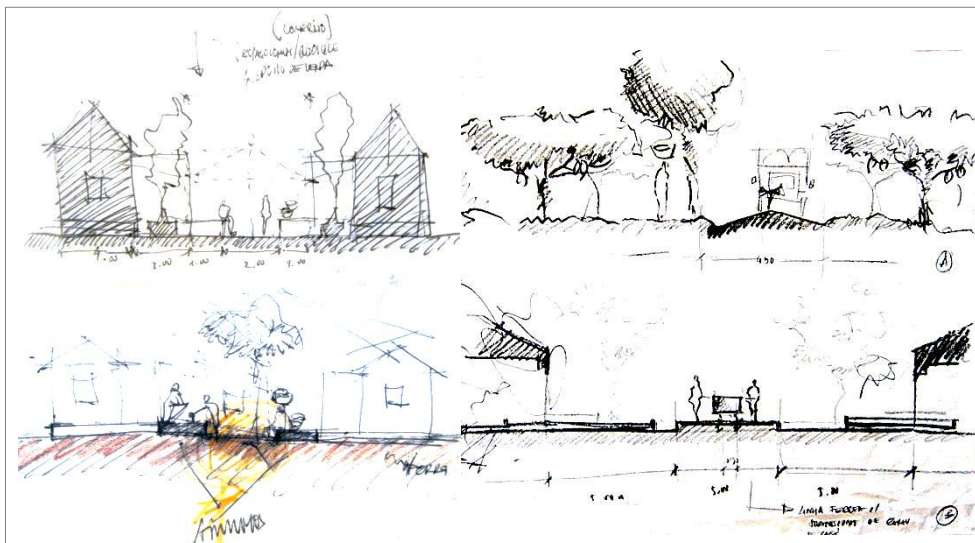


FIGURA 56 | ESBOÇOS DE PERFIS TRANSVERSAIS – SANZALAS; E PERCURSOS AGRÍCOLAS

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha

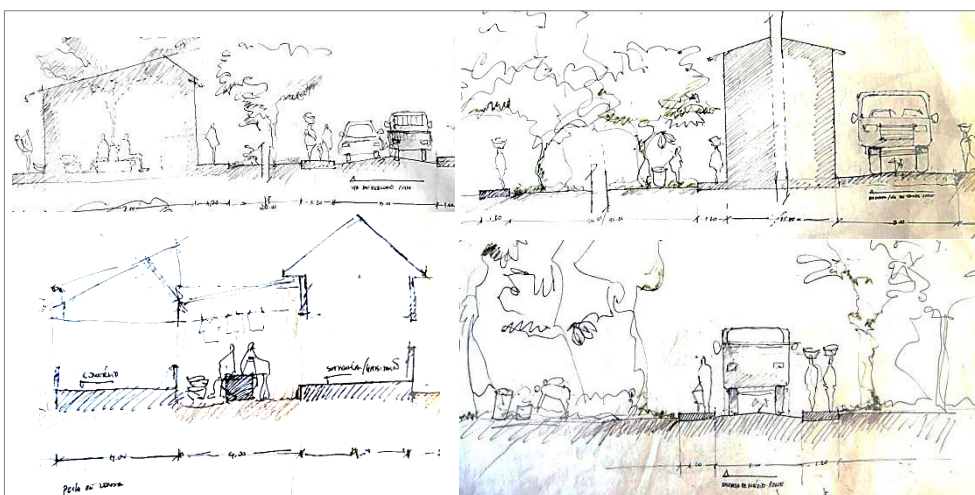


FIGURA 57 | ESBOÇOS DE PERFIS TRANSVERSAIS – VIAS

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha

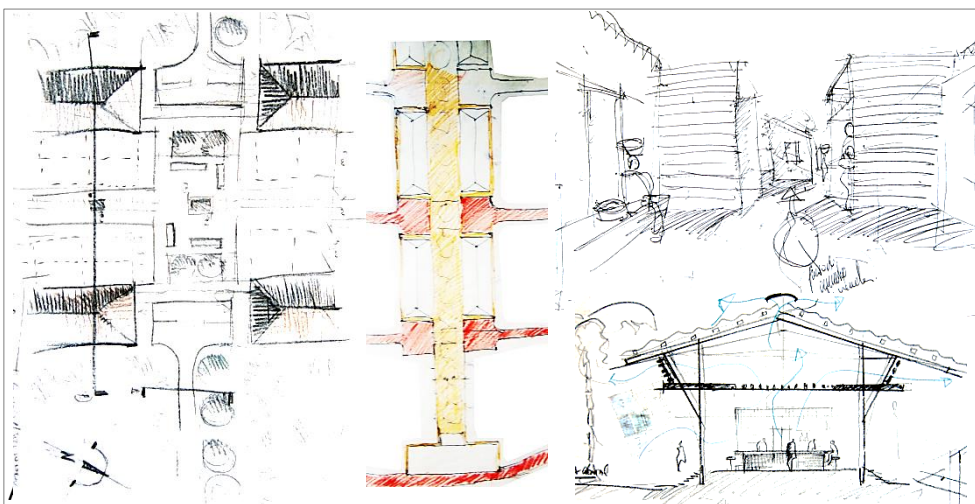


FIGURA 58 | ESBOÇOS –PROPOSTA DE ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS PÚBLICOS

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha



FIGURA 59 | MAQUETE SANZALA - PROPOSTA HABITACIONAL – FLEXIBILIDADE TIPOLOGICA – PERCURSOS COMERCIAIS E HABITACIONAIS
FONTE: Esquissos elaborados pela autora

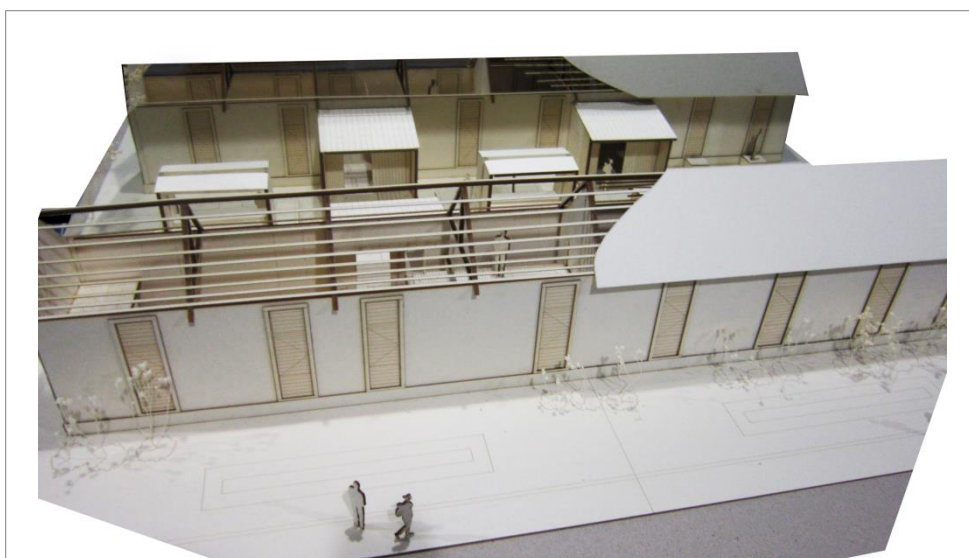


FIGURA 60 | MAQUETE SANZALA - TÉCNICAS CONSTRUTIVAS - PROPOSTA DE ESPAÇOS PÚBLICOS
FONTE: Esquissos elaborados pela autora

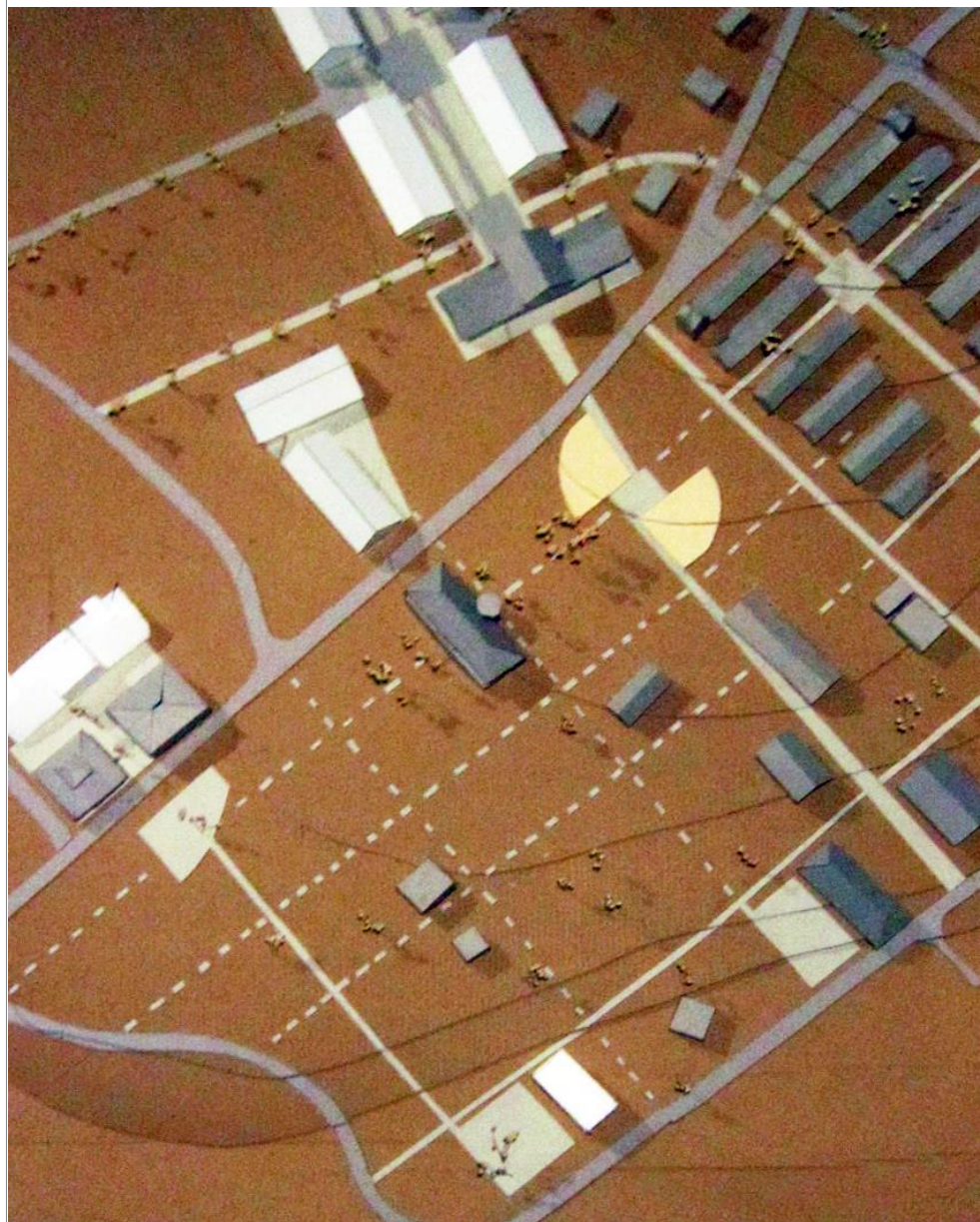


FIGURA 61 | MAQUETE DE ESTUDO – PROPOSTA URBANA – TERREIRO - 1 / 500
FONTE: Fotografia da autora

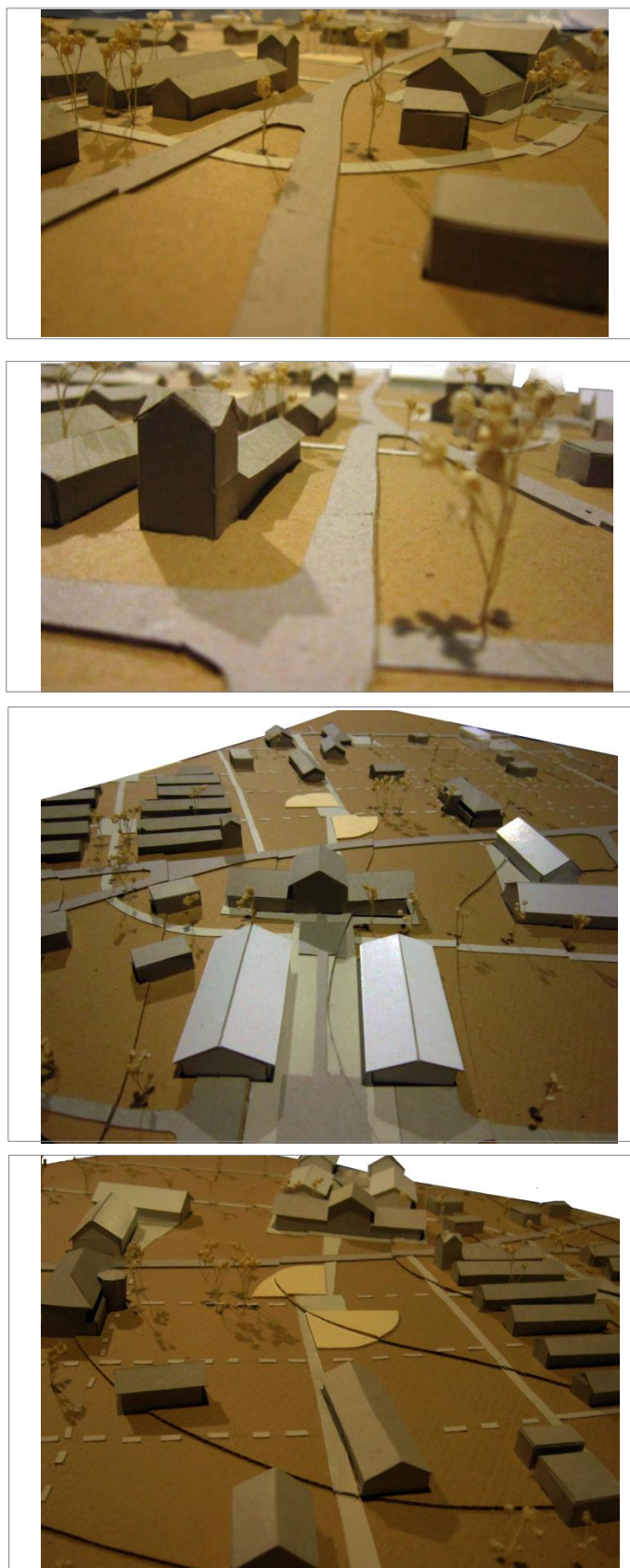


FIGURA 62 | MAQUETE DE ESTUDO 1/500 – PROPOSTA URBANA - EIXOS E
PROLONGAMENTOS

FONTE: Fotografia da autora

A IGREJA

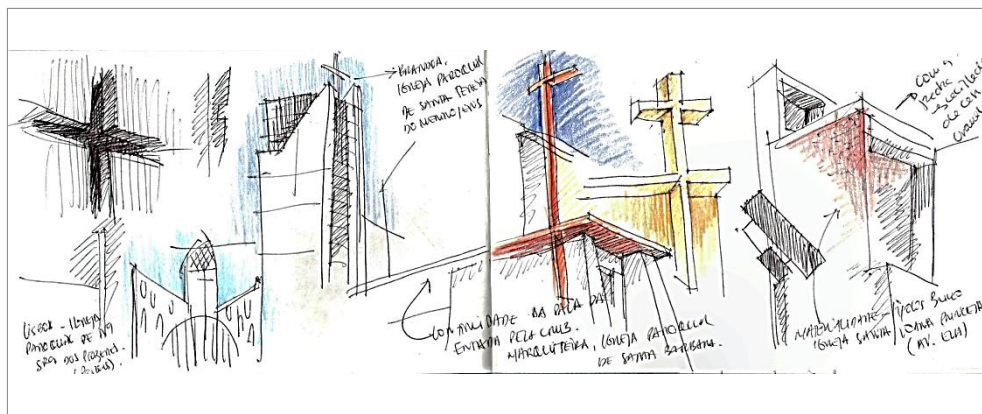


FIGURA 63 | OBRAS DE REFERÊNCIA

FONTE: Esquissos elaborados pela autora



FIGURA 64 | A FORMA - CONCEITO

FONTE: Esquissos elaborados pela autora

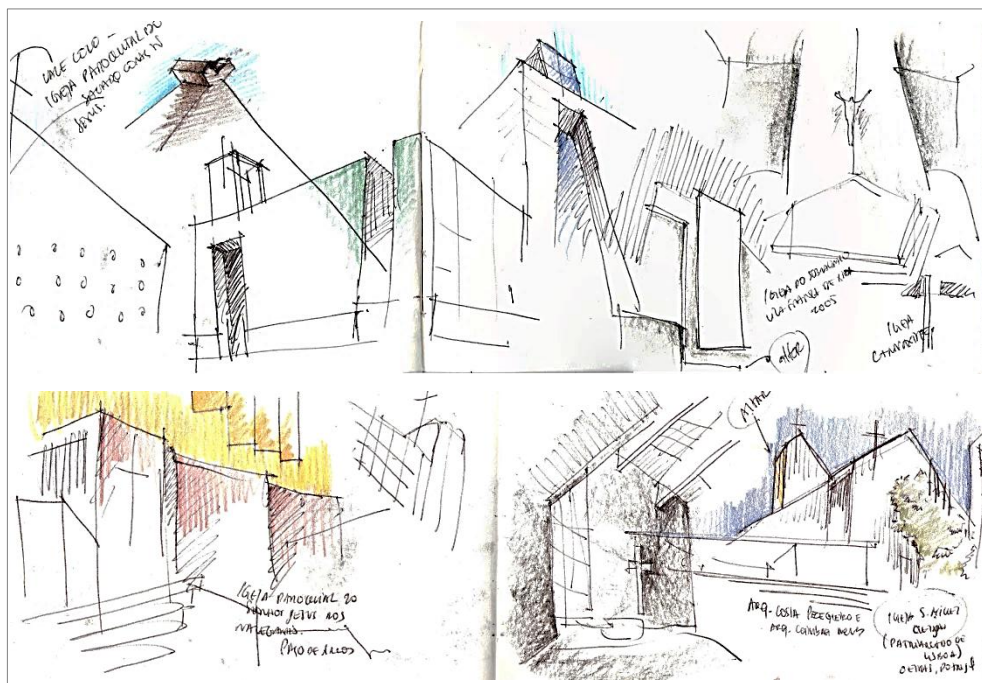


FIGURA 65 | OBRAS DE REFERÊNCIA - FORMA - LUZ

FONTE: Esquissos elaborados pela autora



FIGURA 66 | PORMENORES - VENTILAÇÃO - ORGANIZAÇÃO ESPACIAL INTERIOR

FONTE: Esquissos elaborados pela autora



FIGURA 67 | OBRAS DE REFERÊNCIA – CONCEITO

FONTE: Esquissos elaborados pela autora

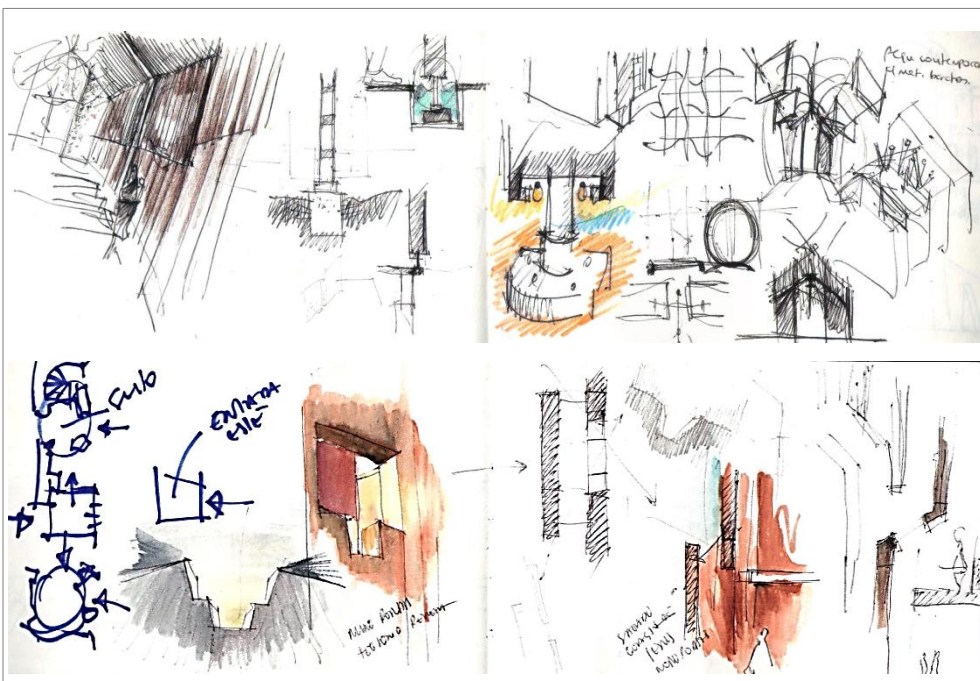


FIGURA 68 | OBRAS DE REFERÊNCIA - PORMENORES CONSTRUTIVOS – LUZ – MATERIALIDADE

FONTE: Esquissos elaborados pela autora

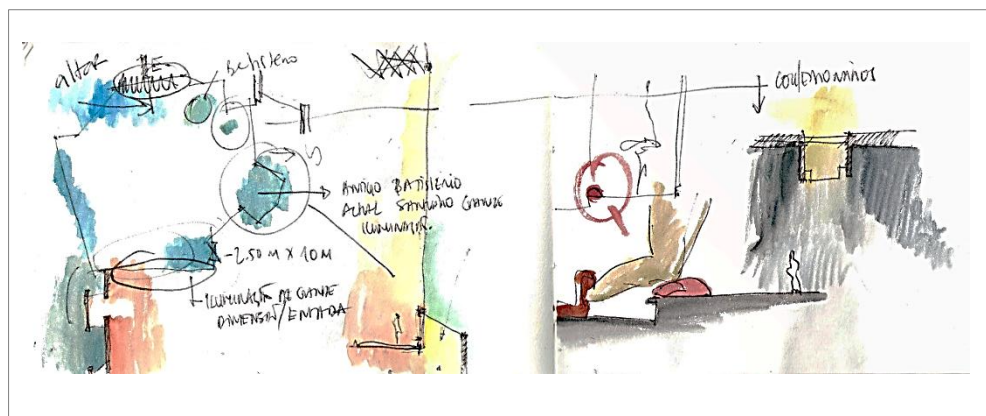


FIGURA 69 | OBRAS DE REFERÊNCIAS – LUZ

FONTE: Esquissos elaborados por Vânia Farinha

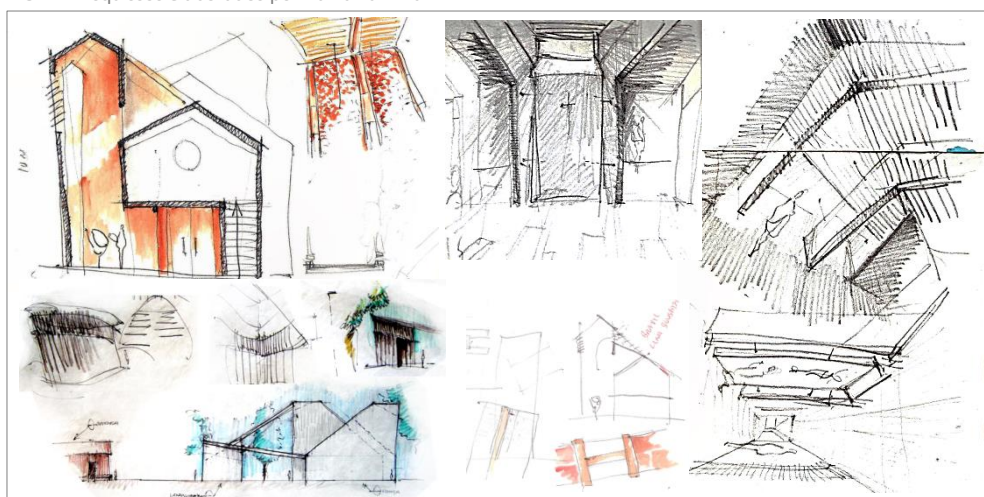


FIGURA 70 | PROPOSTA CONCEPTUAL – SISTEMA ESTRUTURAL

FONTE: Esquissos elaborados pela autora



FIGURA 71 | RELAÇÃO LUZ – FORMA

FONTE: Esquissos elaborados pela autora

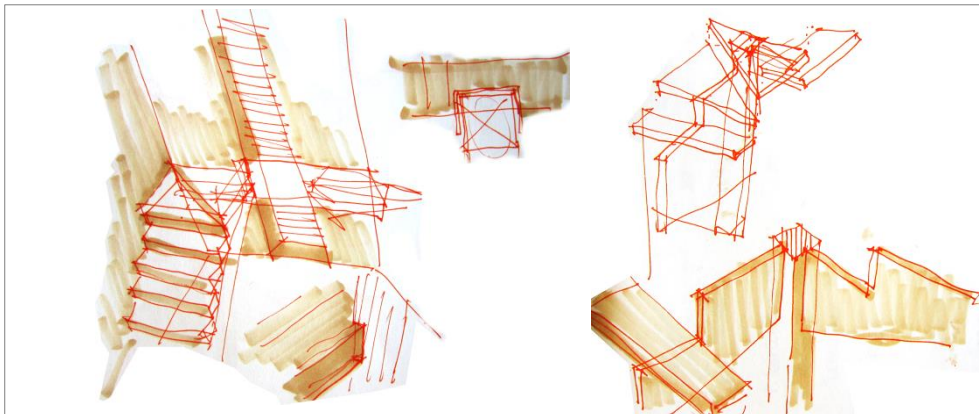


FIGURA 72 | ESCADAS EM ESTRUTURA DE MADEIRA. PORMENORES CONSTRUTIVOS - TORRE SINEIRA
IMAGEM: Esquisso da autora

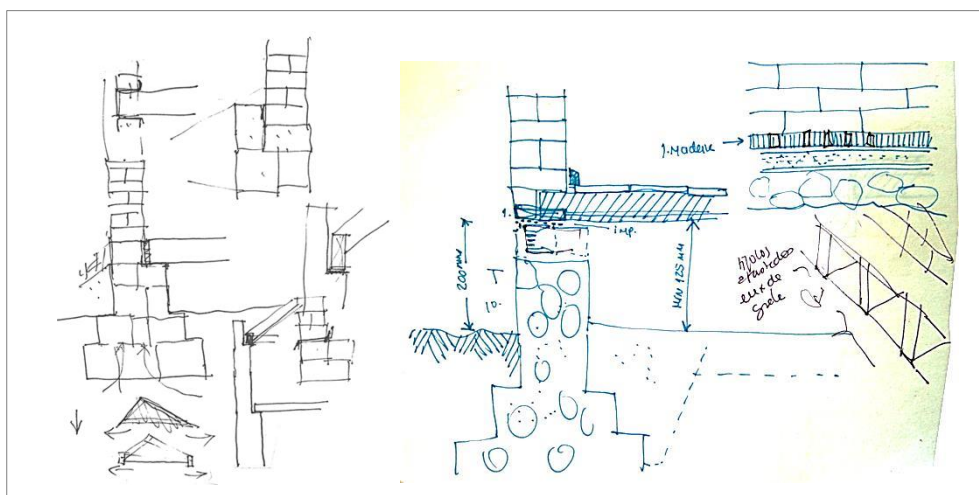


FIGURA 73 | PORMENORES CONSTRUTIVOS. ESTRUTURA
IMAGEM: Esquisso da autora

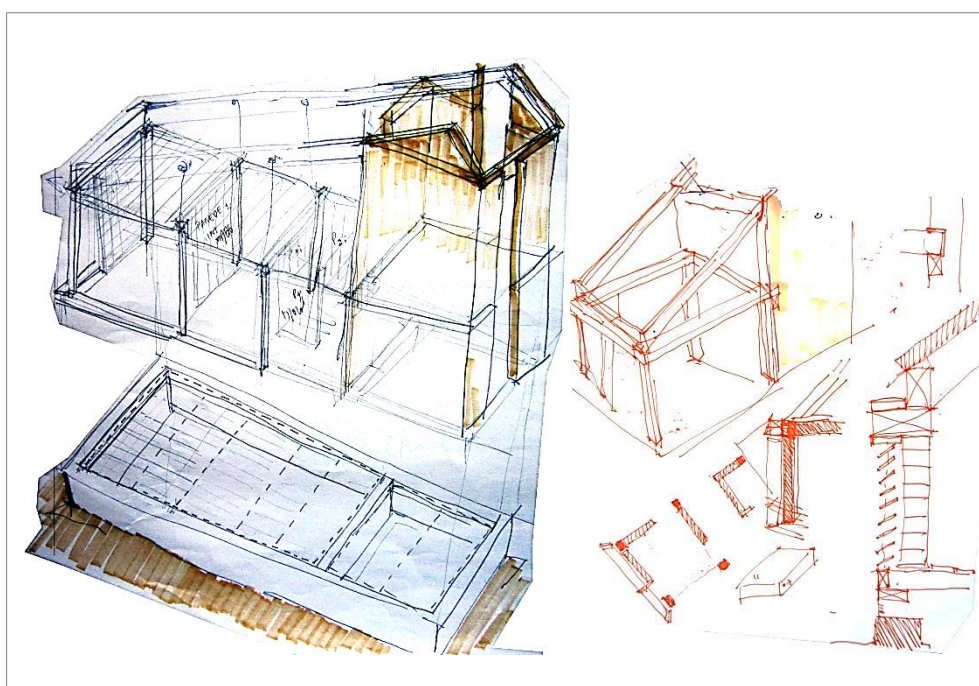


FIGURA 74 | ESTRUTURA. FACHADA EM RIPADO DE MADEIRA
IMAGEM: Esquisso da autora

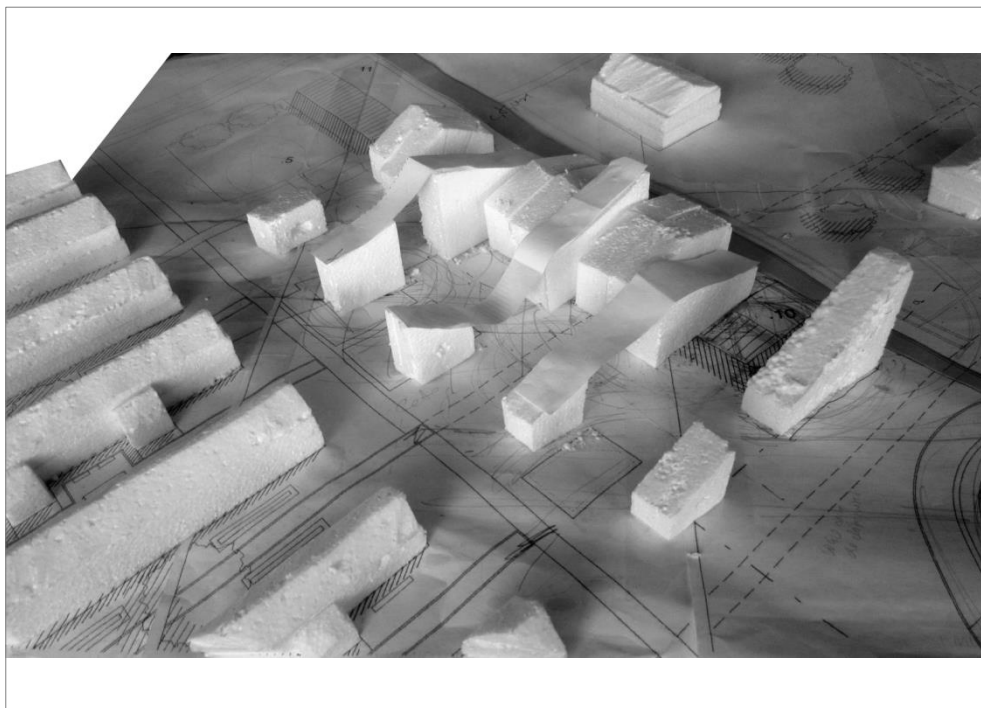


FIGURA 75 | MAQUETE DE ESTUDO 1/200 – FORMA CONCEPtual - RELAÇÃO COM A PRÉ-EXISTÊNCIA
FONTE: Esquissos elaborados pela autora

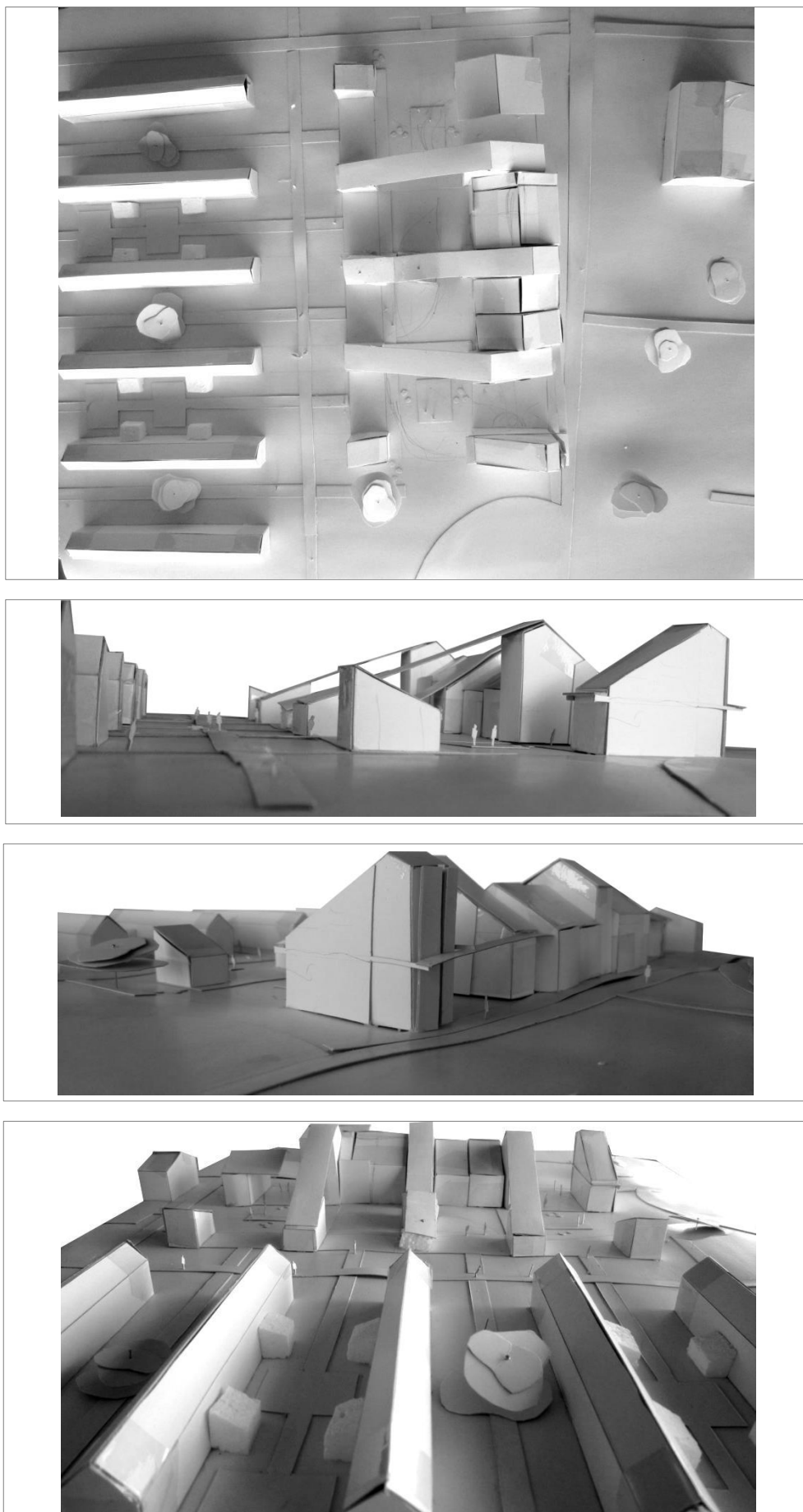


FIGURA 76 | MAQUETE DE ESTUDO 1/200 – ARTICULAÇÃO ENTRE ESPAÇOS PÚBLICOS – PRE-EXISTÊNCIAS
FONTE: Esquissos elaborados pela autora



FIGURA 77 | MAQUETE DE ESTUDO 1/100 – LINGUAGEM FORMAL – MATERIALIDADE
 FONTE: Esquissos elaborados pela autora

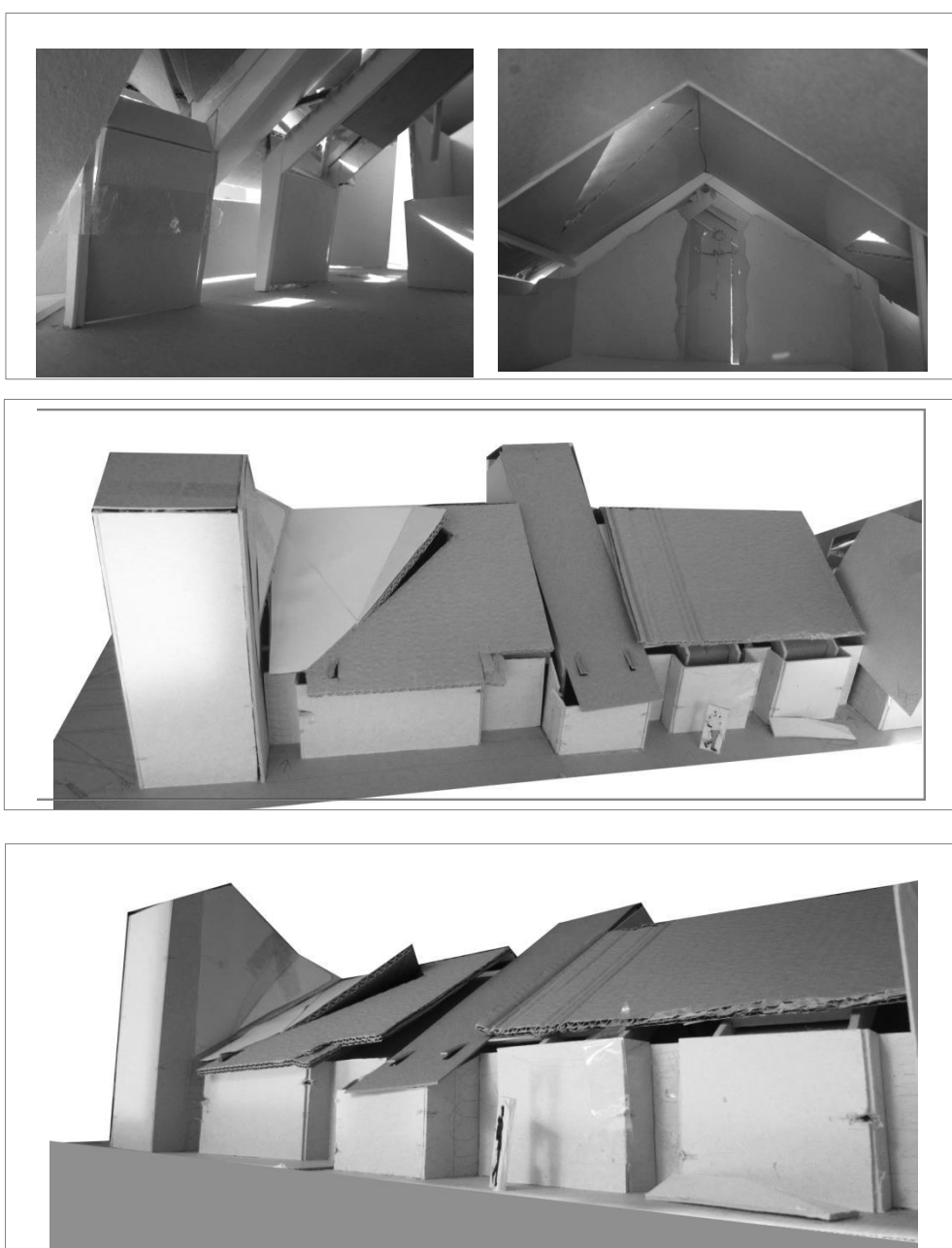


FIGURA 78 | MAQUETE DE ESTUDO – ESTUDO DA LUZ
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

ANEXO III – FOTOGRAFIAS DA MAQUETE FINAL



FIGURA 79 | MAQUETE FINAL – LOCALIZAÇÃO DAS ROÇAS NO TERRITÓRIO SANTOMENSE
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

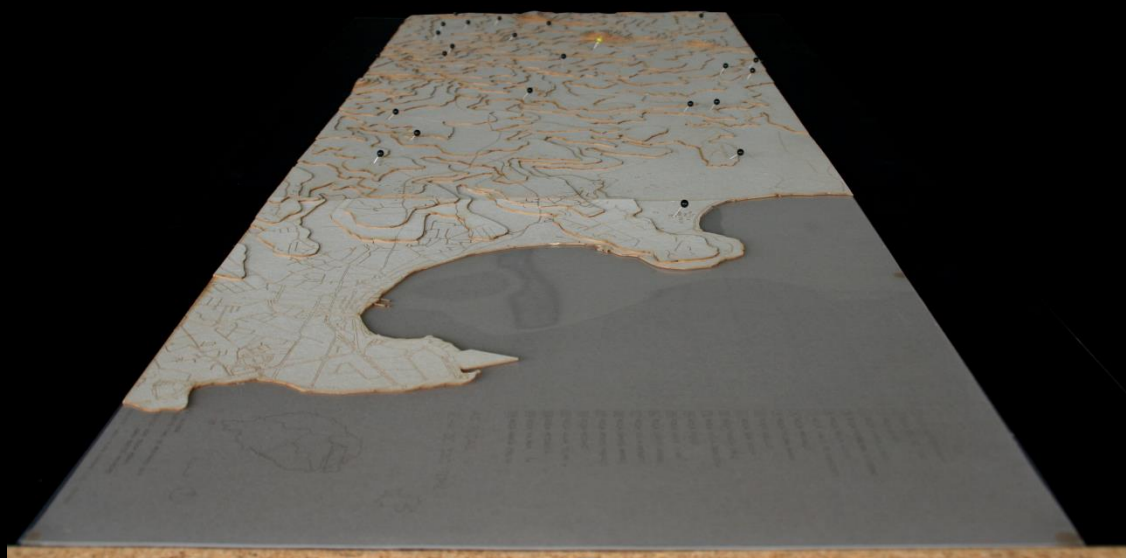


FIGURA 80 | MAQUETE FINAL – LOCALIZAÇÃO DAS ROÇAS NO TERRITÓRIO SANTOMENSE
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

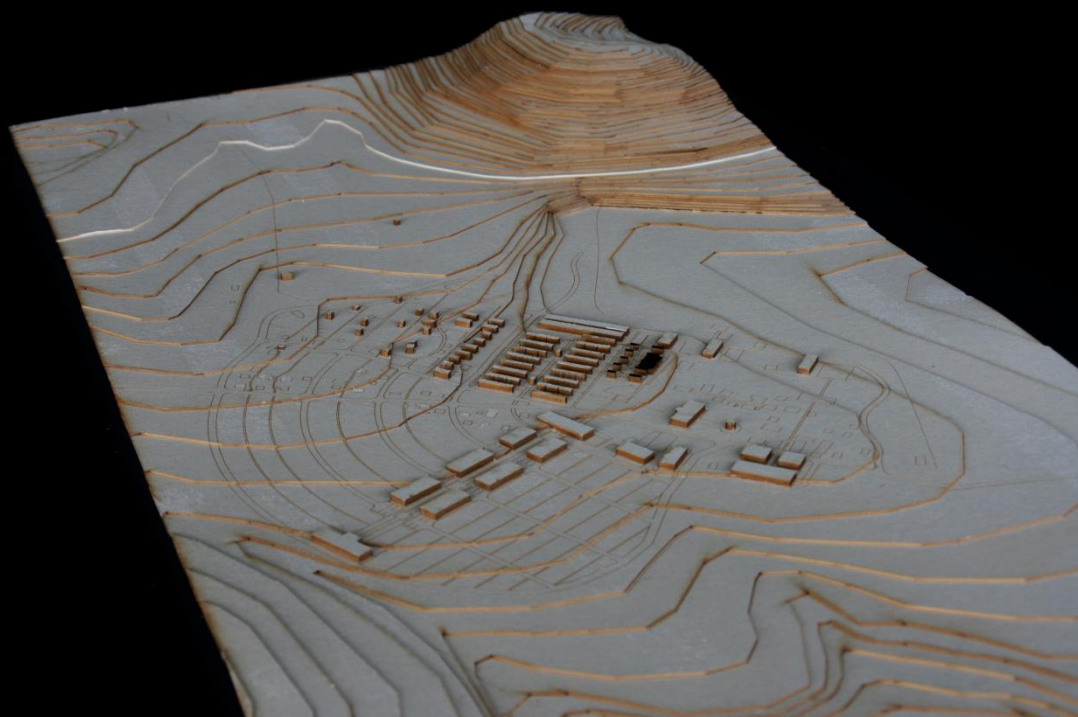


FIGURA 82 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA URBANA DA ROÇA BOA ENTRADA
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

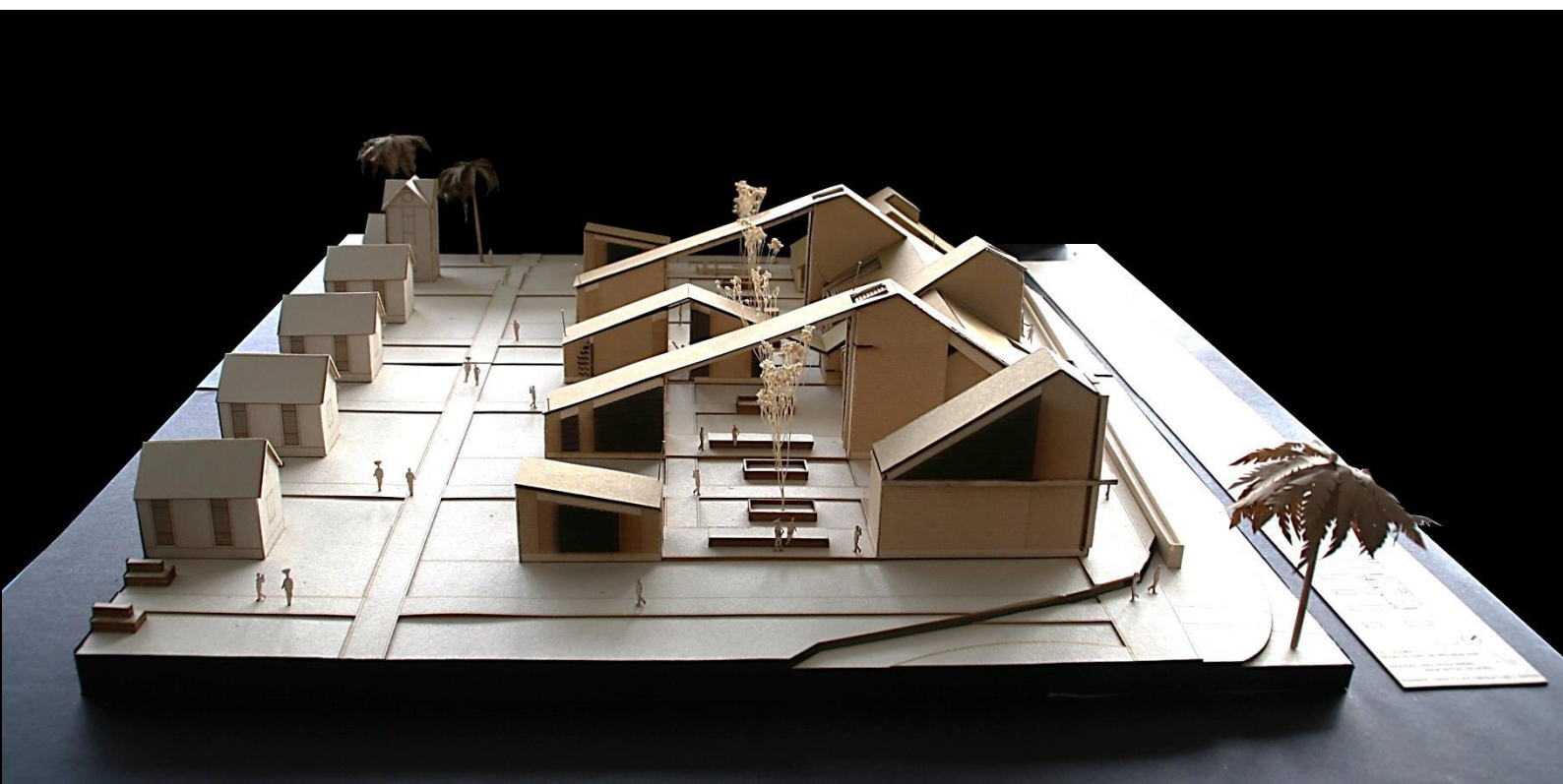


FIGURA 83 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – ESPAÇO SAGRADO DA ROÇA BOA ENTRADA
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

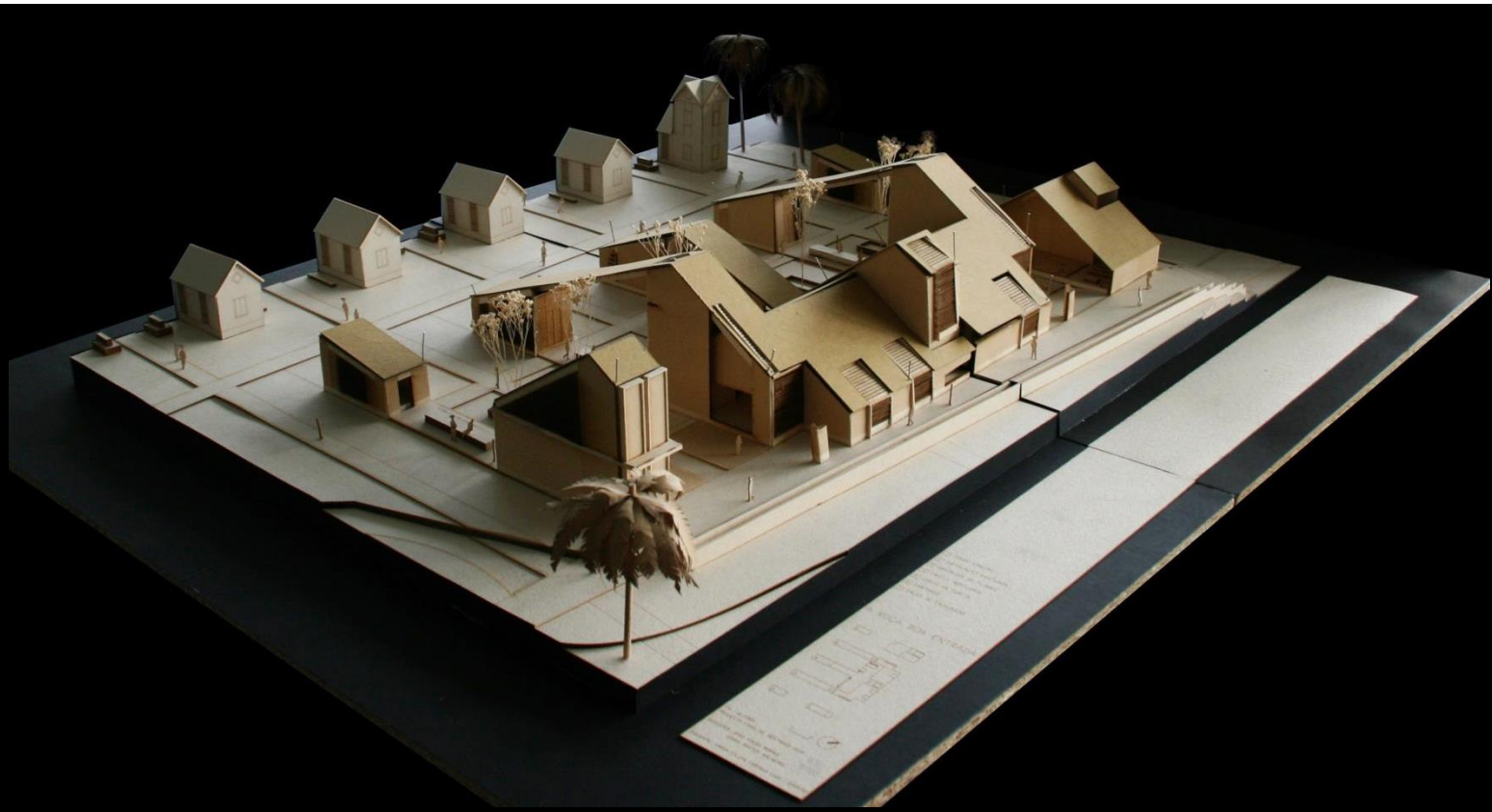


FIGURA 84 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – ESPAÇO SAGRADO DA ROÇA BOA ENTRADA
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha



FIGURA 85 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – O ESPAÇO PÚBLICO, EIXOS, ALINHAMENTOS E MATERIALIDADE
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha



FIGURA 86 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – O ESPAÇO PÚBLICO, EIXOS, ALINHAMENTOS E MATERIALIDADE
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

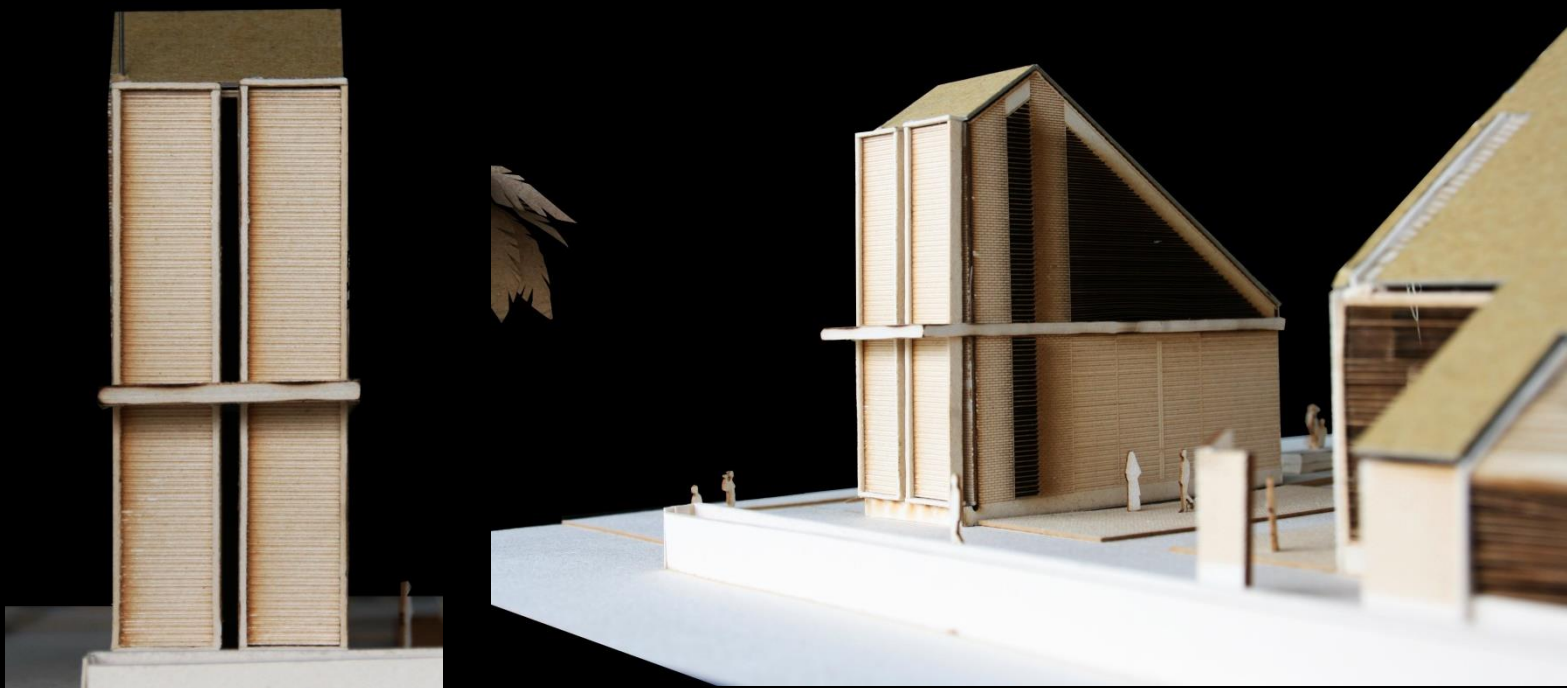


FIGURA 87 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – LINGUAGUEM FORMAL- A TORRE SINEIRA
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha



FIGURA 88 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – LINGUAGEM FORMAL- ADRO E TORRE SINEIRA
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

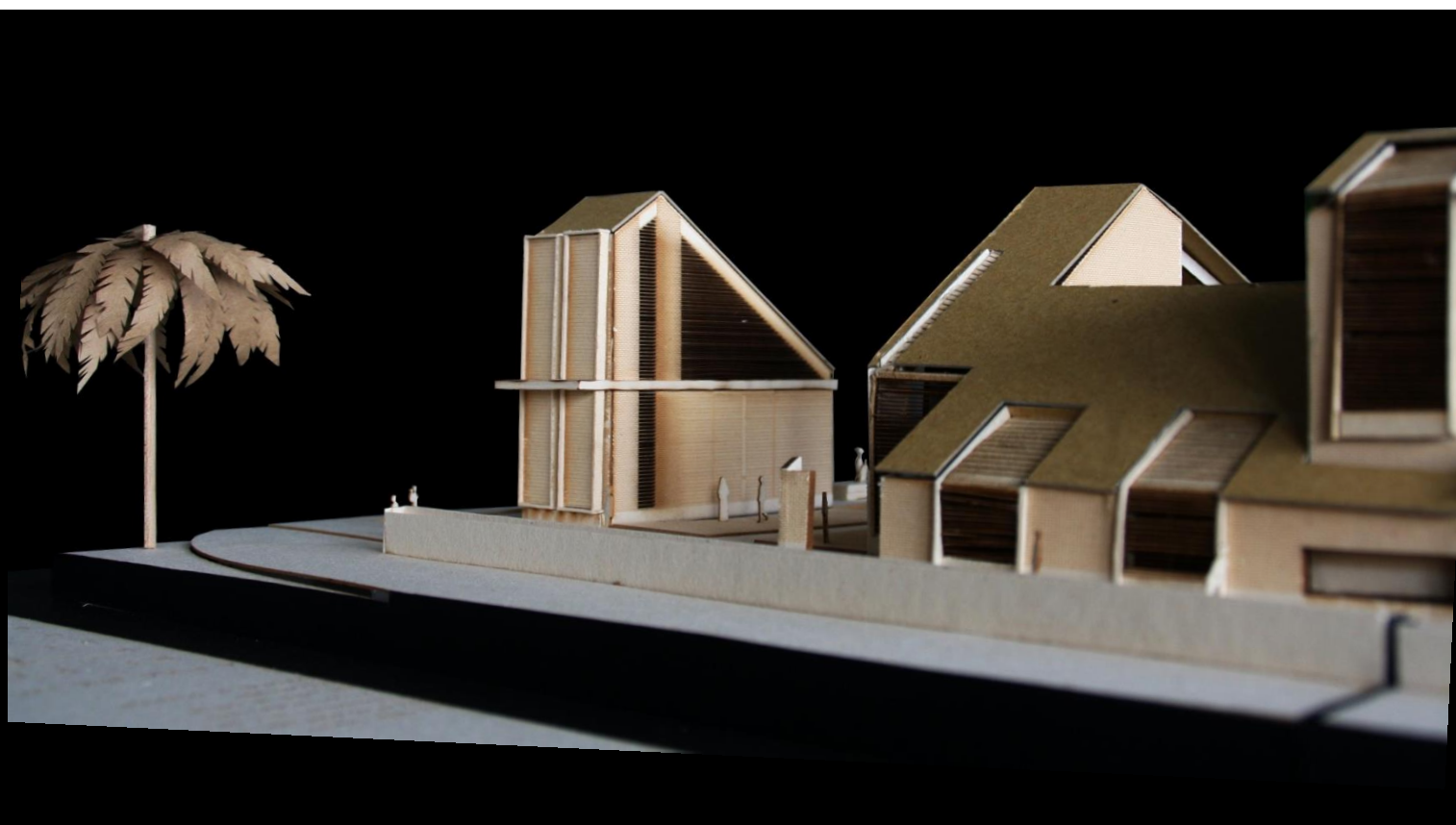


FIGURA 89 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – VENTILAÇÃO GARANTIDA PELAS ABERTURAS E MATERIALIDADE
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha



FIGURA 90 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – MATERIALIDADE E MÉTRICA CONSTRUTIVA
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

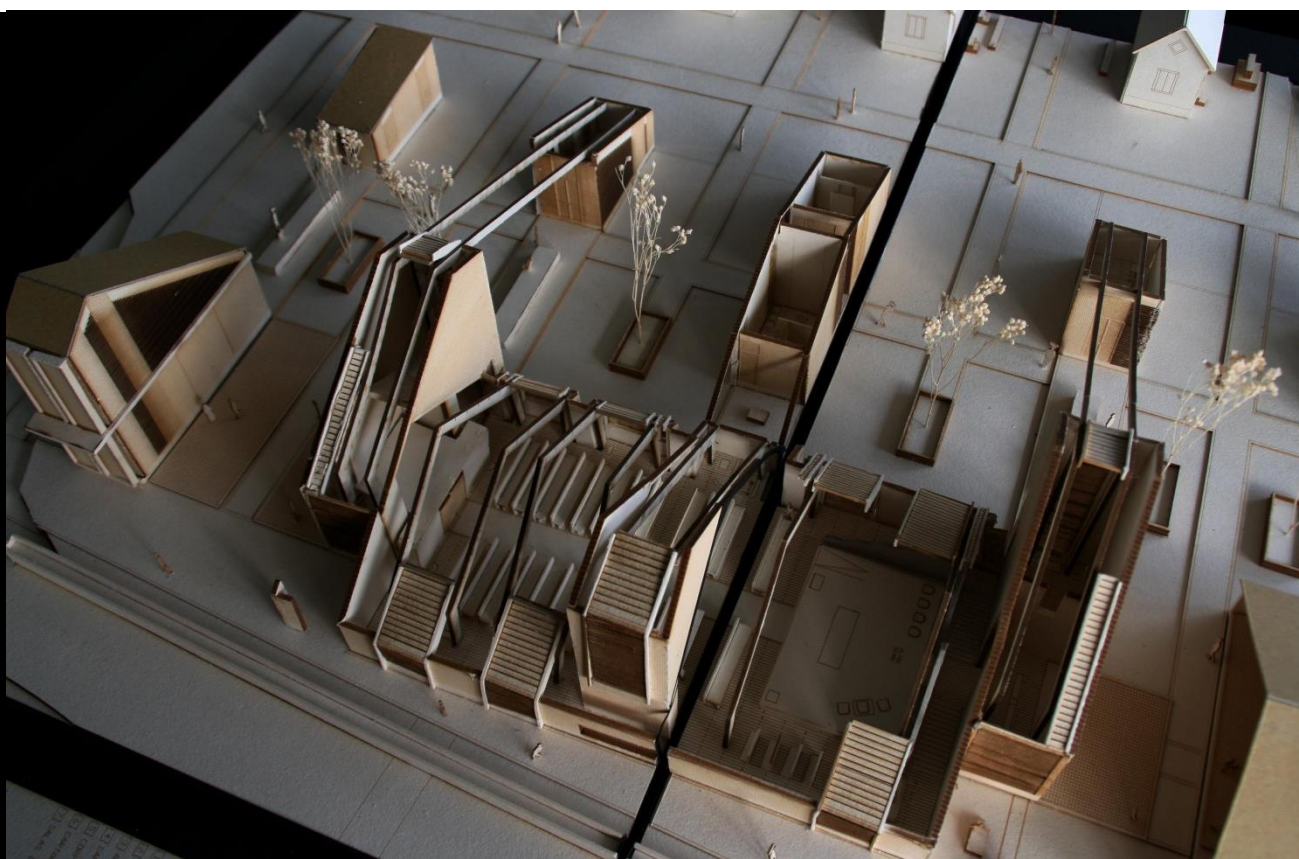


FIGURA 91 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E SISTEMA CONSTRUTIVO – PAREDES EM TIJOLO À VISTA E PÓRTICOS DE MADEIRA
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

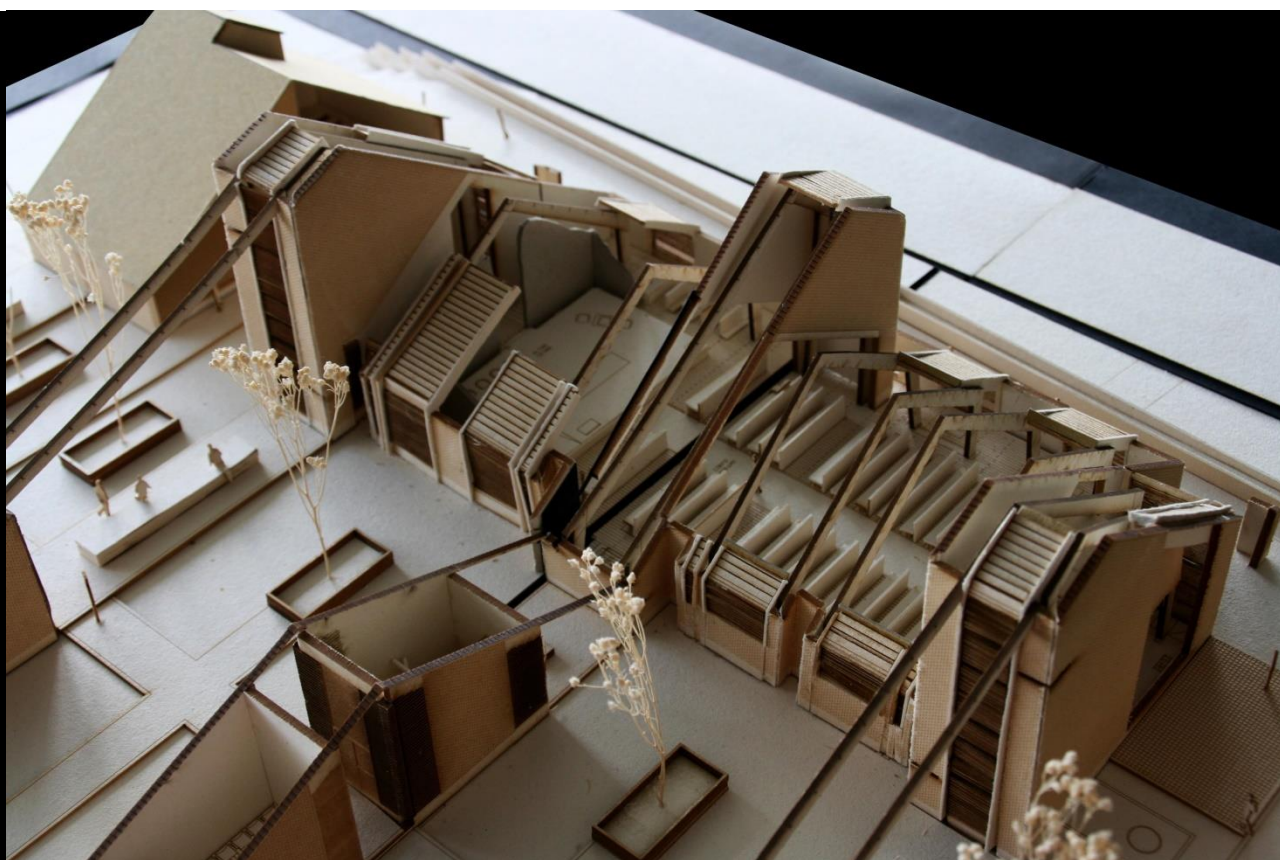


FIGURA 92 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E SISTEMA CONSTRUTIVO – PAREDES EM TIJOLO À VISTA E PÓRTICOS DE MADEIRA
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

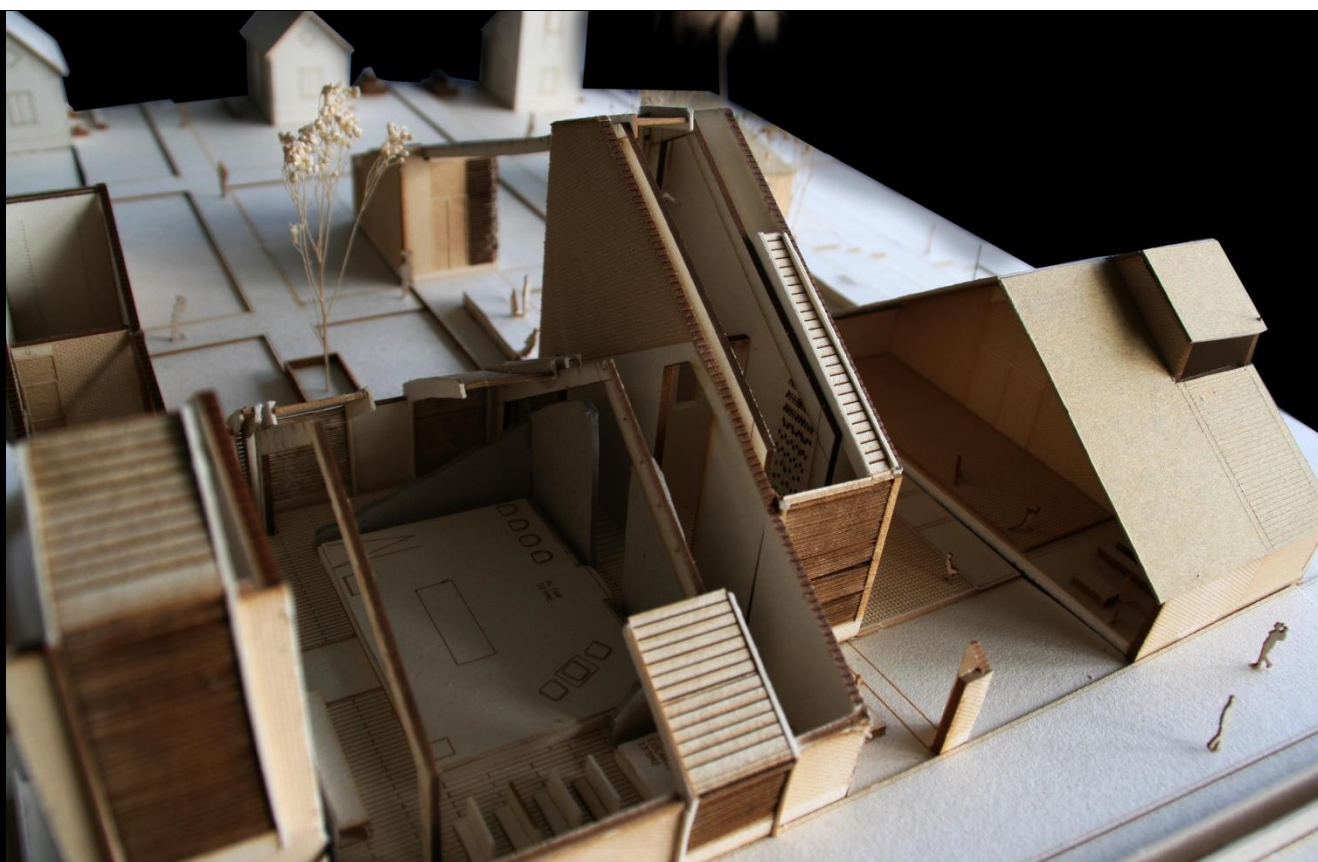


FIGURA 93 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E SISTEMA CONSTRUTIVO – PAREDES EM TIJOLO À VISTA E PÓRTICOS DE MADEIRA
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

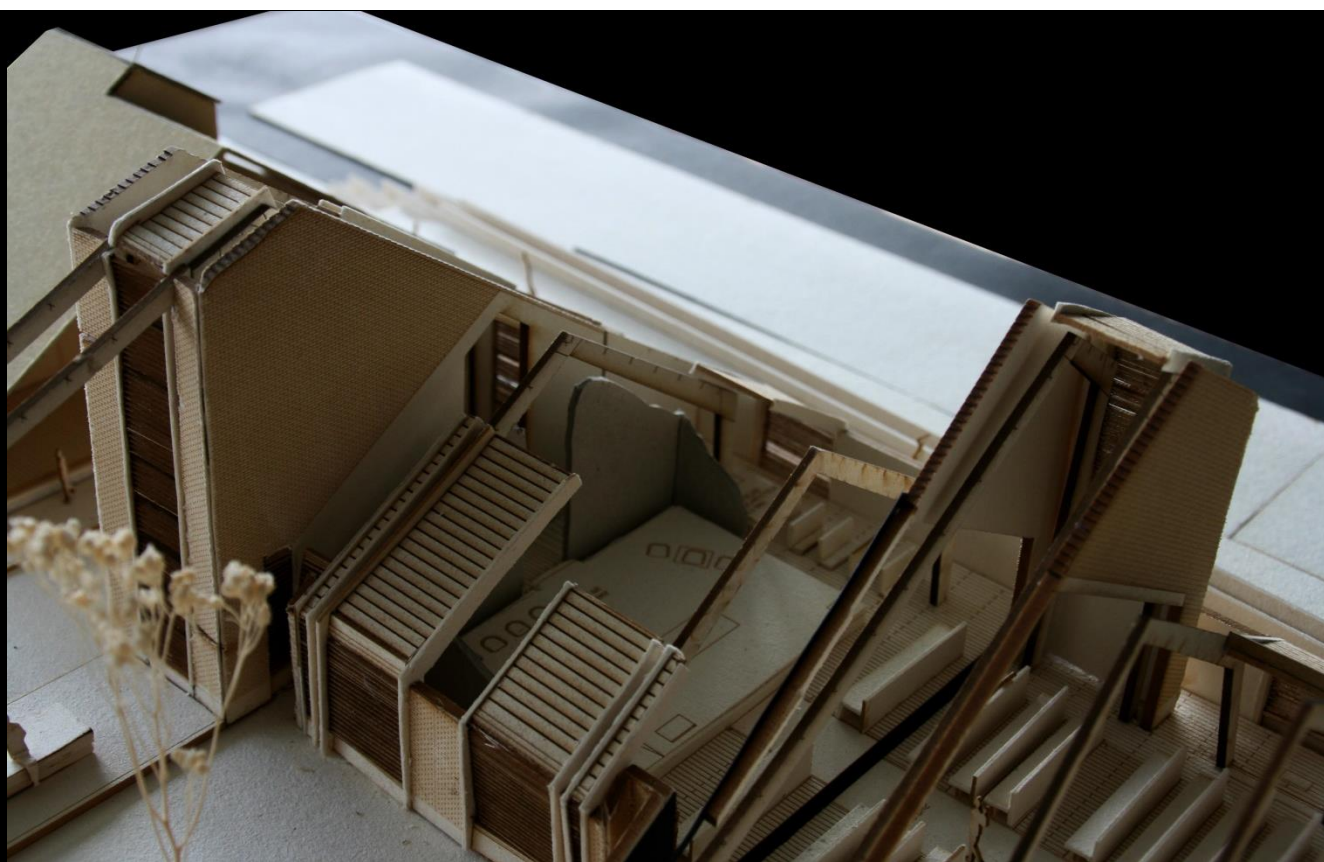


FIGURA 94 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – ORGANIZAÇÃO ESPACIAL E SISTEMA CONSTRUTIVO – PAREDES EM TIJOLO À VISTA E PÓRTICOS DE MADEIRA
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

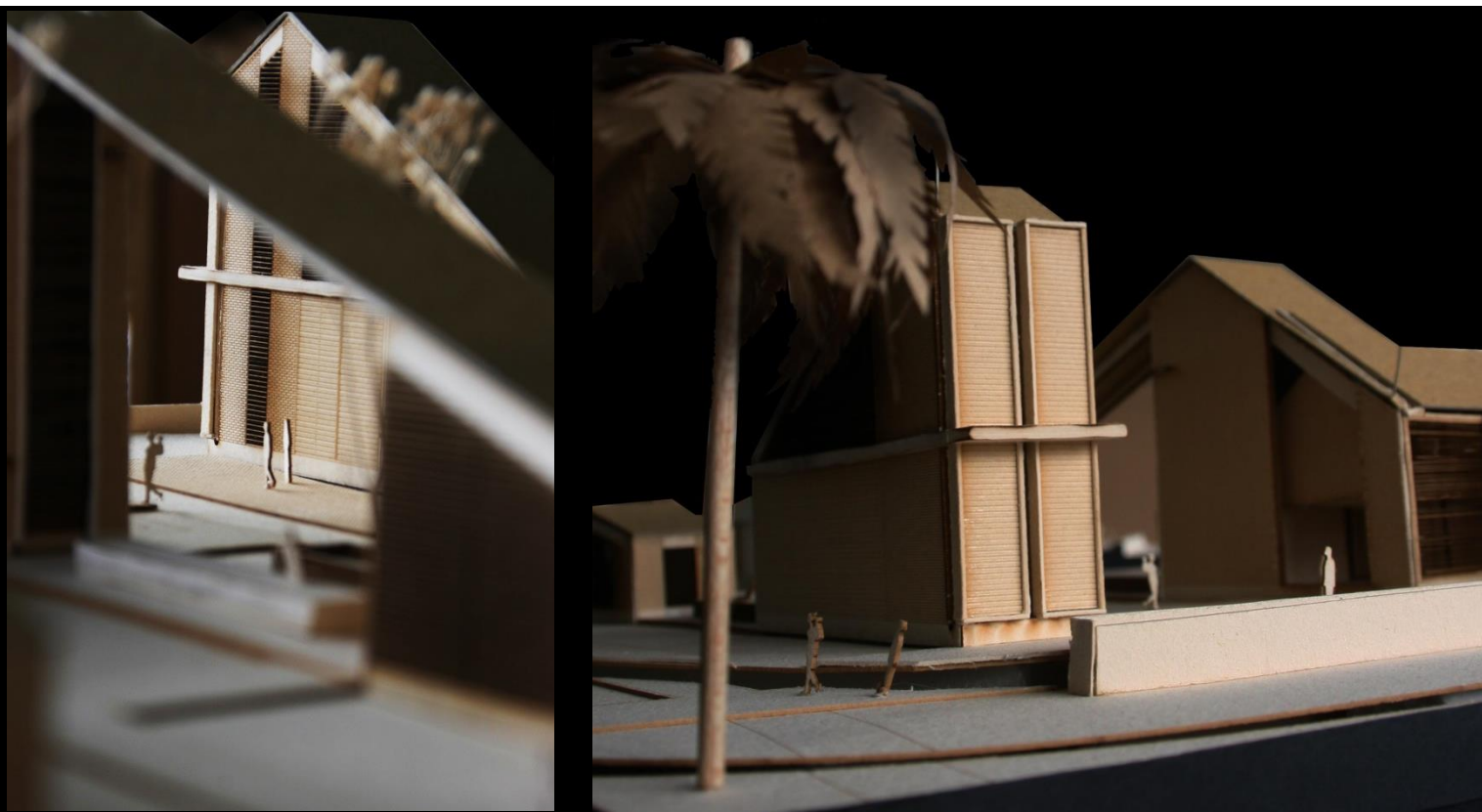


FIGURA 95 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – O ESPAÇO PÚBLICO
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha



FIGURA 96 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – O ESPAÇO PÚBLICO
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha



FIGURA 97 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – O ESPAÇO INTERIOR - AMBIÊNCIAS
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha



FIGURA 98 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – O ESPAÇO INTERIOR - AMBIÊNCIAS
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha



FIGURA 99 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – O ESPAÇO PÚBLICO
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha



FIGURA 100 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA DO EDIFÍCIO – O ESPAÇO PÚBLICO
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

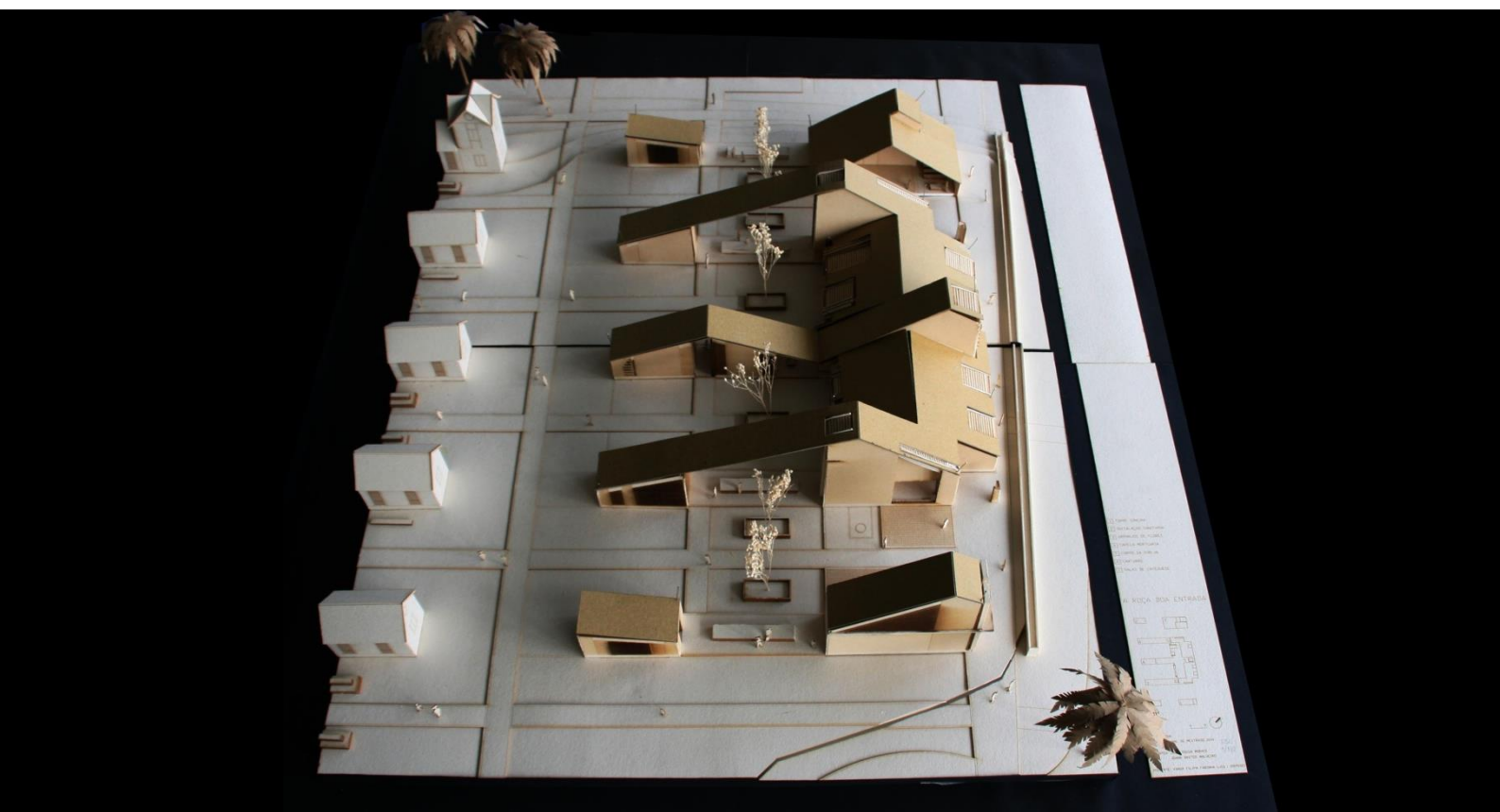


FIGURA 101 | MAQUETE FINAL – PROPOSTA FORMAL DO EDIFICADO
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha



FIGURA 102 | MAQUETE FINAL – O PROPOSTO E O PRÉ-EXISTENTE
IMAGEM: Fotografia: Vânia Farinha

ANEXO IV – O PROJECTO/PEÇAS DESENHADAS



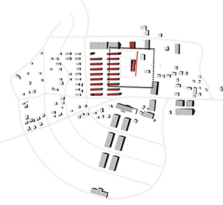
EDIFICADO PROPOSTO
REEXISTÊNCIAS

PROJECTO - O PROGRAMA:

- 1- ANTIGA CASA DA ADMINISTRAÇÃO - PROPOSTA DA ROÇA-MUSEU
- 2- PROPOSTA DO CENTRO DE SAÚDE
- 3- ANTIGO HOSPITAL - PROPOSTA DA FÁBRICA DE CACAU E CAFÉ
- 4- PROPOSTA DE SECADORES DO CACAU E CAFÉ
- 5- PROPOSTA DE FORNO
- 6- PROPOSTA DE ESTRUTURAS PARA O ESTACIONAMENTO E CONVÍVIO
- 7- CASAS HABITACIONAIS - PROPOSTA DE CENTROS DE ESTUDO E FORMAÇÃO
- 8- CASAS HABITACIONAIS COLONIAIS - PROPOSTA DE HABITAÇÃO ECO-TURISMO
- 9- PROPOSTA DE ESTRUTURAS PARA O ESTACIONAMENTO E CONVÍVIO
- 10- ANTIGA RUÍNA DA CAPELA BOA ENTRADA - PROPOSTA DO DO ESPAÇO SAGRADO

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO:

- BLOCO A - TORRE SINEIRA E RECEPÇÃO.
- BLOCO B - CORPO DA IGREJA.
- BLOCO C - SALAS DE CATEQUESE
- BLOCO D - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- BLOCO E - CARTÓRIO
- BLOCO F - CAPELA MORTUÁRIA
- BLOCO G - ARRANJOS DE FLORES



U
LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ROÇA
BOA ENTRADA
GENESE, REABILITAÇÃO
E TRANSFORMAÇÃO

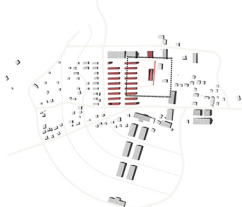
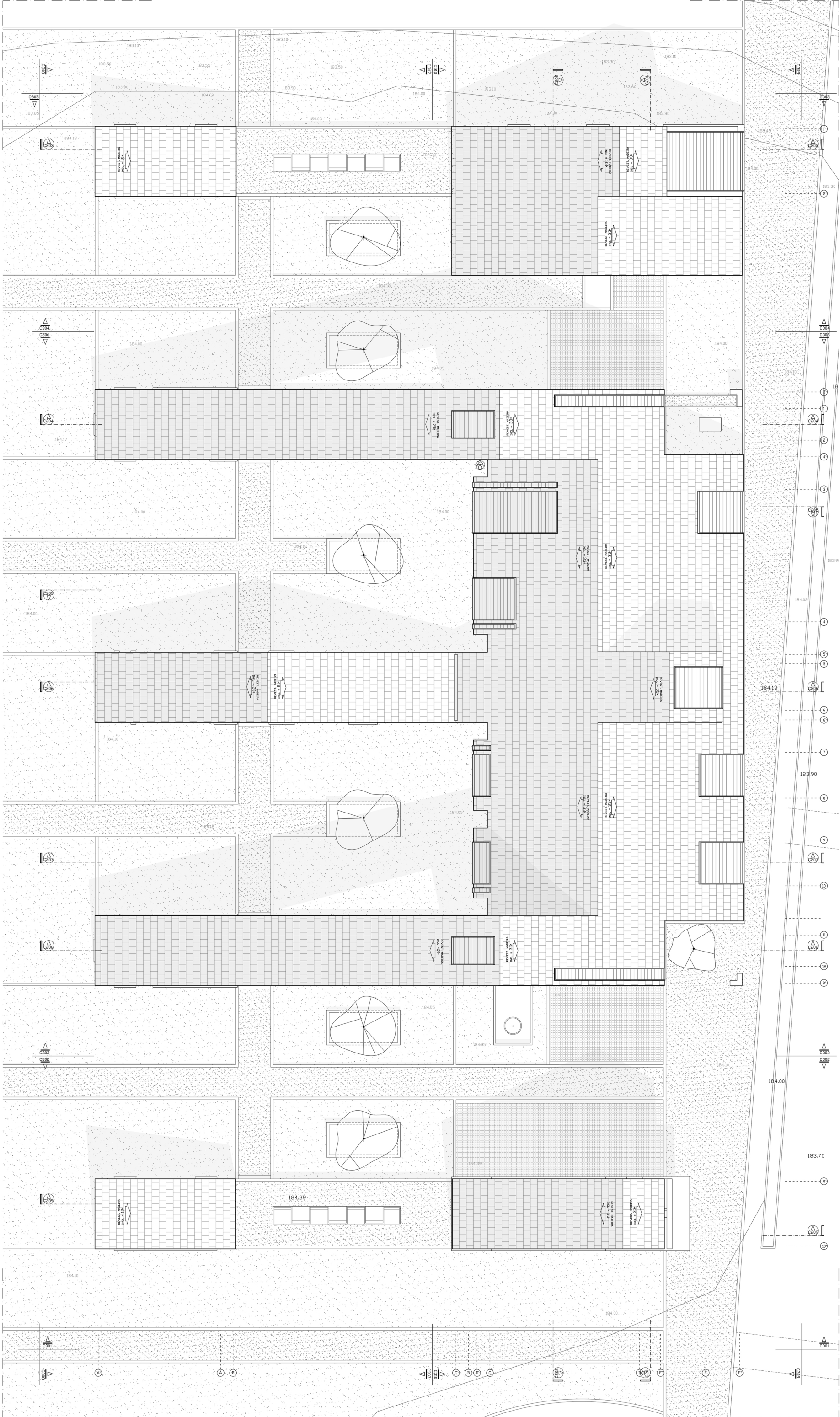
PROJECTO FINAL DE MESTRADO

ORIENTADOR | JOÃO SOUSA MORAIS
CO-ORIENTADOR | JOANA MALHEIRO

MESTRANDO | VÂNIA FARINHA LUIS
| N20091021 | MISA

P01, c1.01
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

PLANTA IMPLANTAÇÃO



U
LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



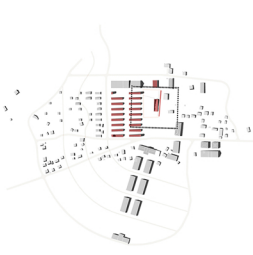
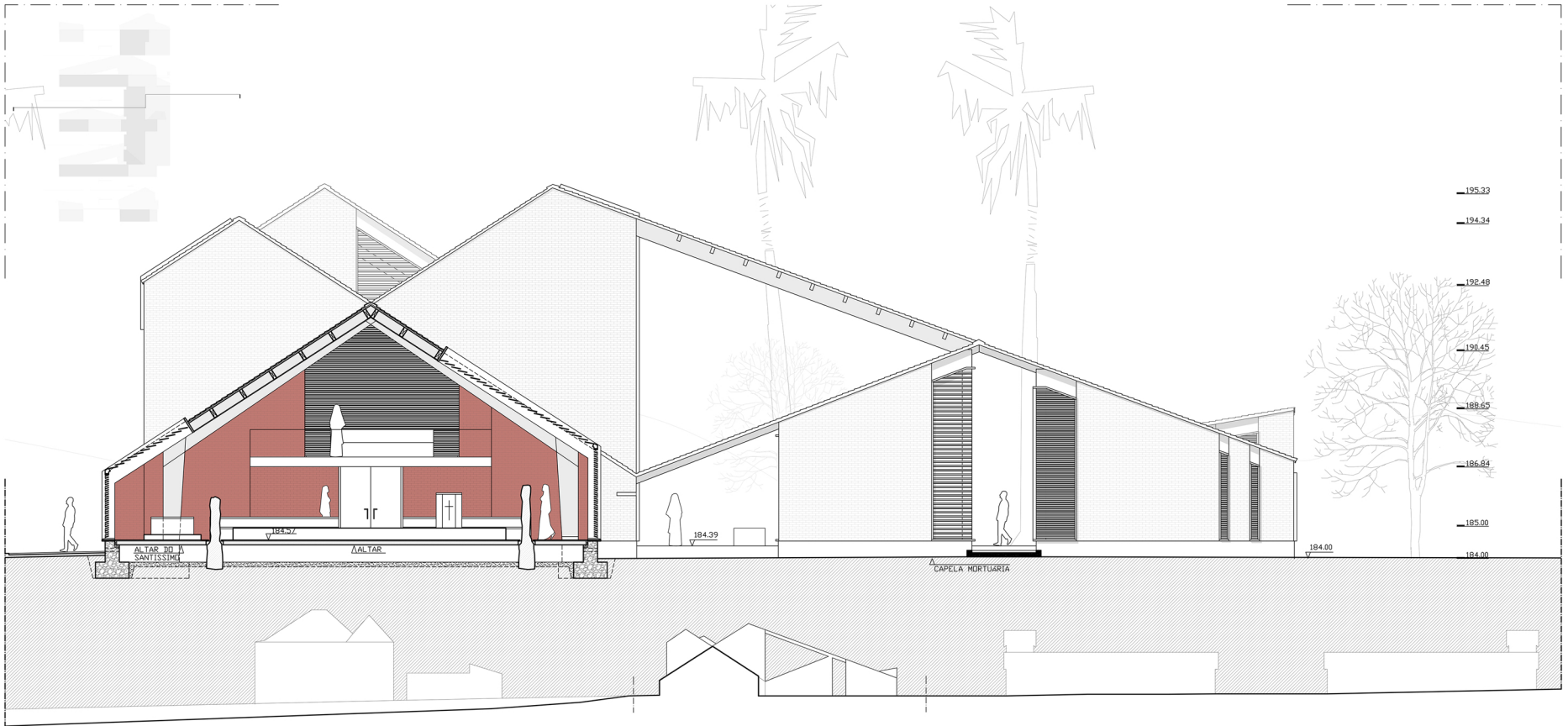
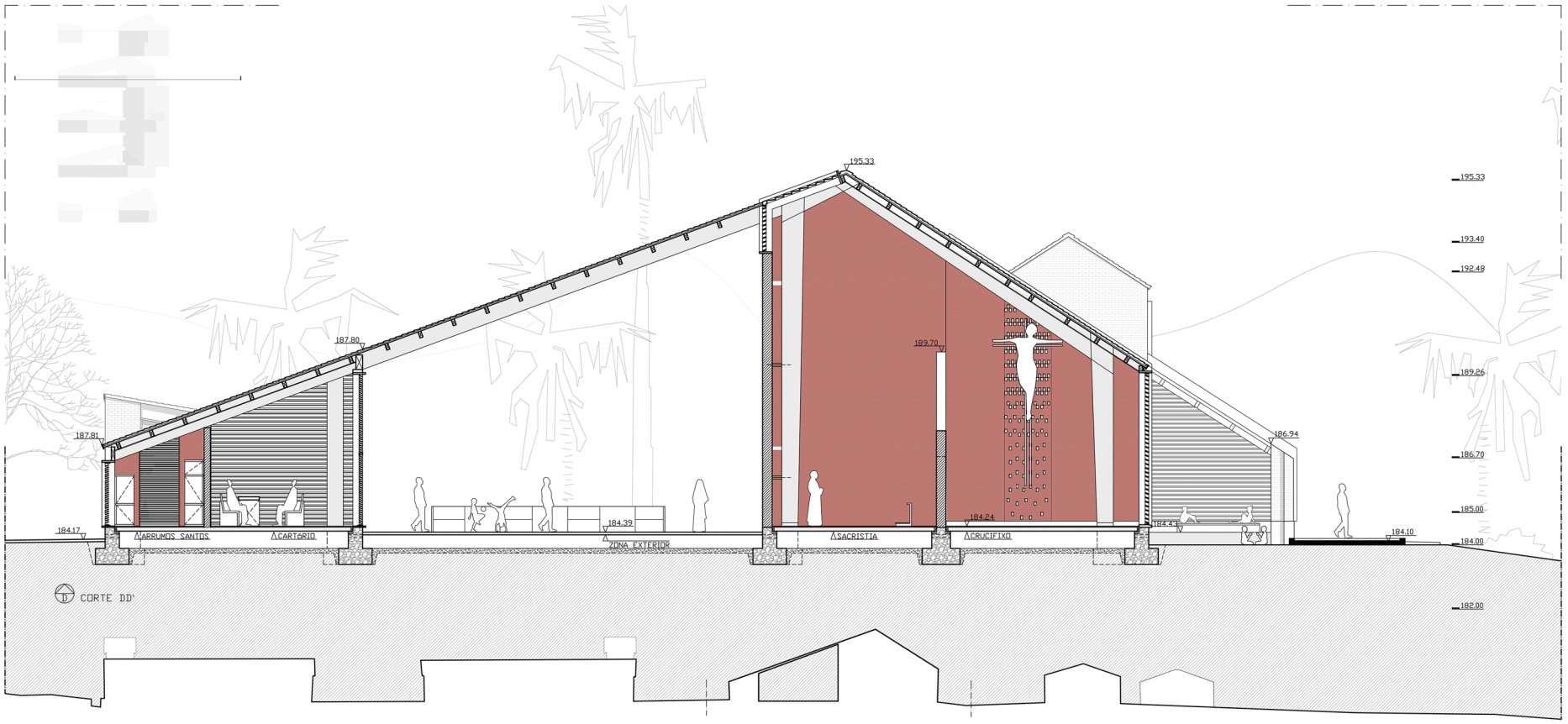
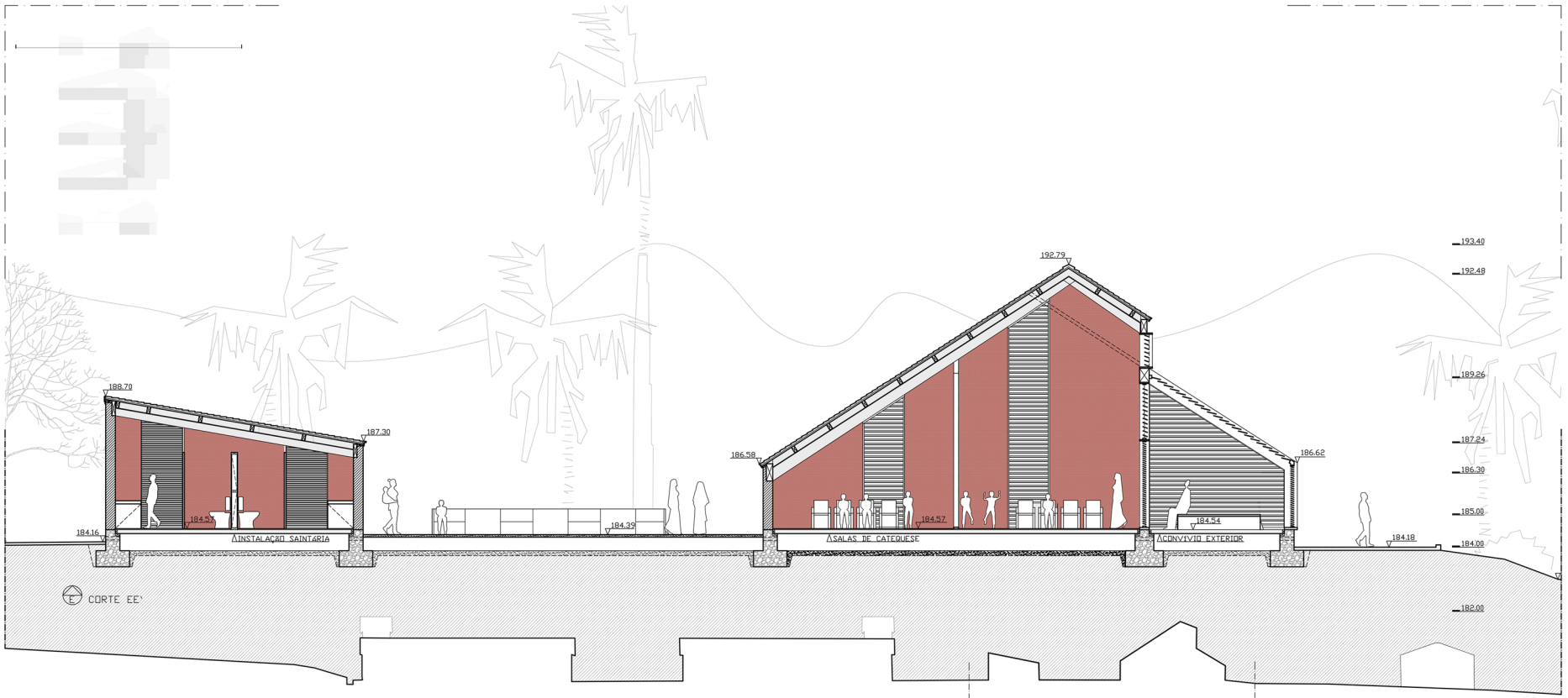
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ROÇA
BOA ENTRADA
GENESE, REABILITAÇÃO
E
TRANSFORMAÇÃO

PROJECTO FINAL DE MESTRADO
ORIENTADOR | JOÃO SOUSA MORAIS
CO-ORIENTADOR | JOANA MALHEIRO
MESTRANDO | VÂNIA FARINHA LUIS
#20091021 | MÍASIA

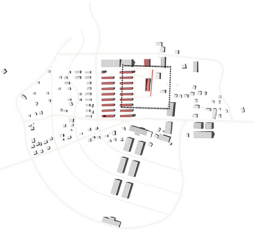
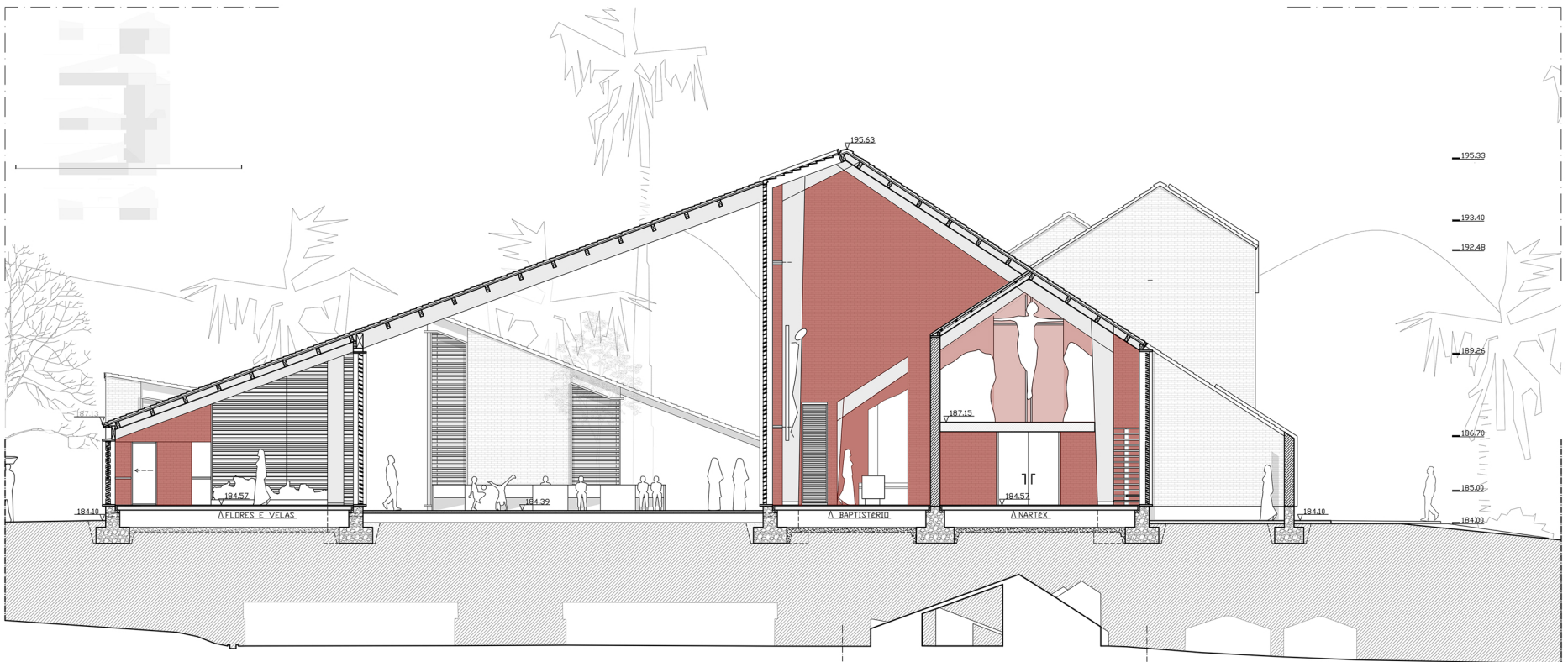
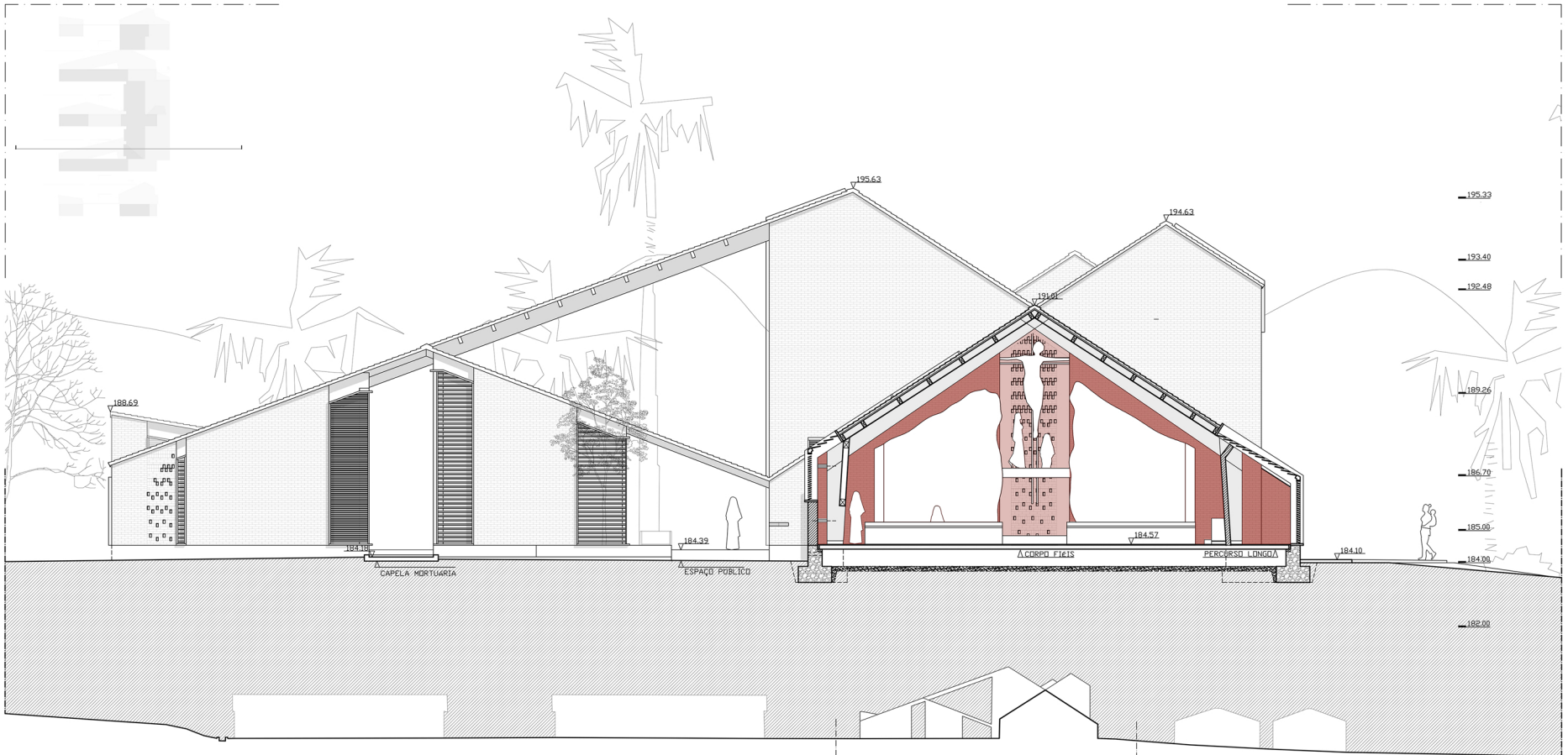
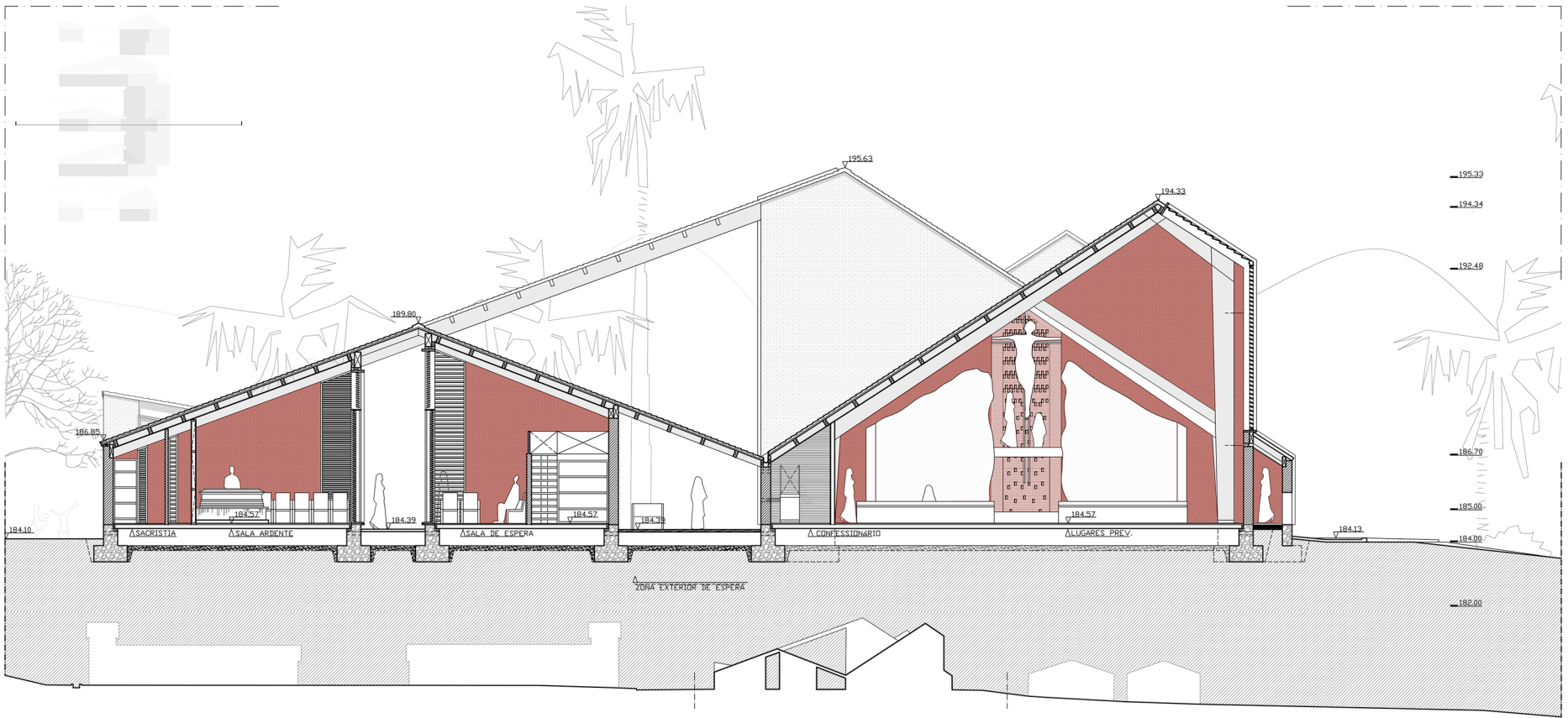
P04, c1.03
PLANTA NÍVEL.3





ROÇA
BOA ENTRADA
GENESE, REABILITAÇÃO
E
TRANSFORMAÇÃO

PROJECTO FINAL DE MESTRADO
ORIENTADOR | JORGE SOUSA MORAIS
CO-ORIENTADOR | JOANA MALHEIRO
MESTRANDO | VANIA FARINHA LUIS
E M20091021 | MIAISA



U
LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



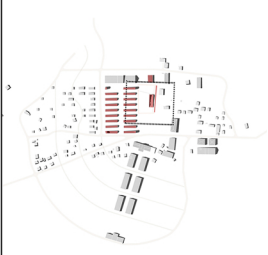
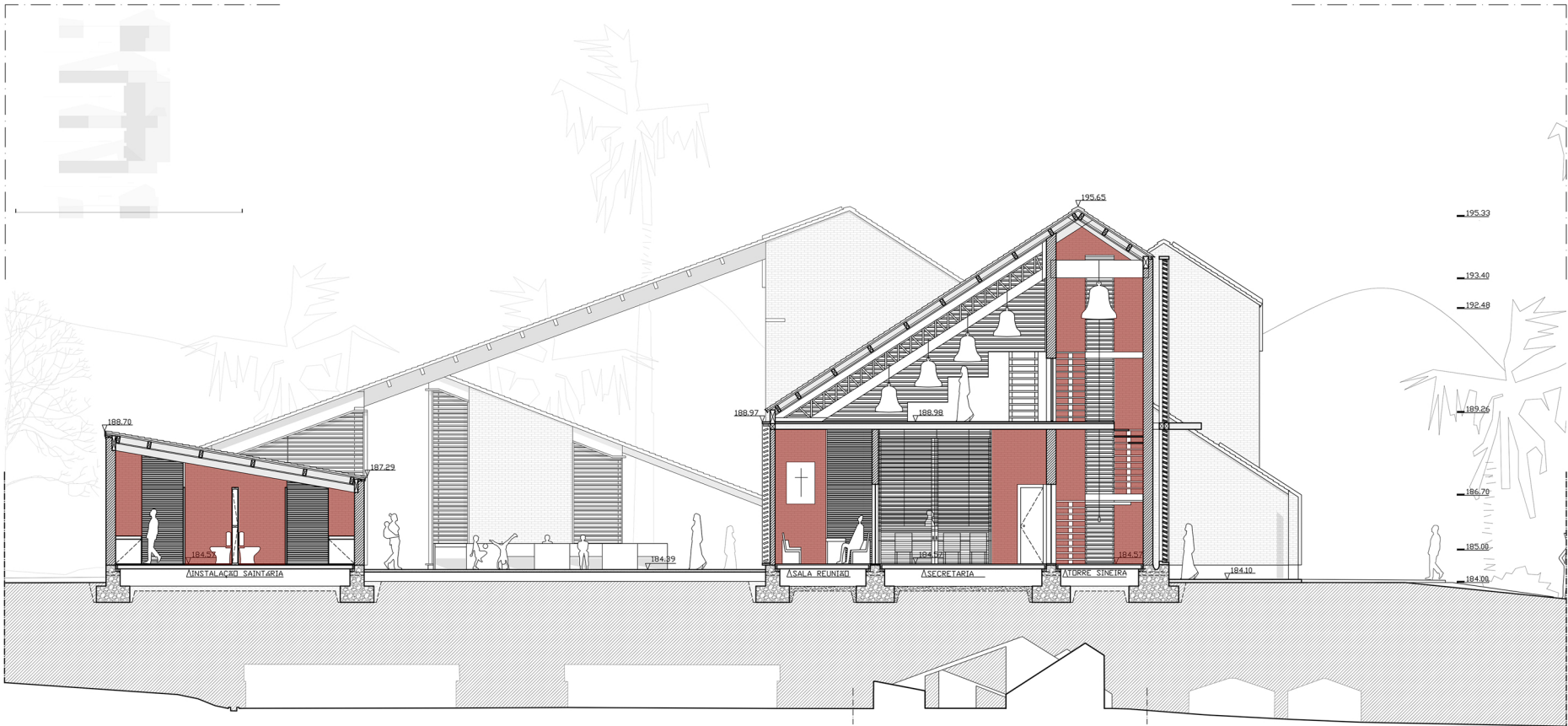
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ROÇA
BOA ENTRADA
GENESE, REABILITAÇÃO
E TRANSFORMAÇÃO

PROJECTO FINAL DE MESTRADO
ORIENTADOR | JOÃO SOUSA MORAIS
CO-ORIENTADOR | JOANA MALHEIRO
MESTRANDO | VÂNIA FARINHA LUIS
| #20091021 | MISA

P07.c2

ESC. 1/100 CORTE C2.06
CORTE C2.07
CORTE C2.08

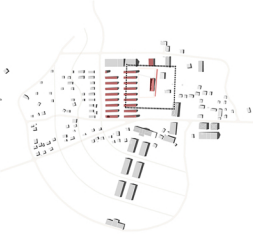
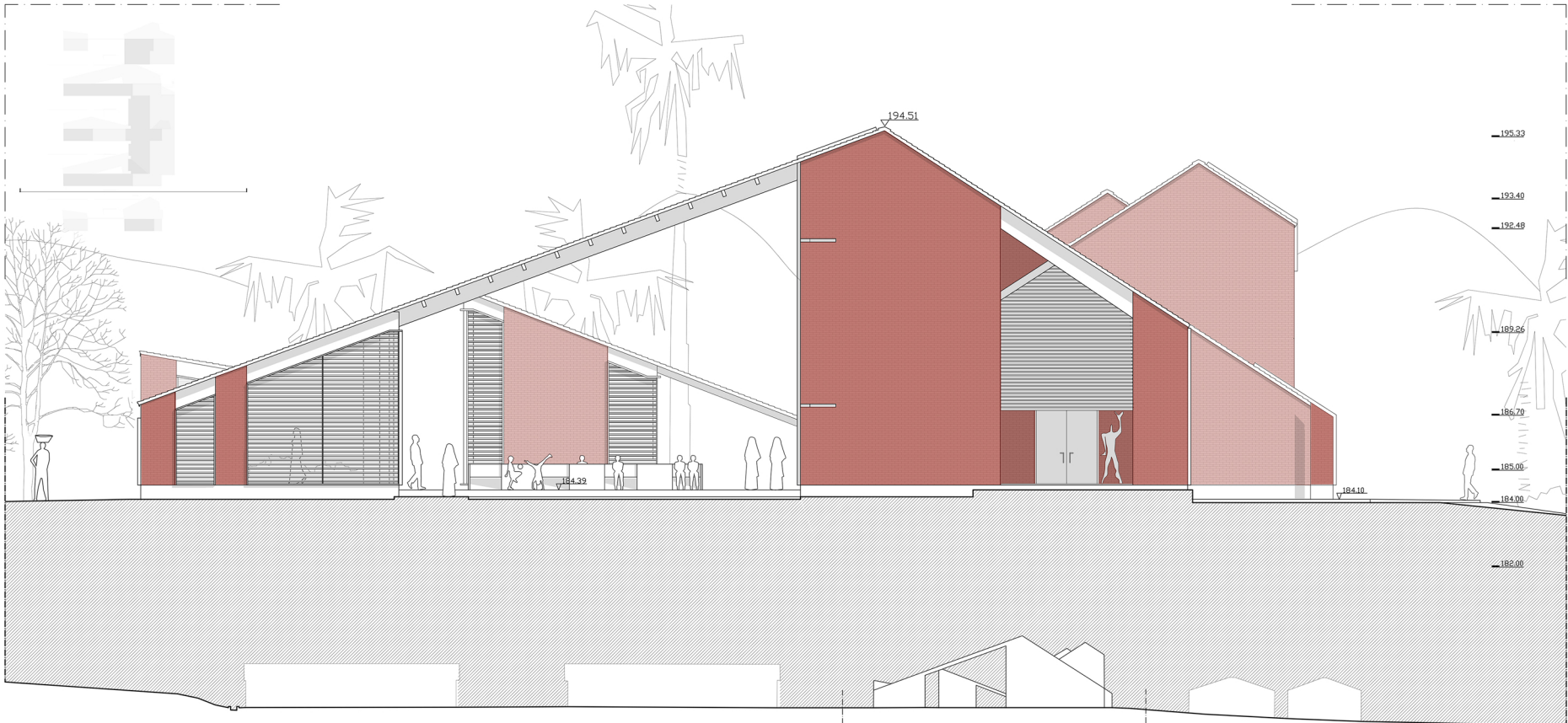
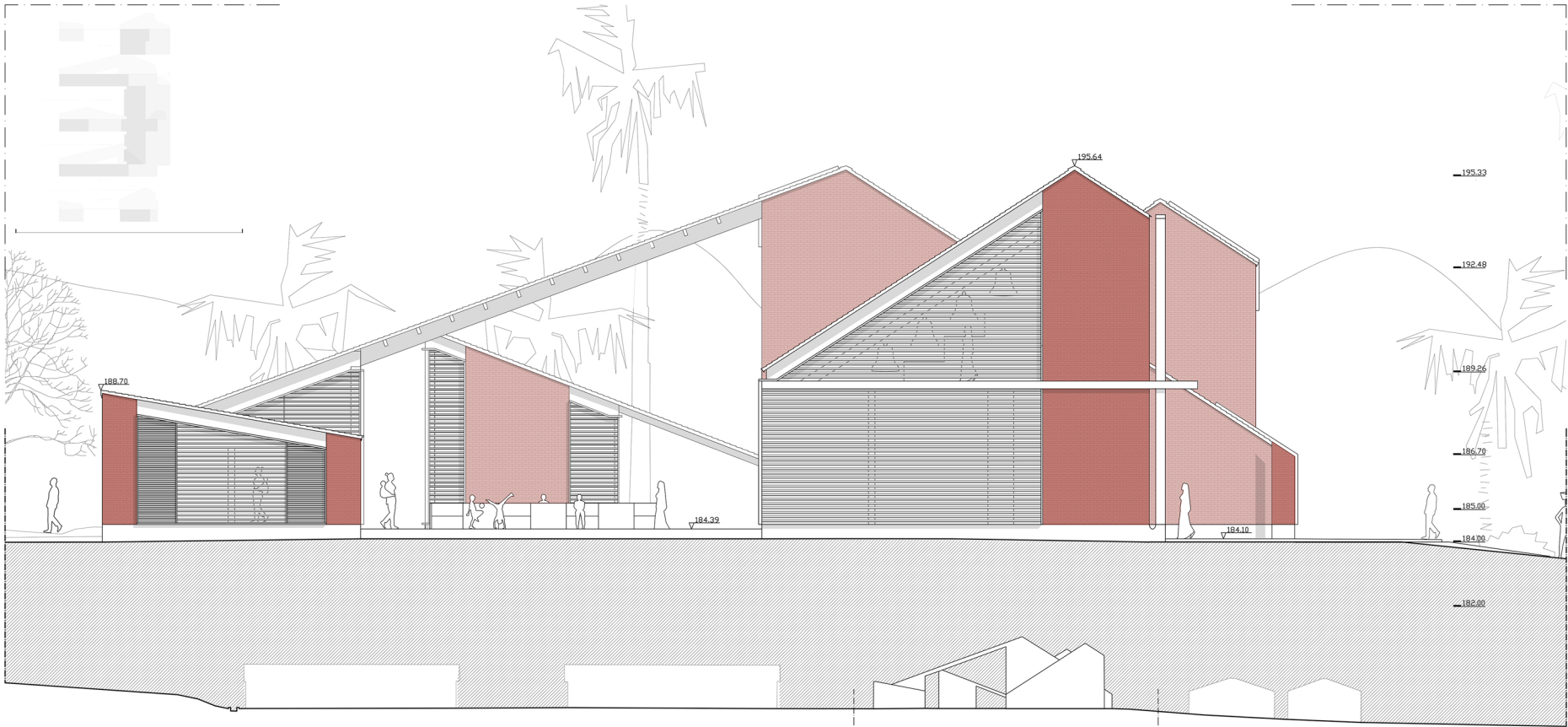


ROÇA
BOA ENTRADA
GÊNESE, REABILITAÇÃO
E
TRANSFORMAÇÃO

PROJECTO FINAL DE MESTRADO
ORIENTADOR | JOÃO SOUSA MORAIS
CO-ORIENTADOR | JOANA MALHEIRO
MESTRANDO | VÂNIA FARINHA LUIS
| #20091021 | MÍAS

ESC. 1/100 | CORTE C2.09





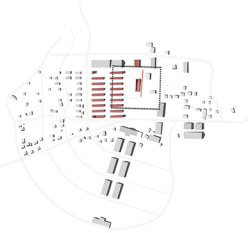
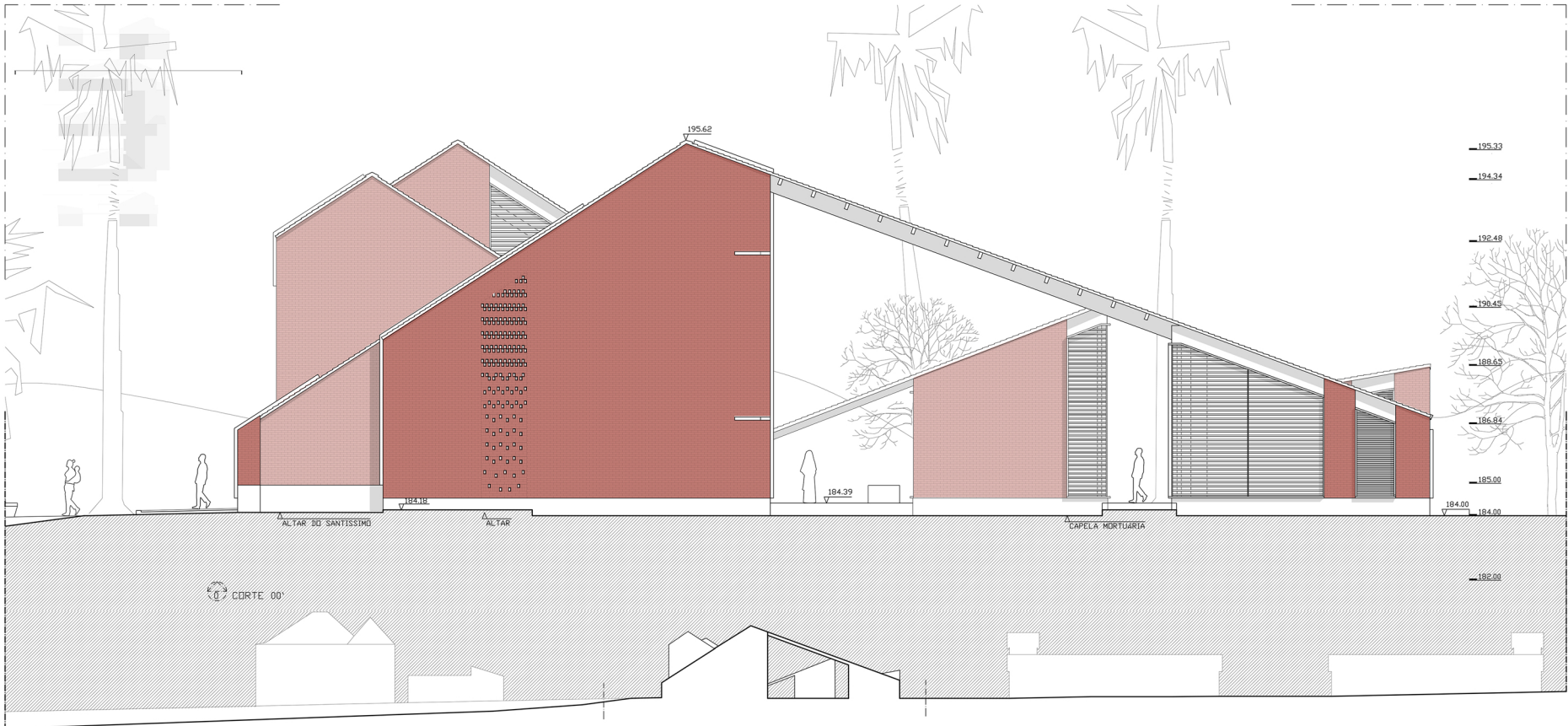
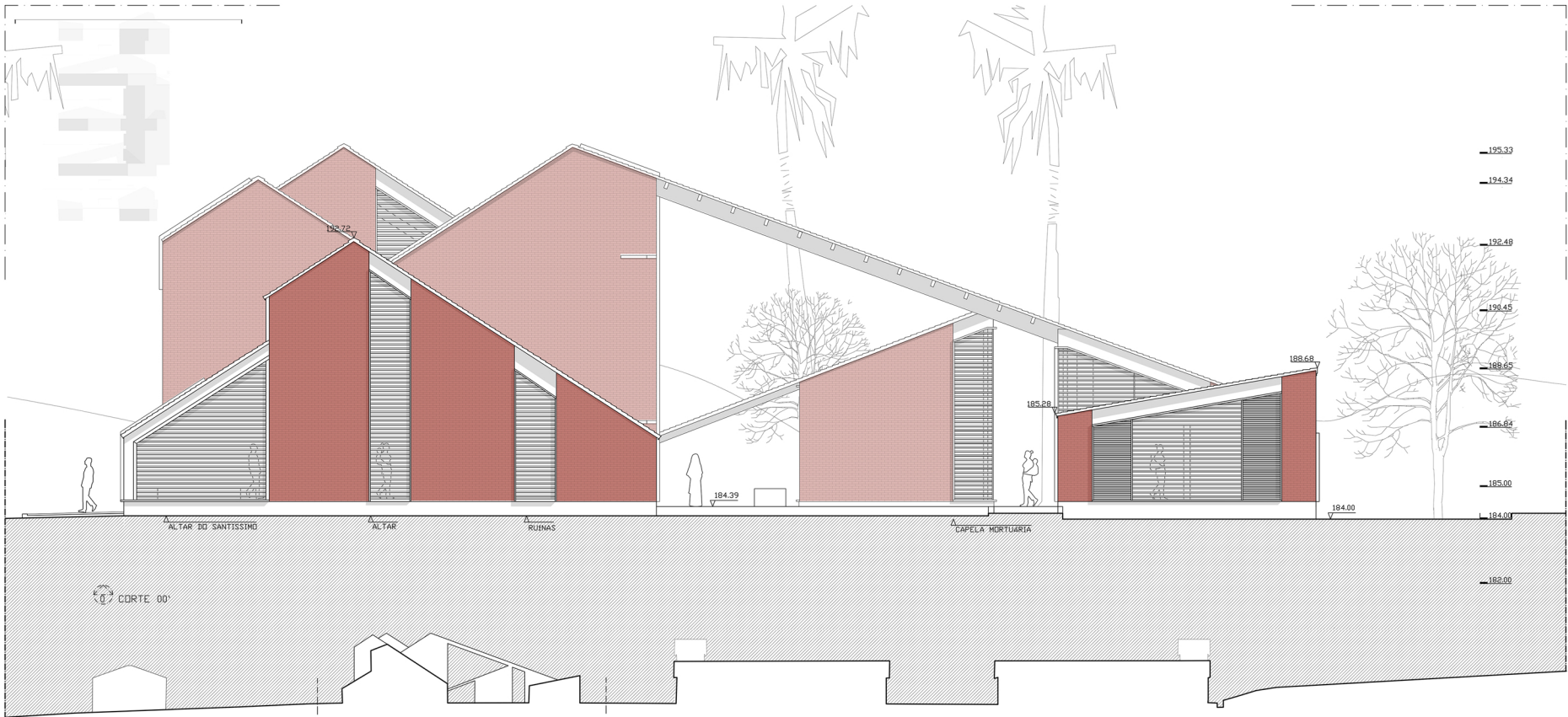
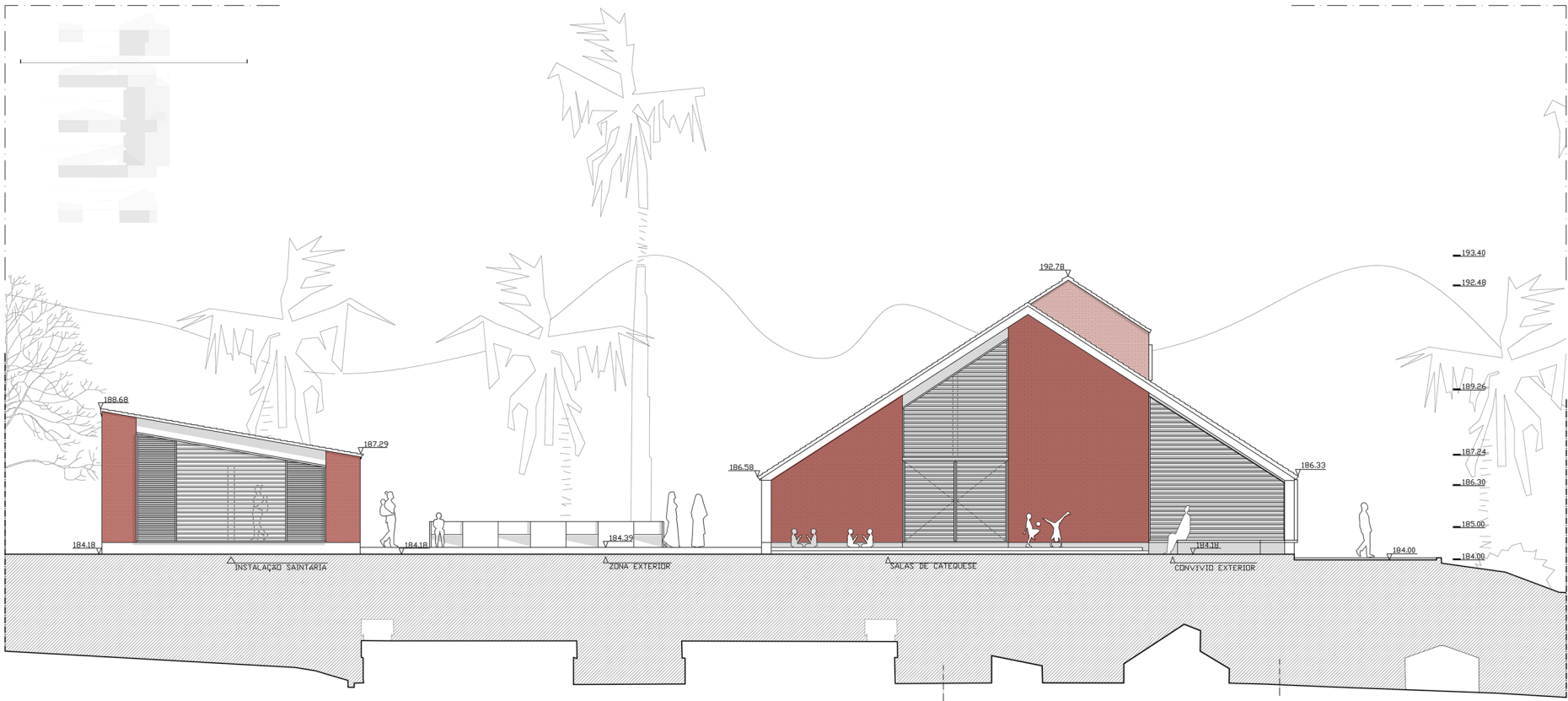
ROÇA
BOA ENTRADA
GENESE, REABILITAÇÃO
E TRANSFORMAÇÃO

PROJECTO FINAL DE MESTRADO
ORIENTADOR | JOÃO SOUSA MORAIS
CO-ORIENTADOR | JOANA MALHEIRO
MESTRANDO | VÂNIA FARINHA LUIS
E | #20091021 | MÍASIA



ESC. 1/100 ALÇADO C3.01
ALÇADO C3.02
ALÇADO C3.03





U
LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ROÇA
BOA ENTRADA
GENESE, REABILITAÇÃO
E TRANSFORMAÇÃO

PROJECTO FINAL DE MESTRADO
ORIENTADOR | JOÃO SOUSA MORAIS
CO-ORIENTADOR | JOANA MALHEIRO
MESTRANDO | VÂNIA FARINHA LUIS
E | #20091021 | MIA SA

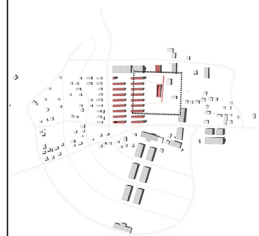
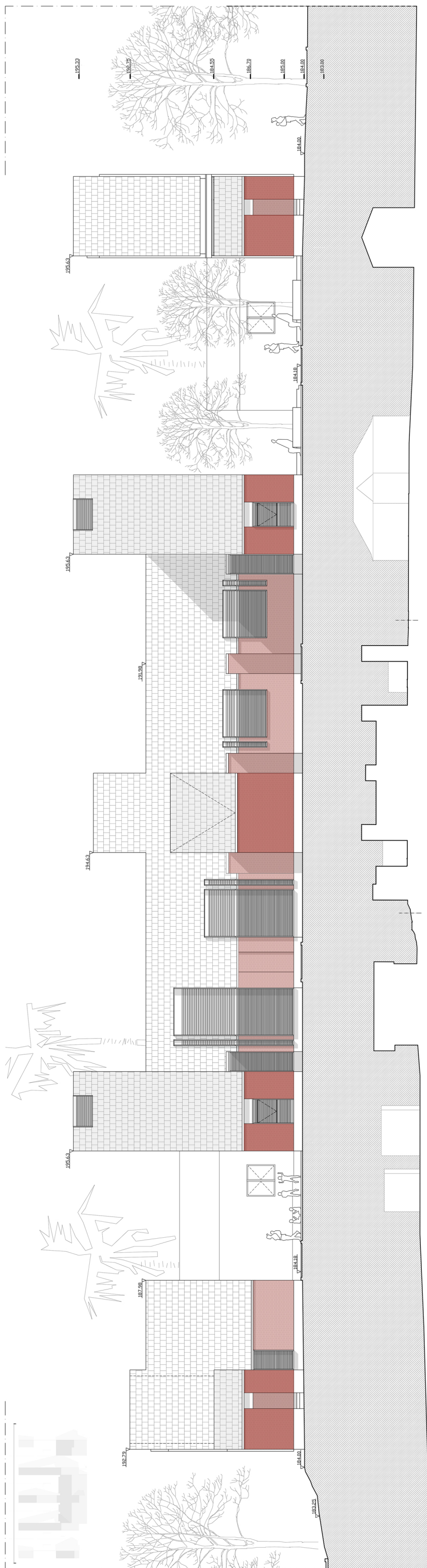
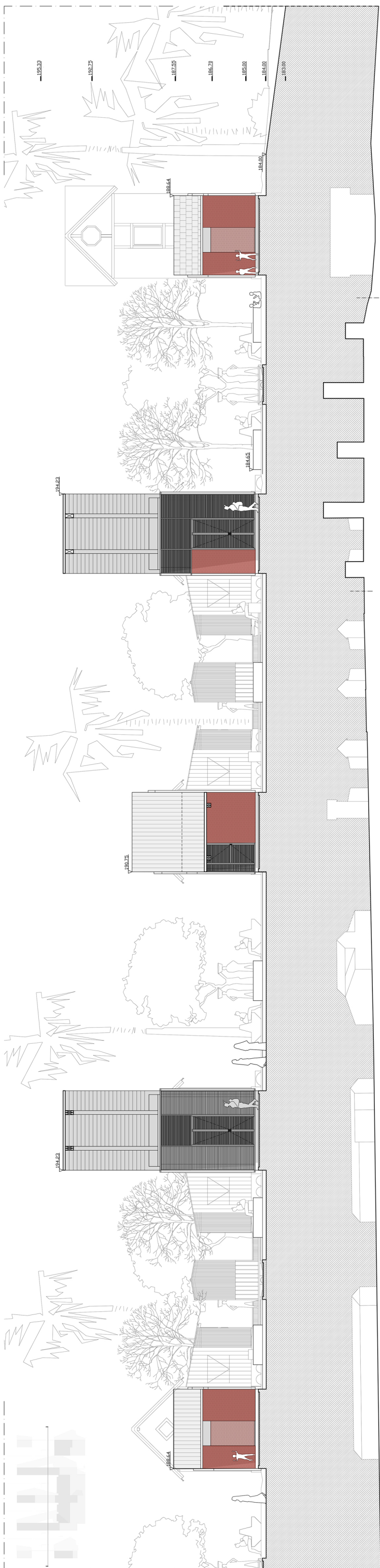
P10, c3.

ESC. 1/100 ALÇADO C3.04

ALÇADO C3.05

ALÇADO C3.06

0 5



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ROÇA
BOA ENTRADA
GENESE, REABILITAÇÃO
E
TRANSFORMAÇÃO

PROJECTO FINAL DE MESTRADO

ORIENTADOR | JOÃO SOUSA MORAIS
CO-ORIENTADOR | JOANA MALHEIRO

MESTRANDO I VÂNIA FARINHA LUE
I #20091021 I MIA5A

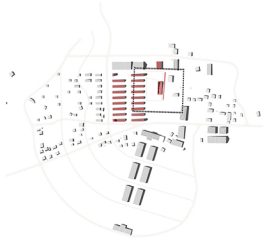
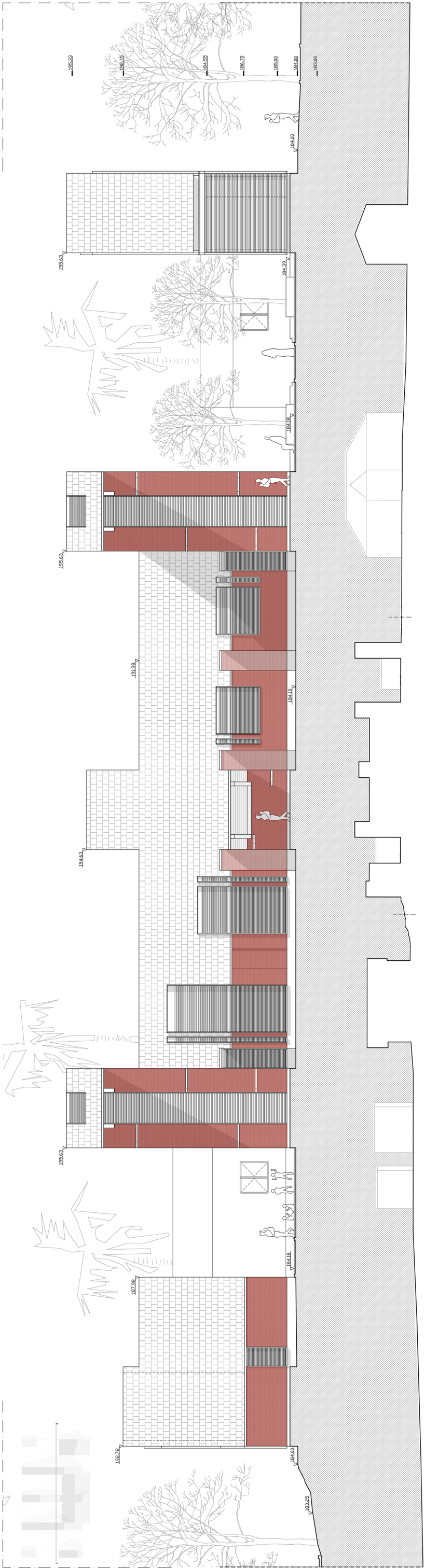
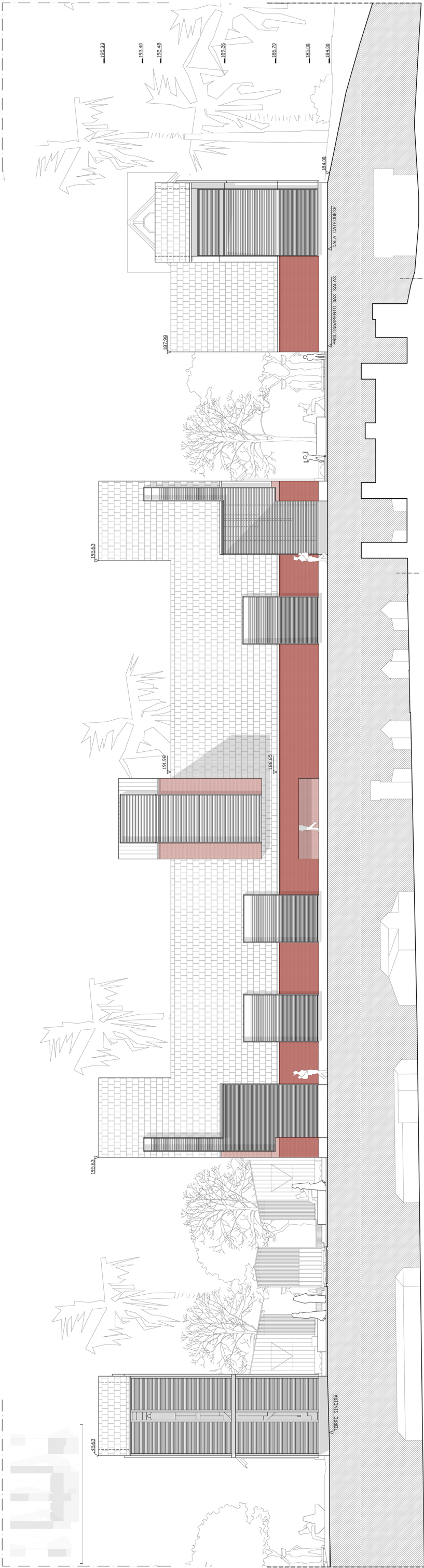


P11.c3

ESC. 1/100 | ALÇADO C3.07

ALÇADO C3.08





U
LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ROÇA
BOA ENTRADA
GENESE, REABILITAÇÃO
TRANSFORMAÇÃO

PROJECTO FINAL DE MESTRADO

ORIENTADOR | JOÃO SOUSA MORAIS
CO-ORIENTADOR | JOANA MALHEIRO

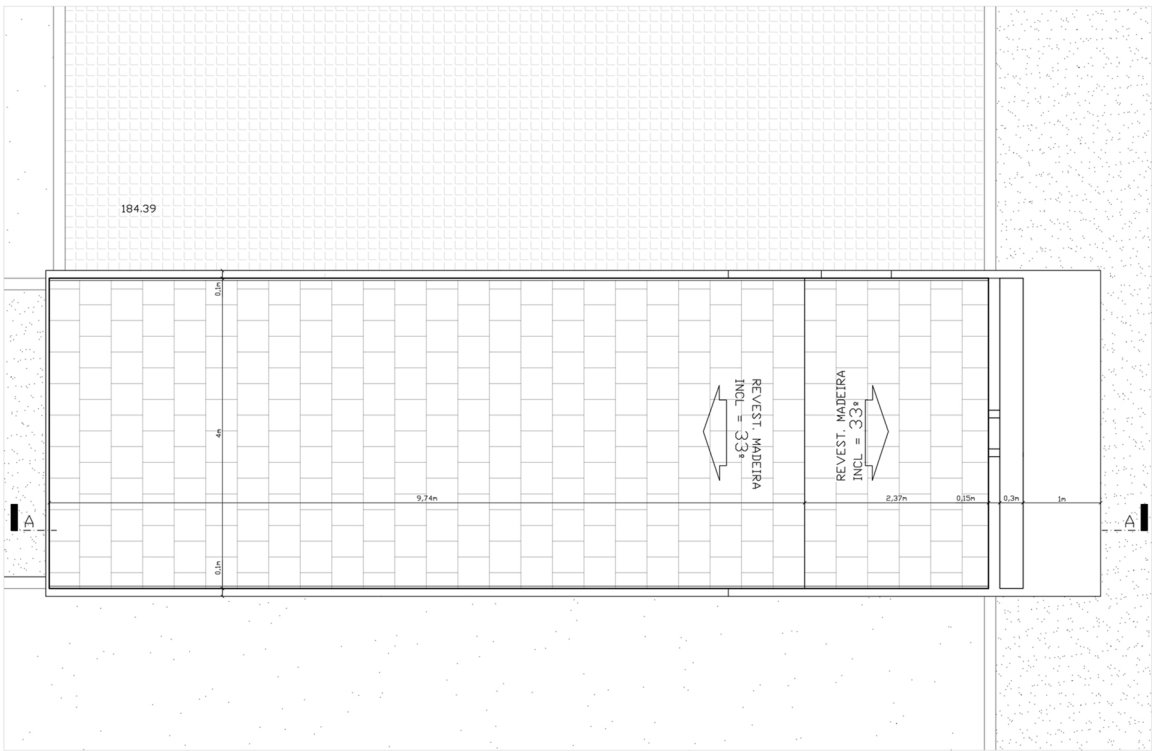
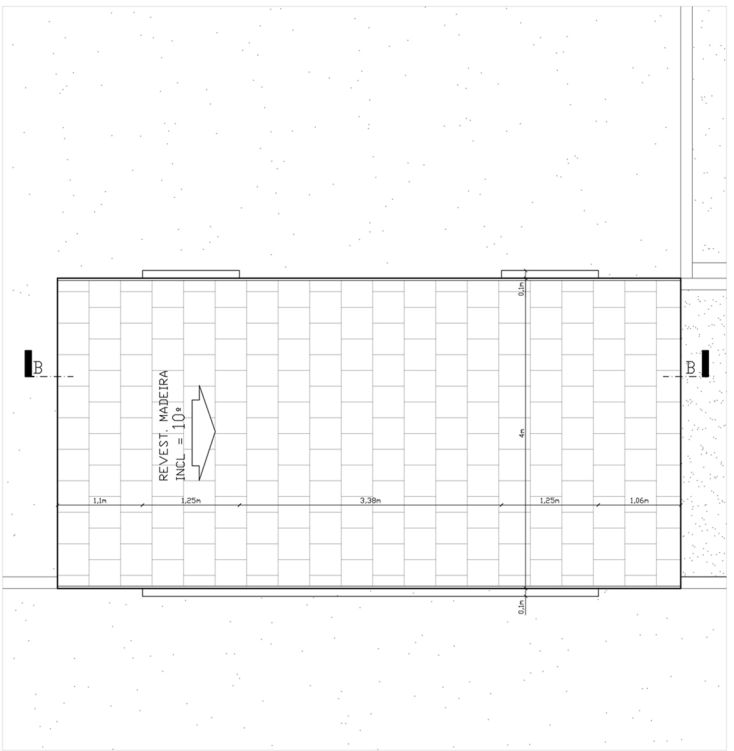
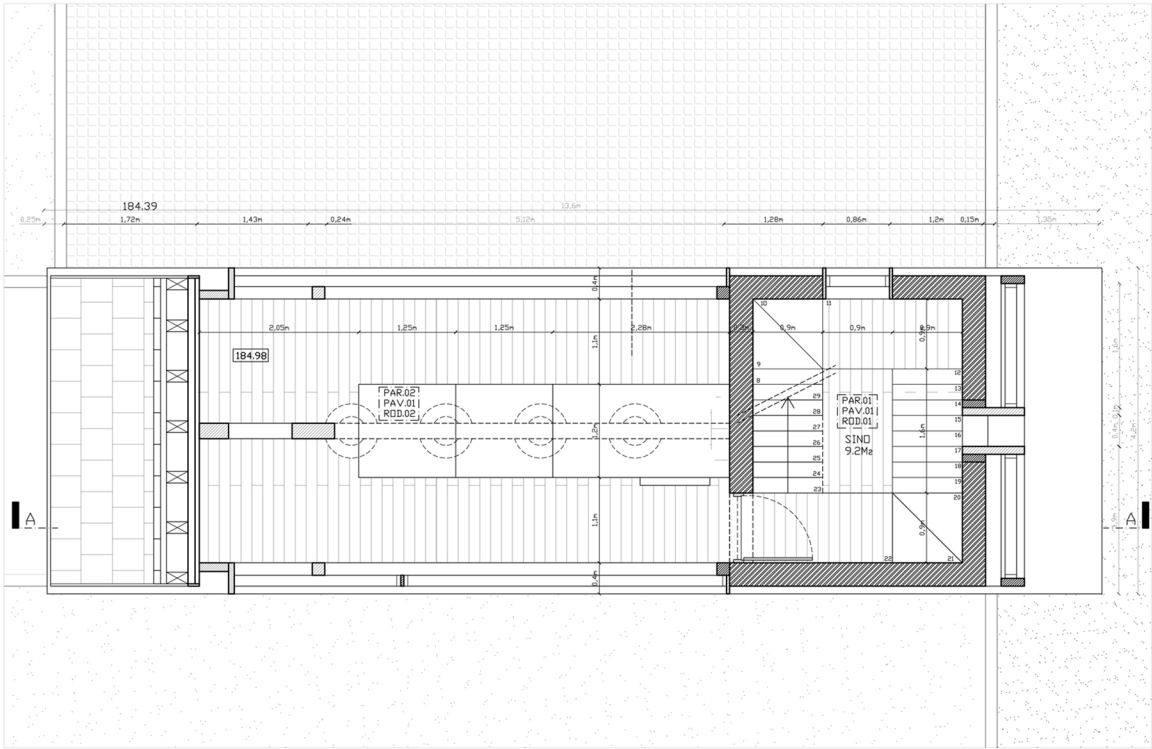
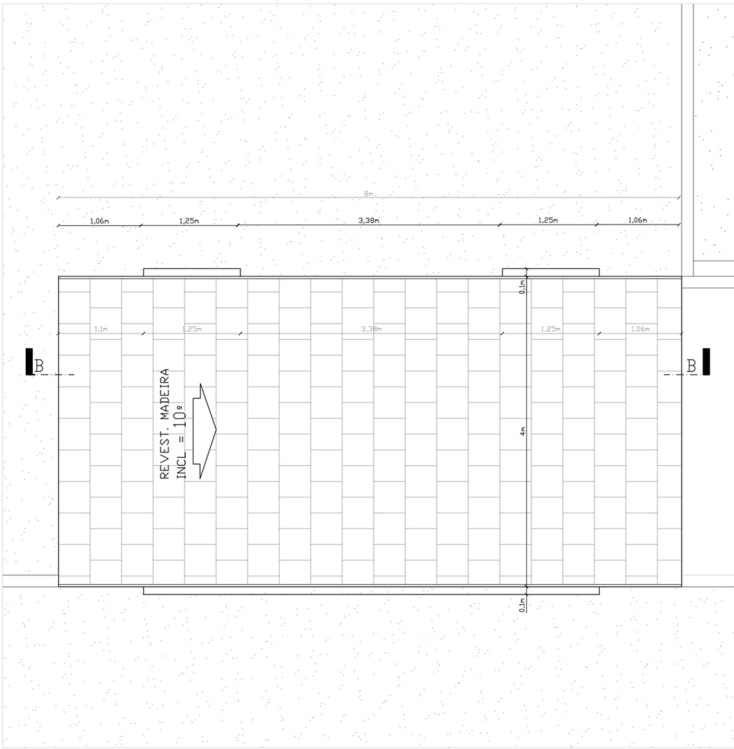
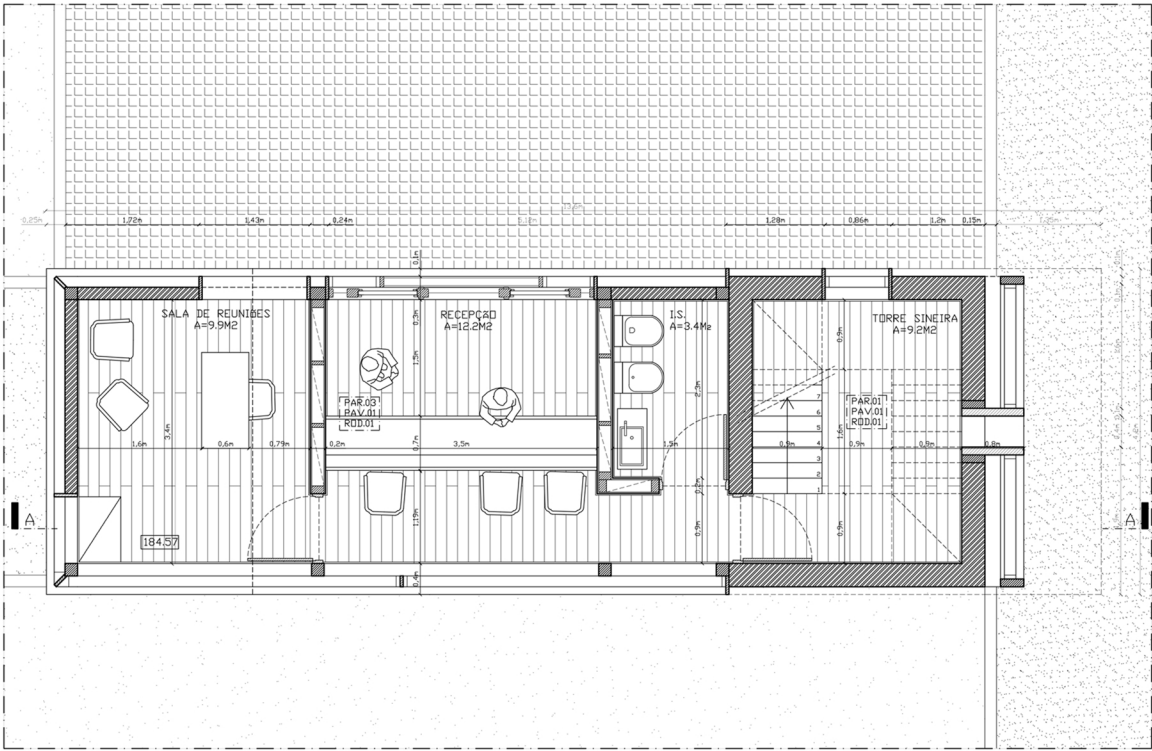
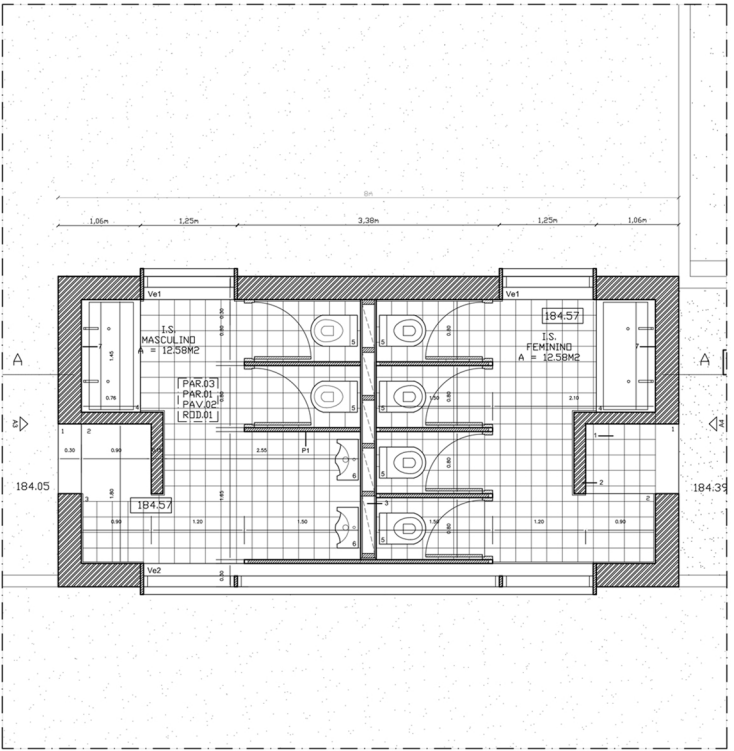
MESTRANDO | VÂNIA FARINHA LUIS
| #20091021 | MISA

P12.c3

ESC. 1/100 ALÇADO C3.09

ALÇADO C3.10

0 5



| | |
|----|---|
| PV | T |
| P | D |

LEGENDA DE ACABAMENTOS

PAVIMENTOS

PV1- SOALHO EM MADEIRA

PAREDES

P1- PAREDE DE TIJOLO MACIÇO

P2- PAREDE EM MADEIRA

TECTOS

T1- TECTO REVESTIDO EM MADEIRA MACIÇA, RÉGUAS AFASTADAS ENTRE SI 20 MM

DIVERSOS

D1- ESCADAS EM ESTRUTURA INDEPENDENTE, MADEIRA MACIÇA LOCAL

D2- BANCADA EM TIJOLO À VISTA E PEDRA LOCAL

LEGENDA DE ACABAMENTOS

| | |
|-------------------------|--------|
| A.-1. | ÁREA |
| A.-1.1- TORRE SINEIRA | 9.2M2 |
| A.-1.2- I.S. | 3.4M2 |
| A.-1.3- RECEPCÃO | 12.2M2 |
| A.-1.4- SALA DE REUNIÃO | 9.9M2 |

| | |
|-----------------------|--------|
| A.-2 | |
| A.-2.1- TORRE SINEIRA | 9.2M2 |
| A.-2.2- SINOS | 25.6M2 |

| | |
|--|---------|
| B.-1 | |
| B.-1.1- INSTALAÇÃO SANITÁRIA MASCULINA | 12.58M2 |
| B.-1.2- INSTALAÇÃO SANITÁRIA FEMININA | 12.58M2 |



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ROÇA
BOA ENTRADA
GENESE, REABILITAÇÃO
E TRANSFORMAÇÃO

PROJECTO FINAL DE MESTRADO
ORIENTADOR | JOÃO SOUSA MORAIS
CO-ORIENTADOR | JOANA MALHEIRO
MESTRANDO | VINÇA FARINHA LUIS
I ACÓRDIOS I MACIA

P13, c4
PLANTA NÍVEL 0 C4.01
PLANTA NÍVEL 1 C4.02
PLANTA COBERTURA C4.03



LEGENDA DE MATERIAS

PAVIMENTOS
PAV.01 - SOALHO CORRIDO EM RÉGUAS DE MADEIRA LOCAL "TECA" ENVERNIZADAS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL
PAV.02 - PAINÉIS EM MDF HIDRÓFUGO, ENVERNIZADOS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO MATE

RODAPÉS
ROD.01 - RODAPÉ EM RÉGUAS DE MADEIRA MACIÇA IDENTICA À DO SOALHO CORRIDO EM RÉGUAS DE MADEIRA LOCAL "TECA", ENVERNIZADO COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL
ROD.02 - RODAPÉ MEIA CANA EM MDF HIDRÓFUGO, ENVERNIZADO COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL

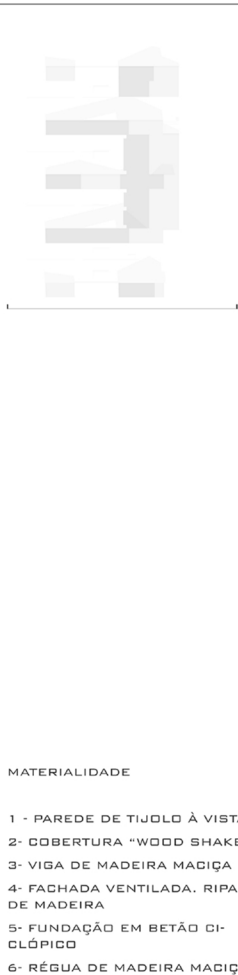
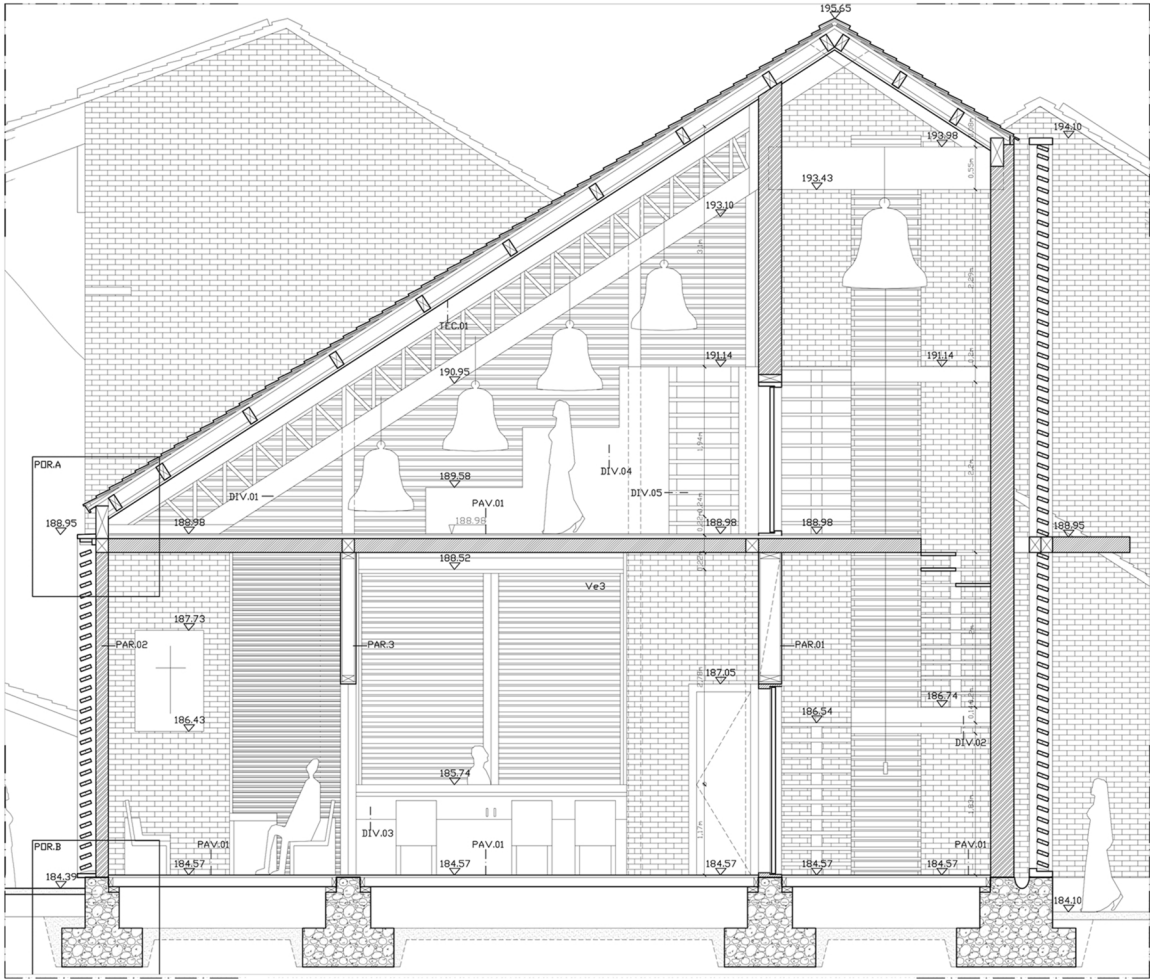
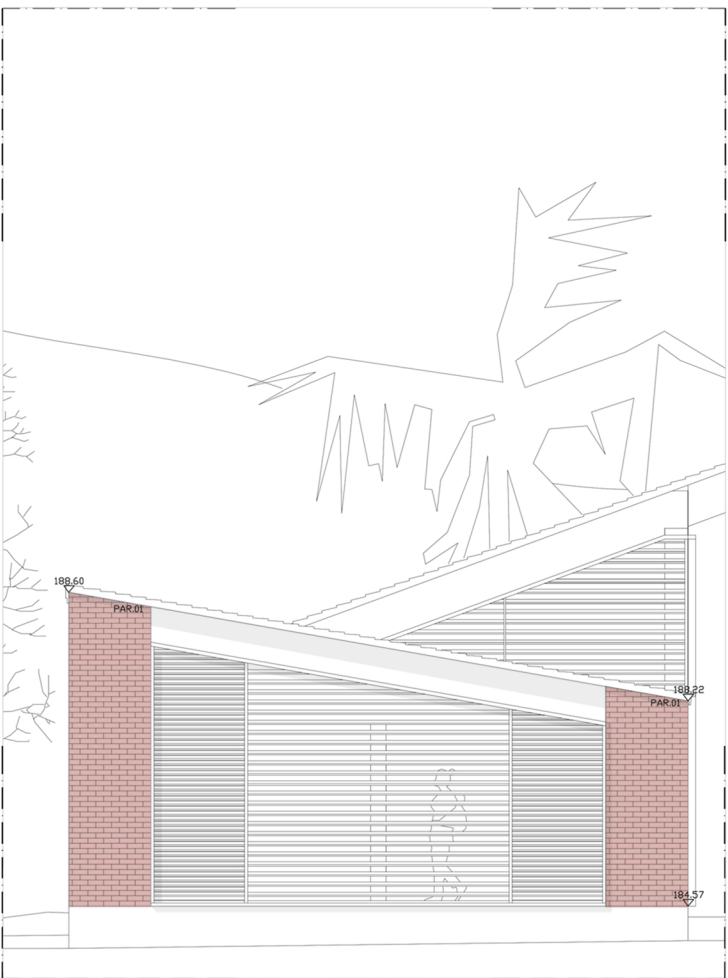
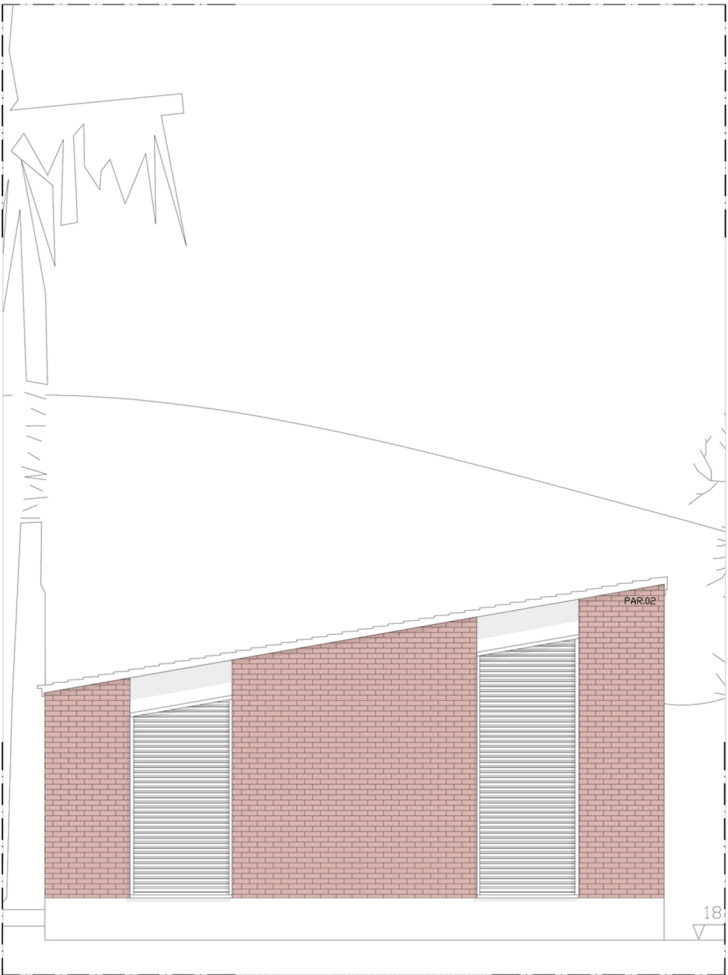
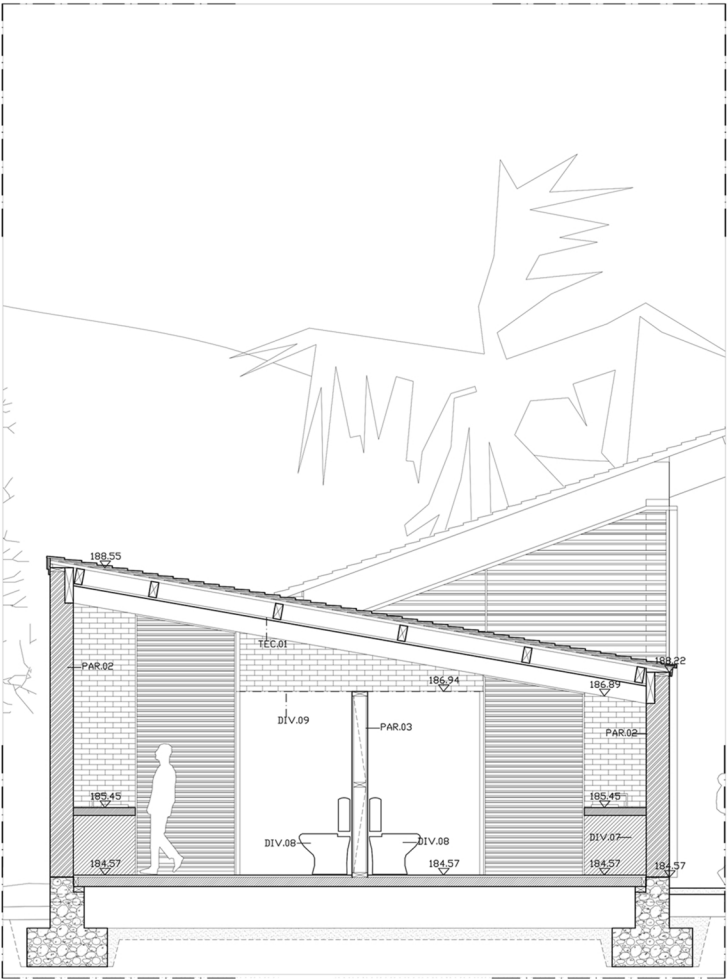
PAREDES
PAR.01 - PAREDE DE TIJOLO MACIÇO, APARELHADA À MEIA VEZ, ACABAMENTO NATURAL
PAR.02 - RIPADO DE MADEIRA ASSENTE EM ESTRUTURA DE MADEIRA LOCAL "TECA" SISTEMA FIXO, ACABAMENTO ENVERNIZADAS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, DIMENSÕES 1250 X 30 MM
PAR.03 - PAREDE DIVISÓRIA EM ESTRUTURA DE MADEIRA REVESTIDA COM RÉGUAS DE MADEIRA "TECA" ENVERNIZADAS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL

TECTOS
TEC.01 - TECTO EM RÉGUAS DE MADEIRA "TECA", DIMENSÕES 140X30X1200MM ENVERNIZADO COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR

COBERTURA
COB.01 - COBERTURA "SHAKE ROOF"

DIVERSOS
DIV.01 - ASNA DE MADEIRA , SUPORTE DOS SINOS
DIV.02 - ESCADAS EM MADEIRA MACIÇA "TECA", ACABAMENTO NATURAL
DIV.03 - BALCÃO DE RECEPCÃO EM PEDRA NATURAL LOCAL "BASALTO", ACABAMENTO POLIDO
DIV.04 - MOBILIÁRIO EM MADEIRA MACIÇA, DIMENSÕES 1200X4800 MM, ACABAMENTO NATURAL
DIV.05 - ESCADOTE EM MADEIRA MACIÇA "TECA", ACABAMENTO NATURAL
DIV.06 - ESPELHO LISO E INCOLOR 6 MM "MIRALITE EVOLUTION" DA SGG COLADO À FACE DA PAREDE COM COLA-PREGO NEUTRA DE FORTE ADERENCIA.
DIV.07 - LAVATÓRIOS INDIVIDUAIS EM PEDRA BASALTO, ACABAMENTO POLIDO, ENVERNIZADA COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR
DIV.08 - SANITA COMPACTA "SANIDUSA" SÉRIE PROJECT, COR BRANCO, REF.º 114021, INCLUINDO AUTOCÍSLIMO, FIXAÇÃO, SIFÃO, DUPLA DESCARGA E TAMPO.
DIV.09 - CABINE SANITÁRIA EM PAINÉIS FENOLICOS TIPO "JNF" 1500 X 2250 MM
DIV.10 - FUNDAÇÃO EM BETÃO CICLÓPICO COM INERTES LOCAIS

ARRUMAMENTOS
ARR.01 - PEDRA NATURAL LOCAL "BASALTO", ACABAMENTO BUJARDADO, DIMENSÕES 200X200X30MM
ARR.02 - SEIXO REDONDO , COR BRANCA
ARR.03 - GRAVILHA COR BEJE ESCURO



- MATERIALIDADE
- 1 - PAREDE DE TIJOLO À VISTA
 - 2- COBERTURA "WOOD SHAKE"
 - 3- VIGA DE MADEIRA MACIÇA
 - 4- FACHADA VENTILADA. RIPAS DE MADEIRA
 - 5- FUNDAÇÃO EM BETÃO CICLÓPICO
 - 6- RÉGUA DE MADEIRA MACIÇA LOCAL



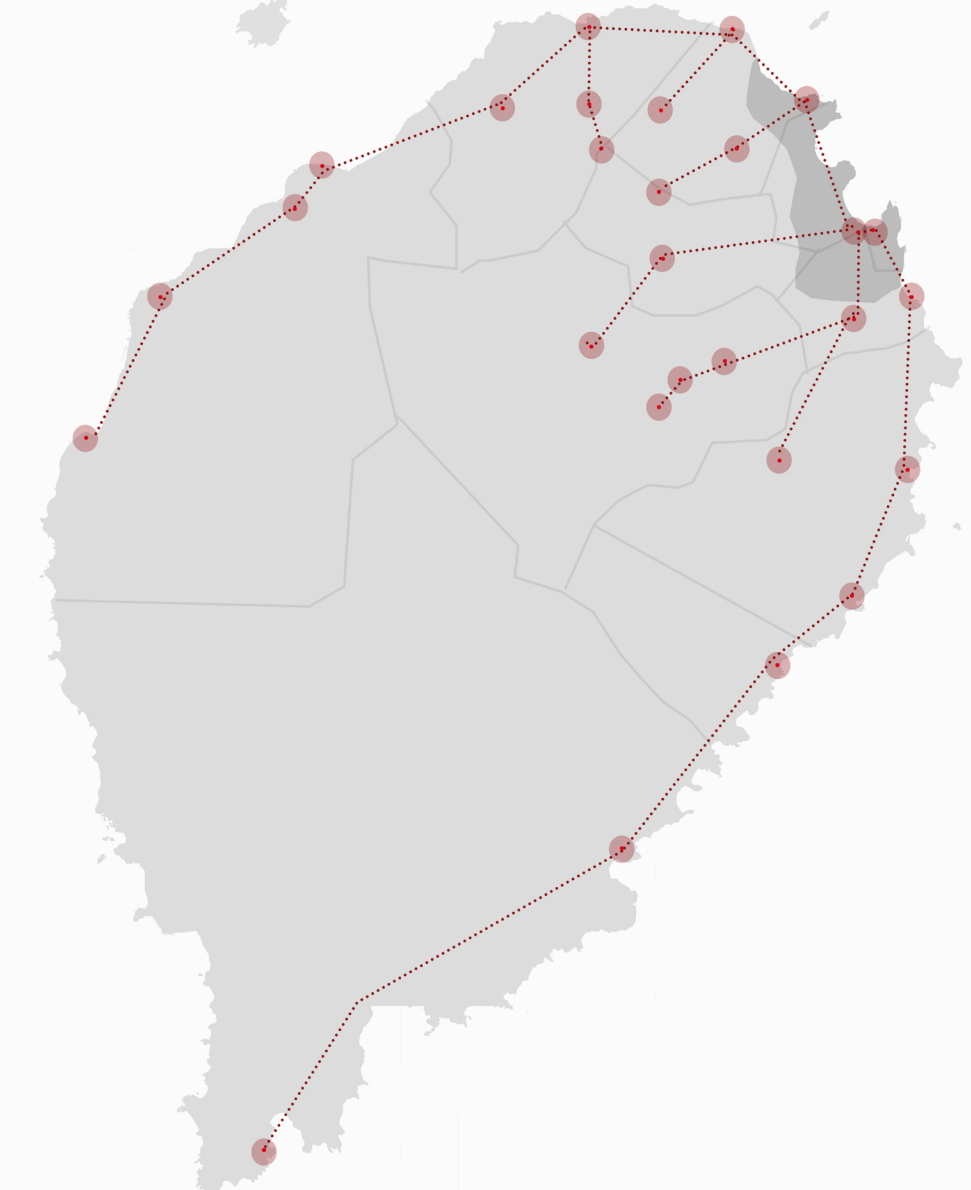
ROÇA
BOA ENTRADA
GENESE, REABILITAÇÃO
E TRANSFORMAÇÃO

PROJECTO FINAL DE MESTRADO
ORIENTADOR I JORDO SOUSA MORAIS
CO-ORIENTADOR I JUDANA MALHEIRO

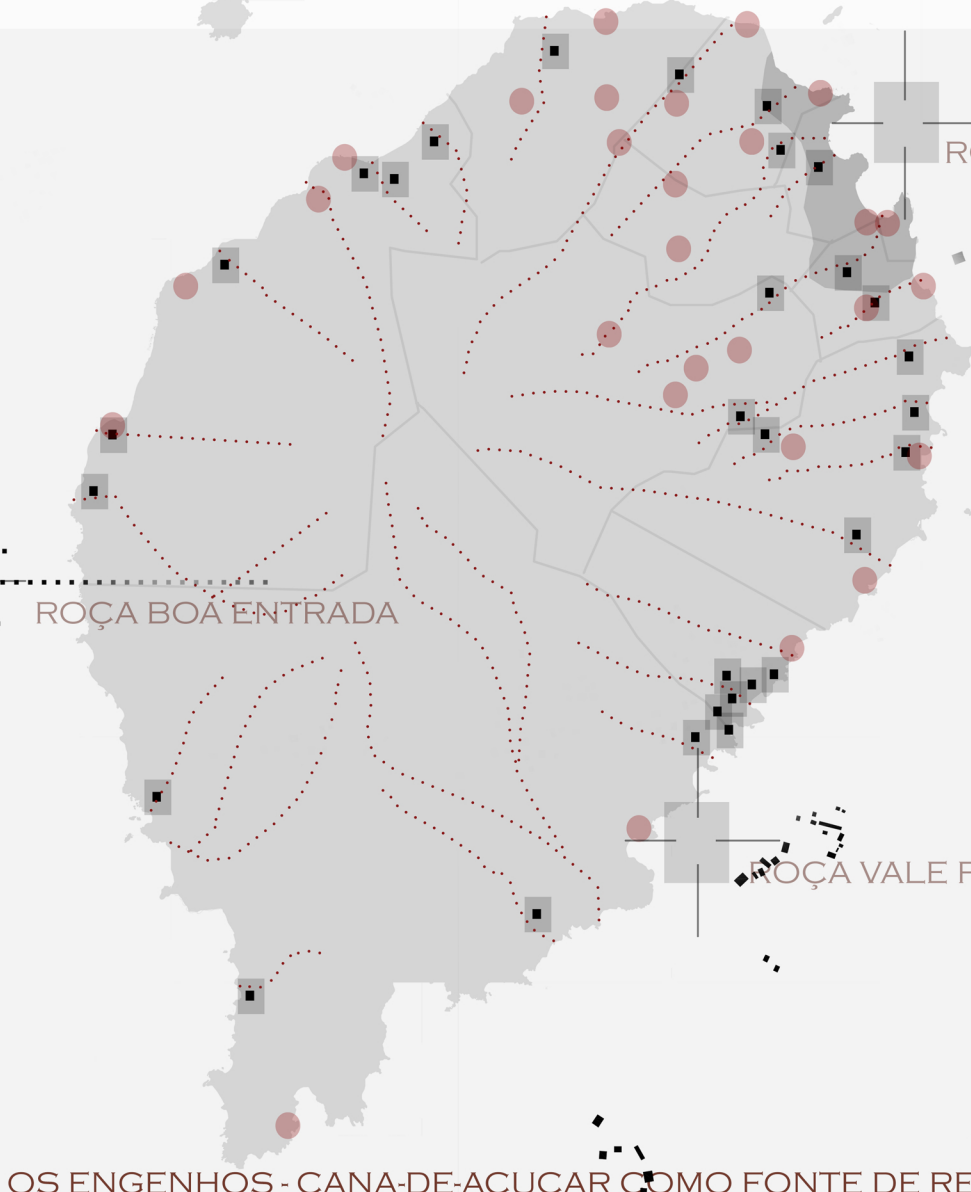
MESTRANDO I VIMIA FARINHA LUIS
I #20091021 I MISA



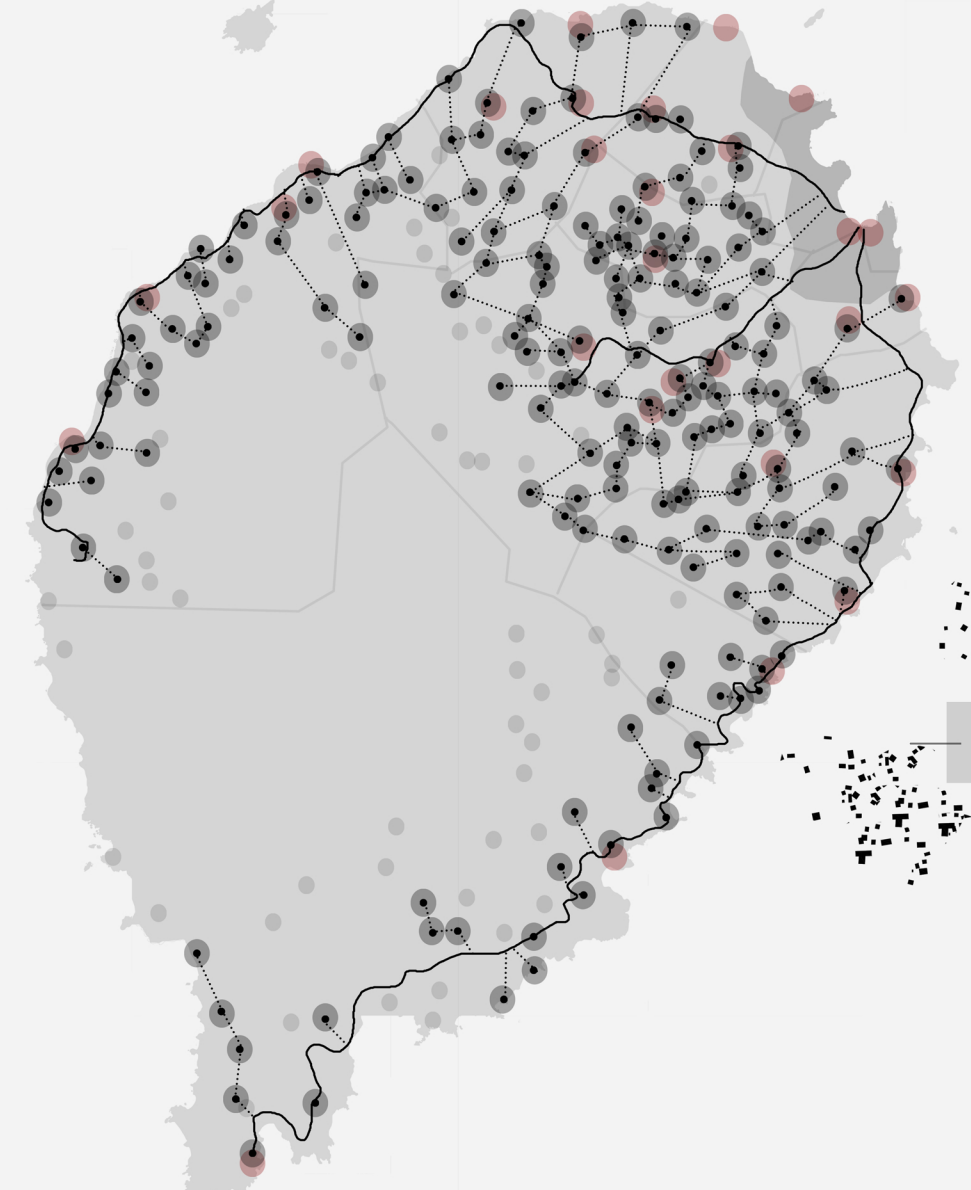
ASSENTAMENTO DO TERRITÓRIO - ÁGUA-AMBÓ | 1470



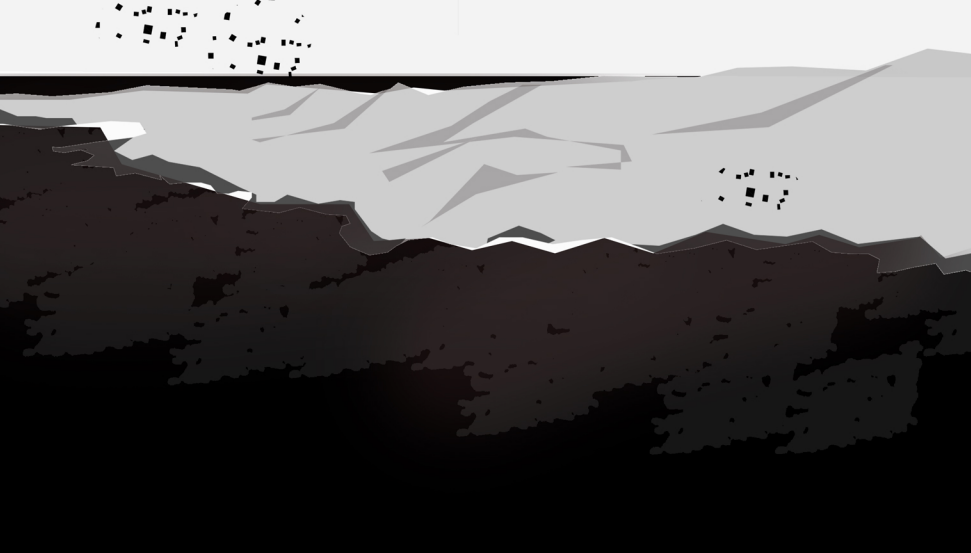
A IGREJA COMO GERADOR DA FORMA URBANA



OS ENGENHOS - CANA-DE-AÇÚCAR COMO FONTE DE RENDIMENTO SÉC.XV-XVI



CRESCIMENTO URBANO ARTICULADO COM O DESENVOLVIMENTO DAS ROÇAS
SISTEMA ESTRUTURANTE DO TERRITÓRIO



ARQUITECTURA DAS ROÇAS



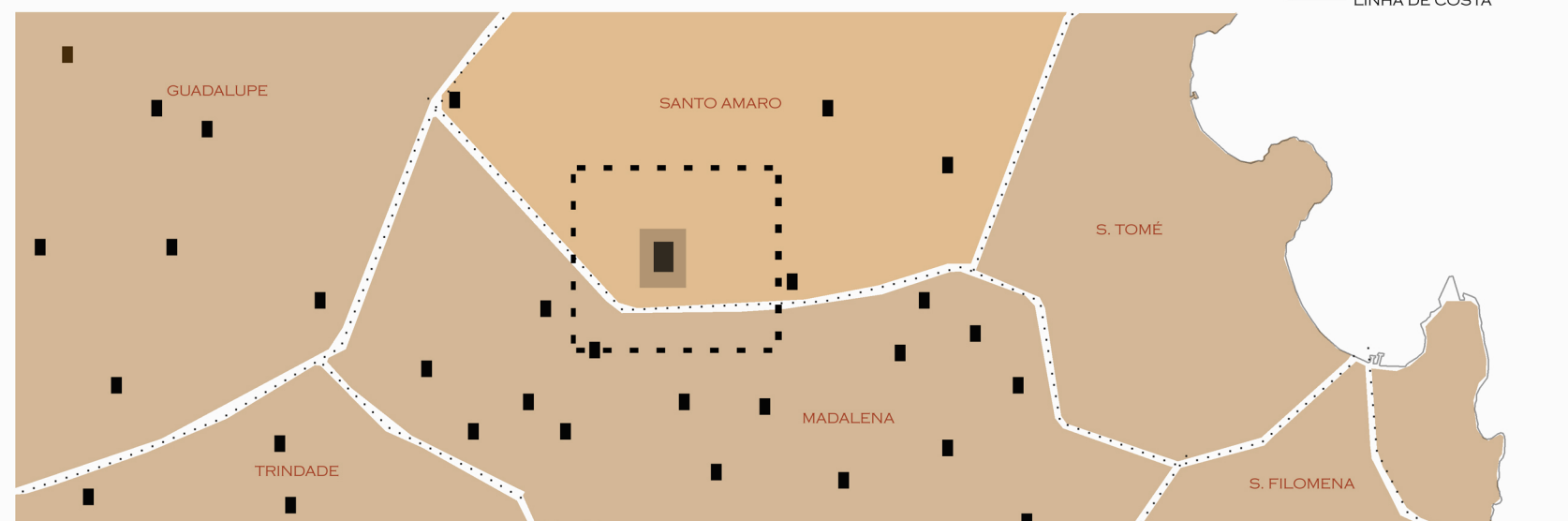
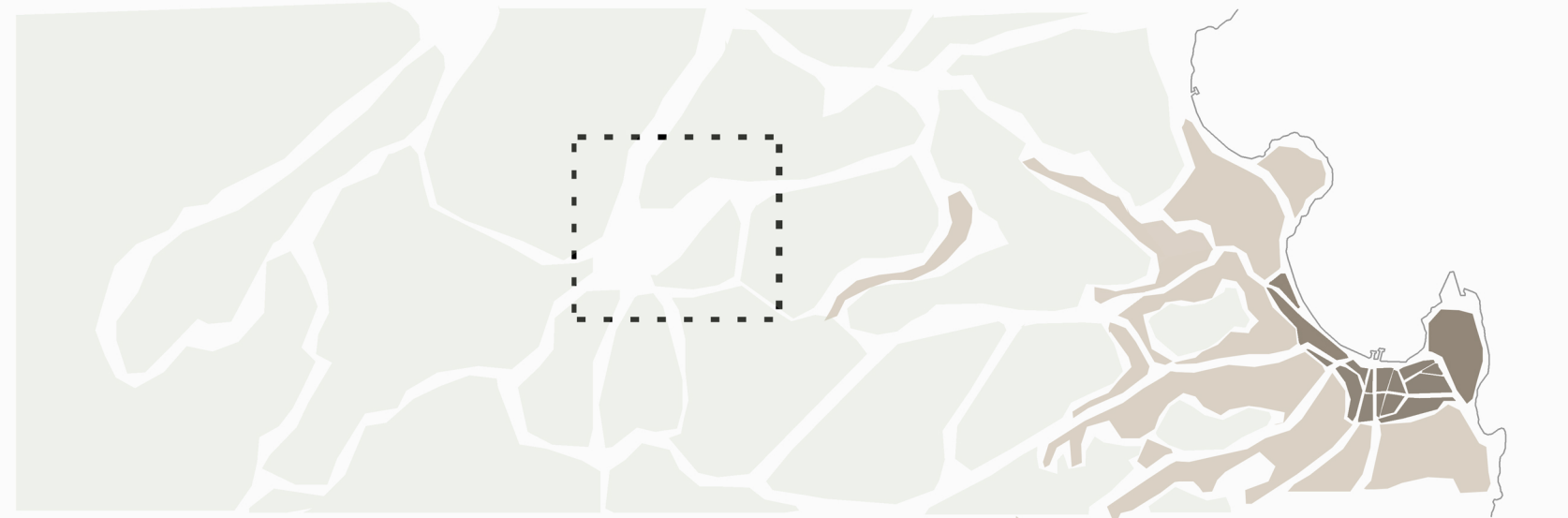
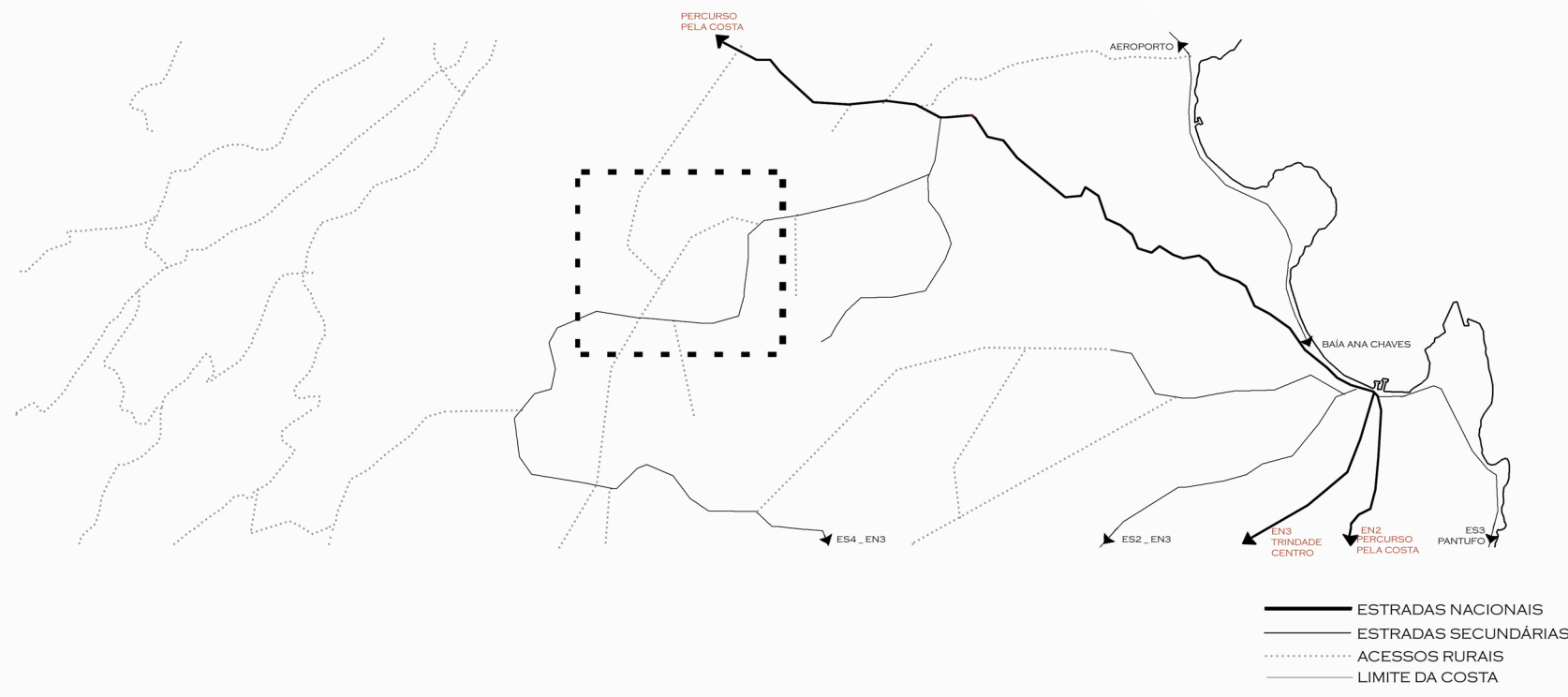
ARQUITECTURA INFORMAL | S.T.P.



ARQUITECTURA FORMAL | S.T.P.



ARQUITECTURA FORMAL | S.T.P.



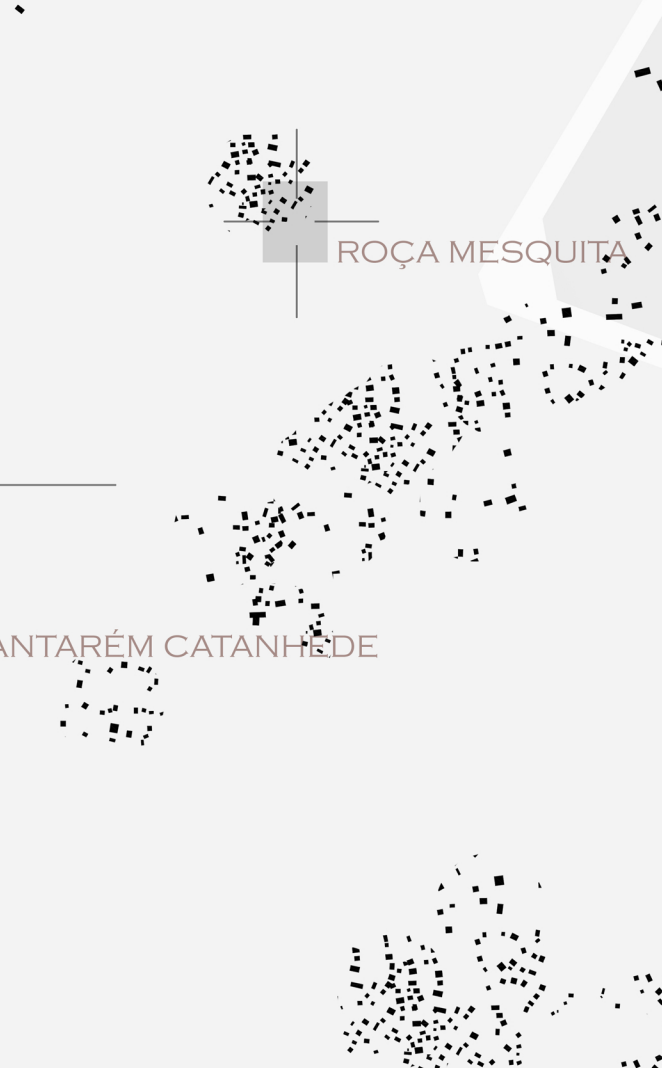
ARQUITECTURA INFORMAL | S.T.P.

ARQUITECTURA FORMAL | S.T.P.

ROÇA BELA VISTA



ROÇA UBA CABRA



ROÇA MESQUITA



ROÇA SANTARÉM CATANHÊDE



AS ROÇAS

O INFORMAL

A CIDADE

SISTEMA DAS ROÇAS
ELEMENTOS ESTRUTURANTES



CASA DA ADMINISTRAÇÃO | ROÇA BOA ENTRADA | S. TOMÉ
FONTE: SALDANHA, ISABEL



RUÍNAS DA ANTIGA CAPELA | ROÇA BOA ENTRADA | S. TOMÉ
FONTE: SANTOS, MARIANA



ANTIGO HOSPITAL | ROÇA BOA ENTRADA | S. TOMÉ
FONTE: ARQUIVO REPÚBLICA DEMOGRÁFICA S. TOMÉ - MANUEL LEAL E SOUSA



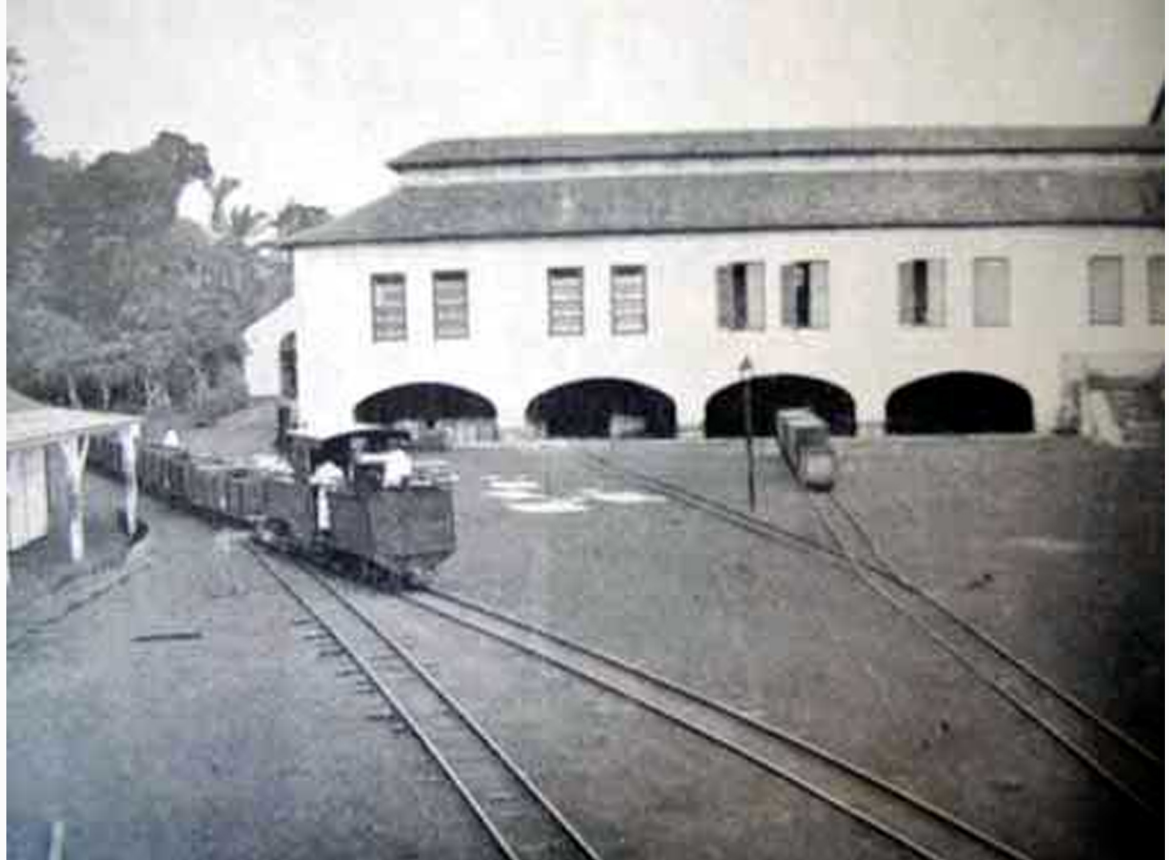
TRANSPORTE CACAU | ROÇA BOA ENTRADA | S. TOMÉ
FONTE: ARQUIVO REPÚBLICA DEMOGRÁFICA S. TOMÉ - MANUEL LEAL E SOUSA



TABULEIROS PARA A SECAGEM DE CACAU | ROÇA RIO D'OURO | S. TOMÉ
FONTE: ARQUIVO REPÚBLICA DEMOGRÁFICA S. TOMÉ - MANUEL LEAL E SOUSA



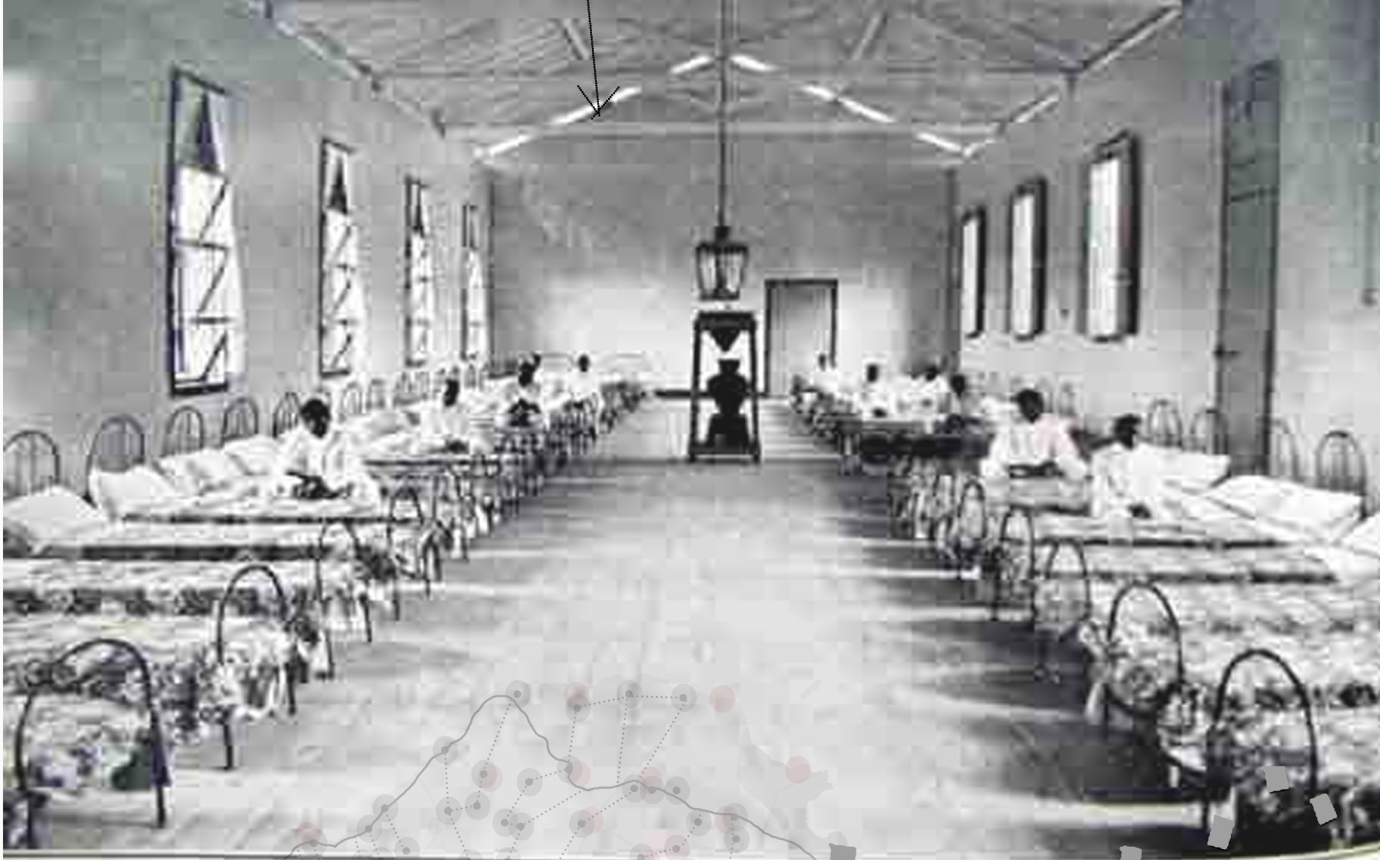
ROÇA EIXO | ROÇA RIO D'OURO | S. TOMÉ
FONTE: [HTTP://STPLATTITUDEZERO.BLOGSPOT.PT/](http://STPLATTITUDEZERO.BLOGSPOT.PT/)



CAMINHOS DE FERRO | ROÇA ÁGUA IZÉ | S. TOMÉ
FONTE: ARQUIVO REPÚBLICA DEMOGRÁFICA S. TOMÉ - MANUEL LEAL E SOUSA



CASA DA ADMINISTRAÇÃO | ROÇA ÁGUA IZÉ | S. TOMÉ
FONTE: ARQUIVO REPÚBLICA DEMOGRÁFICA S. TOMÉ - MANUEL LEAL E SOUSA



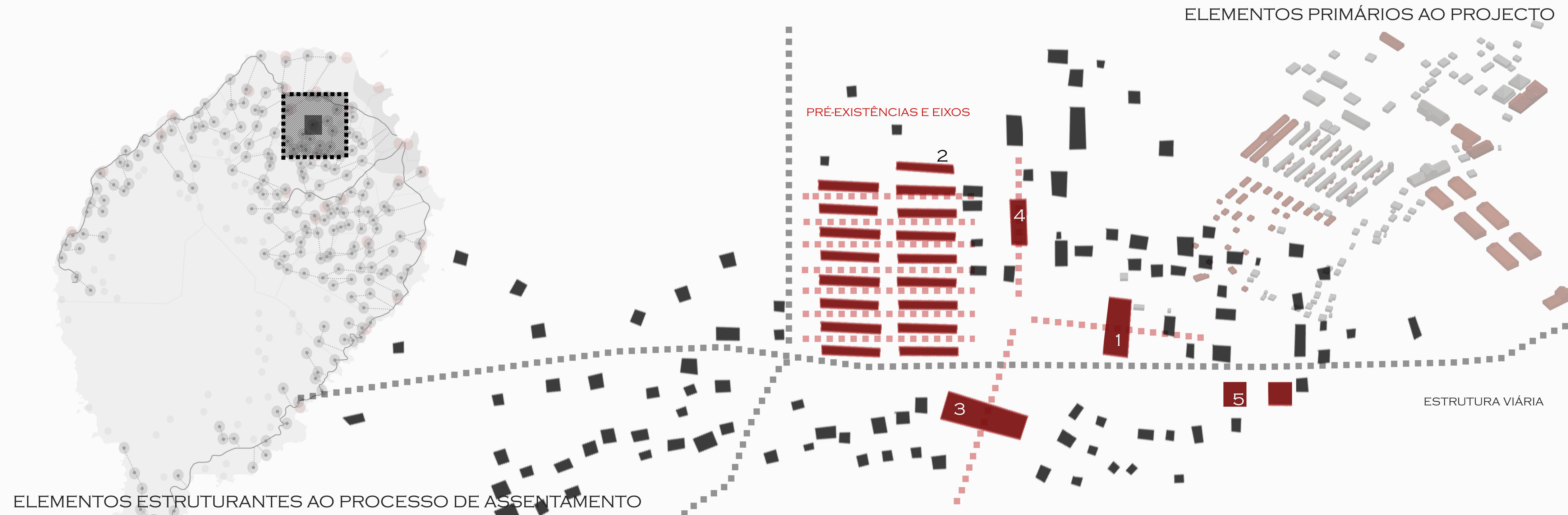
ENFERMARIA | ROÇA RIO D'OURO | S. TOMÉ
FONTE: ARQUIVO REPÚBLICA DEMOGRÁFICA S. TOMÉ - MANUEL LEAL E SOUSA



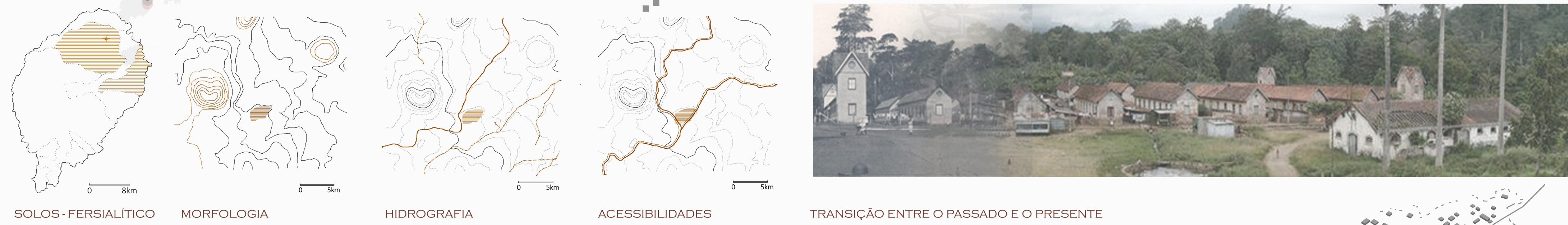
HOSPITAL | ROÇA ÁGUA IZÉ | S. TOMÉ
FONTE: DA AUTORA



SANZALAS | ROÇA ÁGUA IZÉ | S. TOMÉ
FONTE: JANDIRA SILVA



ELEMENTOS ESTRUTURANTES AO PROCESSO DE ASSENTAMENTO



PARTE INTEGRANTE DE UM EIXO CULTURAL E PATRIMONIAL

PARTE INTEGRANTE DE UM NÚCLEO POTENCIAL

LOCALIZAÇÃO E ARQUITECTURA NOTÁVEIS

COMPOSIÇÃO, ESTRUTURA E MATRIZ DESTACÁVEIS

SISTEMA URBANO SUSTENTÁVEL

NOVAS ACESSIBILIDADES E OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

ESPAÇO PÚBLICO FLEXÍVEL

ECOTURISMO

REQUALIFICAÇÃO DAS SANZALAS NOVO FACTO URBANO, A IGREJA

CARACTERÍSTICAS DO LUGAR | POTENCIALIDADES



PLANTA DE COBERTURA
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - SANZALAS - PROPOSTA EDIFICADA



PLANTA PISO TÉRREO



PLANTA PISO 1



FIGURA 1 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NAS SANZALAS - ALÇADO NORDESTE, ALÇADO SUDESTE
IMAGEM: Elaborado pela autora

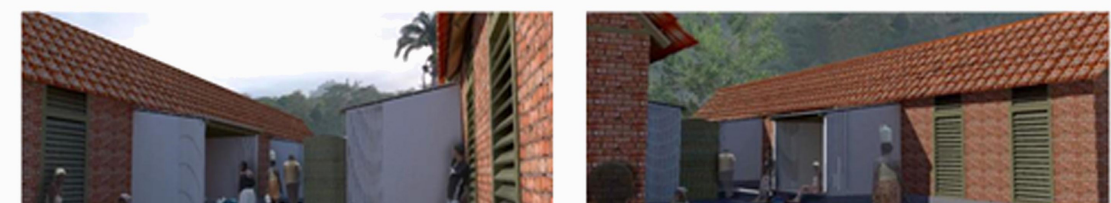


FIGURA 2 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - CORTES TRANSVERSAL
IMAGEM: Elaborado pela autora

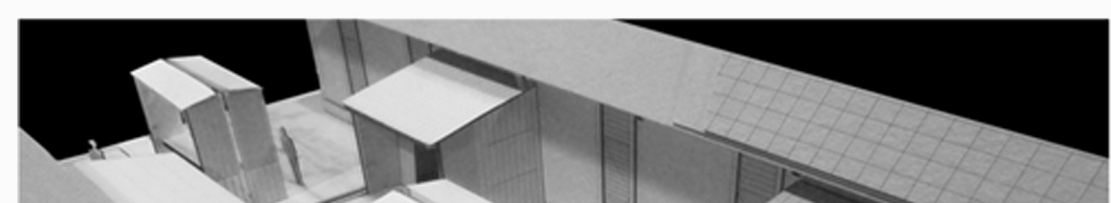


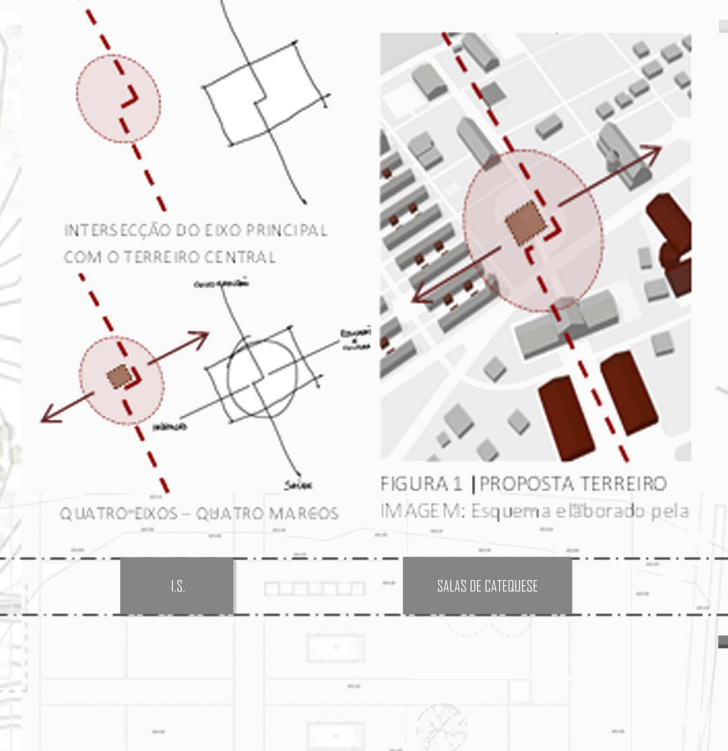
FIGURA 3 | MODELOS TRIDIMENSIONAIS - ARTICULAÇÃO ENTRE ESPAÇOS
IMAGEM: Elaborado pela autora



HIERARQUIA DAS VIAS - PONTOS DE CONFLUÊNCIA



ESTRUTURA ARBÓREA



INTERSECÇÃO DO EIXO PRINCIPAL COM O EIXO CENTRAL



QUATRO EIXOS - QUATRO MARCOS



FIGURA 1 | PROPOSTA TERREIRO
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora

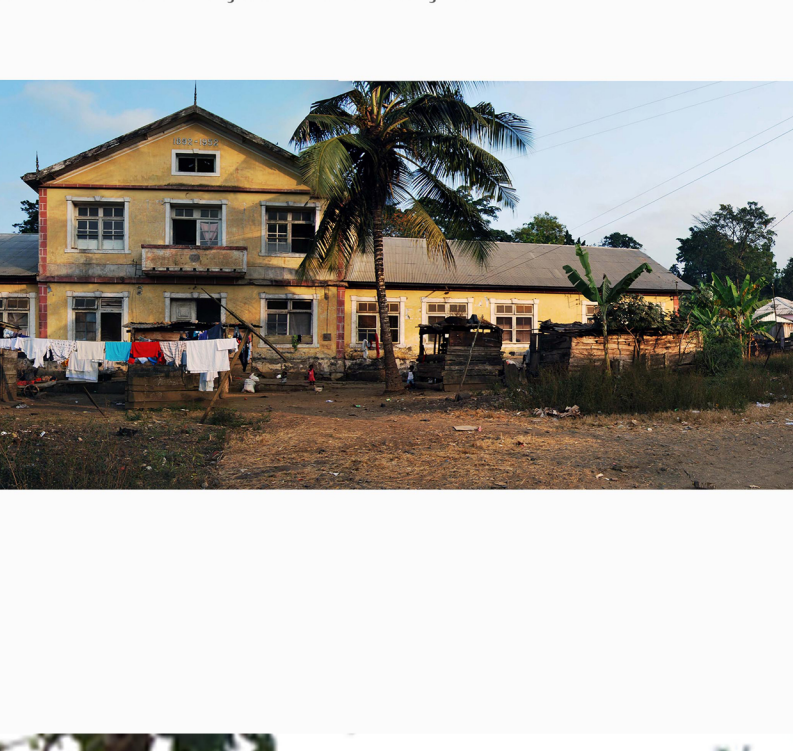
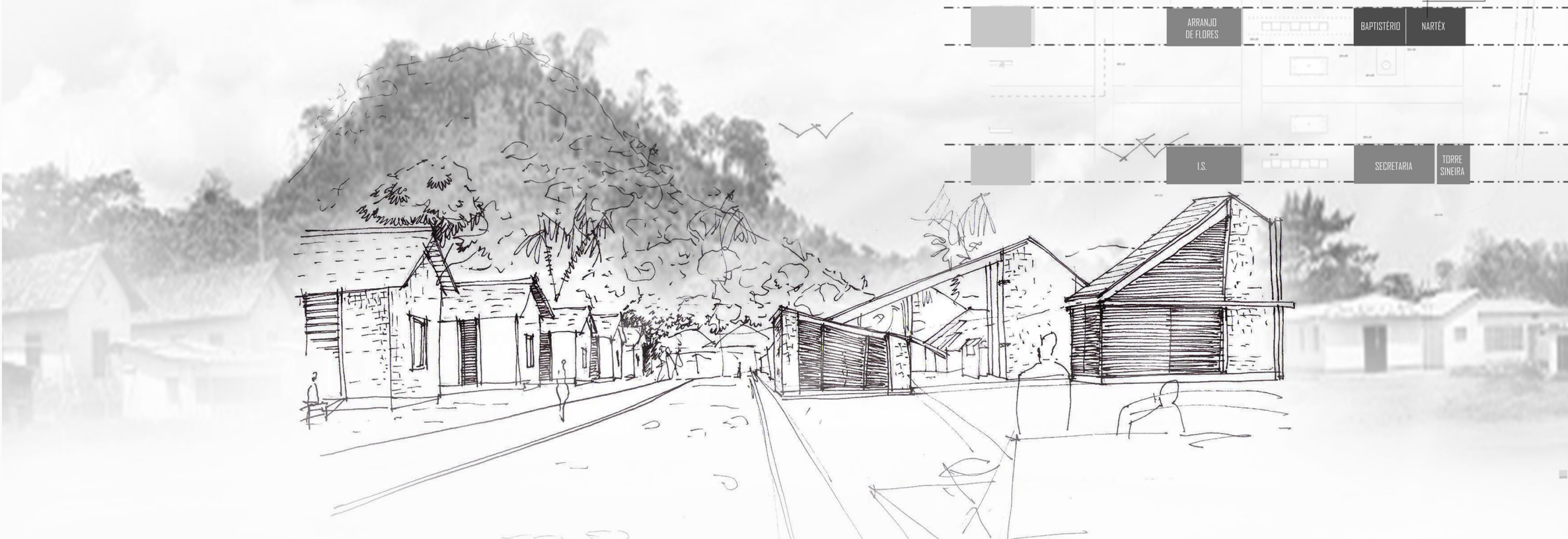
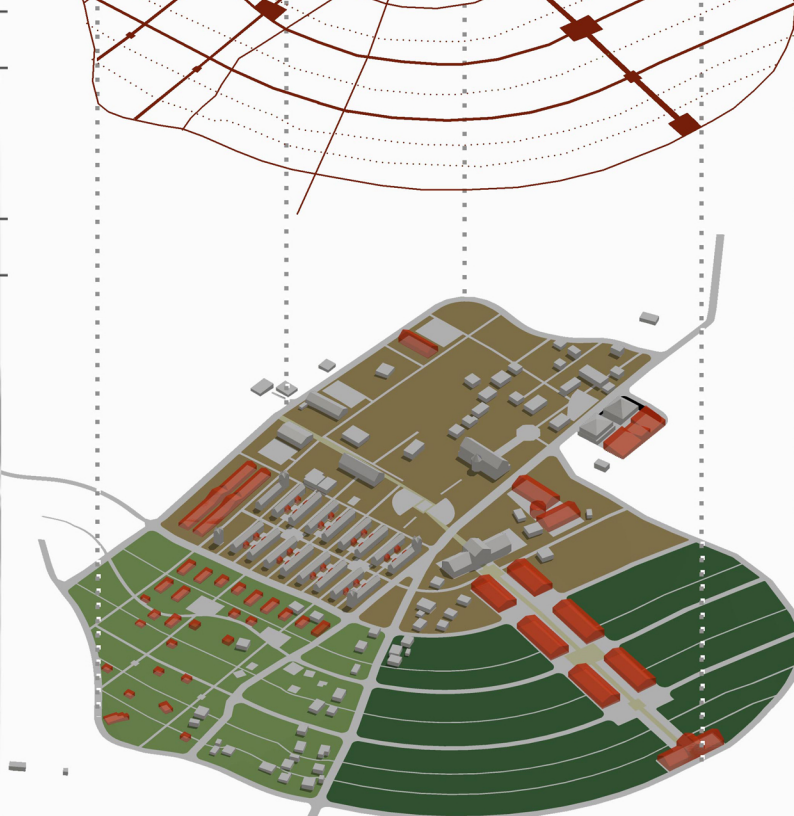


FIGURA 2 | PROPOSTA TERREIRO
IMAGEM: Esquema elaborado pela autora



O PROJECTO | A IGREJA COMO NOVO CENTRO URBANO | PROGRAMA FUNCIONAL



PRESSUPOSTOS PROGRAMÁTICOS



CONJUNTO DE CONSTRUÇÕES _ ROÇA BOA ENTRADA _ 1905
FONTE: MENDONÇA, HENRIQUE J. M. A ROÇA "BOA ENTRADA": LA PERLE DES COLONIES PORTUGAISES. ED. TYPOGRAPHIA. LISBOA, 1906.



1 | CASA DA ADMINISTRAÇÃO
FONTE: MALHEIRO, JOANA BASTOS



2 | SANZALAS - HABITAÇÃO DOS SERVIÇAI DA ROÇA
FONTE: SANTOS, MARIANA



3 | ANTIGO HOSPITAL
FONTE: SANTOS, MARIANA



4 | RUÍNAS DA ANTIGA CAPELA DA ROÇA BOA ENTRADA
FONTE: SANTOS, MARIANA



5 | ANTIGA HABITAÇÃO DOS EMPREGADOS DA CASA DA ADMINITRAÇÃO
FONTE: SANTOS, MARIANA

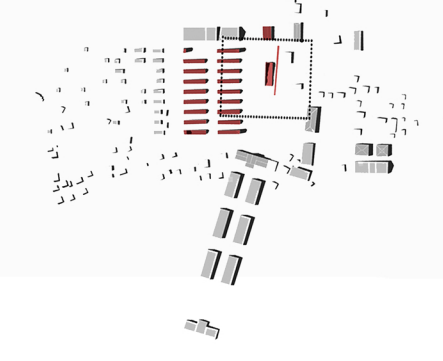


PROJECTO - O PROGRAMA:

- 1- ANTIGA CASA DA ADMINIS-
TRAÇÃO - PROPOSTA DA
ROÇA-MUSEU
- 2- PROPOSTA DO CENTRO DE
SAÚDE
- 3- ANTIGO HOSPITAL -
PROPOSTA DA FÁBRICA DE
CACAU E CAFÉ
- 4- PROPOSTA DE SECADORES
DO CACAU E CAFÉ
- 5- PROPOSTA DE FORNO
- 6- PROPOSTA DE ESTRUTU-
RAS PARA O ESTACIONA-
MENTO E CONVÍVIO
- 7- CASAS HABITACIONAIS -
PROPOSTA DE CENTROS DE
ESTUDO E FORMAÇÃO
- 8- CASAS HABITACIONAIS CO-
LONIAIS - PROPOSTA DE
HABITAÇÃO ECO-TURISMO
- 9- PROPOSTA DE ESTRUTU-
RAS PARA O ESTACIONA-
MENTO E CONVÍVIO
- 10- ANTIGA RUÍNA DA CAPELA
BOA ENTRADA - PROPOSTA
DO DO ESPAÇO SAGRADO

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO:

- BLOCO A - TORRE SINEIRA
E RECEPÇÃO.
- BLOCO B - CORPO DA
IGREJA.
- BLOCO C - SALAS DE
CATEQUESE
- BLOCO D - INSTALAÇÕES
SANITÁRIAS
- BLOCO E - CARTÓRIO
- BLOCO F - CAPELA MORTUÁRIA
- BLOCO G - ARRANJOS DE
FLORES



ESPAÇOS PÚBLICOS - CONVÍVIO
CAPELA MORTUÁRIA
CARTÓRIO
BLOCOS ANEXOS AO CORPO DA IGREJA
INSTALAÇÃO SANITÁRIA



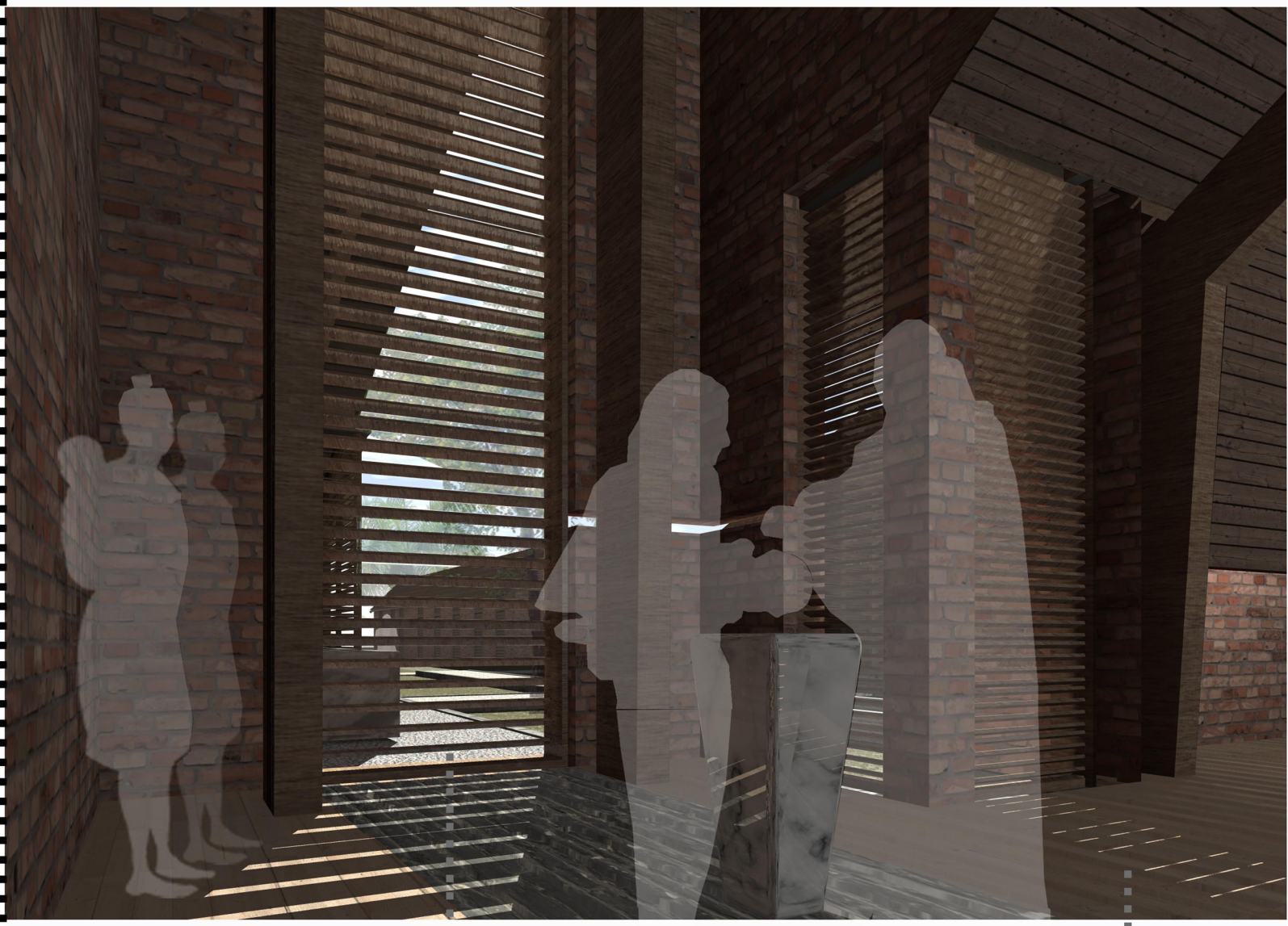
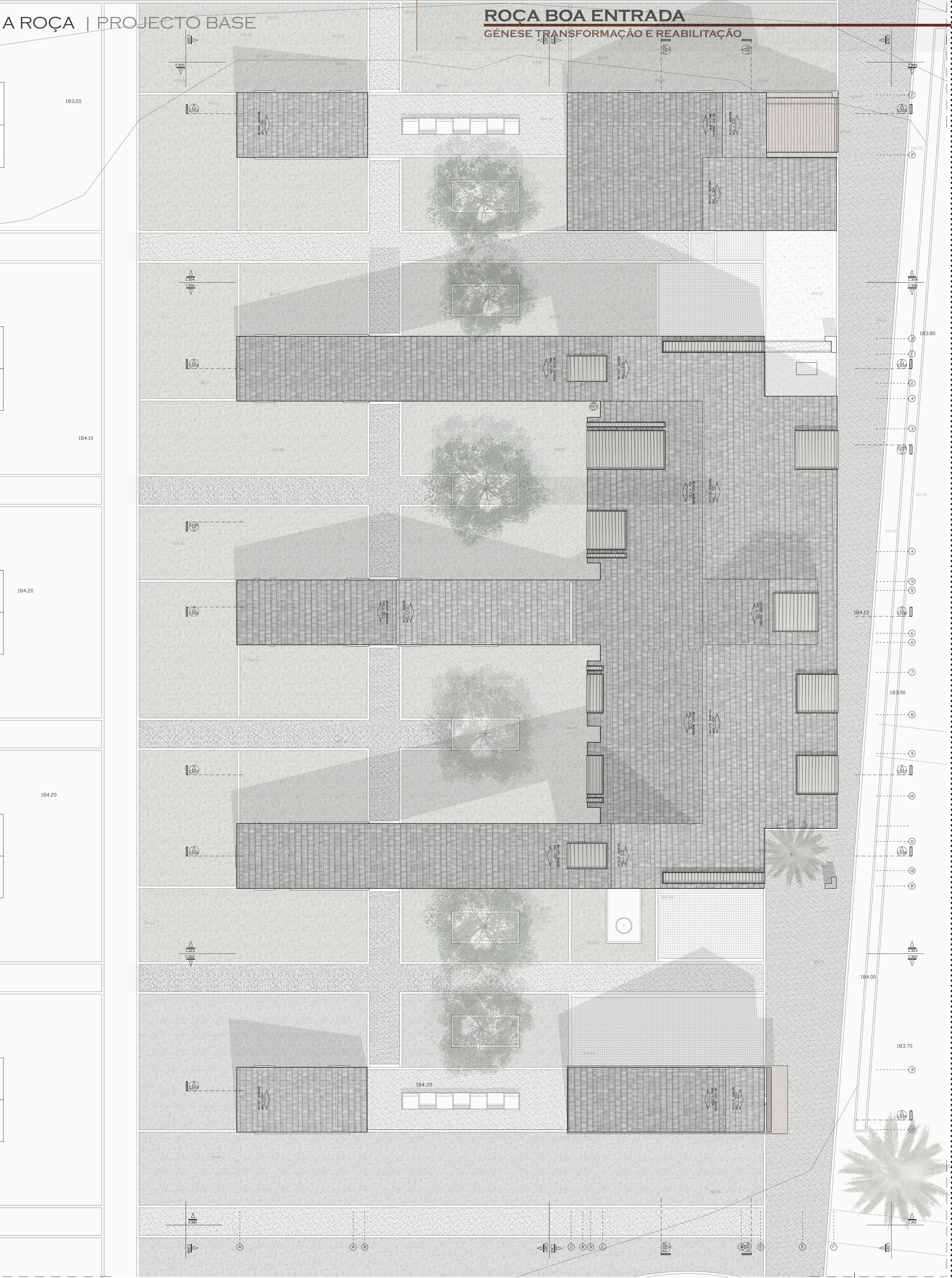
CARTÓRIO - ESPAÇO EXTERIOR
MATERIAIS LOCAIS
CARTÓRIO - ESPAÇO EXTERIOR
MATERIAIS LOCAIS
SANZALA - PRÉ-EXISTÊNCIAS



PRAÇA CENTRAL DA ROÇA
TORRE SINEIRA
ADRO DA IGREJA
CORPO DA IGREJA
NARTÉX/BAPTISTÉRIO

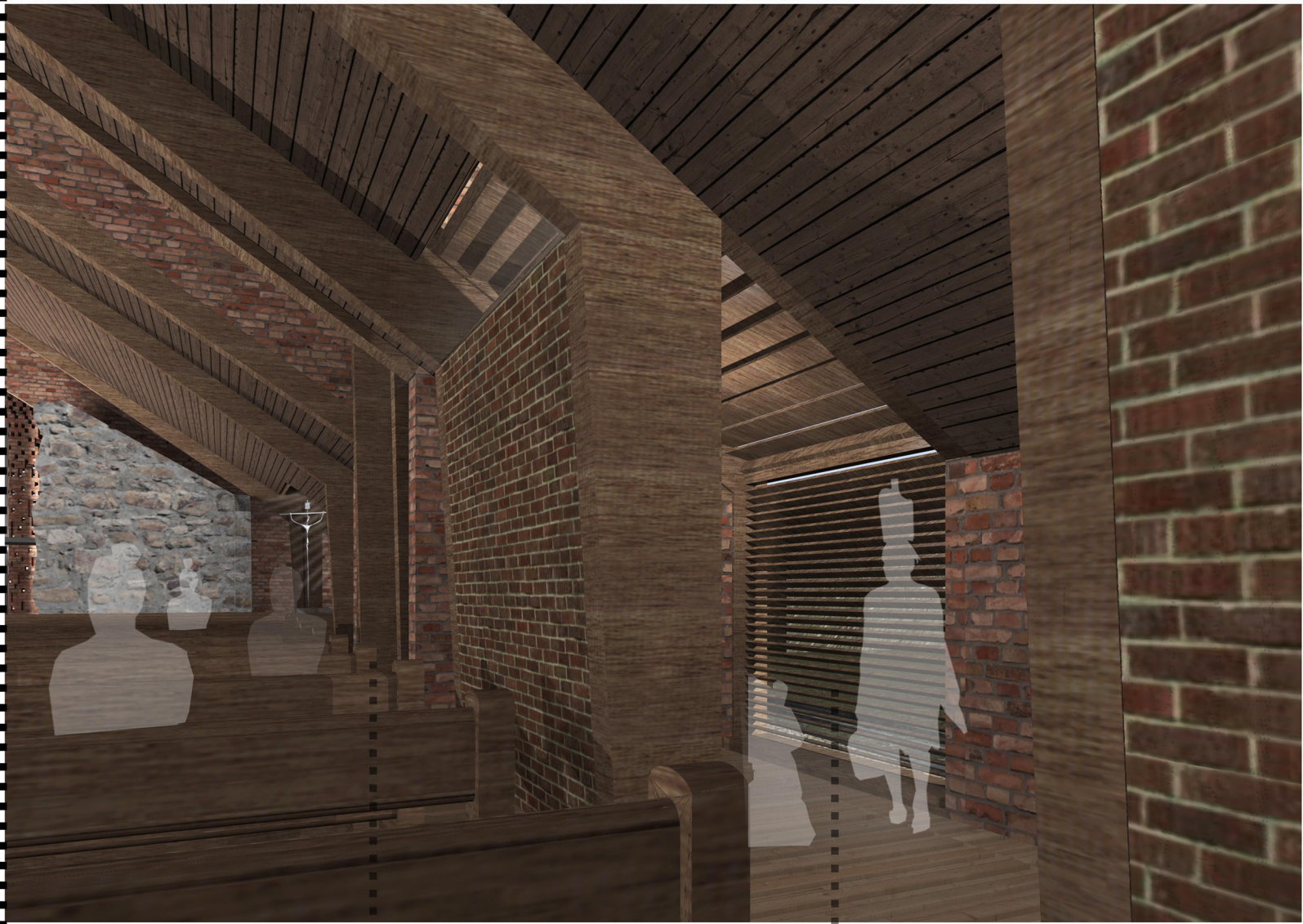


ARRANJOS DE FLORES
INSTALAÇÃO SANITÁRIA
TORRE SINEIRA
ESPAÇO ADMINISTRATIVO



RELAÇÃO COM O EXTERIOR | LIGAÇÃO ENTRE O HUMANO E O DIVINO
ENFATIZAÇÃO DA CERIMÓNIA BAPTISMAL | PROLONGAMENTO DE MATERIAIS

TRANSIÇÃO COM O CORPO DOS FIÉIS



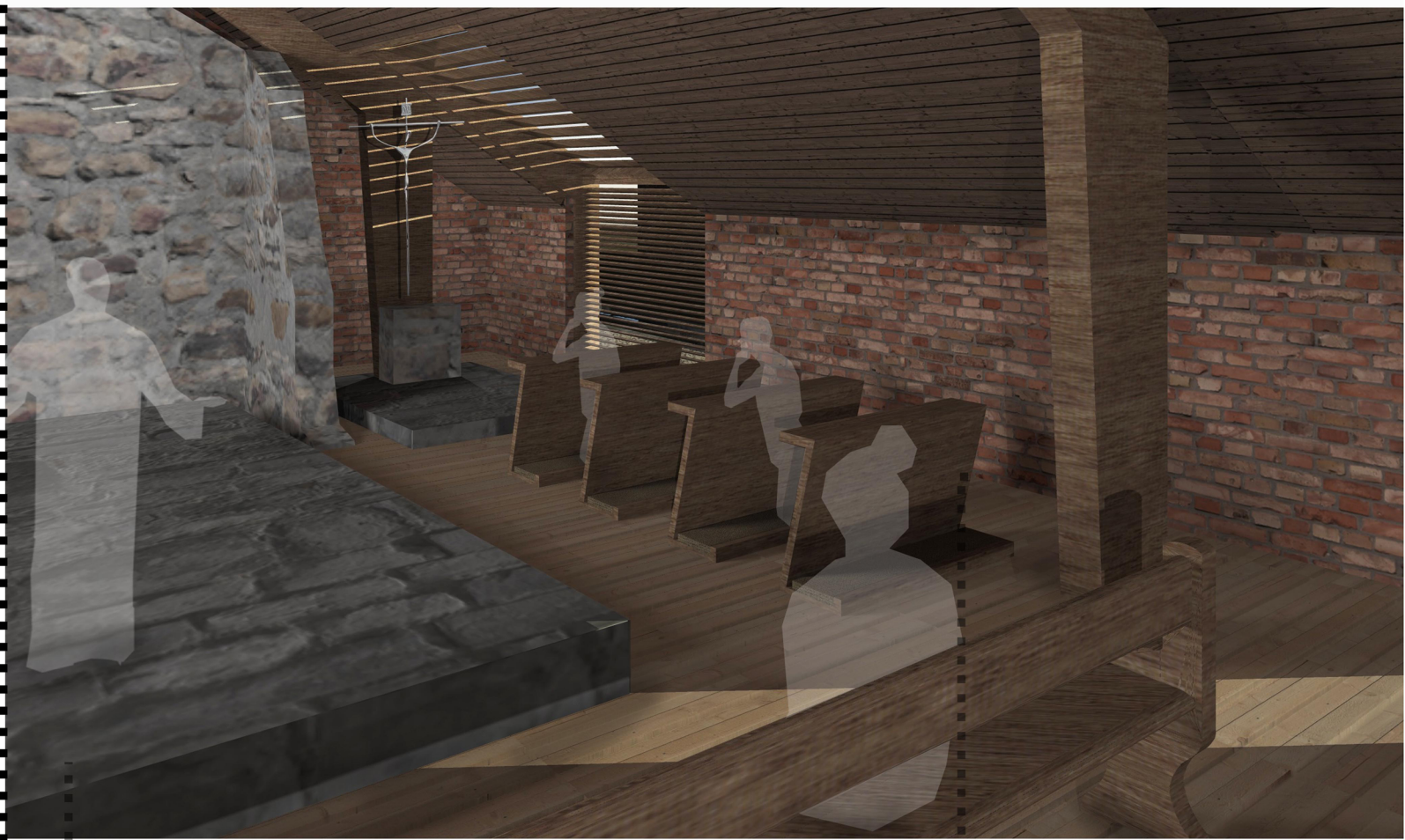
EIXO LONGO | PERCURSO RECÔNITO ATÉ AO SANTÍSSIMO

ORATÓRIOS | PONTOS DE LUZ



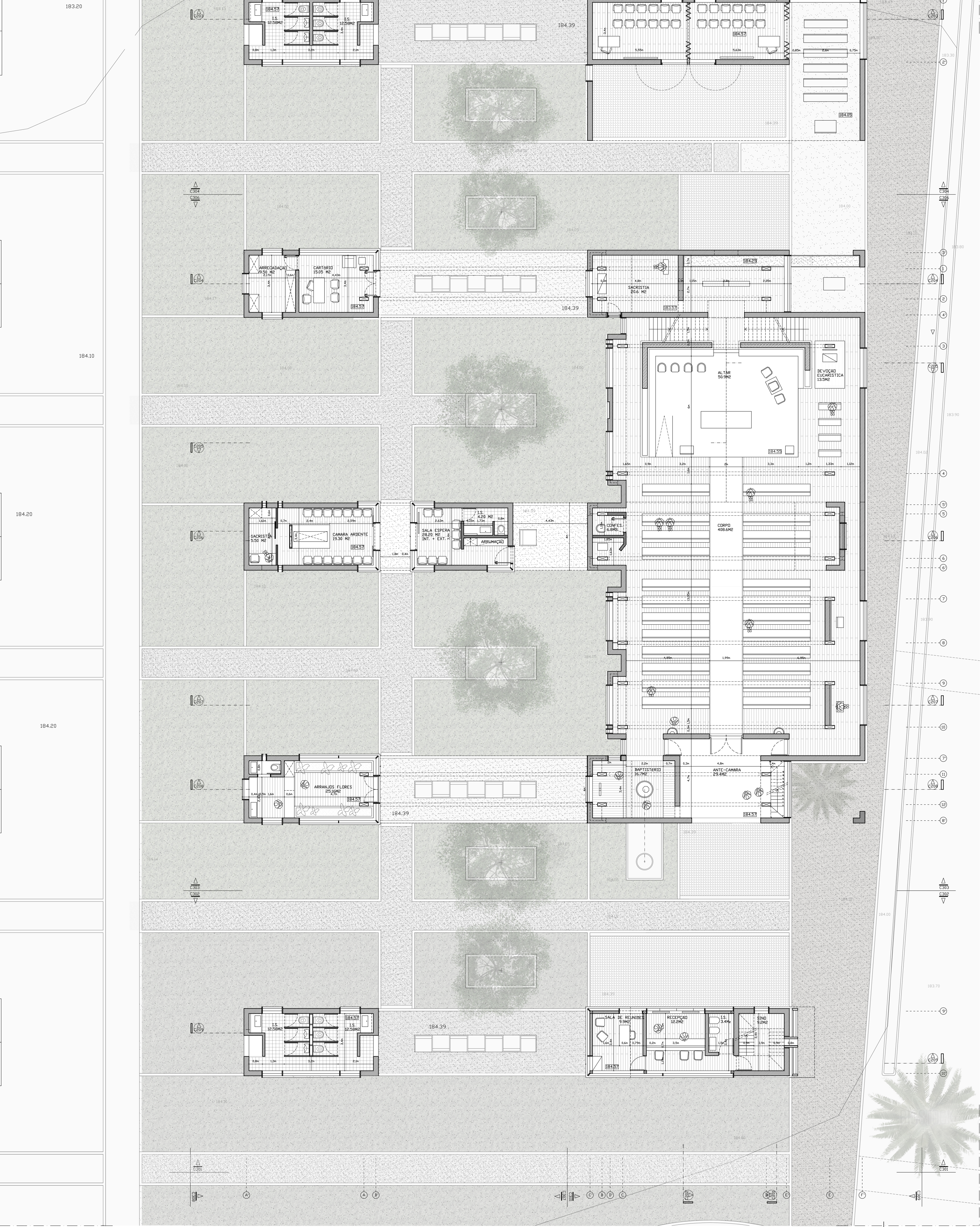
RUÍNAS DA ANTIGA CAPELA
COMO CENÁRIO DO ALTAR

DEVOÇÃO EUCHARÍSTICA
EIXO LONGO - ACESSO AO CRUCIFIXO



MATERIAIS LOCAIS | PEDRA - BASALTO
| TIJOLO BURRO
| MADEIRA LOCAL

LUGAR DE ORAÇÃO



ALINHAMENTO VISUAL - ENTRADA | ALTAR

NAVE - DISPOSIÇÃO REUNIDA EM TORNO DO ALTAR
- O LUGAR DOS CANTORES ENCONTRA-SE NA ZONA OPOSTA AO ALTAR



LUZ INDIRECTA - VENTILAÇÃO TRANSVERSAL GARANTIDA



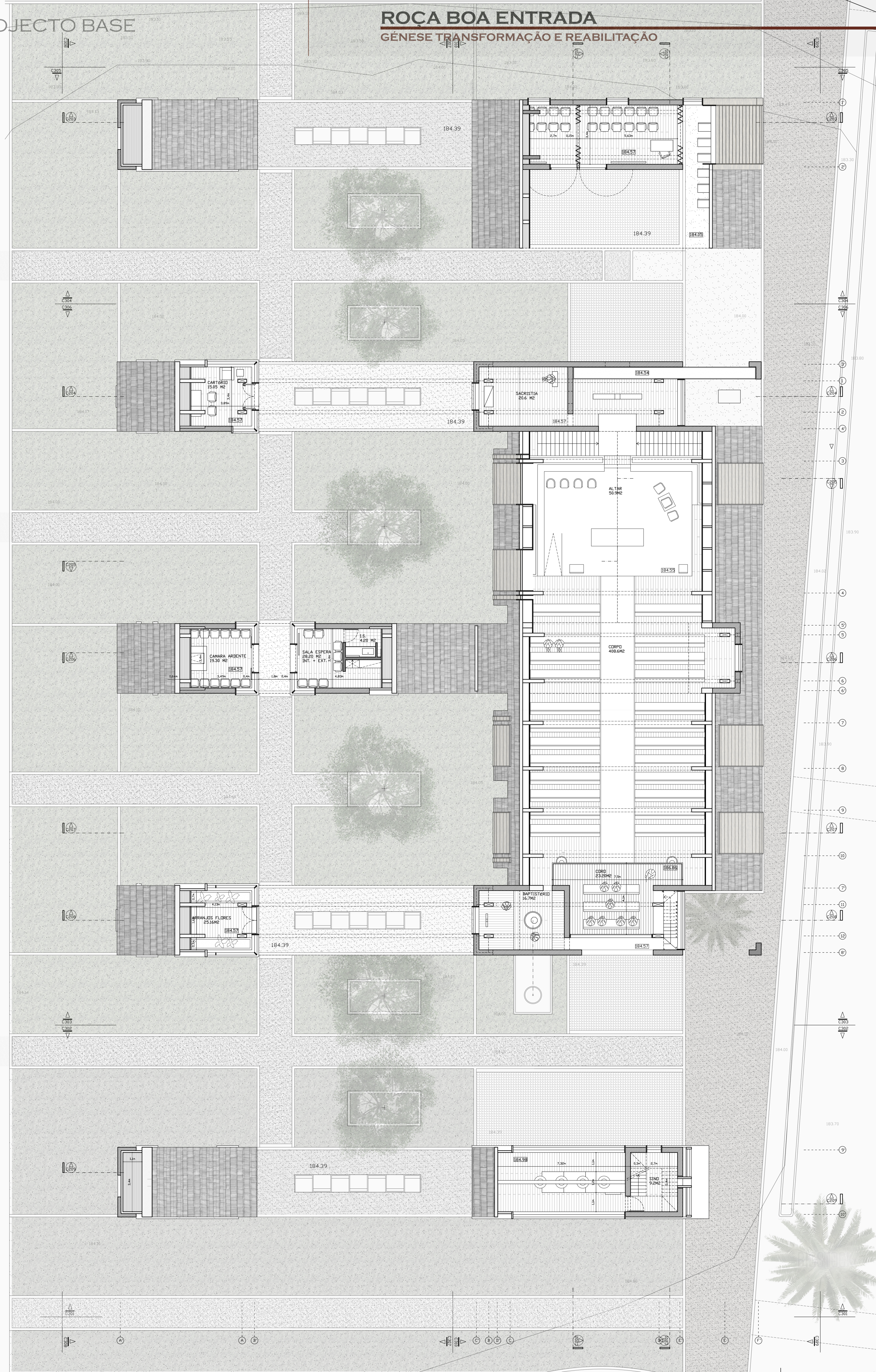
RUÍNAS DA ANTIGA CAPELA
COMO CENÁRIO DO ALTAR

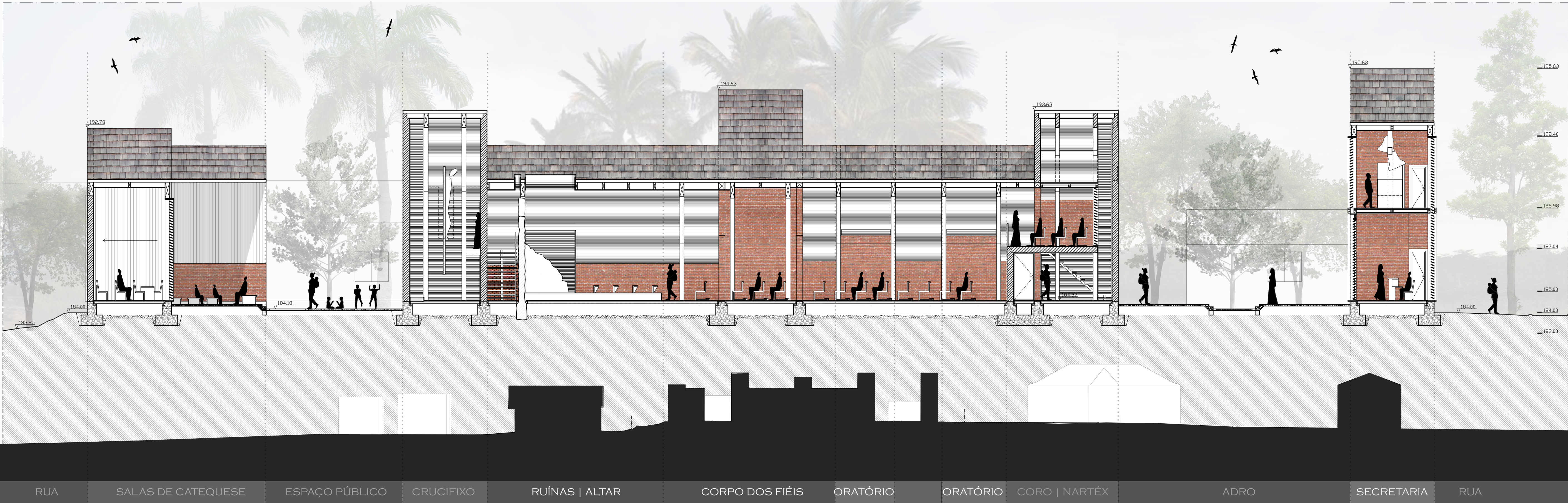
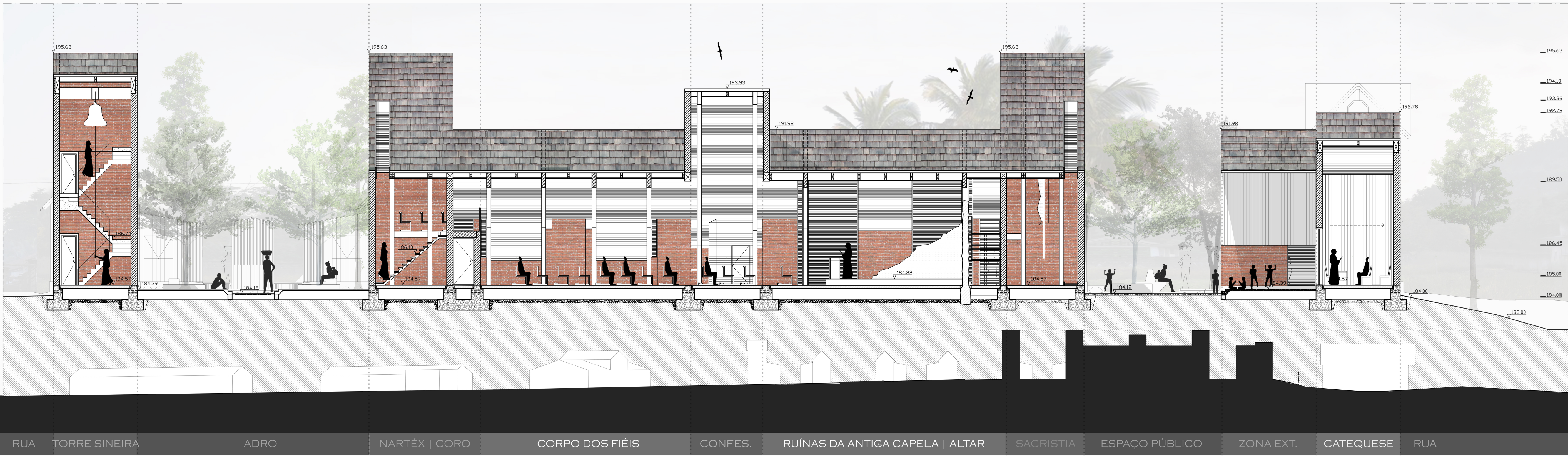
CONFESSIONÁRIO - PROLONGAMENTO DA MATERIALIDADE DO PLANO DA COBERTURA PARA O LANO DA PARDE

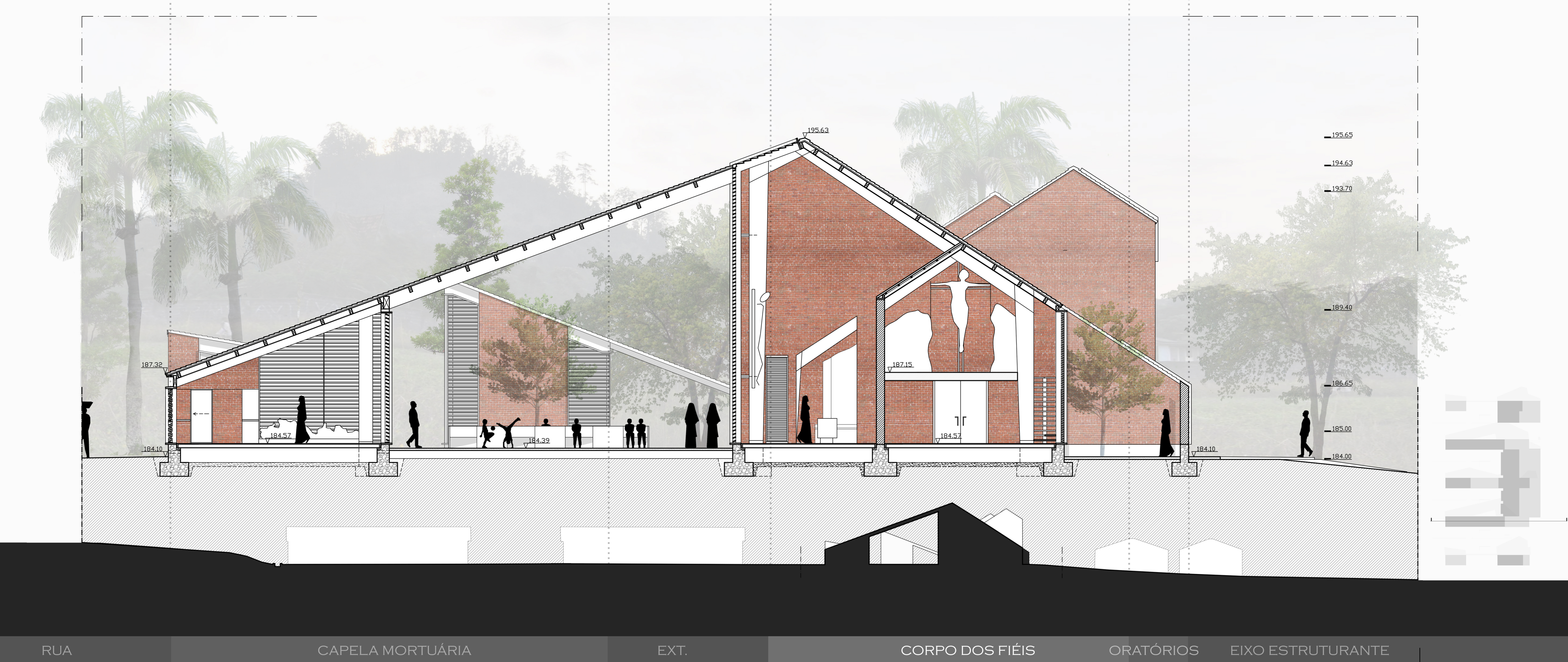


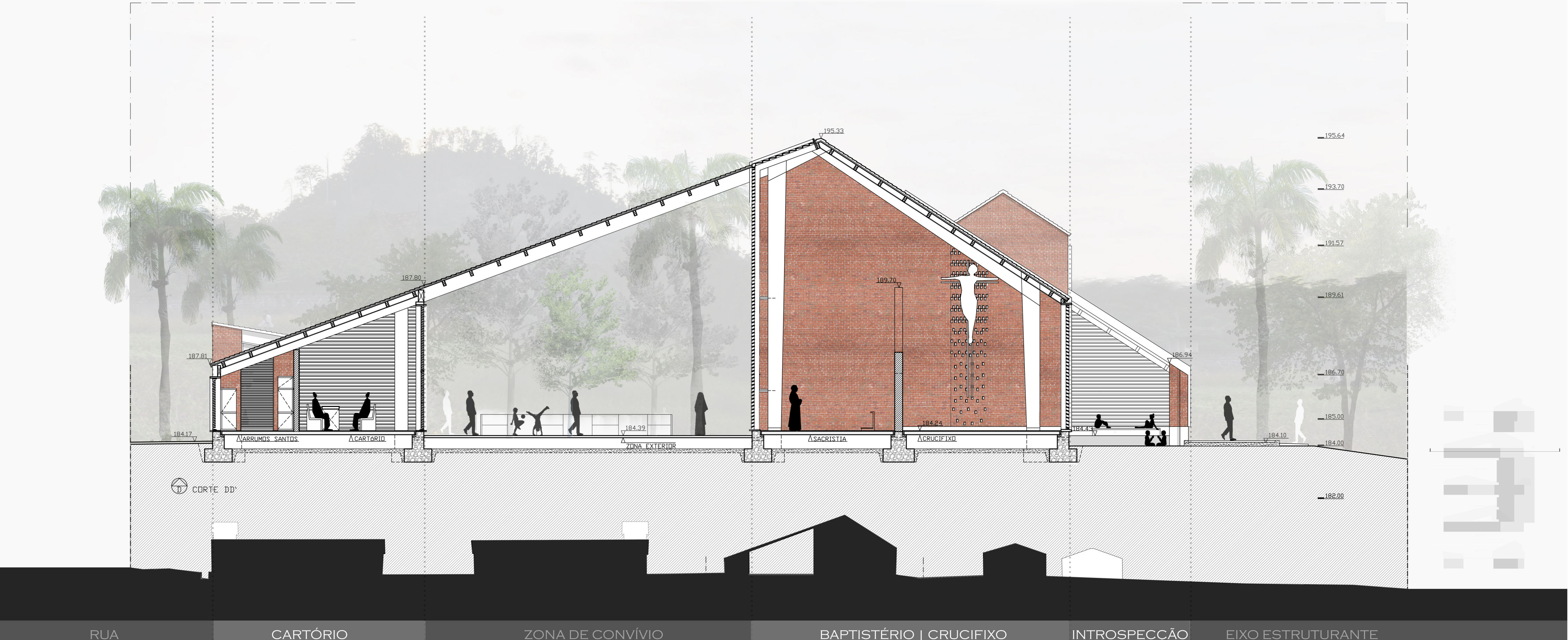
BAPTISTÉRIO | CONTACTO VISUAL COM O ACTO
BAPTISMAL A PARTIR DO CORPO DA IGREJA

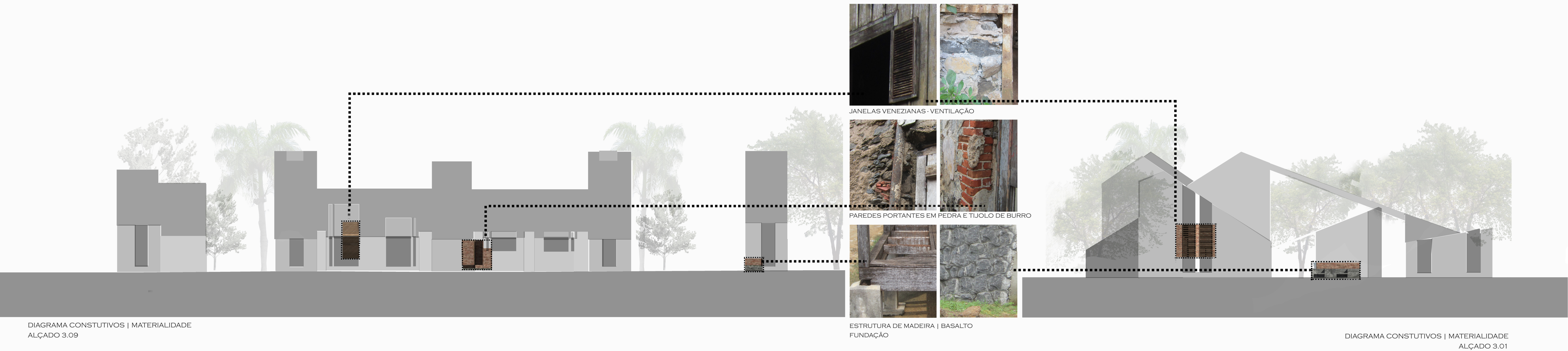
RASGO DE LUZ - PODER HUMANO
CONFESSIONÁRIO

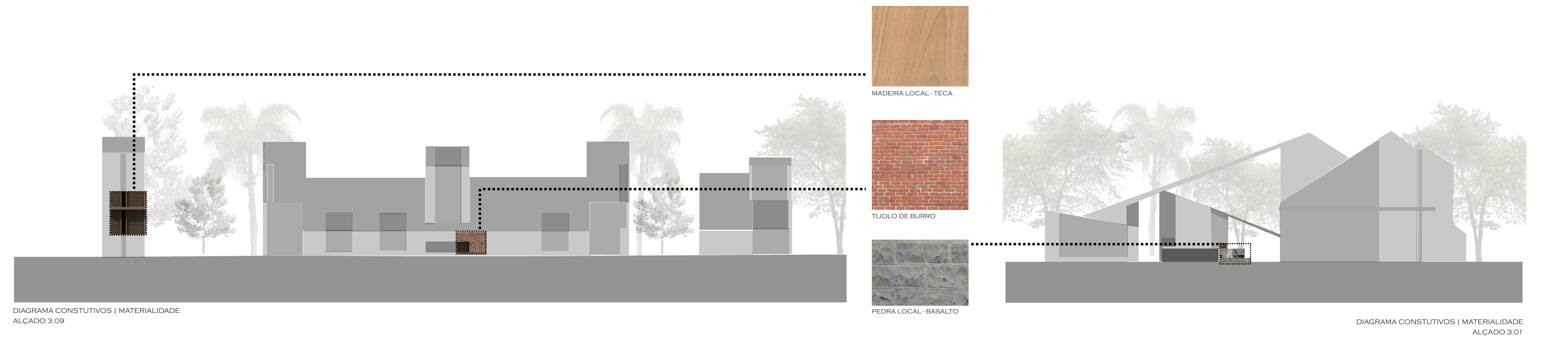














RUA INSTALAÇÃO SANITÁRIA ZONA DE CONVÍVIO TORRE SINEIRA EIXO ESTRUTURANTE

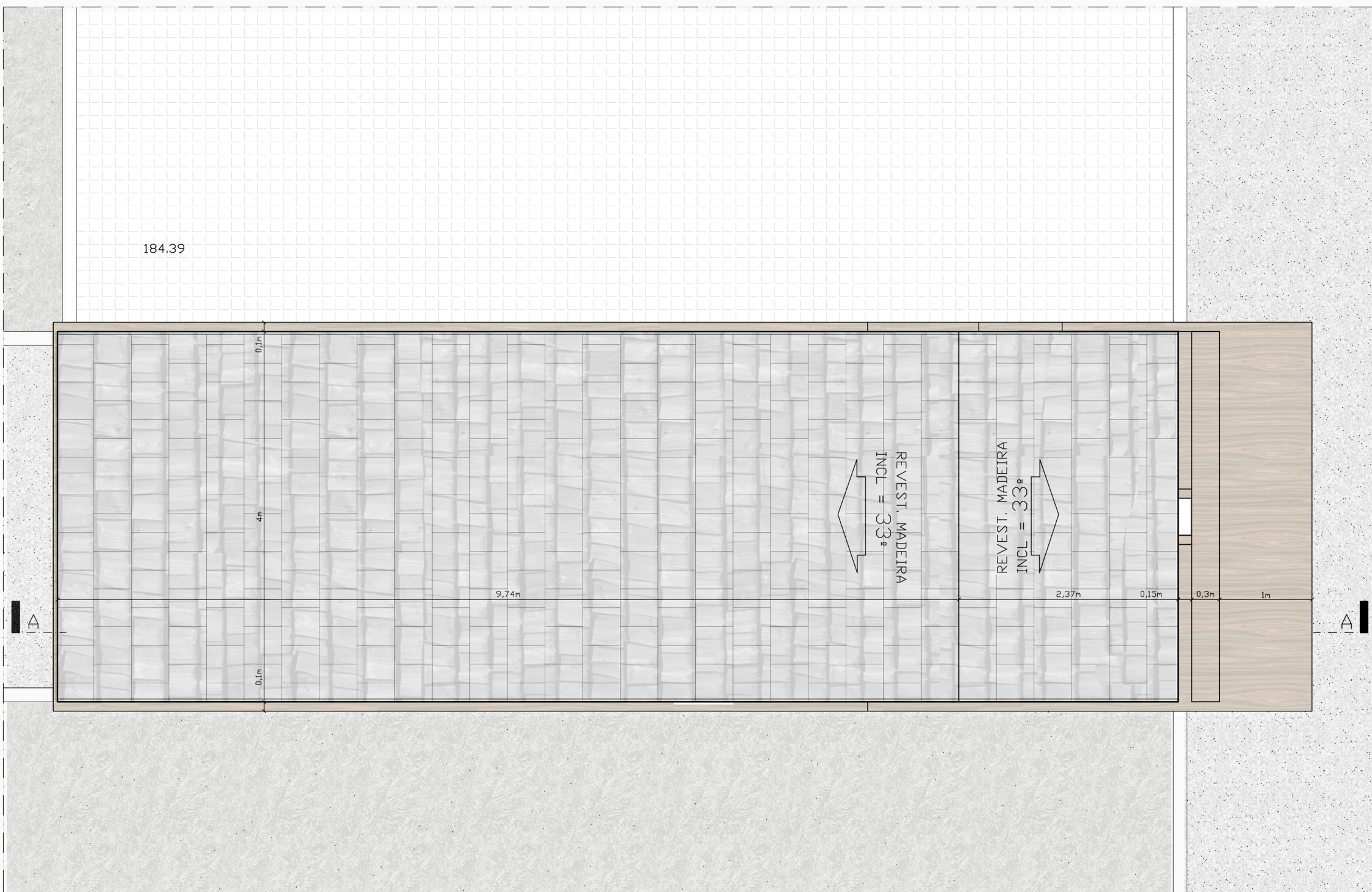
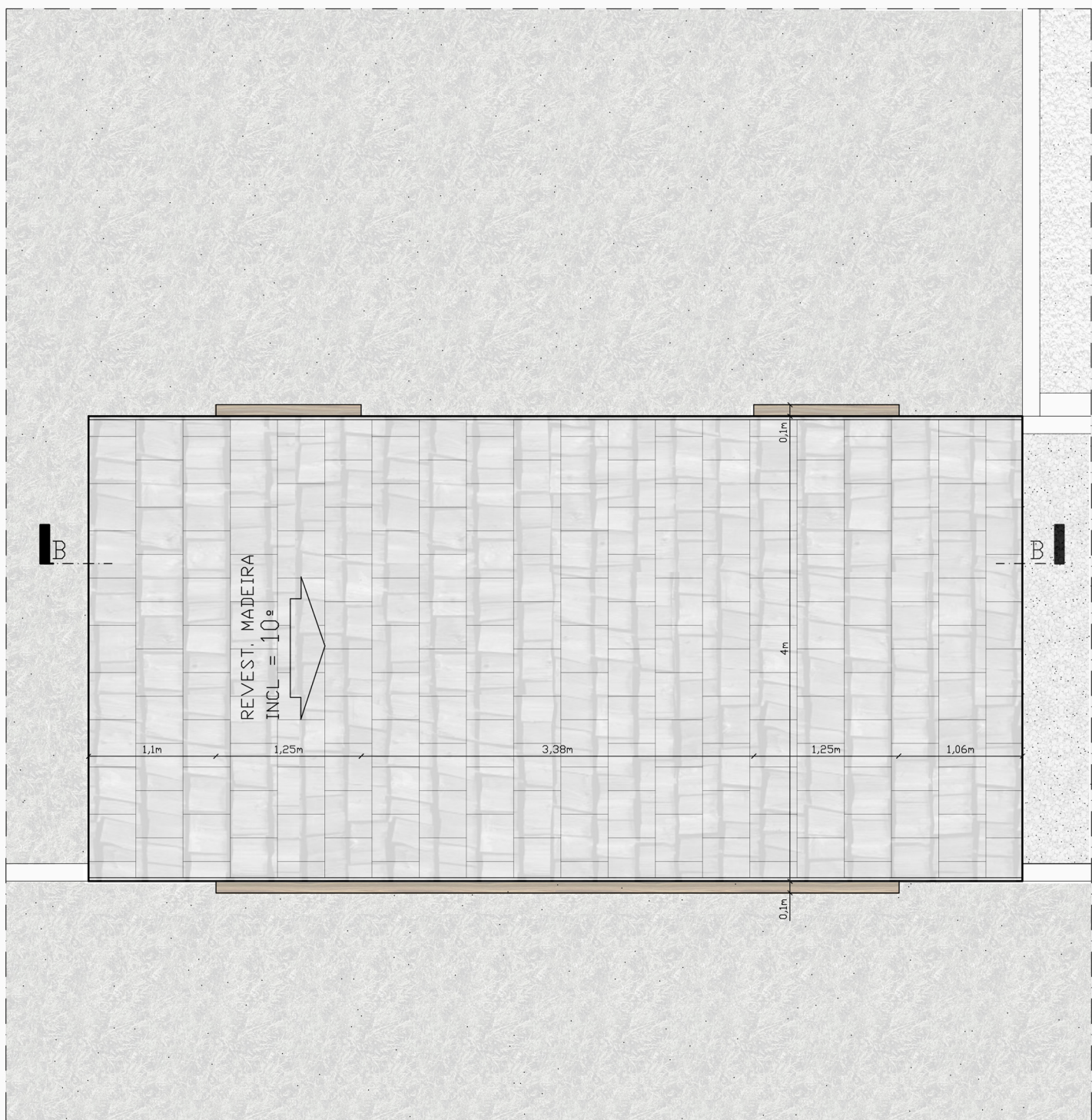
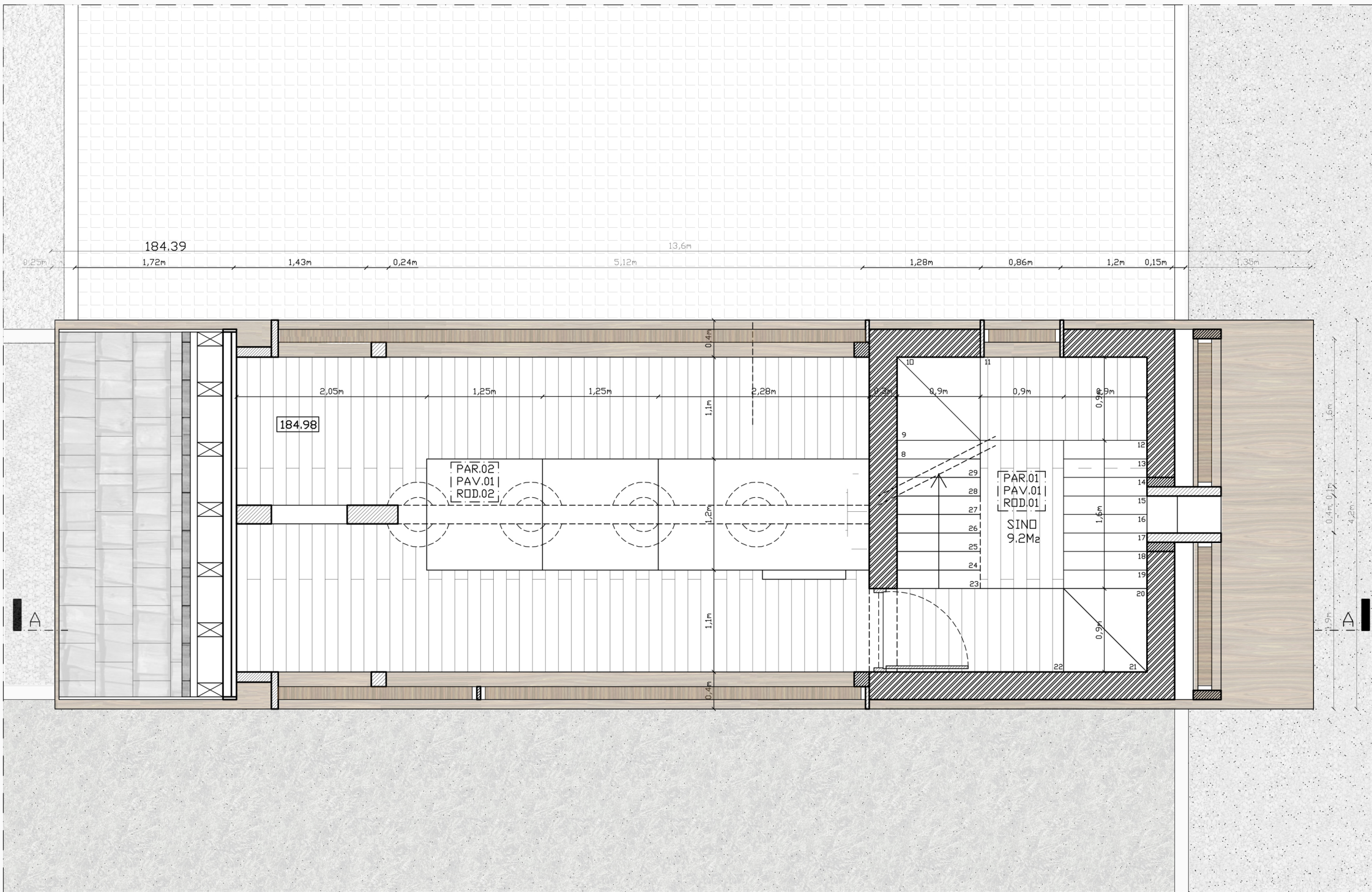
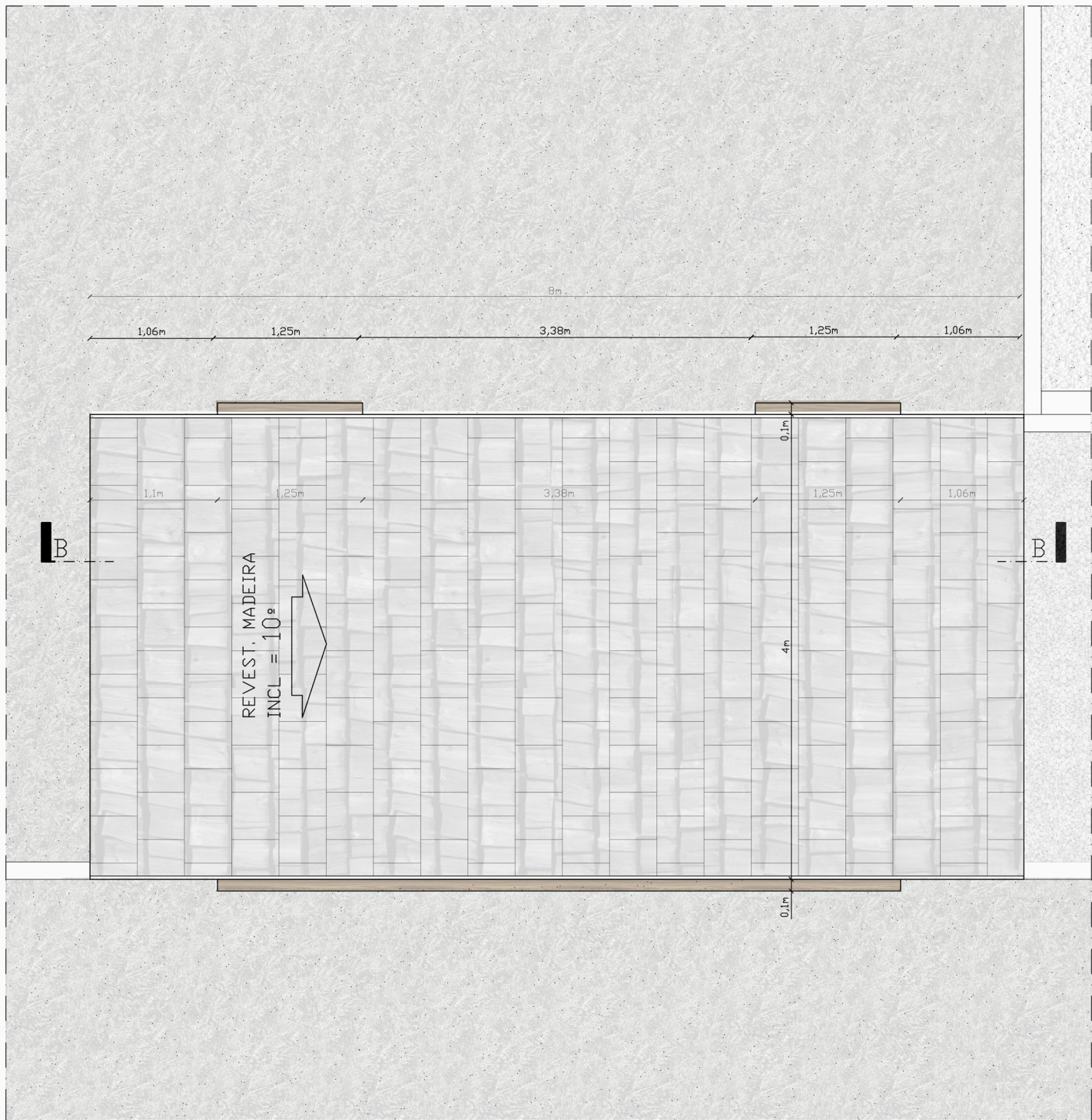
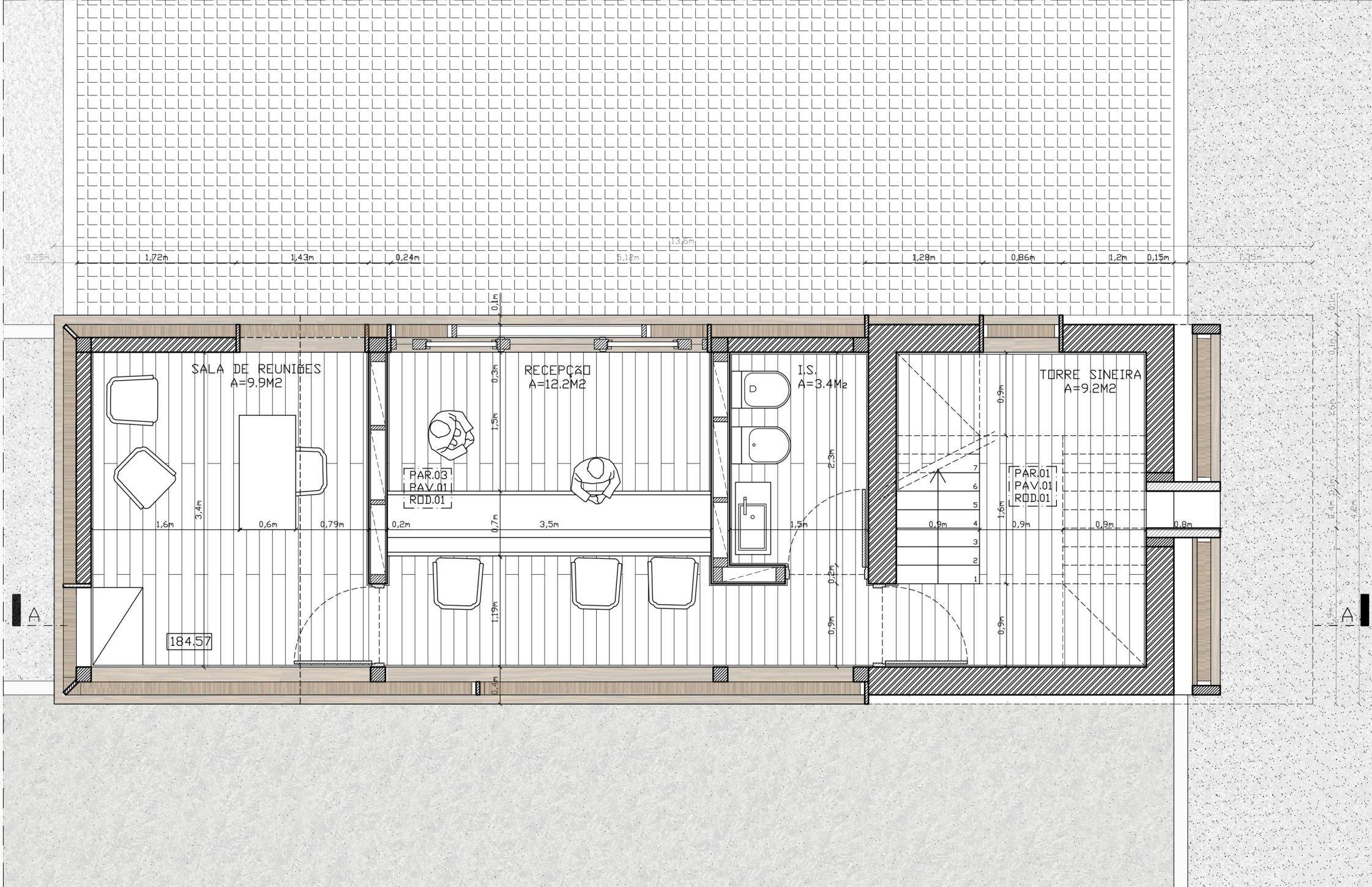
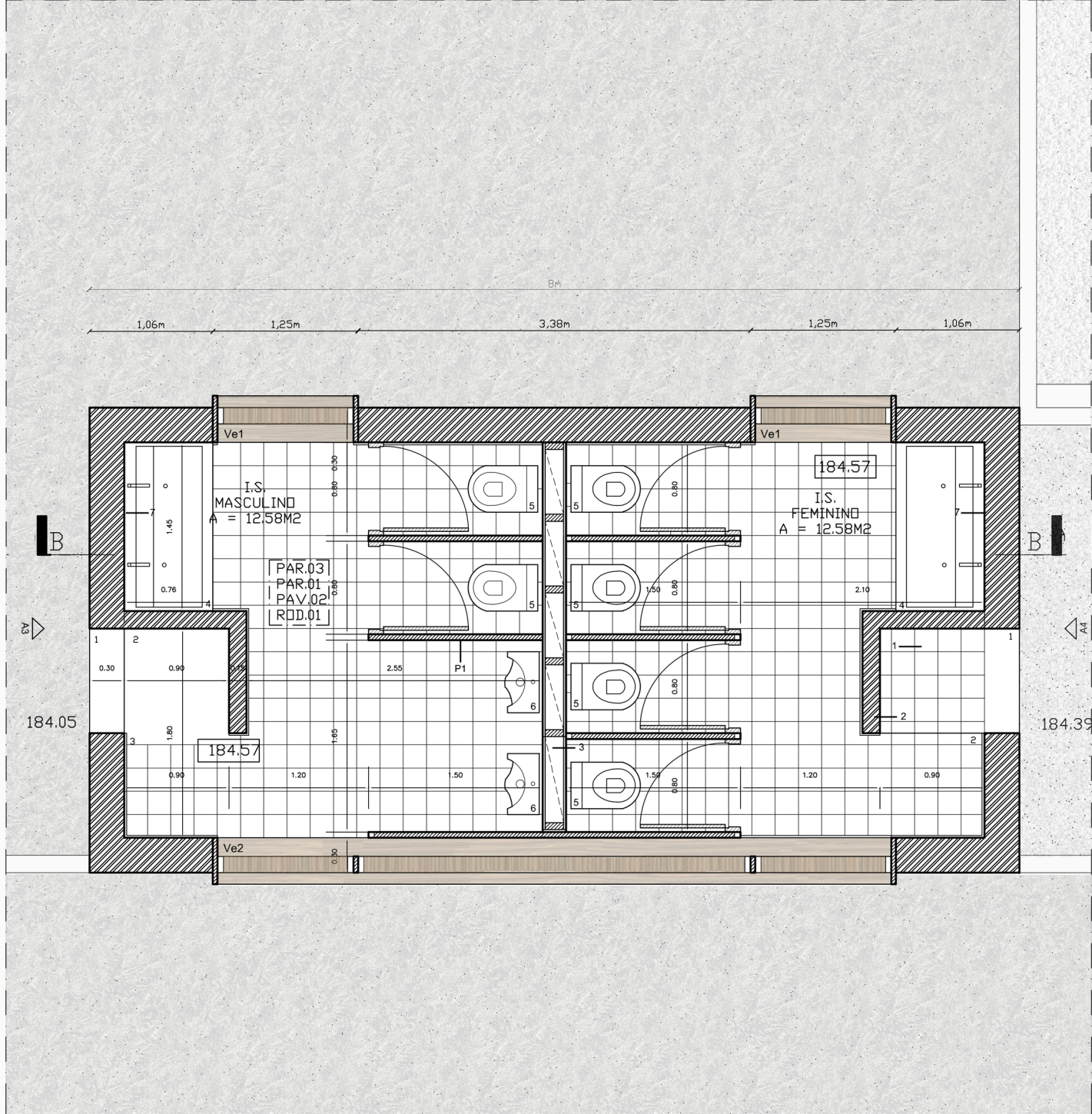


RUA INSTALAÇÃO SANITÁRIA ZONA DE CONVÍVIO TORRE SINEIRA EIXO ESTRUTURANTE



RUA INSTALAÇÃO SANITÁRIA ZONA DE CONVÍVIO TORRE SINEIRA EIXO ESTRUTURANTE





LEGENDA DE MATERIAS

PAVIMENTOS

PAV.01 - SOLALHO CORRIDO EM RÊGUAS DE MADEIRA LOCAL "TECA" ENVERNIZADAS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL
PAV.02 - PAINÉIS EM MDF HIDRÓFUGO, ENVERNIZADOS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO MATE

RODAPÉS

ROD.01 - RODAPÉ EM RÊGUAS DE MADEIRA MACIÇA IDÊNTICA À DO SOLALHO CORRIDO EM RÊGUAS DE MADEIRA LOCAL "TECA", ENVERNIZADO COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL
ROD.02 - RODAPÉ MEIA CANA EM MDF HIDRÓFUGO, ENVERNIZADO COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL

PAREDES

PAR.01 - PAREDE DE TIJOLO MACIÇO, APARELHADA À MEIA VEZ, ACABAMENTO NATURAL
PAR.02 - RIPADO DE MADEIRA ASSENTE EM ESTRUTURA DE MADEIRA LOCAL "TECA" SISTEMA FIXO, ACABAMENTO ENVERNIZADAS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, DIMENSÕES 1250 X 30 MM
PAR.03 - PAREDE DIVISÓRIA EM ESTRUTURA DE MADEIRA REVESTIDA COM RÊGUAS DE MADEIRA "TECA" ENVERNIZADAS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL

TECTOS

TEC.01 - TECTO EM RÊGUAS DE MADEIRA "TECA", DIMENSÕES 140X30X1200MM ENVERNIZADO COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR

COBERTURA

COB.01 - COBERTURA "SHAKE ROOF"

DIVERSOS

DIV.01 - ASNA DE MADEIRA , SUPORTE DOS SINDOS
DIV.02 - ESCADAS EM MADEIRA MACIÇA "TECA", ACABAMENTO NATURAL
DIV.03 - BALCÃO DE RECEPÇÃO EM PEDRA NATURAL LOCAL "BASALTO", ACABAMENTO POLIDO
DIV.04 - MOBILIÁRIO EM MADEIRA MACIÇA, DIMENSÕES 1200X400 MM, ACABAMENTO NATURAL
DIV.05 - ESCADOTE EM MADEIRA MACIÇA "TECA", ACABAMENTO NATURAL
DIV.06 - ESPELHO LISO E INCOLOR 6 MM "MIRALITE EVOLUTION" DA SGG COLADO À FACE DA PAREDE COM COLA-PREGO NEUTRA DE FORTE ADERÊNCIA
DIV.07 - LAVATÓRIOS INDIVIDUAIS EM PEDRA BASALTO, ACABAMENTO POLIDO, ENVERNIZADA COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR
DIV.08 - SANITA COMPACTA "SANIDUSA" SÉRIE PROJECT, COR BRANCO, REF.º 114021, INCLUINDO AUTOCÍSLMO, FIXAÇÃO, SIFÃO, DUPLA DESCARGA E TAMPO.
DIV.09 - CABINE SANITÁRIA EM PAINÉIS FENOLICOS TIPO "JNF" 1500 X 2250 MM
DIV.10 - FUNDAÇÃO EM BETÃO CICLOPICO COM INERTES LOCAIS

ARRUMAMENTOS

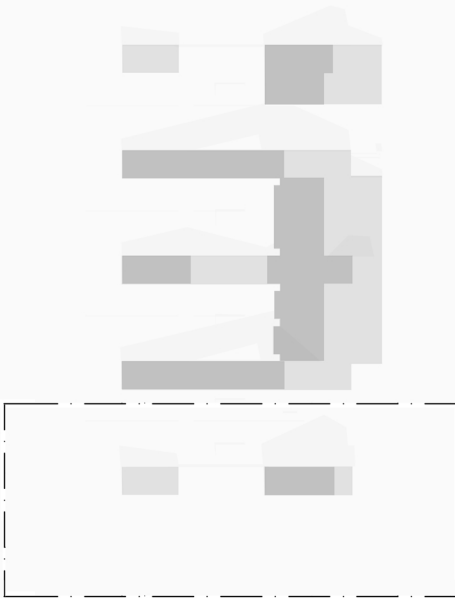
ARR.01 - PEDRA NATURAL LOCAL "BASALTO", ACABAMENTO BUJARDADO, DIMENSÕES 200X200X30MM
ARR.02 - SEIXO REDONDO , COR BRANCA
ARR.03 - GRAVILHA COR BEJE ESCURO

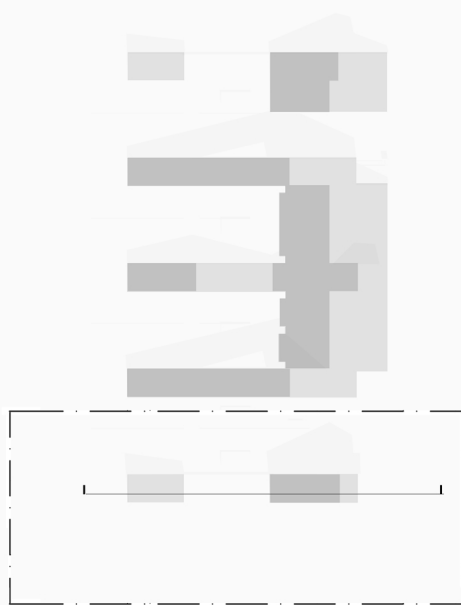
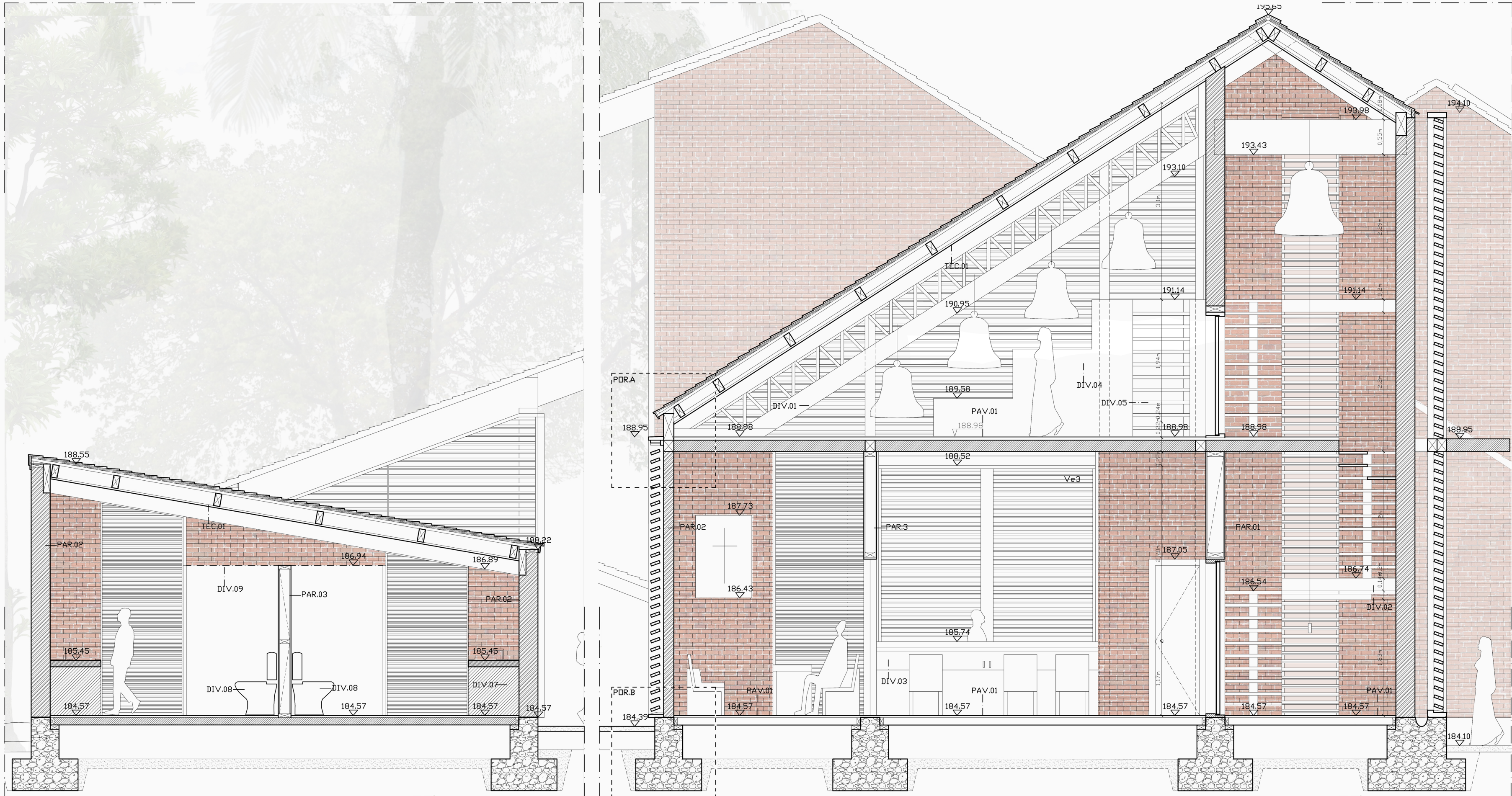
LEGENDA DE COMPARTIMENTOS

| A.-1. | ÁREA |
|-------------------------|--------|
| A.-1.1- TORRE SINEIRA | 9.2M2 |
| A.-1.2- I.S. | 3.4M2 |
| A.-1.3- RECEPÇÃO | 12.2M2 |
| A.-1.4- SALA DE REUNIÃO | 9.9M2 |

| A.-2 | |
|-----------------------|--------|
| A.-2.1- TORRE SINEIRA | 9.2M2 |
| A.-2.2- SINDOS | 25.6M2 |

| B.-1 | |
|--|---------|
| B.-1.1- INSTALAÇÃO SANITÁRIA MASCULINA | 12.58M2 |
| B.-1.2- INSTALAÇÃO SANITÁRIA FEMININA | 12.58M2 |







Membrana de SubTelha "ONDULINE" (23)

Calbro em madeira local "TECA" (22)

Painel em OSB (21)

Revestimento em Réguas de madeira "TECA",
dimensões 120 X 20 X 1500 mm, envernizadas
com verniz Anti-Fungos e Humidade da "CIN"
(20)

Asna em madeira local "TECA", suporte rígido
para os sinos da torre sineira (19)

Soalho em réguas de madeira "TECA",

Tábua de madeira local "TECA", acabamento
natural, envernizada com verniz Anti-Fungos e
Humidade da "CIN" (18)

Isolamento acústico Lã de Rocha, espessura
30mm (18)

Tecto em réguas de madeira "TECA", dimensões
130X30X1200mm

Roda-Tectos em réguas de madeira maciça
idêntica à do soalho corrido em réguas "TECA",
acabamento envernizado com verniz incolor da
cin, acabamento acetinado

Fachada Ventilada em ripado de madeira maciça
idêntica à do soalho corrido em réguas
"TECA", acabamento envernizado com verniz
impermeabilizante incolor da CIN, acabamento
acetinado. Acessório rede mosquiteira

Parede de tijolo burro, aparelhada à meia
vez, acabamento envernizado com verniz
impermeabilizante incolor da CIN, acabamento
natural.

Rodapé em réguas de madeira maciça idêntica
à do soalho corrido em réguas do pavimento,
acabamento envernizado com verniz
impermeabilizante incolor da CIN, acabamento

Tela Asfáltica

Seixo redondo, cor clara

Pedra local Basalto

Aberturas / Ventilação

Caixa de Ar

Tout Venant

Manta Geotêxtil

Betão Ciclópico

Terra compacta

Geodreno

LEGENDA DE MATERIAS

PAVIMENTOS

PAV.01 - SDOALHO CORRIDO EM RÉGUAS DE MADEIRA LOCAL "TECA" ENVERNIZADAS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL
PAV.02 - PAINÉIS EM MDF HIDROFUGO, ENVERNIZADOS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO MATE

RODAPÉS

ROD.01 - RODAPÉ EM RÉGUAS DE MADEIRA MACIÇA IDÊNTICA À DO SDOALHO CORRIDO EM RÉGUAS DE MADEIRA LOCAL "TECA", ENVERNIZADO COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL
ROD.02 - RODAPÉ MEIA CANA EM MDF HIDROFUGO, ENVERNIZADO COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL

PAREDES

PAR.01 - PAREDE DE TIJOLO MACIÇO, APARELHADA À MEIA VEZ, ACABAMENTO NATURAL
PAR.02 - RIPADO DE MADEIRA ASSENTE EM ESTRUTURA DE MADEIRA LOCAL "TECA" SISTEMA FIXO, ACABAMENTO ENVERNIZADAS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, DIMENSÕES 1250 X 30 MM
PAR.03 - PAREDE DIVISÓRIA EM ESTRUTURA DE MADEIRA REVESTIDA COM RÉGUAS DE MADEIRA "TECA" ENVERNIZADAS COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR, ACABAMENTO NATURAL

TECTOS

TEC.01 - TECTO EM RÉGUAS DE MADEIRA "TECA", DIMENSÕES 140X30X1200MM ENVERNIZADO COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR

COBERTURA

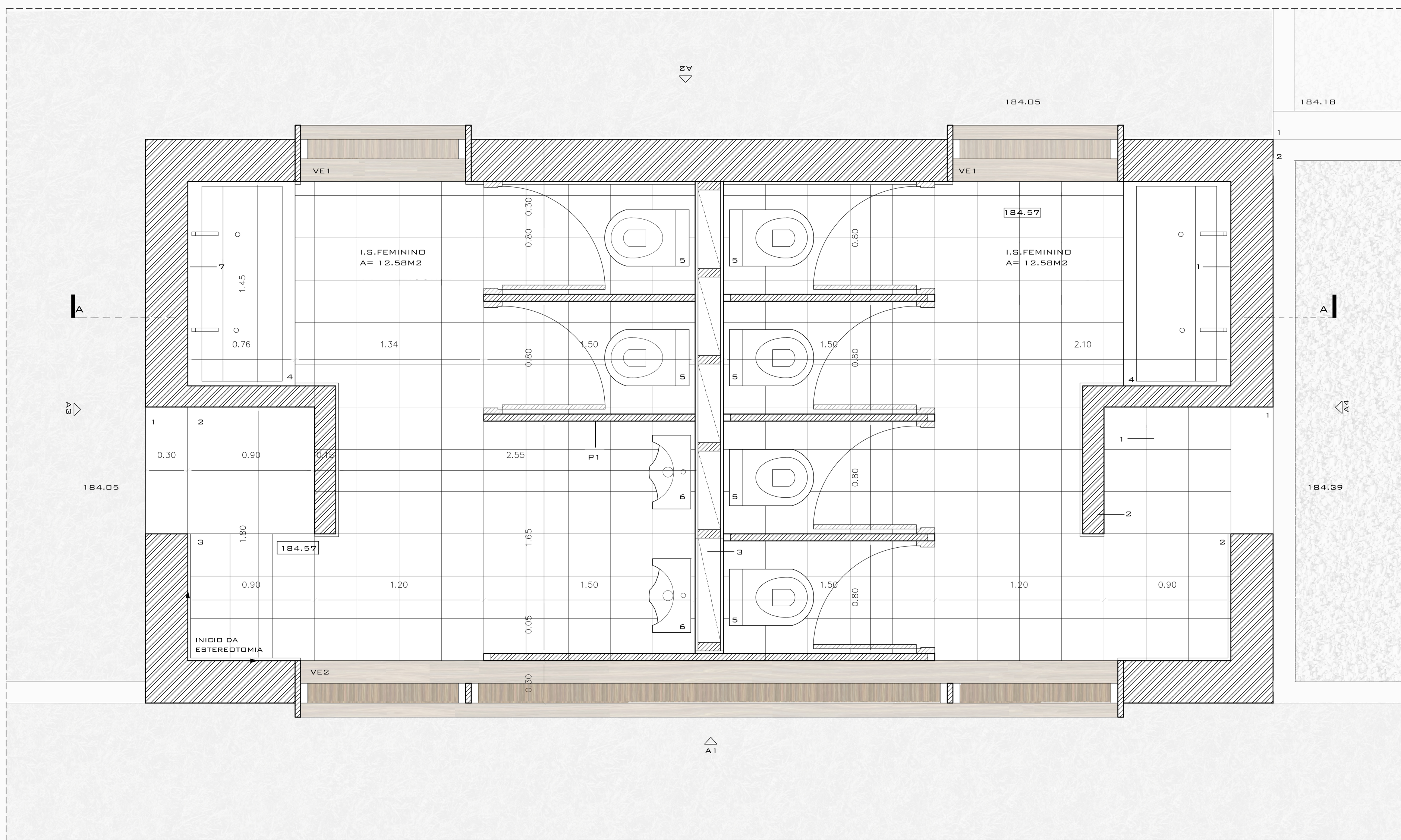
CDB.01 - COBERTURA "SHAKE ROOF"

DIVERSOS

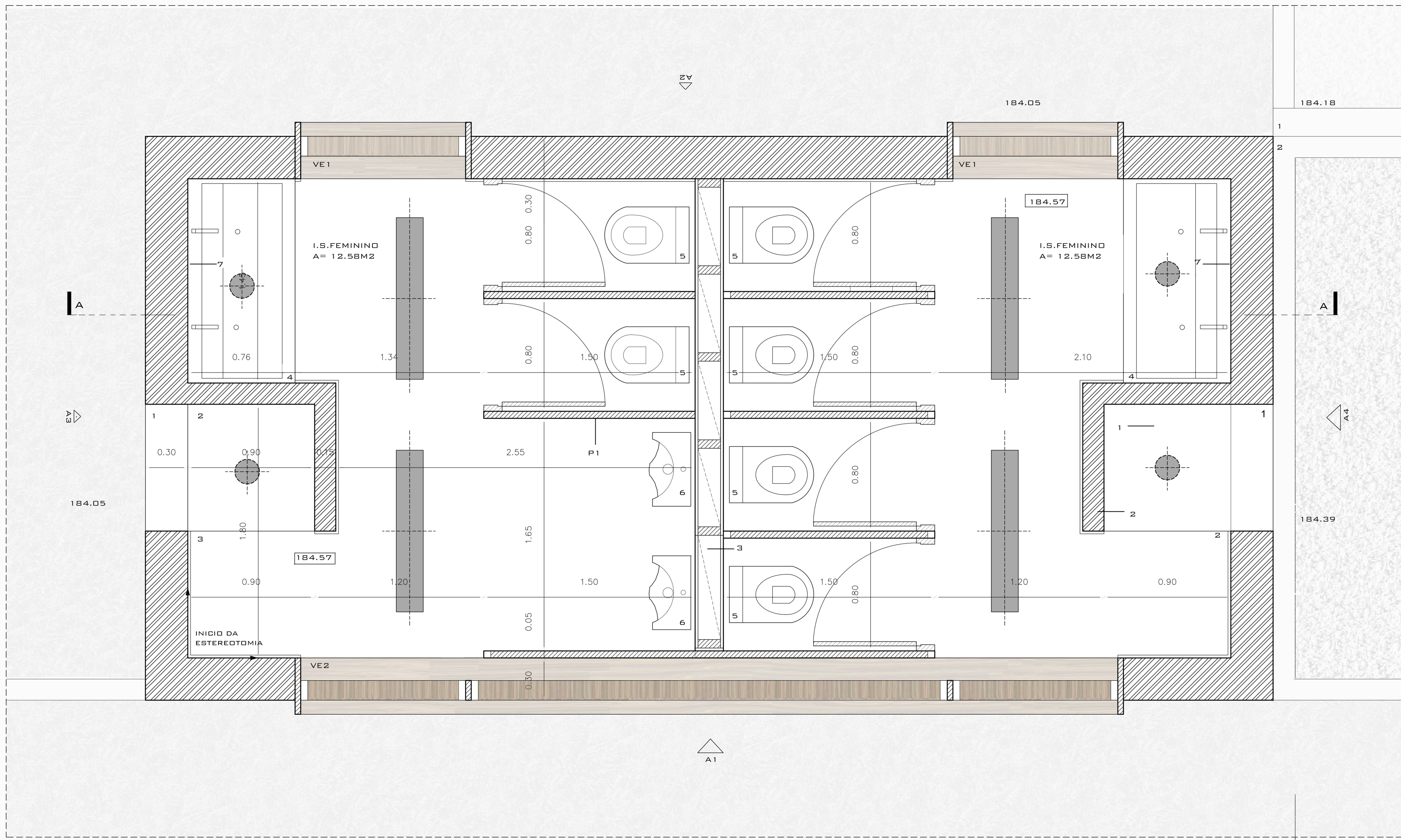
DIV.01 - ASNA DE MADEIRA , SUPORTE DOS SINDS
DIV.02 - ESCADAS EM MADEIRA MACIÇA "TECA", ACABAMENTO NATURAL
DIV.03 - BALCÃO DE RECPEÇÃO EM PEDRA NATURAL LOCAL "BASALTO", ACABAMENTO POLIDO
DIV.04 - MOBILIÁRIO EM MADEIRA MACIÇA, DIMENSÕES 1200X4800 MM, ACABAMENTO NATURAL
DIV.05 - ESCADOTE EM MADEIRA MACIÇA "TECA", ACABAMENTO NATURAL
DIV.06 - ESPELHO LISO E INCOLOR 6 MM "MIRALITE EVOLUTION" DA SGG COLADO À FACE DA PAREDE COM COLA-PREGO NEUTRA DE FORTE ADERENCIA
DIV.07 - LAVATÓRIOS INDIVIDUAIS EM PEDRA BASALTO, ACABAMENTO POLIDO, ENVERNIZADA COM VERNIZ IMPERMEABILIZANTE INCOLOR
DIV.08 - SANITA COMPACTA "SANIDUSA" SERIE PROJECT, COR BRANCO, REF.ª 114021, INCLUINDO AUTOCLISMO, FIXAÇÃO, SIFÃO, DUPLA DESCARGA E TAMPO.
DIV.09 - CABINE SANITÁRIA EM PAINÉIS FENGLICOS TIPO "JNF" 1500 X 2250 MM
DIV.10 - FUNDAÇÃO EM BETÃO CICLÓPICO COM INERTES LOCAIS

ARRUMAMENTOS

ARR.01 - PEDRA NATURAL LOCAL "BASALTO", ACABAMENTO BUJARDADO, DIMENSÕES 200X200X30MM
ARR.02 - SEIXO REDONDO , COR BRANCA
ARR.03 - GRAVILHA COR BEJE ESCURO



PLANTA

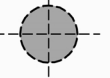


PLANTA DE TECTOS

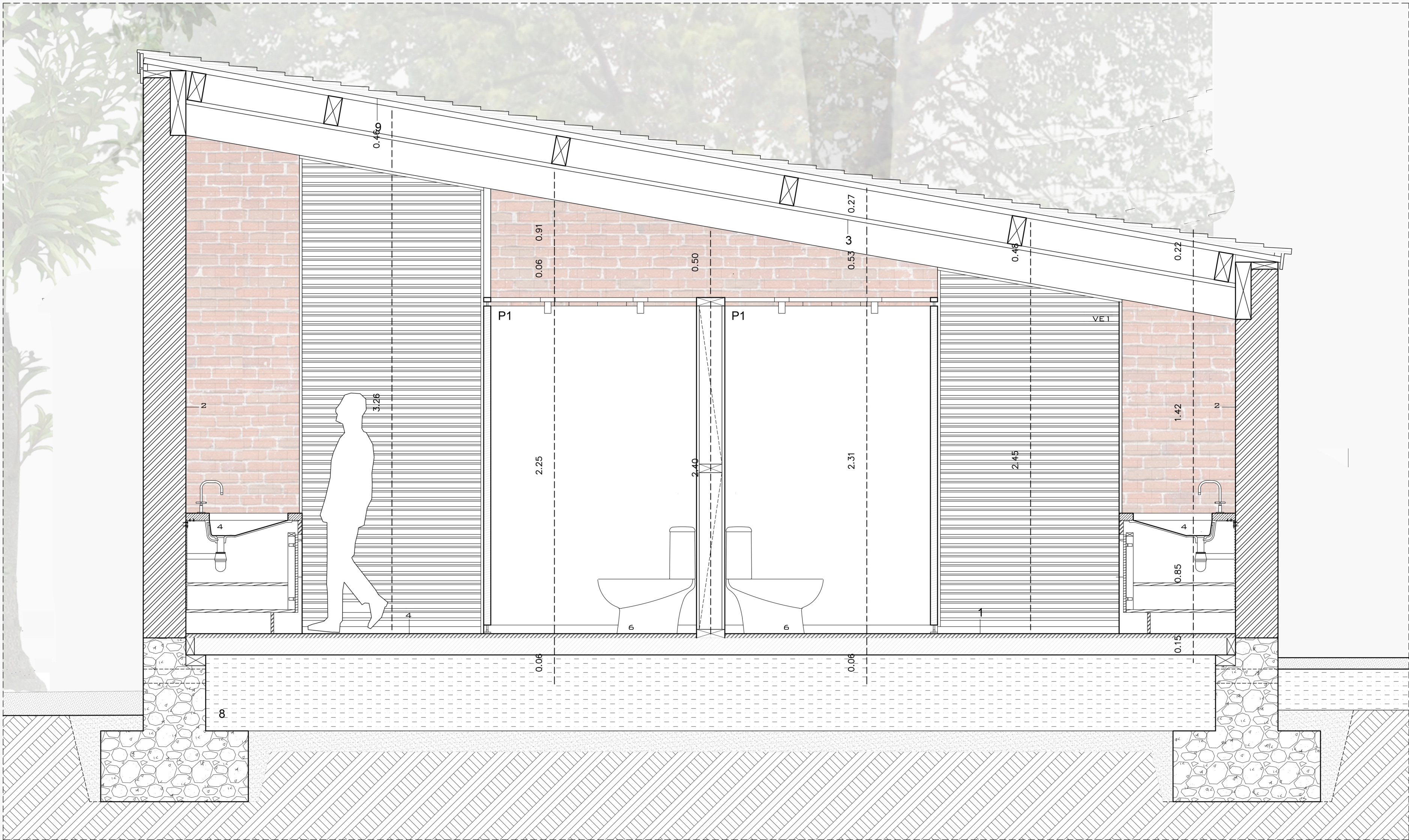
LEGENDA :

- 1 - Pavimento em pedra tradicional natural da "BASALTOL" dimensões de 30 x 30 x 2 cm, preenchimento com resina, envernizado com verniz impermeabilizante incolor e acabamento bujadado.
- 2 - Paredes em tijolo de burro aparelhada a meia vez, envernizada com verniz impermeabilizante incolor
- 3 - Paredé divisória em estrutura de madeira revestida com régua e madeira de "TECA", envernizada com verniz impermeabilizante incolor
- 3 - Tecto em régua de madeira local "TECA", envernizadas com verniz impermeabilizante incolor, espessura 30 mm, dimensões 1500 x 200 mm
- 4 - Lavatórios individuais em pedra basalto, acabamento polido, envernizada com verniz impermeabilizante incolor
- 5 - Sanita compacta "SANIDUSA" série project, cor branco, ref.º 114021, incluindo automismo, fixação, sifão, dupla descarga e Tampa.
- 6 - Bidê "SANIDUSA" série project, cor branco, ref.º 114411, incluindo fixação e auto sifão ref.º 214411.
- 7 - Espelho ISO e incolor 6 mm "MIRALITE Evoluton" da SGO colado à face da parede com cola-preta neutra de forte aderência.

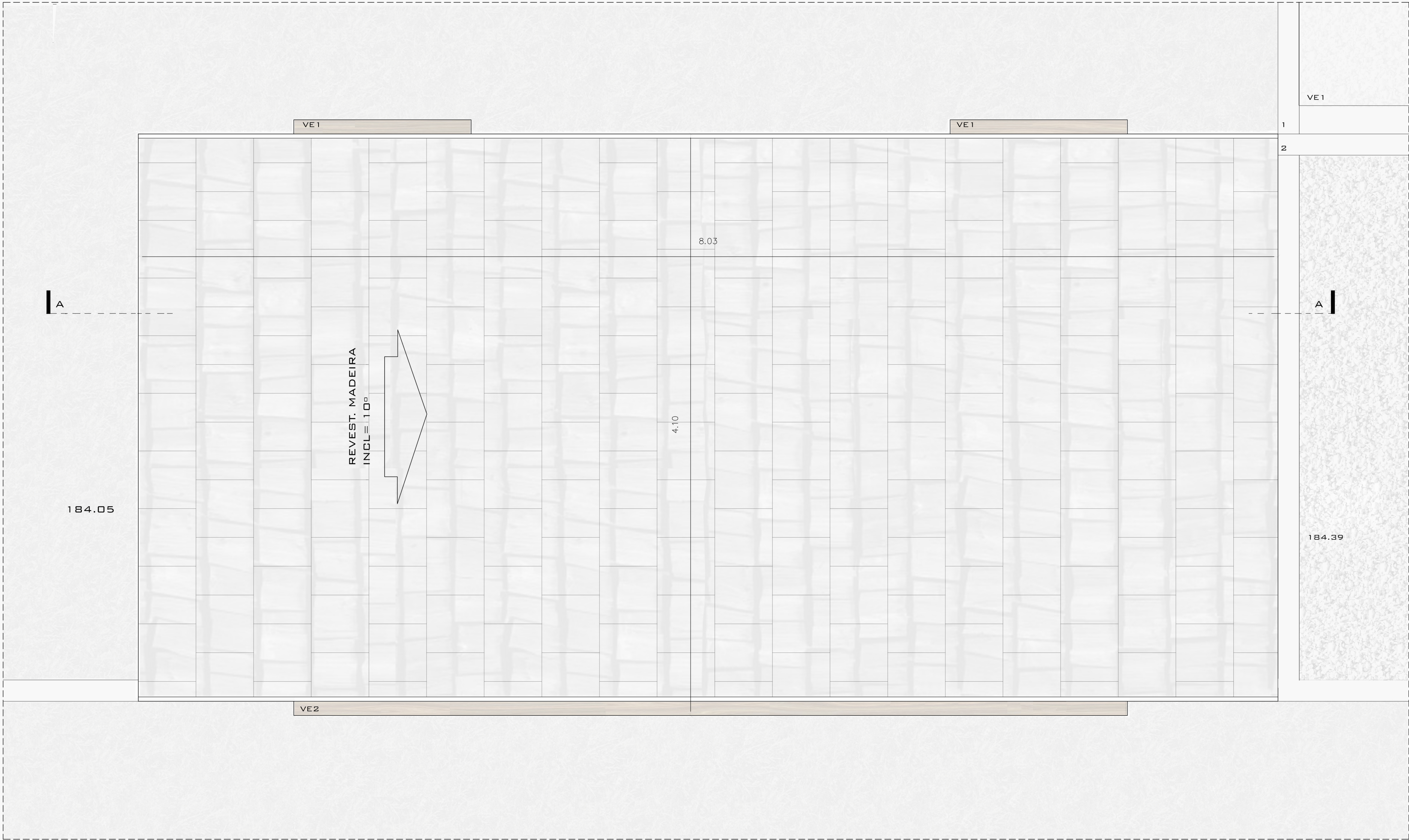
- 8 - Caixa de ar
- 9 - "Shake Roof"
- 10 - Betão Ciclóptico com inertes locais
- Ve1 - Ripado de madeira local em "TECA", sistema fixo, acabamento envernizado com verniz impermeabilizante incolor, dimensões 1250 x 30 mm
- Va2 - Ripado de madeira local em "TECA", sistema fixo, acabamento envernizado com verniz impermeabilizante incolor, dimensões 15850 x 30 mm
- p1 - Gabinete sanitária em painéis fenólicos tipo "JNF" 1500 x 2250 mm



- iluminação decorativa de tecto climar
matrix 1x40w ref. 2gx13
- iluminação com lâmpadas compactas
fluorescente climar
nilo 2x36w ref g3 em inox



CORTE AA



PLANTA DE COBERTURA

LEGENDA :

- 1 - Pavimento em pedra tradicional natural de "BASALTO" dimensões de 30 x 30 x 2 cm, preenchimento com resina, envernizado com verniz impermeabilizante incolor e acabamento bujardado.
- 2 - Paredes em tipo de burro aparelhada à meia vez, envernizada com verniz impermeabilizante incolor
- 3 - Parede divisória em estrutura de madeira revestida com régua de madeira de "TECA", envernizada com verniz impermeabilizante incolor
- 3 - Tecto em régua de madeira local "TECA", envernizadas com verniz impermeabilizante incolor, espessura 30 mm, dimensões 1500 x 200 mm
- 4 - Lavatórios individuais em pedra basalto, acabamento polido, envernizada com verniz impermeabilizante incolor
- 5 - Sanita compacta "SANIDUSA" série project, cor branco, ref.º 114021, incluindo autocismo, fixação, sifão, dupla descarga e tampo.
- 6 - Bidé "SANDUSA" série project, cor branco, ref.º 114111, incluindo fixações e tampo ref.º 214411.
- 7 - Espelho liso e incolor 6 mm "MIRALITE Evolution" da SGG colado à face da parede com cola-prego neutra de forte aderência.

- 8 - Caixa de ar
- 9 - "Shake Roof"
- 10 - Betão Cidológico com inertes locais
- Ve1 - Ripado de madeira local em "TECA", sistema fixo, acabamento envernizadas com verniz impermeabilizante incolor, dimensões 1250 x 30 mm
- Ve2 - Ripado de madeira local em "TECA", sistema fixo, acabamento envernizadas com verniz impermeabilizante incolor, dimensões 15850 x 30 mm
- p1 - Cabine sanitária em painéis fendidos tipo "JNF" 1500 x 2250 mm

- iluminação decorativa de tecto cilar matrix 1x40w ref. 2gx13
- iluminação com lâmpadas compactas fluorescente cilar nlo 2x36w ref g3 em inox